

RELATÓRIO

PROJETO DE INVESTIGAÇÃO (PIHM/GC/0037/2008)

Tempo e Tecnologia

Uma abordagem de género
para o contexto português



Ficha técnica

Título: Relatório Final do Projeto

Tempo e tecnologia: uma abordagem de género para o contexto português

Title: Final Report of the Project

Time allocation and technology: a gender approach for the Portuguese context

Investigadora Responsável: Maria Johanna Schouten

Investigadoras: Amélia Augusto

Emília Araújo

Helena Sousa

Maria João Simões

Bolseiras de Investigação: Lia Lourenço

Soledad Las Heras

Com a colaboração de: Alexandra Murariu

Sandra Matos

Covilhã, 2012

Índice

Agradecimentos	11
Introdução	13
Capítulo 1 - Problemática: Tempo, Tecnologia e Género	13
1.1 Introdução	24
1.2 O tempo	24
1.2.1 O uso do tempo	27
1.2.2 Tempo na família	31
1.2.3 Tempo na gestão do lar: uma questão de género	33
1.2.4 O uso do tempo e a tecnologia	36
1.3 A tecnologia	39
1.3.1 Mudança social e mudança tecnológica	39
1.3.2 Tecnologia e género	42
1.3.3 O género e a tecnologia como objeto de estudo	47
1.4 Considerações finais	50
Capítulo 2 - Metodologia	51
2.1 Introdução	52
2.2 O estudo do uso do tempo	53
2.3 A população	56
2.4 O percurso da investigação	58
2.4.1 O inquérito	59
2.4.1.1 Construção do questionário	59
2.4.1.2 A amostra	64
2.4.1.3 O trabalho de campo	64
2.4.2 Os grupos de foco	66
2.4.2.1 Temas do debate nos grupos de foco	67
2.4.2.2 Composição dos grupos	68
2.4.2.3 As sessões	72
2.4.3 As entrevistas	75
2.4.3.1 Preparação e realização	75

2.4.3.2	Caracterização da população entrevistada	77
2.5	Considerações finais	79
Capítulo 3 - Análise dos Usos da Tecnologia e do Tempo		81
3.1	Introdução	82
3.2	Equipamentos nos agregados: o seu uso	82
3.2.1	Tipo e número de tecnologias no espaço doméstico	83
3.2.2	Variáveis sociográficas e posse de tecnologias	86
3.2.3	Principais utilizadores das tecnologias em casa	92
3.2.4	Grau de dificuldade autodeclarado no uso das tecnologias	95
3.2.5	Os usos do telemóvel e da internet	98
3.3	Valorização das tecnologias no espaço doméstico	110
3.3.1	Tecnologia mais essencial	110
3.3.2	Tecnologia que poupa mais tempo	116
3.3.3	Tecnologia dispensável	120
3.3.4	Tecnologia mais útil para o trabalho doméstico	122
3.3.5	Equipamento que gostaria de ter	125
3.4	O tempo destinado às tarefas domésticas	130
3.4.1	A participação na realização das tarefas domésticas segundo o sexo	131
3.4.2	Tarefas domésticas e a presença das mulheres no mercado de trabalho	137
3.4.3	Tempos nas tarefas domésticas e tecnologias de apoio	143
3.5	Considerações finais	149
Capítulo 4 - O Tempo no Espaço Doméstico e Familiar		155
4.1	O tempo social e o tempo familiar	157
4.2	O tempo doméstico e familiar	158
4.3	Divisão e distinção dos usos do tempo entre homens e mulheres	160
4.4	A perceção do tempo	165
4.5	A falta de tempo como reflexo do tempo social	168
4.6	A falta de tempo entre homens e mulheres	168
4.7	O tempo falta	169
4.8	O tempo cansado	177
4.9	Não fazer nada	179
4.10	Tempos de rutura: tempo (para) da televisão	182

4.11 Os usos do tempo, a semana e os dias	185
4.12 Os períodos e os dias preferidos: o domingo, o sábado e à noite	186
4.13 Os dias e os períodos menos desejados	187
4.14 Variações de sexo e classe	188
4.15 O tempo dos filhos	190
4.16 Considerações finais	193
Capítulo 5 - Género, Tecnologias e Espaço Doméstico	195
5.1 Mudança tecnológica e mudança social - pressupostos teóricos norteadores	196
5.2 Tecnologias domésticas e espaço doméstico - estatuto social e sociológico	201
5.2.1 Tecnologias domésticas, usos e perceções	204
5.2.2 Tecnologias domésticas e poupança de tempo	204
5.2.3 Tecnologias domésticas e divisão do trabalho doméstico	210
5.2.4 Tecnologias domésticas e identidade de género	216
5.3 Género e desigualdades de acesso às tecnologias (da informação, da comunicação, e da informação e comunicação)	225
5.3.1 TIC e desigualdades de acesso	226
5.3.2 A televisão e o telemóvel: de uma posse massificada para um uso crescentemente genderizado	228
5.3.3 O computador e a internet: uma posse que se vai massificando mas um uso genderizado	234
5.4 Considerações finais	239
Conclusão	243
Bibliografia	255

Anexos	273
Anexo 1: Inquérito por questionário	274
Anexo 2: O inquérito - A definição da amostra	395
Anexo 3: Guião Grupos de Foco	298
Anexo 4: Entrevistas - Guião	302
Anexo 5: Questionário socio-demográfico - entrevistas	308
Anexo 6: Quadros complementares	310

Índice de Figuras

Figura 1 - Mapa de Portugal, com indicação dos distritos	10
Figura 2 - Tecnologia considerada essencial, por sexo (11 categorias)	111
Figura 3 - Tecnologia considerada essencial, por sexo e idade	113
Figura 4 - Tecnologia considerada essencial, por sexo e nível de escolaridade	115
Figura 5 - Tecnologia que poupa mais tempo, por sexo e idade	118
Figura 6 - Tecnologia que poupa mais tempo, por sexo e nível de escolaridade	120
Figura 7 - Tecnologia mais útil para o trabalho doméstico, segundo o sexo	123
Figura 8 - Tecnologia mais útil para o trabalho doméstico, segundo o sexo e a idade	124
Figura 9 - Tecnologia mais útil para o trabalho doméstico, segundo o sexo e o nível de escolaridade	125
Figura 10 - Tecnologia que gostaria de ter, segundo o sexo e a idade da pessoa inquirida	128
Figura 11 - Tecnologia que gostaria de ter, segundo sexo e nível de escolaridade	129
Figura 12 - Tempo médio (%) despendido em tarefas domésticas, homens	136
Figura 13 - Tempo médio (%) despendido em tarefas domésticas, mulheres	136
Figura 14 - Tempo médio despendido nas tarefas domésticas, segundo o sexo da pessoa inquirida e a condição perante o emprego do casal	143
Figura 15 - Tempo semanal despendido para a lavagem da loiça segundo o nível da escolaridade (homens)	146

Figura 16 - Tempo semanal (em minutos) despendido para a lavagem da loiça segundo o nível da escolaridade (mulheres)	147
Figura 17 - Experiência da falta de tempo * sexo	171
Figura 18 - Experiência de "não fazer nada" * sexo	179

Índice de Quadros

Quadro 1 - Dados básicos dos distritos de Braga e Castelo Branco, 2011 e 2001	57
Quadro 2 - Número e Percentagem de inquéritos realizados por sexo e idade	65
Quadro 3 - Número e Percentagem de inquéritos por sexo e escolaridade	65
Quadro 4 - Número e Percentagem de inquéritos por tipo de área e distrito	66
Quadro 5 - Constituição dos grupos de foco	69
Quadro 6 - Caraterísticas das participantes do grupo de foco 1 - Mulheres pertencentes a casais onde os dois trabalham	70
Quadro 7 - Caraterísticas das participantes do grupo de foco 2 - Mulheres sem emprego	71
Quadro 8 - Caraterísticas dos participantes do grupo de foco 3 - Homens desempregados, em formação	71
Quadro 9 - Caraterísticas dos participantes do grupo de foco 4 - Homens pertencentes a casais onde os dois trabalham	72
Quadro 10 - Caraterísticas dos inquiridos por entrevista	78
Quadro 11 - Agregados com equipamentos TIC consoante o número de aparelhos (%)	84
Quadro 12 - Agregados com equipamentos de apoio ao trabalho doméstico e de transporte, consoante o número de aparelhos (%)	85
Quadro 13 - Posse de equipamentos segundo a idade	86
Quadro 14 - Posse de tecnologias segundo o nível de escolaridade	88
Quadro 15 - Posse de equipamentos segundo a classe socioprofissional do agregado familiar	90
Quadro 16 - Posse de equipamentos consoante a presença de filhos no agregado	91

Quadro 17 - Principal utilizador dos equipamentos de apoio doméstico e de transporte segundo o sexo	93
Quadro 18 - Principal utilizador das TIC e dos equipamentos de lazer segundo o sexo	94
Quadro 19 - Grau de dificuldade no uso de equipamentos domésticos e de transporte segundo o sexo (%)	96
Quadro 20 - Grau de dificuldade no uso das TIC segundo o sexo (%)	97
Quadro 21 - Grau de dificuldade no uso das tecnologias audiovisuais segundo o sexo (%)	97
Quadro 22 - Principal motivo do uso do telemóvel segundo o sexo (% coluna)	99
Quadro 23 - Principal motivo do uso do telemóvel segundo o sexo (% fila)	100
Quadro 24 - Atendimento de chamadas de trabalho em casa, segundo o sexo	101
Quadro 25 - Atendimento de chamadas de família no trabalho, segundo o sexo	102
Quadro 26 - Razão pela qual tem ligação à internet em casa, segundo o sexo	103
Quadro 27 - Uso diário de internet a partir de casa, segundo o sexo	104
Quadro 28 - Uso diário da internet a partir de casa no casal	104
Quadro 29 - Uso da internet, a partir de casa, segundo o sexo e a idade	105
Quadro 30 - Uso de internet a partir de casa segundo o sexo e o nível de escolaridade	107
Quadro 31 - Tempo utilizado diariamente na internet, em casa, segundo o sexo	108
Quadro 32 - Tempo utilizado diariamente na internet, em casa, pelo casal	109
Quadro 33 - Tecnologia considerada essencial segundo o sexo	112
Quadro 34 - Tecnologia que poupa mais tempo, segundo o sexo	117
Quadro 35 - Tecnologia dispensável, segundo o sexo	122
Quadro 36 - Tecnologia que gostaria de ter, segundo o sexo da pessoa inquirida	126
Quadro 37 - Frequência na realização de tarefas domésticas segundo o sexo	132

Quadro 38 - Tempos médios semanais (em minutos) despendidos em tarefas domésticas segundo o sexo do inquirido	133
Quadro 39 - Tempos médios semanais (em minutos) despendidos em tarefas domésticas e trabalho pago segundo o sexo	135
Quadro 40 - Tempos médios semanais (em minutos) prestado ao cuidado dos filhos e dependentes, por sexo	137
Quadro 41 - Frequência na realização e tipo de tarefas domésticas segundo o sexo (%), em casais onde ambos trabalham	139
Quadro 42 - Tempos médios semanais (em minutos) despendidos em tarefas domésticas segundo o sexo, apenas em casais onde ambos trabalham	140
Quadro 43 - Tempos médios semanais (em minutos) despendidos nas tarefas domésticas segundo a condição perante o emprego do casal (apenas mulheres inquiridas)	141
Quadro 44 - Tempos médios semanais (em minutos) despendidos nas tarefas domésticas segundo a condição perante o emprego dos cônjuges (apenas homens inquiridos)	142
Quadro 45 - Tempos médios semanais (em minutos) para lavar a loiça segundo o nível de escolaridade (apenas homens)	145
Quadro 46 - Tempos médios semanais (em minutos) para lavar a loiça, por idade (homens)	147
Quadro 47 - Agregados privados com TI, TC e TIC em Portugal (%) 1987-2005	226

Agradecimentos

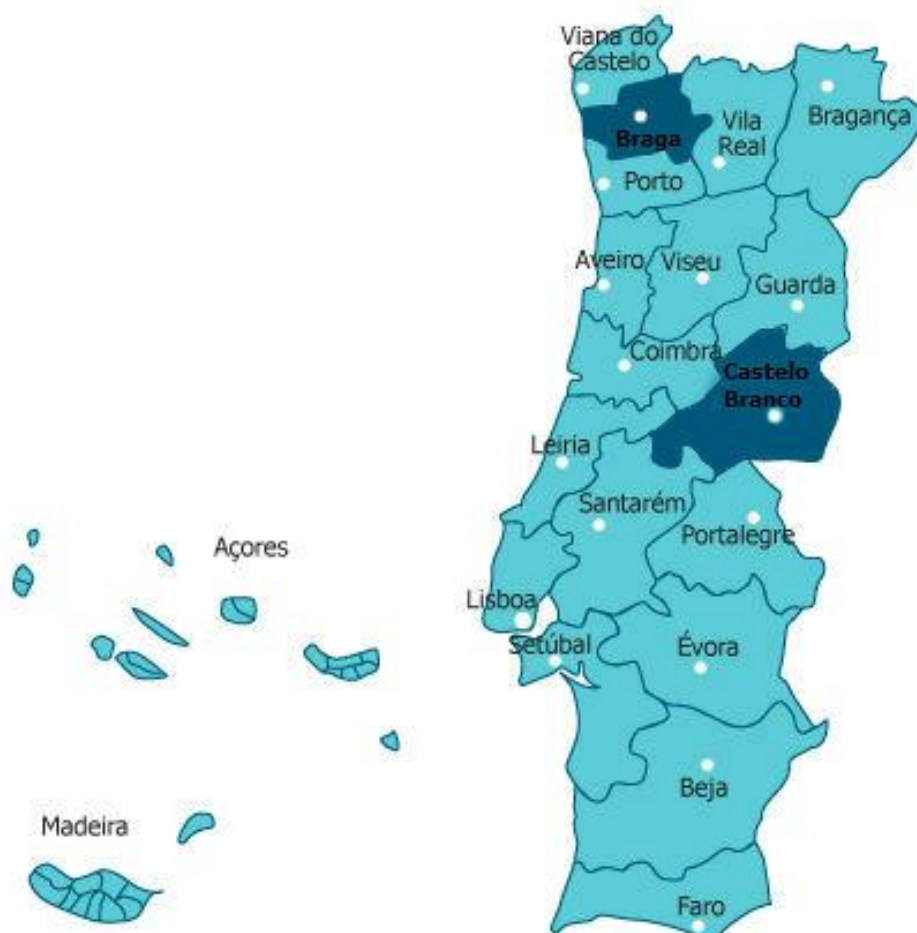
O trabalho de pesquisa que apresentamos de forma sucinta neste relatório foi apoiado por fundos da Fundação para a Ciência e Tecnologia e da Comissão de Cidadania e Igualdade de Género, entidades a quem estamos gratas.

Os nossos agradecimentos dirigem-se, em particular, a todos as pessoas que se mostraram disponíveis para participar no estudo, nas suas diferentes fases e sem as quais se tornaria impossível prosseguir. Os mesmos agradecimentos estendem-se ao conjunto de entidades que se empenharam em credibilizar o estudo junto das populações e que se prestaram a fornecer informação indispensável.

Neste projeto contámos com a participação inestimável de vários estudantes da Universidade da Beira Interior e da Universidade do Minho, a quem estamos igualmente gratas pelo modo empenhado e responsável como conduziram as tarefas, algumas das quais em regime de voluntariado.

Dirigimos nesta fase um agradecimento especial às consultoras do projeto, particularmente à Professora Margarida Chagas Lopes pela disponibilidade, contributo e eloquência durante todo este processo. A escrita e as conclusões aqui apresentadas são, contudo, da nossa inteira responsabilidade.

Figura 1 - Mapa de Portugal, com indicação dos distritos em estudo



Introdução

O presente relatório apresenta as principais conclusões decorrentes do projeto de investigação “Tempo e tecnologia: uma abordagem de género para o contexto português”, que decorreu de 1 de setembro de 2009 até 31 de julho de 2012. Este projeto integrou-se no programa PIHM (Programa para a Igualdade entre Homens e Mulheres) e teve o apoio da CIG (Comissão de Cidadania e Igualdade de Género)¹. A sua finalidade principal consistiu em apresentar uma base sustentada para a reformulação de políticas de promoção da igualdade entre homens e mulheres.

O projeto direcciona-se para o estudo de três vértices centrais de uma problemática social e socioantropológica que adquire cada vez maior relevo no debate sobre o futuro da democracia e as suas modalidades de operacionalização nas sociedades contemporâneas. Tais vértices são: i) as relações sociais de género assumidas como condições estruturais da mundividência social e institucional; ii) o tempo como dimensão estruturante do modo de conhecer e agir no social e, em simultâneo, como objeto de poder penetrante nas relações sociais e das identidades individuais e coletivas e como processo integrador das estruturas e da capacidade de agência e ação individual; iii) a tecnologia, como recurso mobilizável pelos atores no decurso das relações sociais, facilitador e bloqueador de mudanças, mas também como processo estrutural profundamente inscrito nas identidades.

Do ponto de vista empírico, o projeto incide, particularmente, nos universos do espaço e do tempo doméstico e familiar. Procurou-se, através de uma estratégia metodológica mista, recorrendo a metodologias quantitativas e qualitativas, destringir três vértices (tempo, tecnologia e género) e captar o modo como estes se dispõem para gerar configurações similares ou diferenciadas, atendendo às variáveis sociais e culturais que atravessam as famílias estudadas. De modo sintético, resumem-se assim os objetivos deste projeto: i) identificar as diferenças entre homens e mulheres no que concerne

¹ Este trabalho foi financiado por Fundos FEDER, através do Programa Operacional Factores de Competitividade - COMPETE e por Fundos Nacionais, através da FCT - Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

às representações e ao uso do tempo e da tecnologia; ii) analisar as modalidades de articulação entre vida profissional e privada, incluindo as horas e o horário despendido em trabalho e em atividades de *interface* ou de “transição”, tais como as deslocações no espaço e as influências mútuas entre vida privada e profissional.

Ainda que os homens e as masculinidades sejam também objeto de análise, o principal fundamento do projeto está na assunção do caráter persistente de várias formas de dominação, invisibilidade e opressão das mulheres e que têm o espaço doméstico e o espaço familiar como território de realização, por excelência. Antes de nos debruçarmos sobre a estrutura do relatório e o rumo concreto tomado pela investigação, importa, pois, reiterar o caráter estrutural das desigualdades de gênero que retoma a transversalidade dos processos de subalternização feminina e o seu caráter refratário, em todos os campos sociais.

Com efeito, em todo o mundo as mulheres dedicam muito do seu tempo de vida a diversas formas de trabalho e a um grande leque de responsabilidades. Todavia, grande parte deste tempo não é objeto de contagem e de visibilidade. As estatísticas oficiais sobre o trabalho, por exemplo, pouco traduzem desta realidade estrutural, cada vez mais contestada, mas também camuflada pelas populações, pelas instituições e pela política: um elevado número de mulheres trabalha no setor informal, como vendedoras, jornaleiras na agricultura ou como empregadas domésticas. Noutros casos, são o apoio precioso (mas não oficial) dos cônjuges nas suas atividades comerciais, agrícolas ou artesanais. Mas, persistentemente, não aparecem nas estatísticas: o trabalho realizado no ou à volta do lar, pelas mulheres (e quase só por elas) para promover e manter o bem-estar da sua família tem estado, até há pouco tempo, praticamente ausente do debate no espaço público. No fundo, a raiz da explicação tem algo de universal nas culturas e nas sociedades do mundo aparentemente diverso e culturalmente contextualizado: o trabalho doméstico e o trabalho que envolve os cuidados familiares traduzem-se em tempo e esforço fundamentais para a própria sobrevivência humana, mas são persistentemente naturalizados, considerados como inatos, inerentes à “natureza” da mulher. Por serem tão diversos,

vastos e presentes na construção da vida quotidiana, acabam mesmo por não ser socialmente visíveis, destacados e valorizados.

As ciências sociais, e designadamente a sociologia e a antropologia, constituem hoje campos disciplinares empenhados em descrever, compreender e explicar o fenómeno da desigualdade de género, propondo a mobilização de um vasto campo teórico e metodológico que inclui, cada vez mais, a conjugação de técnicas de carácter quantitativo e qualitativo, incluindo neste último caso a etnografia como processo adequado a mostrar o que os atores sociais, empenhados em justificar e legitimar o seu mundo e a sua posição no jogo social, são capazes de mostrar e de dizer, de modo espontâneo. Em rigor, a sociologia e a antropologia podem não só desconstruir os processos de contagem e de quantificação do trabalho e do valor de homens e mulheres, como contribuir para a delimitação de um olhar mais próximo do retrato quotidiano das relações sociais e do modo como se vive, pensa e gera expectativas. No debate sobre as desigualdades de género geradas e mantidas em sede do espaço doméstico e familiar, o deslinde dos modos de funcionamento da economia informal é anotado como um eixo de análise incontornável, pois enquanto agentes e protagonistas nesta economia, as mulheres são sempre susceptíveis de invisibilidade e de não reconhecimento. No fundo, a segunda assunção de que se parte neste projeto reside na aceitação da ideia de que grande parte do tempo de trabalho, esforço e carga mental depositados sobre a mulher e que geram, no limite, os sentimentos de injustiça e de “consciência do estado de dominação”, estão insertos em territórios informais, não necessariamente invisíveis, mas suscetíveis de não serem vistos pelos poderes e pelas estruturas instituídas.

Já diversas pesquisas indicam que nas famílias portuguesas se dedica mais tempo ao trabalho doméstico do que é a média dos países europeus (Crompton e Lyonette 2007: 121; Miranda 2011: 16). Além disso, em Portugal a “ajuda” às mulheres por parte dos outros elementos da família (mais especificamente, os cônjuges) é retratada como sendo menos significativa do que na maioria dos outros países da Europa. Não raramente, esta não participação e, até, recusa em colaborar, são justificadas pelos homens com

recurso às vantagens dos equipamentos domésticos modernos, enquanto meios substitutivos que reduzem o trabalho e que evitam o cansaço.

Sem dúvida que o trabalho no espaço doméstico é hoje largamente subsidiário da intensidade do uso de aparelhos diversos, cada um com o seu grau de sofisticação e utilidade. A atribuição social de papéis “de género” e a sua estruturação desigual subsumiram-se, muito avidamente e ao longo das últimas décadas, no discurso legitimador da tecnologia como meio facilitador e, sobretudo, redutor de tempo despendido em tarefas que, no mesmo ordenamento discursivo, aparecem conotadas com “perda de tempo”.

Contudo, Portugal apresenta neste sentido características distintivas de fundo, quando comparado com o resto dos países da União Europeia. Registou um atraso muito significativo em tudo o que respeita à cobertura energética e à rede de saneamento, ambos com muita importância na capacidade de as populações disporem de certos equipamentos domésticos, então já na moda noutros países há muitos anos, como o frigorífico ou a máquina de lavar. Do ponto de vista histórico, os anos oitenta e a entrada de Portugal na União Europeia (na época, CEE), marcam a disseminação mais alargada das tecnologias domésticas (e também do carro) e a sua rápida absorção como condição intrínseca a uma determinada estilização de vida que é acompanhada de mudanças alimentares e higiénicas, assim como mudanças relativamente aos gostos de mobiliário e de habitação. Portugal revela, sem dúvida, características históricas que merecem ser observadas na sua singularidade, pois embatem muito concretamente sobre os mecanismos, fundamentação e organização do Estado, assim como nas ideologias e nos modos de governação política.

De qualquer modo, neste campo de análise a desigualdade de género no espaço e no tempo doméstico e o papel mediador da tecnologia - notaremos muitas características similares a outros países. Assim, sendo certo que os dados atuais revelam um processo contínuo de tecnificação do espaço doméstico (evidenciado pela taxa de aquisição de eletrodomésticos e de aparelhos de lazer) e que as próprias mulheres são agentes legitimadores do efeito libertador de tempo e facilitador do trabalho doméstico, é também

certo que o espaço doméstico é para a mulher um espaço “devorador” de tempo. Do ponto de vista socioantropológico, é especialmente notável que, mesmo com as grandes mudanças a nível macro, a “forma” estrutural do trabalho e do tempo domésticos, incluindo a sua subordinação ao tempo de elementos familiares de sexo masculino se mantenha. Quer dizer, usando o quadro simmeliano, que estaremos em presença de um processo histórico, necessariamente expressivo de mudanças, mas que são sobretudo de “conteúdo” e não de “forma”.

Tanto os usos do tempo, como o uso e a representação da tecnologia, ou mesmo a desigualdade e as relações sociais de género, constituem temáticas amplamente investigadas. Acontece porém que escasseiam estudos que cruzem os contributos destas diversas investigações e que sustentem a análise da realidade social, a partir desse cruzamento, mostrando e descrevendo os processos cognitivos e representacionais por trás dos usos e dos modos de agir dos sujeitos sociais, aqui identificados a partir de uma característica central: ter nascido homem ou mulher.

Face ao exposto, os principais eixos de questionamento do projeto são os seguintes: - Como existem nos agregados perceções diferenciais (segundo o género) sobre o tempo e a tecnologia? - Como existem nos agregados padrões de uso diferenciais (segundo o género) do tempo e da tecnologia? - Qual é a relação desta suposta diferença com a interação entre cônjuges, e que pistas se podem enunciar para uma melhor compreensão das desigualdades de género, também na esfera pública?

No respeito de alguns procedimentos metodológicos essenciais, centrou-se o estudo em duas regiões: os distritos de Braga e Castelo Branco. A sua escolha baseia-se em parte na conveniência inerente à filiação institucional dos membros da equipa. Mais importante foi, ainda, que estas duas regiões, embora não sendo representativas de Portugal na sua totalidade, representam em grande medida a diversidade do país.

Com base nas questões colocadas e assentes nesta estratégia metodológica - simultaneamente comparativa e de aprofundamento - recorreu-se a uma estratégia de triangulação, que contou com a realização de um inquérito por

questionário, entrevistas e grupos de foco, sempre envolvendo contacto direto e pessoal com os inquiridos, definidos a partir da sua situação como membros de um casal, com ou sem filhos.

Os resultados da investigação e a sua discussão teórica encontram-se explicitados em cinco capítulos, todos eles fundamentados em conceitos e conclusões propostos no âmbito de estudos antropológicos e sociológicos chamados ao debate.

O capítulo 1 é dedicado ao enquadramento teórico do problema, sendo destacados os conceitos de género, tempo e tecnologia. Nos três casos dá-se relevância aos processos de construção social inerentes aos modos de pensar e de agir dos atores sociais e que se expressam nos modos de auto e hetero classificação e julgamento. Mais do que descrever os momentos principais de surgimento, debate e reformulação dos conceitos acima mencionados, procura-se mostrar a complexidade dos fenómenos e a diversidade de formas de manifestação das desigualdades de género no espaço doméstico. Assume-se que estas passam por processos implícitos nos interstícios do quotidiano e das relações sociais, por sua vez movidas por atos de fala e de linguagem potencialmente agentes de dominação, violência e poder.

O segundo capítulo descreve a estratégia metodológica utilizada no projeto que, tal como já foi dito, intercrucza diversas abordagens e técnicas em momentos específicos e com propósitos diferenciados. Um dos eixos principais da sociologia do tempo hoje prende-se, justamente, com a metodologia. Não só no que respeita aos efeitos do tempo sobre a produção dos resultados, mas, sobretudo, ao modo como as conclusões podem variar, conforme a técnica usada para mediação e para a análise. Por isso, neste capítulo opta-se, não só por descrever a forma como este estudo foi conduzido e quais os seus propósitos metodológicos, mas também por descrever as potencialidades e os pontos críticos oferecidos por cada uma das técnicas utilizadas, no sentido de abraçar os questionamentos que se formularam. Assim, discute-se os efeitos do tempo sobre a produção dos resultados, e, sobretudo, o modo como as conclusões podem variar, conforme a técnica usada para medição e a

análise. Neste capítulo também serão apresentados alguns dados básicos dos distritos de Castelo Branco e Braga.

O capítulo 3 consiste numa primeira apresentação e interpretação dos dados obtidos no inquérito por questionário. Particular relevo é dado a algumas relações de associação dos inquiridos, conforme as suas características sociodemográficas, com os usos e representações do tempo e da tecnologia.

O quarto capítulo incide sobre os usos e as representações do tempo, tal como evidenciados e expressos pelas diferentes informações objeto de recolha e de análise ao longo do projeto. Após uma breve introdução ao assunto específico do tempo e em sintonia com os capítulos antecedentes, neste capítulo trabalha-se o tempo fundamentalmente como recurso e objeto de poder. Ficam observadas as fundamentações para os principais padrões de uso do tempo por parte das mulheres e dos homens, atendendo a variáveis decisivas, como a existência de filhos e a classe de pertença. Neste capítulo conclui-se que o tempo, designadamente na sua vertente qualitativa, se constitui como realidade ambígua, facilmente manipulável e objeto de legitimação. Ficam também mais claras as relações entre os tempos familiares (nível micro) e os tempos macrossociais e organizacionais e as formas de interdependência entre ambos.

O capítulo 5 é inteiramente dedicado à tecnologia e ao modo como esta se interseta com o tempo e com os mecanismos explícitos e implícitos de reprodução de desigualdades de género. A tecnologia é objeto de enquadramento, tanto nos estudos de ciência e tecnologia, principalmente no que respeita as formas de interação com o elemento social e humano, como nos estudos sobre desigualdades sociais. No capítulo seguem-se os pressupostos debatidos em capítulos antecedentes, confirmando que a tecnologia hoje usada em contexto doméstico, mais do que mudar os universos culturais e representacionais dos atores no que respeita à "complementaridade subordinada" dos papéis de género, reforça padrões institucionalizados característicos dos esquemas de dominação masculina. Observa-se neste capítulo que o acesso e o uso dos homens e das mulheres relativamente à tecnologia parecem ser condicionados, tanto pelas diferenças

prevalentes nos papéis de género, como pelo modo como essas diferenças e papéis são entendidos por cada um deles. Por exemplo, no que diz respeito especificamente às tecnologias da informação e da comunicação (TIC), não se trata apenas do facto das mulheres terem menos acesso e utilizarem menos algumas tecnologias em análise, mas, sobretudo, de as utilizarem de modos diferenciados; modos que estão intimamente relacionados com os processos de reprodução social, nomeadamente com as conceções específicas de género, que ocorrem no âmbito do espaço doméstico.

A conclusão do relatório acerta os principais pontos abordados e explanados nos capítulos anteriores, incidindo sobre os contributos do projeto, ao nível da promoção de políticas de igualdade que considerem a dualidade dos espaços domésticos e familiares, enquanto espaços públicos e políticos, isto é, necessariamente objeto de intervenção direta e indireta.

O projeto foi, nas suas várias fases de conceção e execução, um trabalho de equipa. Ao longo do percurso, cada investigador focou-se em temas específicos, seja individualmente, seja em conjunto com um ou mais outros colegas. Assim sendo, este relatório é representativo dos trabalhos e interesses tanto coletivos como individuais, sendo que alguns dos fragmentos já foram (sob diferentes formas) apresentados através de comunicações ou publicações. Deste modo, a redação deste relatório, primeiramente realizada pelas investigadoras individualmente, tendo em conta as suas áreas de interesse, incorpora partes significativas desse trabalho individual.

Capítulo 1

Problemática: Tempo, Tecnologia e Género

1.1. Introdução

As múltiplas relações entre os usos do tempo e a tecnologia mediadas pelas relações de género no domínio doméstico foram amplamente estudadas em diversos países, embora em Portugal tais estudos sejam, por enquanto, pouco abundantes. Apresentamos nas próximas páginas uma panorâmica da literatura relevante sobre o tema. Para um melhor enquadramento centramos-nos na época contemporânea portuguesa, estabelecendo o contraponto, sempre que tal faça sentido, com estudos de outros países. Na primeira parte apresentamos os pontos mais relevantes da literatura sociológica e antropológica sobre o tempo. Este é, hoje em dia, um dos tópicos mais estudados nas diversas ciências sociais e nas sociologias especializadas, pois apresenta-se como uma “ferramenta” preciosa que nos ajuda a perceber, não só como os atores sociais organizam a sua vida quotidiana, mas também as desigualdades no uso do tempo e os seus impactos diretos na vida dos homens e das mulheres, consoante a sua condição socioeconómica e, em particular, no caso da nossa investigação, no quotidiano dos homens e das mulheres no espaço doméstico.

Na segunda parte, a análise centra-se nas relações entre o género e a tecnologia, tentando evidenciar o modo imbricado como as desigualdades de género contribuem para as desigualdades na criação, desenvolvimento e uso das tecnologias e como estas, por sua vez, tendem a aprofundar as desigualdades de género. Faz-se previamente uma abordagem mais geral sobre a mudança social e a mudança tecnológica.

1.2. O tempo

O estudo do uso do tempo na sociologia ajuda a perceber o quotidiano e as atividades, mesmo as menos visíveis. Assim, é um suporte fundamental para o estudo do estatuto e do papel das mulheres e dos homens na sociedade, nomeadamente na esfera privada. Se não, vejamos: são tradicionalmente as

mulheres as responsáveis pela manutenção e continuação da vida, a curto e a longo prazo. A elas cabem as tarefas domésticas e os vários cuidados com a família. Trabalhos que facilmente passam despercebidos, mas passíveis de ser registados e revelados através de uma análise sistemática do uso do seu tempo.

Na nossa pesquisa, como já foi referido, o tempo é investigado do ponto de vista da sua concetualização e, principalmente, do seu uso. Na antropologia cultural, as temporalidades e a noção do tempo têm sido bastante estudados (Nilsson e Fielden 1920; Evans-Pritchard 1940; Gell 2000). Os estudos antropológicos têm interesse, não só para perceber a variedade de usos do tempo, mas também os critérios sobre a divisão do mesmo. São numerosas as descrições de sociedades onde o tempo é medido através de eventos naturais (de caráter astronómico, meteorológico ou relacionado com o ciclo agrícola) e/ou de eventos sociais e rituais (Gell 2000). A sua duração é frequentemente indicada tendo como referência determinadas atividades. Um dos exemplos apresentados por Nilsson e Fielden (1920: 42) remete para a expressão usada na ilha de Madagáscar: “o tempo necessário para cozer arroz”, o que, nessa sociedade, quando aplicada a cronometria universal, equivale a meia hora.

Outras formas de medição do tempo estão associadas a eventos especiais para a comunidade (como rituais, prejuízo na colheita, ou a morte de uma personalidade), e servem como suporte mnemónico. Trata-se do chamado *event time*, o tempo calculado a partir de eventos. Estes e outros dados de culturas muito distintas constituíram um suporte para os sociólogos Pitrim Sorokin e Robert Merton (1937) apresentarem a sua conceção de tempo “social”, cuja noção se encontrava já patente nos discursos de Émile Durkheim (1912) sobre as representações coletivas, através das quais o autor defende a origem social de categorias do conhecimento, como a do tempo. O tempo social reflete, assim, as periodicidades da vida social e a relevância e o significado que os atores atribuem ao tempo, conforme o seu contexto cultural e social (Hall 1994: 19-37; Levine 1997).

Interligado com o tempo social existe o tempo mecânico. Este conquistou a posição suprema na cultura temporal do ocidente, devido a vários

desenvolvimentos, sendo um desses a invenção do relógio mecânico (Mumford 1934). Gradualmente, as torres das igrejas foram equipadas com relógios, para além dos sinos já existentes e nas salas de estar da burguesia francesa e holandesa nos séculos XVIII e XIX, os relógios nas chaminés tornavam-se numa peça de mobília normal (Schuurman 1989: 267). A importância que, já no início do século XVIII, os ingleses dos estratos sociais mais elevados conferiam ao tempo exato foi ironizada por Jonathan Swift no livro *Gulliver's travels* numa passagem em que o herói do livro consulta repetidamente o seu relógio de bolso, perante a admiração dos Liliput que se tinham juntado à sua volta.

O tempo dedicado a atividades para o bem-estar pessoal (o “tempo pessoal”) também varia bastante entre as culturas ocidentais (Murcott 1982; Cloïn *et al.* 2011; Ashenburg 2007). Existem diferenças na frequência e na duração do banho, no “fazer a toilette” (*grooming*), no número e na duração das refeições, entre países europeus, entre categorias sociais e entre homens e mulheres. Também o tempo dedicado ao sono ou ao descanso é diferente, fruto, entre outras variáveis, de ideias diferentes acerca da saúde e bem-estar, nomeadamente no que diz respeito às crianças. Na Holanda e nos países à sua volta, ainda reina a regra de ouro segundo a qual as crianças com menos de oito anos devem estar na cama antes das sete e meia e descansar durante uma volta completa do relógio (Cloïn *et al.* 2011: 28, 113).

Quanto a pontos de referência do tempo para períodos superiores a um dia, o calendário é um elemento fundamental e universal. No entanto, mesmo no mundo ocidental, existem vários calendários que operam em paralelo, para grupos diferentes de população e com vista a atividades diferentes. Para além do ano civil, existe o ano académico, o ano jurídico e o ano litúrgico e, dentro do ano, estão meses e semanas cuja duração varia entre as culturas. Quanto à semana, também um ou mais dias, nomeadamente os domingos, distinguem-se com base nas atividades sociais, económicas ou religiosas que aí ocorrem (McCrossen 2005; Zerubavel 1985; Daly 1996; Marshall 2009).

1.2.1. O uso do tempo

O tempo pode ser usado seguindo as orientações de Chronos, calculável e expresso em números, ou, em alternativa, de Kairos, indicando uma abordagem mais qualitativa, considerando-se, por exemplo, a execução de atividades cuja duração normalmente não pode ser estabelecida com exatidão, como é o caso das atividades do “cuidar” (Bessin 1998; Bessin e Gaudart 2009; Zerubavel 1979). Na realidade são tanto as orientações de Chronos como as de Kairos que regulam a vida social e individual.

O tempo é um recurso e, neste ponto, é frequentemente feita uma analogia com a moeda, tal como se traduz na expressão “tempo é dinheiro”. Reticências a esta identificação têm sido apontadas por autores como John Urry (2000) e Carol Kaufman-Scarborough (2006: 67). No fundo, o tempo é muito mais difícil de trocar ou de armazenar do que o dinheiro. Assim, refere Urry (2000: 109) que “[o] tempo do relógio é um maior constrangimento para a atividade humana do que dinheiro”, já que está sempre em andamento e, uma vez passado, não é recuperável. Sobre a associação da expressão “tempo é dinheiro” às sociedades capitalistas assim como sobre a dificuldade que outras culturas tiveram em aceitar essa identificação, nomeadamente num contexto de colonialismo, já muitos estudos foram realizados (Nanni 2006: 119-175; Alatas 1977; Thompson 1963, 1967; Bohannan 1953; Araújo 2008; Schouten 2008; Hall 1980).

Nos estudos sobre o uso de tempo distinguem-se, normalmente, quatro categorias temporais, indicadas por Dagfinn As (1978): o tempo pessoal, o tempo de trabalho pago, o tempo de trabalho não remunerado (doméstico, de cuidar, do voluntariado) e o tempo livre, cada um com as suas respetivas subdivisões. Vários autores usam divisões e denominações diferentes, tal como exposto no esquema apresentado por Kaufman-Scarborough (2006: 61); contudo, encontra-se em praticamente todas as classificações uma distinção entre o tempo necessário (ou *committed time*, destinado a obrigações de vários tipos) e o “resto do tempo”.

Durante grande parte do século XX, e ainda hoje, uma divisão largamente aceite no mundo ocidental tem sido, simplesmente, entre “tempo de trabalho” e “tempo livre”. Na sua luta pela redução do horário do dia de trabalho para oito horas, os sindicatos e os partidos políticos produziram cartazes com ilustrações em que se dividia o dia ideal em três blocos de oito horas: trabalho, lazer e sono (Weeks 2009; Rosenzweig 1983).

Nesta perspetiva, o tempo de trabalho não-remunerado, principalmente constituído por tarefas domésticas e familiares - tarefas “femininas” - ou não era contemplado ou era inserto na categoria de “tempo livre”. Mas, esta abordagem tem implícito o domínio do tempo masculino sobre o tempo feminino, pois todas as atividades de trabalho não pagas desenvolvidas pelas mulheres nos espaços do “privado”, sobretudo nas classes menos favorecidas, ficam, além de invisíveis, dependentes das exigências do tempo do homem, cuja atividade profissional se desenvolve num espaço exterior à casa (Bertaux 1978).

Na economia, Gary Becker, ao apresentar a “Teoria do uso do tempo”, no seu artigo homónimo publicado em 1965, foi pioneiro na reflexão sobre o trabalho doméstico como uso economicamente relevante do tempo. A sua abordagem, hoje mais conhecida como *New Home Economics*, pretendia determinar a otimização quer dos rendimentos, quer da produtividade no agregado familiar por meio de um uso “racional” do tempo que, na sua linha de pensamento, era diferente para entre homens e mulheres. Segundo o autor, as mulheres rentabilizariam melhor o seu tempo através da *nonmarket production* (cuidados pelos filhos, pela alimentação e saúde no agregado, e em geral a execução de tarefas domésticas), enquanto os homens o rentabilizariam no trabalho no exterior. Com esta teoria diferencialista, Becker confirmou e justificou, de facto, a situação existente nas famílias americanas da classe média da sua época, nas quais o trabalho no exterior não era a norma para uma mulher. A noção da complementaridade entre os papéis masculinos e femininos já tinha servido como uma das pedras angulares das teorias funcionalistas, nomeadamente do sociólogo Talcott Parsons (1951).

Pouco depois da publicação das obras de Parsons e Becker, a divisão rigorosa dos papéis no seio das famílias foi mitigada. Os anos 60 trouxeram, entre outros, a segunda vaga do feminismo² e a maior participação das mulheres no mercado de trabalho e, portanto, um escasseamento do fenómeno da mulher doméstica atempointeiro. Porém, Becker, na sua obra posterior *A treatise on the family* (1993 [1981]) e no seu artigo sobre a divisão sexual do trabalho (Becker 1985) manteve uma visão diferencialista, ou seja, continuou a ter como noção básica a *male breadwinner family*, a família em que o homem é o ganha-pão. E não foi apenas este autor que ao longo dos anos pouco mudou nas suas ideias acerca dos papéis de género. Múltiplos estudos atestam que, na sociedade ocidental, em geral, apesar da mudança de algumas práticas e de muitas políticas e leis, as representações acerca da genderização dos trabalhos remunerados, mas principalmente dos não pagos, se têm mantido na sua essência até à atualidade. Talvez isso justifique o facto de haver hoje uma crescente revisitação de abordagens (nomeadamente a de Bertaux [1978]) em que se responsabiliza a lógica capitalista e o modelo económico liberal pela permanência das mulheres no espaço doméstico.

Em Portugal, o Inquérito à Ocupação do Tempo de 1999, realizado pelo Instituto Nacional da Estatística (INE), mostrou que a quantidade de tempo que “sobra” para o lazer ou para o descanso varia conforme o sexo. Findo o tempo de trabalho e concluído o trajeto até à casa, nem todos os sujeitos têm a possibilidade de ter tempo efetivamente livre, devido às múltiplas tarefas que ainda os aguardam, como as lides domésticas, os cuidados e, sobretudo, o acompanhamento dos filhos. Uma dupla jornada que, em regra, implica situações de *stress* (Lyonette *et al.* 2007; Guerreiro e Carvalho 2007; Schouten 2012) e que, ao tornar-se crónica, acarreta problemas ao nível físico, cognitivo, emocional e comportamental. A pressão de tempo é uma das palavras de ordem no mundo contemporâneo, contrastando com expectativas

² Dando continuidade à primeira vaga feminista, que, nas décadas finais do século XIX e iniciais do século XX lutou, principalmente, pelos direitos civis e educacionais das mulheres, a segunda vaga que se iniciou nos anos sessenta do século XX tem lutado principalmente por uma melhoria da condição das mulheres no mundo do trabalho e do emprego, na esfera doméstica e no que diz respeito aos seus direitos sexuais e reprodutores.

existentes nos anos sessenta e setenta do século passado, quando vários sociólogos, economistas e filósofos anunciaram o “fim do trabalho” (Rifkin 1995) e a emergência de uma sociedade do lazer e do tempo livre (Dumazedier 1969).

A realidade seria bem diferente, tal como retratado, aliás de forma bastante negra, por Juliet Schor no livro *The overworked American* (1993) em que afirma que “a prosperidade vitimou o lazer”. Schor e outros autores (Hewlett 1992; Hochschild 1992) constatam ter havido nos Estados Unidos uma redução da quantidade de tempo passado a dormir e dedicado aos filhos e à família, em geral. Outros autores, como Gleick (1999) e Robinson e Godbey (2008), contestam a proposta de Schor e sugerem que uma causa da pressão de tempo e da sensação de *harriedness* (“urgência”) devia ser procurada, não no aumento do trabalho, mas na grande oferta, nos dias de hoje, de formas de passar o tempo, articulada com o desejo das pessoas de participar em muitas dessas atividades. Uma grande parte desta oferta existe no domínio das tecnologias de informação e comunicação tal como internet e *smartphone*, cujo número de potencialidades e funcionalidades - e o seu peso na ocupação do tempo - aumenta rapidamente.

Neste sentido, Southerton e Tomlinson (2005: 232-233) referem ainda as novas formas de organização e de “desorganização”, do tempo, dentro e fora do contexto laboral, assim como a chamada “densidade temporal” - situação em que o mesmo indivíduo executa um grande número de tarefas, algumas das quais em simultâneo (processo também designado *multitasking* ou multitarefas).

É inegável que a falta de tempo é um problema para muitos. Mas é um problema bem maior para as mulheres que têm um trabalho remunerado e uma família para cuidar, do que para os homens, nas mesmas condições. Apesar do maior envolvimento dos homens nas tarefas domésticas verificado nas últimas décadas, todos os estudos recentes referem que são ainda as mulheres que se encarregam, mais permanente e assiduamente, das lides domésticas (Bianchi *et al.* 2000; Saxbe *et al.* 2011; Wall *et al.* 2012: 16-20). Estas são trabalhos considerados obrigatórios e rotineiros, que dizem respeito

a tarefas impreteríveis e exigentes, em termos de esforço físico e psíquico, acabando por dificultar a necessária recuperação diária do organismo (Demerouti *et al.* 2004; McEwen 2006; Robinson e Michelson 2010; Van Tienoven *et al.* 2010; Schouten 2012).

Quanto aos estudos sociológicos sobre a situação relativa ao *stress*, aos usos do tempo e à vida familiar em Portugal, podemos citar Guerreiro e Carvalho (2007) que analisam o *stress* numa perspetiva comparativa, com base nos dados do inquérito do *International Social Survey Programme*, aplicado em 2002/2003. Podemos ainda citar outros estudos realizados a partir desta investigação internacional, focando os potenciais agentes stressantes (entre outros, Crompton e Lyonette 2006; Lyonette *et al.* 2007). O fenómeno de *stress* ou tensão figura, de forma mais ou menos explícita, nos muitos estudos sobre a articulação entre as esferas familiar e profissional, ou sobre a repartição das responsabilidades e trabalhos no lar.

1.2.2. Tempo na família

A articulação entre a vida familiar e a vida profissional revela-se, regra geral, mais problemática nos agregados domésticos que contam com pessoas dependentes. Por isso, em países como Alemanha, Áustria, e Holanda e ainda em vários países do Sul de Europa, é frequente que, na altura do nascimento do primeiro filho, um elemento do casal se retire (temporariamente) do mercado de trabalho, ou reduza o seu horário. Esse elemento é, em geral, a mulher. Portugal é um caso excecional, uma vez que, neste país, a camada etária em que a percentagem de mulheres ativas é a maior coincide com a fase no ciclo familiar em que existem filhos pequenos (Wall *et al.* 2012: 16). Mas tal não significa que as mulheres portuguesas escapem à *motherhood penalty* (Bernard e Correll 2010), ou seja, às desvantagens que as mães experimentam no seu trabalho, na remuneração e na sua carreira, tais como a falta de regalias e o ser alvo de preconceitos ou marginalização.

Hoje em dia, os pais e as mães investem muitos recursos temporais e financeiros num filho (Zelitzer 1985). Apesar do elevado número de famílias onde ambos os cônjuges possuem um trabalho remunerado a tempo inteiro, todas as pesquisas conhecidas indicam que no mundo ocidental, o tempo que os progenitores dedicam aos seus filhos tem aumentado nas últimas décadas (Knijn 1998; Gershuny e Jones 1987: 26; Bianchi 2000; Uunk *et al.* 2005). Tais resultados são coerentes com as mudanças de atitude face aos filhos no seio da família: o seu valor sentimental tem aumentado, em detrimento do seu valor económico. Os pais veem os filhos como um dos seus projetos centrais, estando dispostos a enormes sacrifícios por eles (Beck-Gernsheim 2006; Schouten e Lourenço 2012). Importa citar a este respeito Ulrich Beck (1992) que sublinha o sentimento predominante no mundo contemporâneo em relação aos filhos. Segundo o autor, a criança traz alegria e uma vida mais animada, numa era de desencanto e individualização. Ter filhos é, então, um “tipo privado de re-encantamento”, personalizado num “afeto excessivo pelas crianças” (Beck 1992: 118-119; Roussel 1989; Crompton e Lyonette 2007; Cunha 2007; Wall 2005; Amâncio e Wall 2004). Nas classes médias, existe a convicção de que os pais (principalmente as mães) devem dar um acompanhamento intensivo aos seus filhos e que estes devem ter um grande número de atividades estruturadas, tais como o escutismo, desporto organizado e aulas de música (Hewlett 2002: 276-278).

O tempo de acompanhamento dos filhos pode ser segmentado entre o tempo de rotina (para a alimentação, a higiene, os cuidados médicos e o transporte) e o tempo interativo (passado com atividades como conversar, brincar e ler). Segundo os estudos, os pais (homens) envolvem-se mais nas atividades da última categoria e as mães nas rotineiras (Maher 2009; Craig 2006). Nas muitas pesquisas realizadas, a larga maioria dos pais e mães afirmam considerar que cuidar e brincar com os filhos, assim como supervisioná-los são atividades agradáveis. Mas também se verifica que a presença dos filhos e a atenção que se lhes deve dar, consoante as normas em vigor hoje em dia, podem ser fatores reais de *stress* (Pouwels 2010: 58; Baumeister 1991; Lyubomirsky 2010; Keizer, Dijkstra e Poortman 2010), principalmente em situações de pressão de tempo (Milkie *et al.* 2004). O facto de as expetativas

elevadas sobre a parentalidade nem sempre corresponderem à realidade é um tema desenvolvido, entre outros, em obras cujos títulos são eloquentes, como “All joy and no fun. Why parents hate parenting” (Senior 2010) e “No fun anymore” (Claxton e Perry-Jenkins 2008).

Se a essas exigências culturais e afetivas acrescentarmos a situação económica cada vez mais frágil em muitas famílias portuguesas, e o aumento das carências no apoio financeiro e nos equipamentos sociais assegurados pelo Estado, temos algumas explicações pela diminuição do número de filhos por casal. A índice sintética de fecundidade em Portugal é, aliás, a mais baixa da União Europeia (em 2011: 1,35) e está muito aquém da taxa de substituição. Dados recentes, obtidos no projeto de pesquisa *Family trajectories and social networks: the life course in an intergenerational perspective*³ mostram que os pais que adiam ou renunciam à vinda de um segundo filho o fazem por razões financeiras, ou por insegurança no emprego. Observa-se que para 61% desses pais a falta de apoios públicos (por exemplo, de creches) e para 47% a dificuldade de conciliação com as atividades profissionais são também fatores importantes (Cunha 2012). Estes dois últimos obstáculos estão intimamente ligados à crescente e persistente sensação de falta de tempo experimentada pelos indivíduos e pelas famílias.

1.2.3. Tempo na gestão do lar: uma questão de género

O feminismo que ressurgiu no mundo ocidental nos anos 60 do século XX impulsionou, num primeiro momento, o estudo do uso do tempo no contexto doméstico, com o objetivo de demonstrar que era no espaço e no tempo domésticos que se configurava uma das maiores desvantagens sociais das mulheres, em comparação com os homens. Os conceitos entretanto desenvolvidos, como “tempo genderizado” (*gendered time*) e “tempo

³ Projeto realizado no Instituto de Ciências Sociais (ICS) entre 2008 e 2011, coordenado por Karin Wall, Sofia Aboim e Vanessa Cunha cujo objetivo consiste em compreender a inter-relação entre trajetórias familiares e redes sociais. Ver também Cunha 2007.

público” e “tempo privado”, formam uma chave para um melhor entendimento das desigualdades de gênero na sociedade nas suas diversas dimensões. Com efeito, o movimento feminista acompanhou a reivindicação da valorização das tarefas normalmente executadas pela mulher. Mais genericamente, foi proposto um debate sobre a importância das lides de casa e dos cuidados prestados em família. Durante alguns anos, existia um debate aceso sobre uma eventual remuneração do trabalho das mulheres domésticas (Dalla Costa e James 1972; Bruyn-Hundt 2003; Folbre 1994; Folbre 1995). Mas o busílis da questão, para o movimento feminista, era debater e concertar formas para se atingir uma partilha mais igualitária do trabalho doméstico entre homens e mulheres. A um outro nível, prestava-se atenção às normas e às representações que podiam, eventualmente, explicar por que razões as mulheres, em geral, aceitavam uma situação que era tão desvantajosa para elas e não a consideravam injusta, mostrando, inclusivamente, gratidão ou chegando a pedir desculpa aos homens que as “ajudavam” nas lides domésticas (Afonso 2003; Torres *et al.* 2000; Amâncio 2004). Os homens, tal como as mulheres, tinham, neste contexto, a tendência de “naturalizar”, ou seja, de assumir a existência de capacidades e inclinações supostamente inatas e distintas para cada um dos sexos. E para as mulheres tais capacidades e tarefas incluíam, supostamente, um talento especial para o cuidado do lar e dos seus habitantes.

A responsabilidade das mulheres pela vida doméstica não deve ser equiparada a “poder”. Alguns estudos sugerem que as mulheres não deixam prevalecer as suas preferências no decorrer da vida doméstica e em família, mas que dão prioridade aos desejos do marido e dos filhos, nomeadamente no que diz respeito à ementa e ao lazer (Cockburn e Omrod 1993: 134; Kaufmann 2005). Recordemos, a este respeito, que o célebre livro de Betty Friedan, *The feminine mystique* (1963), salientara a grande diferença de papéis entre mulheres e homens em famílias da classe média americana, podendo ser lido como um estudo crítico do uso diferenciado do tempo. Através das entrevistas realizadas, a autora concluiu que esta genderização tinha consequências graves ao nível de saúde física e mental de muitas das mulheres que se dedicavam a tempo completo ao trabalho doméstico.

Foi neste espírito que feministas como Delphy (1970), Dalla Costa e James (1972) e Oakley (1976) se detiveram sobre a importância do trabalho caseiro, descrevendo os modos como as mulheres com quem se cruzavam nas suas investigações passavam o seu tempo. Afinal, era um tempo que quase nunca despendiam “com elas próprias”, mas que estava colonizado pelas lógicas patriarcal e capitalista. Em particular, destacava-se o impedimento que essa própria colonização significava para o desenvolvimento dos interesses e ambições extra-domésticas das mulheres. A “falta de tempo” era apontada nos debates sobre a participação das mulheres na vida pública como um dos grandes obstáculos para o seu envolvimento na vida política, e o progresso na sua carreira. Desde então, a atenção especial dedicada ao uso do tempo tem sido (implícita ou explicitamente) uma constante em estudos e discursos feministas.

A literatura, inclusive os resultados de inquéritos sobre o tempo (ver capítulo 2), diz-nos que nos casais, hoje em dia, muitos homens participam, de uma forma ou de outra, nas tarefas domésticas, havendo, porém, diferenças na duração, na frequência e no tipo da sua participação. O homem pode dar “uma ajuda” à mulher numa tarefa, considerando isso já como uma participação. Mas, de acordo com estudos sobre a divisão das tarefas do casal e o tempo despendido nelas, os homens não participam de uma forma regular e ainda participam menos nas tarefas rotineiras, ou nas tarefas que ambos os elementos do casal consideram como pouco agradáveis. Cabem, em geral, às mulheres as *time-dependent tasks*, ou seja, aquelas tarefas que não podem esperar, enquanto os homens fazem trabalhos domésticos menos urgentes, às horas que lhes são convenientes (Perista 2002; Perista e Chagas Lopes 1999; Sullivan 1997; Santos 2006: 233). Segundo estes e outros estudos, há certas tarefas em que os homens se envolvem mais do que noutras, como por exemplo, as administrativas, enquanto o tratamento da roupa (a lavagem, o passar a ferro, os consertos da roupa e a arrumação) em muitos agregados domésticos é domínio exclusivo das mulheres.

Contudo, há que ter em conta que as normas para a execução e os resultados do trabalho doméstico, inclusive de tarefas familiares, se têm alterado ao longo do tempo. Para além do já referido maior investimento no

acompanhamento e na educação dos filhos, as exigências quanto à higiene (da casa, da roupa, e do corpo) têm sido reforçadas (Elias 1989-1990; Denèfle 1995; Ashenburg 2007; Van Dijk 2011: 1-20).

Ainda assim, no mundo ocidental existem meios para aliviar a pressão de tempo provocada pelas normas que regulam a gestão de um lar. Verifica-se que atividades, tais como a costura, a confeção de doces e conservas e até o fabrico do pão, antigamente atribuídas à dona de casa, passaram para o mercado (Segalen 1981: 278). Quem tem recursos financeiros à sua disposição pode contratar serviços de um(a) empregado(a) doméstico(a) (quase sempre uma mulher, facto que contribui para a reprodução dos papéis de género), ou recorrer a vários serviços no exterior. Com efeito, o setor de prestação de atividades e serviços domésticos tem registado um desenvolvimento muito intenso nos últimos anos, o que se atribui a mudanças nos estilos de vida e transformações na organização dos tempos de trabalho, mas também ao papel ativo da mulher no mercado de trabalho formal. A literatura sobre a taxa de penetração deste setor é escassa em Portugal, inclusive para destrinçar as quantias despendidas pelas famílias neste tipo de serviços.

1.2.4. O uso do tempo e a tecnologia

Mais do que estes serviços prestados por terceiros, um fator importante para o aligeiramento dos trabalhos domésticos é o conjunto de equipamentos de apoio disponíveis. A introdução de novos aparelhos para executar tarefas domésticas deu um caráter diferente a esses trabalhos. No decurso do século XX, surgiram no mercado várias tecnologias que poderiam poupar tempo e energia, como a máquina de lavar roupa, o frigorífico e o aspirador, que hoje em dia estão presentes em quase todas as famílias no mundo ocidental. Em simultâneo, a pesquisa na área da química resultou em inovações que aliviaram o trabalho doméstico, entre as quais as composições de tecidos que não necessitam de ser passados a ferro; também os detergentes e produtos afins em prol da higiene do lar diversificaram-se e ganharam em eficácia.

No entanto, estes desenvolvimentos científicos e tecnológicos, em si, não são garantia de uma redução do tempo dedicado ao trabalho doméstico, ou de um maior equilíbrio na partilha deste trabalho entre homens e mulheres. Já nos anos sessenta do século XX, algumas pesquisas apontaram um efeito pouco significativo das novas tecnologias domésticas na redução do tempo despendido, como foi o caso do estudo de Kathryn Walker (1969) que comparou dados sobre o uso do tempo de 1952 e de 1967, nas zonas setentrionais do estado de Nova Iorque (ver também Robinson e Converse 1972). Joann Vanek (1974), ao comparar resultados para os Estados Unidos, dos anos vinte e trinta, com os dos anos sessenta e setenta do século XX, concluiu que os equipamentos domésticos modernos, introduzidos no período intercalar, não tinham reduzido a quantidade de tempo dedicado a tarefas caseiras⁴.

Como possíveis explicações dessa conclusão, algo surpreendente, Vanek sugeriu, entre outras: o (quase) desaparecimento de empregada(o)s doméstica(o)s nos Estados Unidos; o tempo exigido no manuseamento dos aparelhos em questão (a aprendizagem das funções, as complicações no caso de avaria); as normas de limpeza, cada vez mais rigorosas e, como tal, muitas vezes uma consequência da mera presença de um aparelho. Vários outros autores abordaram esta mesma problemática, em diversos países, chegando a conclusões semelhantes (Cowan 1983; Klepp 2003; Bittman, Rice e Wajcman 2004). Quanto à Holanda, Groot-Marcus (1983: 99) cita investigações da Organização Neerlandesa de Pesquisa Científica Aplicada (TNO) que calculou que em 1950 era lavado semanalmente um quilo de roupa por pessoa, enquanto em 1978, quando as máquinas de lavar a roupa já marcavam presença na maior parte dos lares neerlandeses, o peso semanal de roupa por pessoa era de 3,2 quilos.

Para além disso, tinha-se incrementado o tempo dedicado a outras atividades domésticas, não apoiadas pela tecnologia. No que concerne aos EUA, Vanek (1974) afirmou que as mães dedicavam mais tempo do que antes aos cuidados

⁴ Conclusões apresentadas na sua tese de doutoramento na Universidade de Michigan em 1973: *Keeping busy: time spent in housework, United States, 1920-1970*.

e ao apoio aos seus filhos, bem como aos parentes com necessidades. A autora indicou as novas tecnologias domésticas como facilitadores desse processo, já que deixaram mais tempo para esse trabalho emocional. De especial interesse para os nossos objetivos é a conclusão, de Vanek e de vários outros autores segundo a qual o equipamento doméstico mais sofisticado pode ter tido um “efeito perverso” na partilha de tarefas caseiras entre homens e mulheres. Ou, como afirmou Murcott (1982: 133), “[é] exatamente o aligeiramento da carga doméstica que leva as mulheres (em oposição aos homens) a executá-la”. Segundo estes autores, os homens, quando consideram uma tarefa doméstica fácil e leve, sentem menos necessidade de dar uma ajuda e, ainda menos, de executar tal trabalho na sua totalidade⁵.

Porém, outros estudos, mencionados na síntese de Cardia (2009), tais como os de Gershuny (2004) e de Gershuny, Godwin e Jones (1994), estabeleceram que o tempo dedicado aos trabalhos domésticos se tem reduzido bastante desde a adoção de eletrodomésticos e outros novos tipos de aparelhos para o lar. Para avaliarmos os vários argumentos neste debate, devemos ir mais longe do que uma consideração diacrónica das variáveis de “tempo”, “tecnologia” e “papéis de género”, devendo-se incorporar na análise o todo complexo de mudanças sociais e culturais, como, por exemplo, a dimensão e composição dos agregados familiares. No âmbito do referido debate merece ainda consideração a possibilidade de em estudos sobre o uso do tempo terem sido utilizadas diferentes técnicas de investigação, inclusive de medição, o que dificulta uma comparação dos resultados⁶.

O estudo e debate na antropologia acerca da relação entre uso de tempo e tecnologia formam um complemento valioso na explanação deste assunto. Um papel de destaque é devido à tese das “primeiras sociedades de abundância”, formulada em 1972 por Marshall Sahlins. Feitos os cálculos sobre o modo de usar o tempo em certas sociedades pré-industriais, descritas por outros antropólogos, Sahlins concluiu que os membros de uma sociedade com um

⁵ Ver também Schouten *et al.* 2010.

⁶ No capítulo 2 os métodos e técnicas utilizadas na pesquisa sobre o uso do tempo serão abordados.

modo de subsistência aparentemente simples (caça e coleta) trabalhavam menos do que aqueles que viviam num regime de agricultura ou pastorícia. Por outras palavras, a aplicação de técnicas mais sofisticadas, necessárias para um modo de subsistência mais complexo, reduziu o tempo livre disponível. Sabemos que há muitos fatores que influenciam a relação entre a tecnologia e o uso de tempo e, nesta perspectiva, também deve ser questionada a assunção, usada no mundo industrializado, segundo a qual a mecanização reduz o tempo de trabalho necessário para realizar uma determinada tarefa. Tal questionamento estende-se, igualmente, às tecnologias presentes na esfera doméstica, que constitui um dos eixos de análise do presente projeto.

1.3 A tecnologia

1.3.1 Mudança social e mudança tecnológica

O termo “tecnologia” deriva do grego *technè*, que pode ser traduzido como técnica, mas cujos significados originais foram arte, perícia e ofício, eventualmente, mas não necessariamente, em combinação com o uso de instrumentos. Assim, tecnologia significa, à letra, “estudo sobre a técnica” e era esta a designação que o termo tinha, nas suas versões em inglês, alemão e francês, aquando do seu surgimento, a partir dos séculos XVII e XVIII (Leo Marx 2010: 562; Schatzberg 2006: 490). Hoje, o significado de tecnologia mais comum é “o conjunto de instrumentos e máquinas, e os conhecimentos e as aptidões necessárias para a sua produção e utilização”⁷. Este significado foi, na primeira metade do século XX, rapidamente absorvido na linguagem do dia a dia, substituindo termos anteriores como (em inglês) *useful arts* ou *applied science*. Observemos, ainda, a simplicidade da abordagem de Oldenziel *et al.* (2003: 11), quando afirma “[technology is] in its broadest sense, the process of making and doing things”. Por sua vez, Wajcman (1991)

⁷ Numa simplificação da definição de Bain 1937: 860; ver também Leo Marx 2010.

distingue três tipos de tecnologia: um conjunto de conhecimentos, um conjunto de práticas e um conjunto de objetos.

Com efeito, os múltiplos e sucessivos desenvolvimentos teóricos no domínio dos estudos sociais da técnica e da ciência têm mostrado que as relações que se estabelecem entre a tecnologia e a sociedade são complexas, dinâmicas e capazes de produzir, na sua interação, realidades novas que sugerem um desafio constante às formas de adaptação individual, social e institucional. O espaço doméstico é um espaço de consumo, vulnerável às mensagens de publicidade e de marketing, através das quais se fazem circular representações sobre as vantagens e o espírito transformador das tecnologias domésticas. Representações que, ao longo da história do século XX e até a hoje, continuam a ser genderizadas, isto é, extremamente vinculativas do lugar da mulher no lar, assim como da sua inabilidade inata para usar (e usar de certa e adequada maneira) um certo tipo de tecnologias.

Vários autores de referência que no início do século XX se debruçavam sobre a tecnologia e a sociedade, como o sociólogo Thorstein Veblen (1906/1919) e os historiadores Charles e Mary Beard (1930) pareciam apoiar uma explicação do curso histórico através do progresso da tecnologia⁸. A história humana, nessa abordagem tecnologicamente determinista e orientada pelas noções de progresso, é contada em função das “invenções” técnicas, retratando um progresso mais ou menos linear, começando nos artefactos de pedra ou madeira, passando pela máquina de vapor até chegar às tecnologias mais recentes. Outros autores optaram por uma abordagem mais subtil⁹. No seu artigo clássico “Technology and state government”, Read Bain (1937) parece dar primazia à tecnologia como motor da história, mas apressa-se a salvaguardar-se contra as possíveis críticas, afirmando que rejeita qualquer determinismo tecnológico, já que “[e]xiste uma interação recíproca constante entre a tecnologia e todos os outros aspetos da cultura” (Bain 1937: 860).

⁸ Não foi contudo uma ideia nova; muitos autores do século XIX achavam que a tecnologia era o motor das mudanças. Entre as teorias mais influentes podemos encontrar a de Lewis Morgan (1878) e, no seu rasto, a de Friedrich Engels (1948 [1884]).

⁹ Ver a panorâmica apresentada por Schatzberg (2006).

Hoje em dia, nas ciências sociais, parte-se, em grande medida, do princípio de que as influências da tecnologia são mediadas pelo contexto social em que a tecnologia opera, identificando-se um conjunto de fatores sociais que moldam a criação, o desenvolvimento e o uso da tecnologia. Foi nesse âmbito que surgiram, no seio dos estudos da ciência e tecnologia, as perspetivas construtivistas agrupadas em torno do que é designada por *Social Shaping of Technology*, designação que serve de título do influente livro organizado por Donald McKenzie e Judy Wajcman (primeiro publicado em 1985 e com edição revista em 1999).

Contudo, nos estudos sobre a modelação social, a modelação tecnológica é muitas vezes subestimada. Uma das premissas centrais que têm orientado o presente estudo recolhe a tese de um *mutual shaping*, ou seja, de uma influência mútua entre o elemento tecnológico e o tecido social. Uma interação que, pela dificuldade de analisar separadamente o social e o tecnológico, mereceu da parte de Hughes (1986) a designação de *seamless web*, uma rede sem costuras. Esta tese segue de perto a ideia da “sociotecnologia” que desde o início dos anos 80 do século passado foi sublinhada por autores como Wiebe Bijker, e segundo os quais não se deve distinguir “*a priori* entre, por exemplo, o social, o técnico, o científico e o político” (Bijker 1995: 13). O paradigma teórico que traduz esta complexidade a partir da “perspetiva co-producionista” defendida, entre outros, por Jasanoff (2004) é muito rico na forma como descreve as interações entre tecnologia e sociedade no intrincado de níveis e de significados.

Argumentando em favor da existência desta interação mútua, Simões (1995, 2005) considera que só analiticamente se pode fazer a distinção entre sociedade e tecnologia, sendo esta última uma componente fundamental da ação social. Aquelas abordagens permitem abandonar as perspetivas essencialistas de sinal contrário - o determinismo tecnológico, segundo o qual é a tecnologia que determina a mudança social, e o determinismo social estruturalista, em que a sociedade é a variável independente. Frise-se, neste contexto, que a perspetiva mais criticada tem sido o determinismo tecnológico, embora Hassan (2010) considere que se trata de uma perspetiva que merece ser reanalisada.

A abordagem do “condicionamento recíproco” (Simões 1995, 2005) tem em conta quer o condicionamento social, quer o tecnológico e, ao realçar que são poderosas forças sociais que regulam a criação, o desenvolvimento e o uso das tecnologias, evidencia que os atores sociais têm algumas janelas de oportunidade para contrariar determinados desenvolvimentos tecnológicos.

Mas a influência dos fatores sociais, como acima se referiu, é muito mais abrangente, não se limitando à escolha social do desenvolvimento e do uso das tecnologias. Importa incluir na análise também o contexto social, os valores subjacentes a esse contexto e as desigualdades sociais. A escolha social, na área tecnológica, revela-se em muitos estudos antropológicos, sociológicos, arqueológicos e históricos. Esclarecedores são os casos de “invenções” que não foram utilizadas, ou que, pouco tempo passado, foram esquecidas, ou que, ainda, acabaram por ser aplicadas noutros objetivos não previstos.

Contudo, é inegável que a produção, a difusão e o uso de novas tecnologias podem ser acompanhados por grandes mudanças na sociedade. O exemplo da industrialização no século XIX, apoiado por maquinaria pesada, é um dos mais conhecidos. O nosso estudo centra-se em tecnologias diferentes e também num outro contexto - o doméstico - mas focaliza, igualmente, a dinâmica das desigualdades que são, neste caso, principalmente aquelas que decorrem das diferenças de género.

1.3.2 Tecnologia e género

Como já foi referido, e segundo a teoria de *mutual shaping*, o desenvolvimento, a aceitação e o uso de novas tecnologias depende em parte do contexto social. Neste, as normas de género têm grande importância. São muitos os casos em que as novas tecnologias destinadas ao apoio no trabalho doméstico não foram logo bem aceites e não só por motivos financeiros mas, também, por não se enquadrarem nas normas vigentes, principalmente acerca do papel da mulher. A máquina de lavar roupa era (e é) encarada em certos

círculos sociais com uma certa desconfiança. As objeções têm sido várias: dúvidas quanto ao resultado, em termos de limpeza aceitável, desse processo mecânico; a convicção de que lavar a roupa à mão faz simplesmente parte do papel da mulher; e ainda, de modo mais incisivo, a ideia de que as máquinas de lavar a roupa “produzem mulheres preguiçosas” (Meintjes 2001; Van Dorst 2007)¹⁰. A aceitação (parcial) de novas normas sobre a execução das lides domésticas parece ter sido uma variável necessária ao uso de tecnologias mas também à externalização de tarefas (Bobrow-Strain 2012).

As máquinas e a tecnologia estão associadas, em geral, aos homens. Em conformidade com a proposta clássica de Shelley Ortner (1974), na qual as mulheres aparecem associadas à natureza e os homens à cultura, os homens apropriaram-se da tecnologia, procurando dominar, assim, a natureza - o domínio tradicional das mulheres. A conjugação entre homens e tecnologias corresponde a, e reforça, a constelação patriarcal.

Tal como exposto nas abordagens históricas de autores como Simonton (1998) e Sullerot (1968), em várias atividades profissionais, a introdução de tecnologias mais avançadas levou a que os homens assumissem o trabalho, e que, por seu lado, as mulheres fossem relegadas para atividades com menor prestígio e remuneração.

Não apenas o uso e o consumo da tecnologia são genderizados, mas também a sua conceção e produção, sendo os homens considerados os seus inventores e construtores: “Man the Machine-Maker”, tal como formulou John Staudenmaier (*apud* Bray 2007: 39). No entanto, convém registar que na antropologia cultural é largamente assumida a probabilidade de que, ao longo da história humana, muitas das técnicas básicas tenham sido desenvolvidas por mulheres. Apontam-se, por exemplo, as aptidões e os equipamentos que se dirigem à preparação de

¹⁰ O artigo de Meintjes (2001), com o título “Washing machines make lazy women”, refere-se a um *township* na África do Sul, mas em países europeus tem existido o mesmo tipo de resistência (Van Dorst 2007). Na Holanda, nos meados do século XX, as mulheres que reduziam o seu trabalho de lavagem à mão, recorrendo a serviços de lavandaria, também estavam sujeitas a acusações de “desleixo” (Van Dorst 2007: 153).

alimentos e ao fabrico de roupa. Assumindo que as mulheres têm sido quase sempre as primeiras responsáveis pelo ambiente doméstico, será plausível que elas tenham desenvolvido instrumentos e equipamentos importantes para a gestão da casa, para além das técnicas relativamente à preparação e à conservação de alimentos (Oldenziel 1999: 26-27; Goody 1998). Com a revolução industrial, que implicou uma crescente complexidade das tecnologias aplicadas, os homens intensificaram a sua ligação com elas, ao nível tanto da produção como do uso. Ao longo do processo da industrialização foram os homens que, tal como demonstra Oldenziel (1999), desempenharam os papéis mais perceptíveis na conceção, na inovação e no uso das tecnologias. Nas indústrias, também as mulheres manuseavam as máquinas, e nas primeiras décadas de existência das grandes fábricas elas encontravam-se em maior número do que os homens, como Friedrich Engels atesta no seu relatório sobre a classe operária na Inglaterra, nos anos 40 do século XX (Engels 1958). Todavia, estas operárias ocupavam posições subalternas e recebiam um salário mais baixo, embora as suas tarefas frequentemente se revelassem mais pesadas ou mais delicadas (Deane 1965; Simonton 1998; Sullerot 1968).

Segundo Oldenziel (1999), o processo de profissionalização na área do desenvolvimento e do uso da tecnologia foi tendo um efeito de exclusão para as mulheres. A profissão cada vez mais relevante de engenheiro tem-se vindo a afirmar, no mundo ocidental, como sendo distintamente masculina. A autora refere, para os Estados Unidos, a “masculinização” do próprio conceito de tecnologia, cada vez mais associada à engenharia. A profissão de engenheiro, no início do século XX, encaixava-se nitidamente na masculinidade hegemónica característica da época (Layne 2009: 120).

Mas também noutras posições, os homens tinham a tendência de ansiosamente vigiar o privilégio de lidar com as tecnologias consideradas mais difíceis. As estratégias dos homens para preservar este monopólio são o tema central do livro *Brothers* de Cynthia Cockburn (1983), reconhecido como um marco importante nos estudos feministas sobre a tecnologia, neste caso na área da tipografia. Os tipógrafos, uma categoria de trabalhadores considerados “de elite”, desde os finais do século XIX colocaram obstáculos às

mulheres que pretendiam trabalhar com as tecnologias mais prestigiadas. Manifestaram uma intensa solidariedade masculina, em oposição às mulheres e em prol da preservação do seu monopólio na execução dessas tarefas, e do seu sentido de masculinidade.

Sensivelmente no período entre 1880 e 1910, novas mudanças tecnológicas derivaram de desenvolvimentos na ciência e implicaram o aparecimento de itens que tinham a potencialidade de mudar profundamente a vida quotidiana, e especialmente a doméstica. Estas novidades (incluindo o telefone, a luz elétrica, o gramofone, o cinema e o carro) começaram por ser aplicadas em esferas como na indústria e no comércio, mas também no lazer. Como acontecia várias vezes, as tecnologias desenvolvidas para a indústria e a vida comercial só depois de muitos anos foram adaptadas para finalidades domésticas. Por exemplo, o telefone foi primeiro destinado à vida comercial (Lohan 2011). A introdução deste aparelho em residências privadas tinha em vista a facilitação do contacto dos homens de negócios com colegas, a partir do seu lar. Contudo, não demorou muito para que as suas esposas se tornassem as utilizadoras principais (Frissen 1994; Faulkner 2000: 8). O telefone revelou-se uma ajuda preciosa no bom desempenho do seu papel de donas-de-casa, que abrange não só o contacto com o mundo exterior (familiares e demais *significant others*) como também a gestão de tarefas, atividades e deslocações dos membros da família (ver Bourdieu 1998: 104-105). Assim, se por um lado o uso do telefone pode ter tornado a vida um pouco mais fácil para as mulheres com responsabilidades pelo lar, por outro, esta nova tecnologia reforçava o seu papel tradicional. Rakow (in Michelfelder 2009: 253-254) e Moyal (1992) caracterizaram (ainda antes da introdução do telemóvel) o uso do telefone, por parte das mulheres, como um trabalho que pertencia, em grande medida, às tarefas de cuidar. Ao contrário de estereótipos veiculados por homens, que pensam que se trata apenas de mexericos e tagarelice, a conversa telefónica de donas de casa pode ter uma função de apoio emocional e social para os interlocutores e o seu grupo familiar.

Uma outra invenção com impacto profundo foi o carro. Virginia Scharff (1991) fornece-nos um estudo aprofundado e, ao mesmo tempo, cativante, sobre o

género e o carro nas primeiras décadas da sua existência, nos Estados Unidos. O seu uso por mulheres, tidas por frágeis e caprichosas, era considerado fora da questão pelos homens. Depois da primeira Guerra Mundial, no entanto, a condução por mulheres começou a ser um fenómeno mais comum e, deste modo, em teoria, essas motoristas no feminino ganhavam mais liberdade. Georgine Clarsen (2008) descreve a história mais recente e a uma escala global, da relação entre mulheres e o automóvel e os preconceitos dos quais elas eram e continuam a ser alvo.

Uma mulher ao volante poderá parecer um ícone da “emancipação”, mas na realidade, tal noção contrasta frequentemente com o papel que a condutora na realidade assume. Como Scharff (1991: 173) indica, a condução por mulheres tem servido em grande parte para a confirmação do seu papel de mães e de esposas. Com o carro, ela pode transportar os membros da família, ir às compras, sobrando mais tempo para o trabalho doméstico, o que era importante, principalmente no caso das mulheres com trabalho remunerado no exterior. O estudo de Dowling (2000) sobre a Austrália permite-nos concluir que esta situação se mantém até hoje: a condução do carro da família é considerada pelas mães como um “ingrediente” de *good mothering* e de uma boa gestão de assuntos familiares, em particular o transporte dos filhos para as suas atividades escolares, extra-curriculares e de lazer¹¹.

Assim, a obtenção do acesso a uma tecnologia inicialmente considerada masculina por excelência, o carro, não mudou a diferenciação de papéis entre homens e mulheres. Tal como aconteceu com o telefone nos seus primeiros tempos, o efeito desta máquina conduziu mais a um reforço das distinções entre os géneros do que a uma aproximação. É mais um exemplo de que não é a tecnologia, *per si*, que produz a mudança. O significado dos equipamentos é diferente para homens e para mulheres, tal dependendo do uso diferenciado que deles se faz. Os equipamentos intencionalmente destinados para as lides domésticas, ou seja, os eletrodomésticos (e alguns outros aparelhos mecânicos, cujo funcionamento não é dependente da eletricidade), têm sido

¹¹ O número de quilómetros que as mães percorrem com as crianças serve às vezes, no seu discurso, como uma quantificação dos seus cuidados maternos (Dowling 2000).

subalternizados nos tempos de rápida expansão da tecnologia. Razões prováveis para a falta de interesse que a indústria e o mercado manifestaram relativamente ao ambiente doméstico são o seu reduzido prestígio e o fraco valor monetário do trabalho nesse contexto. Contudo, ao longo do século XX, um grande leque desses equipamentos foi sendo desenvolvido. Também neste aspeto, as diferenças sociais e culturais refletiram-se nas diferenças de ritmo a que os equipamentos foram sendo aceite em vários países. Numa época (a seguir à Segunda Guerra Mundial) em que nos EUA a maior parte dos agregados domésticos ligados à rede elétrica já tinham uma máquina de lavar roupa semi-automática, no Canadá, as famílias continuavam a preferir modelos mais simples (Parr 1997). E, quanto à Holanda, tal como Van Dorst (2007: 81-98) constata, a aquisição de máquinas, mesmo as mais simples, ocorreu num ritmo muito lento, devido ao *lobby* e aos interesses económicos das empresas de lavandaria e das empresas fornecedoras de energia.

1.3.3 O género e a tecnologia como objeto de estudo

Durante muito tempo a área de estudos sobre a tecnologia foi caracterizada por um *gender-blindness*, nas palavras de Francesca Bray (2007: 39). Foi a revitalização do feminismo nos anos 60 e 70 do século passado, e, com ela, o início dos estudos sociais feministas, que impulsionaram o colmatar dessa lacuna, abrindo novas perspetivas de grande importância para o estudo sociológico e histórico das tecnologias, em geral. No seu início, estas pesquisas debruçaram-se sobre a tecnologia médica, designadamente em relação ao acompanhamento por parte de profissionais da gravidez e do parto (Oakley 1976; Arditti *et al.* 1984; Evans 1985; Brubaker e Dillaway 2009; Oudshoorn 2001). No feminismo predominava uma certa desconfiança acerca dessas tecnologias, sendo interpretadas como mais um meio utilizado pelos homens para sujeitar as mulheres e para reduzir a sua autonomia, precisamente na área eminentemente feminina da reprodução biológica. A tecnologia em geral não foi encarada favoravelmente por muitos/as feministas nesse tempo, que receavam abusos à custa das mulheres (Arnold e

Faulkner 1985; Wajcman 2010a; Faulkner 2001). Contudo, observa-se um tom mais positivo nos estudos feministas a partir dos anos 90 do século XX, destacando as potencialidades da tecnologia, nomeadamente das TIC, no *empowerment* das mulheres (Wajcman 2007: 287-298).

A consciência de que a desigualdade de oportunidades entre homens e mulheres tinha, em parte, a sua origem na organização da vida doméstica foi um dos grandes motivos para a realização, no início dos anos 90, de vários estudos relevantes sobre a tecnologia na esfera doméstica e na vida quotidiana (Cockburn e Dilic 1994).

Um desses estudos é de Cynthia Cockburn e Susan Ormrod (1993), que descreveram o processo da investigação e desenvolvimento (I&D) industrial (incluindo o *design* e o desenvolvimento de várias funcionalidades) para os fornos de micro-ondas, processo em que o papel de mulheres - especialistas era subvalorizado. Muitos foram os estudos sobre a inovação e o uso da máquina de lavar roupa que problematizavam, também, o carácter genderizado da tarefa de tratamento da roupa (Terpstra 1994; Delaunay 1994; Denèfle 1992; Silberzahn-Jandt 1991; Van Dorst 2007; Kaufmann 1992). Aliás, quase todos os estudos de carácter feminista sobre os eletrodomésticos têm focado a diferenciação dos papéis de género no âmbito doméstico, a qual se reflete na diferenciação das tarefas caseiras e, *ipso facto*, nas atitudes perante e no uso dos aparelhos associados às ditas tarefas. Uma motivação especial nos estudos feministas continua a ser perceber em que medida os eletrodomésticos podem poupar tempo, promovendo, assim, a facilitação de acesso ao lazer, estudos ou atividade cívica.

Entre os estudos feministas importantes contam-se os de Wajcman (1991) e as obras organizadas por Arnold e Faulkner (1985) e, mais tarde, os de Lerman, Oldenziel e Muhon (2003). Duas das autoras pioneiras, Wendy Faulkner e Judy Wajcman, fizeram em diversos momentos um ponto da situação relativo aos estudos sobre género e tecnologia, assinalando as mudanças que têm vindo a ocorrer. Faulkner (2001) ilustra a grande produtividade no fim do século XX nesta área de estudos. Wajcman, na sua obra *Feminism confronts technology* (1991), denunciou a anexação masculina da tecnologia. Esta mesma autora,

nas suas obras de 2007, e sobretudo de 2010, mostra em que medida a sua perspetiva evoluiu, dando conta de alterações sobre a relação entre o género e a tecnologia no pensamento feminista, de modo a evitar o determinismo e o essencialismo; ou seja, dando muito mais atenção à diversidade possível naquela relação e também ao facto de não se poderem fazer generalizações e simplificações sobre o género.

Quanto às tecnologias de informação e comunicação, apesar das desigualdades de género presentes na sua conceção, acesso e uso, o livro compilado por Green e Adam (2001) mostra, a um nível micro, como mulheres lidam com essas tecnologias de forma ativa e inventiva, bem diferente do estereótipo de mulheres como vítimas, incapazes de enfrentar os desafios das TIC. O uso diferenciado por homens e mulheres destas tecnologias é um ponto de interesse recorrente na bibliografia sobre o tema (Kennedy *et al.* 2003; Wajcman 2007; Simões, Augusto e Las Heras 2011).

O interesse feminista pela segregação profissional e as noções e significados subjacentes a essa segregação originou estudos sobre o carácter genderizado de profissões técnicas, em particular engenheiros. Como assinala Faulkner (2000), os engenheiros simbolizam a equiparação de masculinidade com tecnologia e possuem a competência de criar novas tecnologias: um “poder mágico”. Pesquisas sobre engenheiros e outros profissionais na área de tecnologia têm, por isso, sido privilegiadas também nos recentes estudos sobre masculinidade (*masculinity studies*) (Faulkner 2000). Ulf Mellström (2003; 2004) retrata o ambiente de forte homosociabilidade entre os homens que trabalham com tecnologia, um ambiente em que reina a masculinidade hegemónica (Connell 1995). A percentagem de mulheres entre a categoria profissional de engenheiros tem sido, até recentemente, baixa, e os seus percursos, mais modestos do que os dos homens, foram relatados, entre outros, no livro organizado por Annie Canel *et al.* (2000). Por outro lado, Lisa Frehill (2004) demonstra como o processo de profissionalização da engenharia, nos EUA, implicou a sua caracterização como uma área masculina. No mundo ocidental o acesso a esta profissão não tem sido fácil para mulheres

(Faulkner 2000)¹². No entanto, uma comparação intercultural indica a influência do ambiente sócio-cultural e histórica na “escolha” de profissões técnicas. Wajcman (2011) refere que na Malásia metade dos engenheiros informáticos são mulheres; na Indonésia, a mesma proporção aplica-se a todo o universo de engenheiros¹³.

1.4 Considerações finais

Este capítulo teve como objetivo a apresentação do estado da arte relativamente aos estudos sobre o tempo e o género e também aos estudos sobre a tecnologia e o género. Dada a grande extensão teórica de qualquer dos temas, trata-se de uma apresentação necessariamente sintética e algo eclética. Nos dois campos analisados em secções separadas, foram excluídas, por um lado, abordagens de lógica simples que não dão visibilidade ao modo imbricado como tempo e género e também tecnologia e género se interligam. Por outro lado, deu-se abertura para uma abordagem conjunta do tempo, da tecnologia e do género, conceitos que estão intrinsecamente interligados. Como se referiu, existem vários estudos sobre estas problemáticas noutros países. Importa nesta investigação, uma das primeiras realizadas em Portugal, identificar continuidades e descontinuidades com aqueles estudos, do ponto de vista analítico e empírico, e que possam fornecer novas pistas de investigação e intervenção.

¹² Também em Portugal as engenharias foram inicialmente áreas dominadas por homens; hoje em dia há cursos de engenharia maioritariamente frequentados por mulheres, embora alguns, nomeadamente os de informática, continuem a ser “reduzidos” maioritariamente masculinos.

¹³ “A world of bluestockings” 2011. Compare Mellström (2003) sobre engenheiros e engenheiras na Malásia.

Capítulo 2

Metodologia

2.1 Introdução

Nas páginas seguintes explicitam-se as escolhas metodológicas efetuadas no projeto de investigação, apresentando os prós e os contras de várias opções possíveis, nomeadamente no que diz respeito à pesquisa sobre o uso do tempo. O processo de construção dos instrumentos para o levantamento dos dados será esclarecido de forma pormenorizada. A seguir serão apresentadas as zonas da investigação e os critérios aplicados na construção das amostras, enquanto um relato do decorrer da pesquisa no terreno, nas suas várias fases, completa o capítulo.

Tendo em consideração os objetivos da pesquisa, optou-se, para a recolha de dados, pela utilização de técnicas quantitativas e qualitativas, assumindo-se uma relação de complementaridade entre ambas. Com os instrumentos quantitativos pretendeu-se obter uma inventarização básica do tipo, quantidade e modo de uso dos equipamentos (tecnologias de apoio ao trabalho doméstico, de informação e comunicação, e meios de transporte) presentes nos agregados, assim como sobre o modo como os inquiridos distribuem o tempo. Os instrumentos qualitativos permitiram captar o significado que as variáveis assumiam para os entrevistados e também obter mais informações sobre o seu funcionamento na “vida real”.

Na primeira fase foi realizado um inquérito por questionário. As conclusões deste inquérito apontaram para uma persistência do uso genderizado do tempo e da tecnologia no espaço doméstico, mas também para algumas tendências de convergência entre o papel feminino e o masculino. Numa segunda fase, e visando aprofundar estas primeiras conclusões e penetrar mais nos universos familiares, avançou-se com técnicas de carácter qualitativo (entrevistas e grupos de foco) com o intuito de identificar e explicar a pluralidade de representações, sentidos e práticas do uso do tempo e da tecnologia no espaço doméstico, em função das relações de género tecidas nas interações quotidianas dos casais.

2.2 O estudo do uso do tempo

O tempo é, aparentemente, uma variável relativamente fácil de medir e com boa capacidade descritiva e explicativa, o que sugere que no estudo do seu uso sejam predominantemente aplicados instrumentos de recolha e de tratamento de dados de carácter quantitativo. Esses instrumentos também permitem revelar e visibilizar atividades que ficam fora dos intercâmbios económicos, como é o caso do trabalho doméstico não pago, atividades de lazer e voluntariado.

As técnicas habitualmente utilizadas para recolher informação quantitativa sobre o uso do tempo são os diários de tempo e os inquéritos de atividades. Estas fornecem informações diferentes e cada uma requer uma adaptação específica no uso dos recursos, desenho do questionário, trabalho de campo e análise dos dados (Durán e Rogero 2009).

Os diários de tempo, surgidos como técnica específica no campo dos estudos de tempo, consistem no registo sequencial de todas as atividades realizadas pelos inquiridos num período de tempo preestabelecido. É considerada a técnica mais fiável (Gershuny 2000, 2004; Fisher *et al.* 2007) e precisa devido à sua capacidade para captar informação sobre os tipos de atividades e a sua estrutura sequencial (ritmos, ciclos e simultaneidade), assim como à possibilidade de fornecer informação sobre o contexto social do uso do tempo (onde, com quem e para quem se realiza a atividade). Contudo, este procedimento, precisamente por ser tão meticuloso e intensivo, apresenta algumas limitações. Em termos de desenho e aplicação, é uma técnica particularmente complexa e onerosa¹⁴, pois requer uma grande colaboração e compromisso por parte dos inquiridos e um certo grau de literacia. O registo sistemático em períodos, habitualmente de 15 minutos, de todas as atividades

¹⁴ O volume de recursos materiais e humanos necessários para as investigações que optam pelos diários de tempo fazem com que seja uma técnica apenas ao alcance de grandes instituições, geralmente institutos públicos de estatística. No caso de Portugal, apenas o Instituto Nacional de Estatística, em 1999, tem levado a cabo um estudo com estas características.

e o seu contexto, ao longo do dia, torna-se um trabalho tedioso para os inquiridos, o que geralmente se repercute numa alta taxa de desistência.

Tais limitações direcionaram a nossa escolha para a segunda técnica: o inquérito de atividades. Este instrumento é mais acessível no que toca aos custos e à aplicação, e permite registar atividades realizadas com pouca frequência, ou em períodos superiores ao dia. Porém, também apresenta alguns inconvenientes: em primeiro lugar, apenas recolhe um número limitado de atividades e não consegue abordar de forma satisfatória as situações de simultaneidade de atividades, o que reduz a sua fiabilidade na medição do tempo; em segundo lugar, está sujeita a maiores imprecisões, pela dificuldade dos inquiridos em recordar e calcular os tempos gastos em cada atividade; por último, nos inquéritos de atividades as respostas são mais influenciáveis pela desejabilidade social. Assim, os inquiridos tendem a sobrestimar os tempos que destinam às atividades socialmente valorizadas, consoante o seu papel, e a infra-estimar os daquelas que consideram censuráveis.

No caso desta investigação, que pretende estudar os usos do tempo no espaço doméstico com especial destaque para o trabalho não pago, estes problemas de enviesamento na estimação dos tempos são particularmente relevantes, pois as respostas dos inquiridos estão moldadas pela interiorização de padrões de género. Os estudos comparativos sobre as estimações dos tempos destinados ao trabalho doméstico mostram diferenças entre os resultados dos inquéritos de atividades e dos diários de tempo (Kan 2006)¹⁵. As investigações de Bianchi (2000) sobre os Estados Unidos e de Kan (2006) com dados do Reino Unido assinalam a tendência, nos inquiridos, a reportar mais tempo em tarefas domésticas do que efetivamente dedicado a essas atividades. Esta

¹⁵ Estes estudos comparativos partem do princípio de que os diários de tempo são uma ferramenta mais fiável e exata do que os inquéritos de atividades, e concluem que o sentido e o tamanho do desvio dos tempos reportados nos inquéritos de atividades, isto é a infra-estimação ou a sobrestimação do tempo destinado ao trabalho não pago, está relacionado sistematicamente com algumas variáveis como o género dos inquiridos, o tempo total que dependem no trabalho doméstico, as atitudes em relação aos papéis de género, o nível educativo, a idade e outras variáveis socioeconómicas.

sobrestimação verifica-se, nomeadamente, por parte dos homens, cujos padrões percetivos estejam moldados pelos padrões de dominação patriarcal no espaço doméstico. Não considerando o trabalho doméstico como o seu terreno, tendem a interpretar as suas pequenas ajudas nesse âmbito como trabalhos bastante extensos. Em certas pesquisas, assinala-se uma diferença conforme a classe: homens das camadas operárias tendem a reportar uma ajuda menor do que efetivamente prestada, numa tentativa de mostrar que seguem as normas da “masculinidade hegemónica”. Por outro lado, homens com mais habilitações sobre-reportam ou sobreestimam a sua participação, porque a sua perceção é destorcida, ou talvez por se quererem apresentar como homens “modernos” (Geist 2010).

Estudos sobre o uso do tempo têm sido realizados desde o início do século XX em sociedades industrializadas, embora na primeira metade do século, tenham sido pouco frequentes e com uma aplicação de metodologias pouco consistentes. Nas pesquisas mais conhecidas, destacam-se aquela de Sorokin, em 1935, entre 176 homens em Boston (Robinson e Converse 1972: 78-82) e o projeto de Mass Observation, que começou em 1937 no Reino Unido¹⁶. Este projeto, realizado em grande escala, mas com pouco rigor na sua organização, registou, de forma aleatória, as atividades da população britânica, dando origem a uma base de dados enorme e variada sobre a vida quotidiana em diversas épocas do século (Stanley 2001; Langhamer 2000; Heimann 1998: 128-134).

Após a Segunda Guerra Mundial, o interesse por pesquisas sobre o uso do tempo cresceu por parte de governos de muitos países. Existia a consciência da necessidade destas informações para um melhor planeamento da infraestrutura (por exemplo, o transporte público), dos horários dos serviços, e percebeu-se o valor económico do tempo. Especialmente para atividades não calculadas no mercado, o volume de tempo despendido era um bom indicador do seu valor. Trata-se dos chamados custos de oportunidade, que representam os custos associados a uma determinada escolha, neste caso,

¹⁶ Ver Mass Observation Online Database,
<https://www.library.auckland.ac.nz/databases/record/?record=MasObsOnl>

aqueles que se aplicam ao uso do tempo para um objetivo em detrimento de um outro.

Resultados das primeiras pesquisas nacionais sobre o uso do tempo, de 13 países que participaram no chamado Multinational Time Use Study, foram reunidos no livro organizado por Szalai (1972). Em 1965, foi fundado na Universidade de Maryland o Americans' Use of Time Project (Converse e Robinson 1980). Nas pesquisas supracitadas, aplicou-se a técnica dos diários de tempo.

Como Ironmonger (1999) refere na sua história concisa do desenvolvimento dos inquéritos sobre o uso do tempo, evidenciou-se como necessário, para fins de comparação, uma uniformização dos planos de pesquisa, nos vários países. Assim, uma versão harmonizada baseada nos vários inquéritos nacionais está, desde o início do século XXI, a ser aplicada em muitos países.

Em Portugal, a Direção Geral da Família foi a primeira entidade a empenhar-se em estudos, embora modestos, sobre a ocupação do tempo. Assim, realizou, em 1988, uma pesquisa e um colóquio sobre os tempos no trabalho e no seio da família e, em 1993, um inquérito sobre os Usos do Tempo, cujos dados foram analisados por Elsa Fontainha e também por Heloísa Perista (1997). Em 1999 foi executado o primeiro inquérito completo à ocupação do tempo a nível nacional, promovido pelo Instituto Nacional de Estatística (INE 2001).

2.3 A população

A população deste estudo reside nos distritos de Braga e Castelo Branco. Estes dois distritos são bastante diferentes em termos geográficos e demográficos.

Quadro 1 - Dados básicos dos distritos de Braga e Castelo Branco, 2011 e 2001

Indicadores	Local e Período de referência dos dados					
	2011			2001		
	Braga	Castelo Branco	Portugal	Braga	Castelo Branco	Portugal
População residente (Nº)	848 185	196 264	10 562 178	831 366	208 063	10 356 117
Densidade populacional (N./km ²)	313,45	29,6	114,5	307	31,4	112,4
Área (km ²)	2 706	6628	92212	2708	6627	92 152
Número de famílias (Nº)	286 477	81 625	4 048 559	251 566	80 417	3 654 633
Dimensão média familiar	3	2,4	2,6	3,3	2,6	2,8

Fonte: <http://www.pordata.pt> e <http://www.ine.pt>

Embora a área do distrito de Castelo Branco seja bastante superior à de Braga, o seu número de habitantes é menos de um quarto do número de habitantes do distrito nortenho. Associada a esta diferença em densidade demográfica (respetivamente, 29,6 hab/km² e 313,45 hab/km², segundo os censos de 2011) está a diferença relativamente a vários outros indicadores, como seja ao nível da composição e dinâmica populacional, da economia e das condições sociais - assuntos que não serão discutidos nestas páginas.

O distrito de Braga estende-se desde a faixa litoral, onde estão situadas diversas cidades (incluindo Braga, que é a terceira maior cidade do país em termos de população), até zonas mais no interior com características claramente rurais. No panorama português, é um distrito jovem, devido principalmente às características da cidade de Braga. Mas em certas zonas, mais no interior, e mesmo nas freguesias limítrofes das cidades, nota-se um envelhecimento demográfico, o que se reflete numa dimensão mais pequena dos agregados familiares (tratando-se muitas vezes de casais mais idosos sem filhos co-residentes, ou de pessoas enviuvadas). Os 14 concelhos do distrito de Braga estão espalhados sobre três NUTs de nível III: Cávado, Vale do Ave e

Tâmega. As duas últimas, no entanto, não estão totalmente incluídas no distrito de Braga.

O distrito de Castelo Branco situa-se no interior de Portugal, fazendo, a leste, fronteira com a Espanha. À exceção das três concentrações populacionais referentes às cidades de Castelo Branco, Covilhã e Fundão, o distrito tem um carácter francamente rural. O distrito, na sua totalidade, apresenta um envelhecimento demográfico, o que se repercute na existência de agregados familiares de tamanho reduzido. Muitas povoações outrora relevantes estão, atualmente, ora abandonadas ora habitadas apenas por poucas pessoas, geralmente de idade avançada. O concelho de Penamacor, por exemplo, tem um índice de envelhecimento de 598 (Censos de 2011), sendo o mais elevado de Portugal. Castelo Branco conta com 11 concelhos e a sua área está dividida nas seguintes NUTs de nível III: a Beira Interior Sul; a Cova da Beira (a mais populosa); e o Pinhal Interior Sul (com menos população). Apenas um concelho pertencente a estas NUTs, Mação (Pinhal Interior Sul), não coincide com o distrito de Castelo Branco. A nossa investigação teve lugar em todas estas sub-regiões.

2.4 O percurso da investigação

Tendo em conta as considerações metodológicas acima mencionadas, no presente estudo foram feitas algumas escolhas especificamente orientadas para os objetivos deste projeto: optou-se pela inclusão no questionário perguntas relativas à alocação do tempo em diversas atividades (trabalho não pago e lazer); elegeu-se a semana como marco de referência temporal, porque permite captar atividades com uma periodicidade superior ao dia, como é o caso (limitando-nos agora às tarefas domésticas) do tratamento da roupa, limpezas e compras. Esta opção também ajudou a superar, embora de forma não totalmente satisfatória, as variações entre os fins-de-semana e o resto dos dias nas atividades e no tempo despendido nelas. Porém, para o registo das atividades de lazer, inclusive a atividade desportiva, optou-se por ampliar o marco de referência temporal para um mês. Para facilitar a recolha

das informações e evitar demoras, recusas e enviesamentos decidiu-se inquirir apenas um dos membros do casal. A amplitude e a complexidade do questionário, nomeadamente em relação aos cálculos dos tempos, aconselhavam a aplicação indireta com inquiridores formados para essa tarefa.

2.4.1 O inquérito

2.4.1.1 Construção do questionário

Como já referido, o questionário tinha como objetivo a recolha de informação descritiva sobre os usos do tempo e da tecnologia dos indivíduos que moram em casal (de facto ou de direito) residentes nos distritos de Braga e Castelo Branco. Consistiu de quatro blocos temáticos, incidindo, respetivamente, sobre: características sociodemográficas dos agregados; o uso do tempo dos inquiridos; a posse e o uso de tecnologias no agregado; as deslocações (ver anexo 1).

O primeiro bloco do questionário recolhe as informações sobre as características sociodemográficas do agregado familiar. Para cada um dos membros foram registados dados sobre o sexo, a idade, o grau de parentesco, o nível de escolaridade, a eventual situação de dependência (entendida como a necessidade de cuidados regulares por uma terceira pessoa), os rendimentos do agregado e a situação laboral do casal. Em relação à situação laboral, registou-se, de ambos os membros do casal, a sua profissão (codificada a nível de subgrupo segundo a Classificação Nacional de Profissões CNP94¹⁷) e a situação perante o emprego. Essas informações foram posteriormente utilizadas para construir o indicador individual e familiar de classe conforme o

¹⁷ Para uma informação detalhada sobre os conceitos, a estrutura e a codificação desta classificação pode ser consultada na página do INE as entradas: meta informações/classificações (www.ine.pt).

esquema proposto por Almeida, Costa e Machado, também designado por ACM (ver Machado *et al.* 2003).

O segundo bloco de perguntas está orientado para a recolha de informação sobre o uso do tempo, e a sua formulação é fruto de escolhas metodológicas em função do objeto de estudo: Que atividades devem ser escolhidas? Qual o marco temporal de referência para cada atividade? Como contabilizar as atividades que decorrem em simultâneo? Qual o instrumento para registar os tempos? A perspetiva quantitativa do uso do tempo assume implicitamente a definição economicista¹⁸ do tempo como um recurso limitado (Becker 1965), medindo o uso diferencial do mesmo por parte dos indivíduos, famílias, coletivos, etc., no pressuposto de que esta variabilidade na alocação do tempo é socialmente condicionada. Neste sentido, a medição do tempo está associada estreitamente com “o fazer”, com os conteúdos desse tempo, isto é, com as atividades que decorrem nesse tempo. Existem numerosas classificações das atividades que os indivíduos podem realizar e a mais utilizada nos estudos do uso do tempo é baseada na proposta de Dagfinn As (1978), já referida no capítulo 1, que compreende a seguinte hierarquia de atividades: tempo necessário (para cuidados pessoais); tempo contratado (*contracted time*, para trabalho remunerado e estudos); tempo comprometido em outras atividades, ou seja, *committed time* (tarefas domésticas, voluntariado); e tempo livre. Como acontece com todas as classificações, esta não está isenta de problemas. Por um lado, a mesma atividade pode, segundo o significado que os sujeitos lhe atribuem, ser incluída em várias categorias. Por outro lado, muitas atividades decorrem em simultâneo, o que é particularmente comum no trabalho doméstico e no tempo para os cuidados. Assim, pode acontecer que os tempos estão duplamente computados, ou que apenas uma atividade é mencionada (como sendo a primária) sem referência à segunda, levada a cabo em simultâneo.

O questionário da presente investigação recolhe informação sobre as categorias de atividade antes mencionadas, atendendo, especialmente, aos

¹⁸ Não é por acaso que o instrumento específico para a recolha de dados desenvolvido pelos estudos de tempo, o diário de tempo, seja também denominado de *time budget*.

tempos despendidos em atividades relacionadas com as tecnologias em estudo (TIC, meios de transporte e tecnologias de apoio às tarefas domésticas). No que diz respeito ao tempo para cuidados pessoais, foram recolhidas informações sobre os tempos destinados pelo inquirido a dormir e/ou descansar, higiene pessoal (tomar banho, se vestir, maquilhagem, etc.) e tempo despendido nas refeições. Em relação aos tempos contratados, inclui-se uma série de perguntas sobre as condições de trabalho de ambos os membros do casal, horas de trabalho semanal e tipo de horário (trabalho noturno, fim de semana, turnos, etc.). Com estas questões pretendeu-se obter informação sobre o grau de condicionamento do tempo de trabalho sobre a organização do dia-a-dia do casal, tendo em conta a crescente flexibilização dos tempos de trabalho e a difusão de horários atípicos.

O terceiro grupo de atividades, ainda no segundo bloco, foca-se no trabalho doméstico e nos cuidados “pelos outros”. Foi recolhida informação sobre o tempo que o inquirido despende semanalmente nas seguintes atividades: preparação de refeições, lavagem e arrumação da loiça, limpeza da casa, lavagem da roupa (lavar, estender e recolher), passar a roupa, manutenção e reparações na casa, serviços administrativos, compras habituais e cuidados com os filhos menores de 16 anos e com outros dependentes (alimentação, higiene, vida escolar, brincar, etc.). Para completar a informação sobre o cuidar das crianças e dependentes foi registado o recurso a cuidadores informais e institucionalizados (cônjuges, outros familiares, empregadas, lares, ATL, etc.). A seleção de algumas atividades, como lavar a loiça, foi determinada pelas tecnologias de apoio que lhes são associadas na sua realização, tendo em vista a avaliação dos efeitos da presença da tecnologia na poupança de tempo. Face à variedade de rotinas na execução das atividades de trabalho doméstico foi introduzida uma pergunta sobre a frequência com que são realizadas. Algumas tarefas, como a preparação de refeições, costumam ser realizadas diariamente; enquanto outras, como as reparações, são esporádicas; ou ainda outras, como as limpezas, tendem a ser comprimidas no fim-de-semana. Além disso, a informação sobre a frequência na realização das tarefas é particularmente útil no caso dos homens, dada a assimetria na divisão do trabalho doméstico nos casais, que implica que os

homens apresentam padrões de realização das tarefas mais irregulares. Servem de exemplo os inquiridos que destinam várias horas semanais a cozinhar mas apenas realizam esta tarefa no fim-de-semana; havendo, no caso oposto, aqueles que preparam o pequeno-almoço diariamente, o que se traduz num cômputo semanal que em minutos é significativamente inferior aos primeiros, que apenas uma ou duas vezes tratam de uma refeição. Portanto, a frequência de realização permite contextualizar “as quantidades” do tempo gasto nas atividades, o que é de grande utilidade para caracterizar a variedade de padrões de uso do tempo.

Outra dimensão relevante para a contextualização social dos tempos despendidos nas tarefas domésticas foi a participação de outras pessoas na execução da tarefa, de forma a captar a situação na divisão do trabalho doméstico no seio do agregado, nomeadamente entre os cônjuges, mas também em relação aos filhos, empregados, familiares, e outras pessoas. Adicionalmente, houve questões sobre o eventual recurso regular a ajudas pagas e não pagas (em geral empregados e familiares) na realização de tarefas domésticas, calculando-se os tempos e as frequências dos mesmos. Dada a relevância que as “representações” (do tempo e da tecnologia) têm no projeto, foi aferida a perceção dos inquiridos relativamente ao grau de partilha entre os cônjuges.

Devido à ambiguidade e indefinição da categoria “tempo livre” (ver Schouten e Araújo 2012), optou-se por registar apenas a frequência com que os inquiridos realizam algumas atividades consideradas de lazer. Compreende atividades que se levam a cabo no espaço doméstico, incluindo algumas que envolvem o uso de certas tecnologias (ver televisão, ouvir música, etc.) e atividades que decorrem fora do dito espaço (práticas desportivas, assistência a espetáculos e exposições, visitas a amigos e familiares, etc.). A heterogeneidade das atividades e dos seus ciclos de realização precisavam da adoção de um marco de referência temporal superior à semana, tendo-se optado por um mensal.

Chegado ao terceiro bloco do questionário, recolhe-se informação referente à posse e uso (com os indicadores: utilizador principal e grau de domínio) de

alguns equipamentos relativos às grandes categorias do estudo: eletrodomésticos, TIC e meios de transporte. Este bloco do questionário abre com um conjunto de perguntas abertas em que se pedia aos inquiridos que elegessem, de entre todas as tecnologias que possuem, aquela que consideram a mais essencial; a que lhes poupa mais tempo; a mais útil; a desnecessária; e, finalmente, aquela que ainda gostariam de possuir. A provocação desta avaliação espontânea tinha como objetivo apreciar algumas hierarquias em relação ao lugar que as tecnologias ocupam na vida quotidiana dos inquiridos. Por último, procurámos aferir as possíveis diferenças de género no uso do computador e da internet no espaço doméstico, atendendo aos tempos despendidos pelos cônjuges e às justificações para a sua aquisição.

O quarto e último bloco do questionário contém uma série de perguntas relativas aos meios de transporte usados e aos trajetos realizados pelos inquiridos, assim como o motivo e o tempo do itinerário. A crescente relevância das deslocações na vida quotidiana em termos de tempo e do uso privilegiado do carro nas mesmas, foi decisivo para dedicar a esta temática um espaço próprio. Por um lado, as deslocações fazem parte das rotinas quotidianas dos casais, e embora decorram fora do espaço doméstico, espelham, em certa medida, a divisão de responsabilidades domésticas (cuidado dos filhos, compras, etc.) e as conexões com outros espaços que não o doméstico. Por outro lado, o facto da maioria das ditas deslocações serem realizadas com o carro (quer como condutor quer como passageiro), permitiu explorar o uso desta tecnologia, tradicionalmente genderizado, nomeadamente no caso de existir apenas um carro na família. Foram recolhidas informações sobre as razões das deslocações que tinham como origem ou destino o domicílio familiar, a saber o trabalho, o transporte de filhos, visitas a familiares e amigos, compras e atividades de lazer durante a semana e ao fim de semana.

O longo questionário elaborado na primeira fase da preparação sofreu sucessivas alterações e reduções na sequência de pré-testes, sobretudo no bloco das tecnologias, em que foram eliminadas várias perguntas (por exemplo, os modos de aprender a lidar com os aparelhos, e a frequência na

utilização das funcionalidades de certos aparelhos). A aplicação do questionário final demorou, em média, 45 minutos.

2.4.1.2 A amostra

Devido às limitações logísticas e ao carácter exploratório do estudo, optou-se por uma amostragem não-casual.

Construiu-se inicialmente uma estratificação não proporcional segundo o distrito e a classificação de freguesias do INE de tipologia de áreas urbanas, que distingue entre áreas predominantemente urbanas, medianamente urbanas e predominantemente rurais, ou seja APU, AMU, APR, respetivamente (TIPAU 2009). Em cada distrito e tipo de área foram escolhidas aleatoriamente freguesias, e para a determinação dos sujeitos finais a inquirir, fixaram-se quotas por idade e sexo. Dado que se trata de uma amostra não-representativa, os resultados da análise têm um valor apenas indicativo (ver anexo 2).

2.4.1.3 O trabalho de campo

O inquérito foi realizado mediante aplicação indireta entre 16 e 31 de janeiro de 2010 (Castelo Branco) e entre 5 e 20 de fevereiro de 2010 (Braga) por duas equipas de inquiridores que obtiveram previamente formação para tal tarefa. Os inquiridores para Castelo Branco foram selecionados entre alunos do mestrado e do último ano da licenciatura em sociologia da Universidade da Beira Interior. A equipa de inquiridores no distrito de Braga foi mais heterogénea: foi constituída em grande parte por sociólogos (em formação), mas também por pessoas da área de pedagogia e da biologia. Além da formação, os inquiridores receberam um guia de instruções e sugestões para a eventualidade de haver dúvidas e contaram no terreno sempre com a supervisão e ajuda das bolsseiras de investigação do projeto.

Os inquéritos realizaram-se durante a semana e ao fim de semana entre as 10h e as 21h. Após a validação dos questionários, a amostra integrou 430 pessoas (211 homens e 219 mulheres), dos quais 212 no distrito de Braga e 218 no distrito de Castelo Branco.

Quadro 2 - Número e Percentagem de inquéritos realizados por sexo e idade

Idade	Sexo inquirido				Total	
	Homem		Mulher			
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
«34 Anos	42	9,8%	43	10,0%	85	19,8%
35 a 44 Anos	54	12,6%	52	12,1%	106	24,7%
45 a 54 Anos	50	11,6%	56	13,0%	106	24,7%
55 a 64 Anos	33	7,7%	35	8,1%	68	15,8%
» 65 Anos	32	7,4%	33	7,7%	65	15,1%
Total	211	49,1%	219	50,9%	430	100,0%

Fonte: Inquérito por questionário em Braga e Castelo Branco (projeto Tempo e Tecnologia)

Quadro 3 - Número e Percentagem de inquéritos por sexo e escolaridade

Escolaridade Inquirido	Sexo inquirido				Total	
	Homem		Mulher			
	N	%	N	%	N	%
Sem estudos e primários	151	35,1%	157	36,5%	308	71,6%
Secundários	30	7,0%	31	7,2%	61	14,2%
Superiores	30	7,0%	31	7,2%	61	14,2%
Total	211	49,1%	219	50,9%	430	100,0%

Fonte: Inquérito por questionário em Braga e Castelo Branco (projeto Tempo e Tecnologia)

Quadro 4 - Número e Percentagem de inquéritos por tipo de área e distrito

Tipo área	Distrito				Total	
	Castelo Branco		Braga			
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
APU	106	24,7%	107	24,9%	213	49,5%
AMU	61	14,2%	51	11,9%	112	26,0%
APR	51	11,9%	54	12,6%	105	24,4%
Total	218	50,7%	212	49,3%	430	100,0%

Fonte: Inquérito por questionário em Braga e Castelo Branco (projeto Tempo e Tecnologia)

2.4.2 Os grupos de foco

A segunda etapa da investigação no terreno consistiu na organização de sessões de grupos de foco. Com esta técnica não se procura realizar entrevistas de grupo, mas promover a discussão ou de troca de opiniões, por parte de um grupo de pessoas, relativamente a um ou mais tópicos. Por isso, é importante a interação entre os participantes, que permite “conhecer melhor as atitudes, as crenças e os sentimentos das pessoas” (Ferreira 2004: 103, 104). Contudo, não se deve perder de vista o foco, o tema central que é objeto de estudo e para o qual estão direcionadas as questões, e para tal o papel do moderador é fundamental. O grupo de foco não permite, na modalidade que escolhemos, atingir um nível elevado de profundidade na informação, mas é uma fonte muito importante de novas informações que podem conduzir a outras problemáticas.

Nesta nossa pesquisa, a realização de sessões de grupos de foco teve como objetivo principal identificar e marcar as opiniões dos participantes sobre os usos do tempo e da tecnologia no espaço doméstico, evidenciando as relações de género que os atravessam. Os inquiridos foram selecionados mediante um leque específico e controlado de variáveis.

Procurou-se organizar os grupos, de modo a conduzir os participantes a uma interação vívida, através da qual fosse possível captar marcadores dos processos de interiorização e de naturalização dos papéis de género e das

expetativas sociais em relação a homens e a mulheres. Teve-se em conta, muito especialmente, a necessidade de, através dessas interações, extrair indicadores de mudança relativamente aos modelos de organização dos tempos familiares, assim como indicadores de diferença geracional e socioeconómica.

Em termos metodológicos, as intervenções dos participantes podiam acontecer em reação a afirmações gerais, a perguntas colocadas pelo moderador ou, ainda, em reação às contribuições dos outros participantes. Mais-valias dos grupos de foco consistiram, por um lado, no registo e no confronto de várias definições e descrições de conceitos não consensuais como, por exemplo, tempo livre e trabalho doméstico e, por outro, na demonstração das descrições, vivências e representações dos intervenientes sobre a sua vida.

2.4.2.1 Temas do debate nos grupos de foco

Os temas a serem abordados foram definidos em função dos objetivos do projeto e, também, dos resultados preliminares do inquérito por questionário. Deste modo, foram incluídas as seguintes dimensões:

- i) O uso das tecnologias; os modos de organização do tempo no plano diário e semanal (e a opinião sobre tal organização);
- ii) As estratégias para gerir o tempo, incluindo o uso da tecnologia;
- iii) O tempo livre em família;
- iv) A divisão das responsabilidades no agregado doméstico;
- v) A identidade de género e tecnologia;
- vi) As estratégias para a conciliação entre trabalho e família ou vida privada.

Optou-se por uma divisão temática que levou à construção do guião¹⁹ em cinco blocos:

- 1 - Tecnologia, género e tempo
- 2 - Lides da casa
- 3 - Conciliação vida profissional e familiar
- 4 - Tempo ocupado (com responsabilidades)
- 5 - Tempo livre

O guião foi construído de modo a constar em cada bloco o conjunto dos tópicos a discutir, em formato de questões. De qualquer modo, procurou-se não ser muito diretivo, cabendo ao moderador o papel de gerir as interações entre os participantes, de modo a atingir os resultados desejados.

Neste sentido, iniciou-se cada bloco de tópicos com uma afirmação alusiva aos assuntos em análise, mas suficientemente provocadora, de modo a obter uma primeira reação por parte dos participantes, a partir da qual fosse possível introduzir os outros tópicos, permitindo sempre aos participantes posicionarem-se quer sobre as questões, quer sobre as posições e os comportamentos dos outros participantes.

2.4.2.2 Composição dos grupos

A principal condição para os participantes era que fizessem parte de casais e que cada grupo fosse constituído só por homens ou só por mulheres, com o intuito de evidenciar melhor as diferenças de género face às problemáticas em questão.

Numa fase inicial da formação dos grupos, elaborou-se um esquema que contemplava um número considerável de grupos com características distintas entre si e também entre os participantes de cada grupo. Mas, por razões de

¹⁹Disponível no anexo nº 3.

organização e logística, o número de grupos foi reduzido para quatro, com todas as sessões realizadas na Covilhã.

Previu-se a constituição de grupos com participantes de diversos grupos etários e com graus diferentes de habilitações. Previu-se, também, que os grupos mostrassem um equilíbrio numérico entre os participantes com e sem filhos em casa. Todavia, estes dois princípios metodológicos não puderam ser inteiramente satisfeitos, apesar do grande esforço nesse sentido, devido a várias resistências e desistências por parte de participantes observadas à última da hora.

Os quatro grupos foram constituídos com participantes com perfis sociodemográficos idênticos, no que concerne ao sexo e à situação perante a atividade profissional, como é possível verificar no quadro seguinte.

Quadro 5 - Constituição dos grupos de foco

Grupo	Sexo	Situação perante atividade profissional
1	Mulheres	Empregadas
2	Mulheres	Sem emprego
3	Homens	Empregados
4	Homens	Sem emprego

Nos quadros a seguir, constam mais pormenores das características dos participantes em cada um dos grupos:

Quadro 6 - Características das participantes do grupo de foco 1
- Mulheres pertencentes a casais onde os dois trabalham

	Idade	Filhos		Habilitações	Profissão	Horário Laboral
		Número	Idades			
A	37	0	--	Licenciatura com pós-graduação	Assistente administrativa	9h - 13h 14h -17/18h
B	38	2	17; 10	Licenciatura	Assistente administrativa	9h - 12h30 14h - 18h
C	31	0	--	Licenciatura	Enfermeira	10h30 - 13h 14h30 - 19h
D	46	0	--	Licenciatura	Consultora organizacional (conta própria)	9h30 - 18h; leva trabalho para casa
E	31	0	--	Licenciatura	Socióloga (conta própria)	9h - 12h30 14h - 18h; leva trabalho para casa.
F	29	2	10; 8	6º Ano	Engomadora (operária fabril)	8h - 17h
G	40	1	12	12º Ano	Assistente operacional	7h - 15h
H	42	2	16; 8	Licenciatura	Assistente operacional	9h - 13h 15h - 18h

Quadro 7 - Características das participantes do grupo de foco 2 - Mulheres sem emprego

	Idade	Filhos		Habilitações	Profissão	Tempo de Inatividade
		Nº	Idades			
A	43	4	14; 11; 9; 3	Bacharelato	Designer	6 meses
B	--	--	--	--	--	--
C	31	1	3	6º ano	Operária têxtil	2 anos
D	62	1	36	4ª classe	Operária têxtil	7 anos
E	57	2	34; 25	4ª classe	Empregada de balcão (com incapacidade)	2 meses

Quadro 8 - Características dos participantes do Grupo de Foco 3 - Homens desempregados, em formação

	Idade	Filhos		Habilitações	Profissão	Tempo de desemprego	Situação da companheira
		Nº	Idades				
A	--	--	--	--	--	--	--
B	37	0	--	6º Ano	Técnico de áudio	1 mês	Trabalha e estuda
C	43	0	--	8º Ano (unificado do curso geral)	Carpinteiro	18 meses	Trabalha
D	33	1	7	6º Ano	Serralheiro de alumínio	7 meses	Trabalha
E	46	2	27; 17	7º Ano	Técnico têxtil	8 anos	Trabalha
F	28	0	--	6º Ano	Fotógrafo; padeiro; pedreiro	2 anos e meio	Não se aplica
G	23	0	--	6º Ano	Instalador de gás	3 anos	Trabalha
H	54	3	29; 26; 18	6º Ano	Encarregado de exploração agrícola	Devido a acidente há 6 anos ficou com limitações de mobilidade	Desempregado há 7 anos

Quadro 9 - Características dos participantes do Grupo de Foco 4
- Homens pertencentes a casais onde os dois trabalham

	Idade	Filhos		Habilitações	Profissão	Horário Laboral
		Nº	Idades			
A	64	2	40; 35	5º Ano antigo	Comissionista em empresa de produtos de puericultura	Horário flexível com total disponibilidade
B	--	--	--	--	--	--
C	40	2	13; 8	12º Ano	Técnico de vendas	8h - 19h
D	34	0	--	Estudos de pós-graduação	Gestor	9h30 - 12h30 14h - 18h; leva trabalho para casa
E	--	--	--	--	--	--
F	38	1	10	12º Ano (novas oportunidades)	Empregado de armazém	8h30 - 18h
G	41	1	9	12º Ano	Vendedor de produtos alimentares	7h - 19h

2.4.2.3 As sessões

Três das sessões foram realizadas numa sala de uma associação recreativa, localizada num bairro relativamente antigo e central da cidade da Covilhã. A quarta foi realizada num centro de formação, também no centro dessa cidade.

Para além dos participantes, estiveram presentes em cada sessão a pessoa com a função de moderador (uma das bolseiras de investigação, e no caso de um dos grupos masculinos, um colaborador do projeto do sexo masculino); o colaborador do projeto responsável pela posterior transcrição e, algumas vezes, outro colaborador ou investigador do projeto.

Foi solicitado a todos os participantes o preenchimento de um pequeno questionário sociodemográfico, com os dados pessoais considerados

relevantes, não incluindo o nome, pois, como em todas as outras fases da pesquisa, o anonimato foi garantido, de antemão, aos participantes.

No início de cada sessão, foram transmitidos a todos os participantes o objetivo e o modo de funcionamento da “conversa em grupo”, assim como a informação sobre os “blocos temáticos” a abordar. O primeiro tópico, como já foi referido, abordava a questão da tecnologia. Tal como previsto, este tema funcionou como um “quebra-gelo”, pois, por norma, as questões associadas à televisão, aos telemóveis e ao equipamento doméstico despertam curiosidade, comparações e debate. Ao longo das sessões, e num ambiente relativamente informal, foram recolhidas ideias originais e relevantes e informação valiosa, pois a interação entre os participantes potenciou a evocação de pormenores da sua vida diária, de situações do passado e, também, de alguns comentários espontâneos bastante pertinentes para a nossa pesquisa.

Como é de esperar neste tipo de metodologia, nem todos os participantes interagiram da mesma forma e com o mesmo entusiasmo. Por exemplo, pode-se referir que no grupo 1 (mulheres com emprego) notou-se bastante a diferença entre quem possuía mais tecnologias e conhecimentos sobre as mesmas e quem possuía menos. No grupo 3 (homens sem emprego), a “conversa” não se desenvolveu de modo espontâneo. A moderadora teve de intervir realizando questões mais diretas e estruturadas, de forma a atingir o objetivo da sessão.

A informação recolhida através dos grupos de foco foi gravada²⁰, transcrita e analisada, tendo em conta as dimensões definidas. Sempre que possível, foi também registado, por parte dos colaboradores da investigação, um conjunto de informações sobre outras formas de linguagem não-verbal, como por exemplo, a linguagem corporal e o envolvimento emocional de cada um dos participantes.

O resultado positivo em termos de dados obtidos foi atingido à custa de bastante trabalho de preparação. A concretização das sessões de grupos de foco foi morosa e bastante complexa. De facto, não trabalhámos com grupos

²⁰ Em sistema áudio, com a devida autorização de todos os participantes.

já constituídos, como seria o caso de uma turma de alunos ou uma equipa de futebol, uma vez que o plano da pesquisa exigia a colaboração de pessoas com vários perfis. Como os recursos do projeto não permitiram a contratação de uma empresa especializada que pudesse tratar do recrutamento dos participantes e de outros aspetos logísticos, foram os colaboradores do próprio projeto que se dedicaram às tarefas complexas e demoradas já referidas. O facto de a participação ter como base o voluntariado reduziu as possibilidades de se solicitar ou exigir em demasia aos participantes.

Com efeito, até se constituírem os grupos e se realizaram as sessões, entre avanços e recuos, muitas fases foram percorridas: ir à procura de pessoas que correspondessem aos perfis, mobilizando os contactos pessoais para tal recrutamento; saber da sua prontidão em colaborar; conhecer a sua disponibilidade em termos de horários; coordenar, com os outros participantes previstos do grupo, um horário possível para todos; indagar sobre a disponibilidade de sala e organizar o transporte, em alguns casos.

Apesar do especial cuidado durante todas estas fases, ainda se observaram lacunas. Deve referir-se que houve participantes que acabaram por não comparecer, sendo este o motivo pelo qual os quadros da caracterização sociodemográfica dos participantes se encontram incompletos em alguns casos.

A boa vontade dos entrevistados em participar nos grupos de foco, apesar da sua pressão do tempo, denota-se das observações de alguns dos participantes durante as sessões, como a seguir se apresentam:

“O problema é que o marido vai jantar às oito e meia, porque ele está a trabalhar. Mas o jantar já ficou quase feito.” (*grupo 1, mulheres empregadas*).

“Eu, por acaso, agora estou aqui. Eu fui levar os garotos aos escuteiros. A seguir, vou pô-los à catequese. Depois vou para a missa com eles, porque, se

eu não for à missa, eles também não querem ir.” (*grupo 4, homens empregados*).

2.4.3 As entrevistas

A última etapa do trabalho de campo integrou, como constava no plano de trabalho inicial, a realização de entrevistas a casais. Entre os vários tipos existentes, optou-se pela entrevista semi-estruturada, porque embora se procurasse manter a centralidade de algumas dimensões, também se procurava aceder à produção de significado em torno das mesmas. Outra vantagem da entrevista semi-estruturada é a sua potencialidade de captação das dinâmicas de interação entre o casal, que muitas das vezes constituem e estão subjacentes a essa produção de significados.

2.4.3.1 Preparação e realização

Na fase de ensaio, contemplou-se a possibilidade da realização de entrevistas ao casal em conjunto. Porém, na sequência do primeiro teste desta prática constatou-se que esta não seria a melhor das opções, pois não era possível distinguir as eventuais opiniões e/ou rotinas, o que era fundamental para a nossa pesquisa, já que se tratava de representações e práticas diferenciadas entre homens e mulheres. Concluiu-se, assim, que as entrevistas apenas podiam ter o efeito pretendido, se executadas a cada um dos cônjuges separadamente. Foram, deste modo, realizadas 21²¹ entrevistas, o que perfaz

²¹ Realizaram-se 21 entrevistas e não 22 como esperado, uma vez que, relativamente ao casal nº 9, apenas foi possível entrevistar um dos cônjuges, como pode ser verificado nas tabelas de caracterização dos entrevistados. No casal nº 9, as nossas tentativas de marcar um encontro com o elemento masculino falharam, mas, devido à relevância do depoimento da mulher sobre a vida familiar, optámos por, mesmo assim, considerar essa entrevista na nossa análise dos dados.

um total de 11 casais, distribuídos pelos distritos de Castelo Branco e Braga, num período de 5 meses (novembro de 2010 até março de 2011).

As entrevistas tiveram como base um guião²² que obedeceu aos objetivos do projeto. O referido guião encontrava-se dividido em dois grandes campos temáticos, “Tempo” e “Tecnologia”. No campo relativo ao “tempo”, questionou-se os entrevistados relativamente às suas rotinas diárias; às práticas de articulação entre os tempos familiares-privados e profissionais; ao significado e às práticas relativamente ao trabalho doméstico e, por fim, ao significado e importância do tempo livre. No campo destinado à “tecnologia”, os entrevistados foram questionados sobre a importância que esta assume nas suas vidas, nas suas várias formas, bem como sobre o modo como relacionam a tecnologia com a gestão do tempo, e, ainda, com o género.

No que diz respeito ao local onde decorreram as entrevistas, este foi, na larga maioria dos casos, a habitação dos entrevistados, para maior comodidade dos mesmos. De acordo com Lessard-Herbert (*in* Guerra 2006: 52), existem alguns aspetos que não só assinalam “a relação entre a validade de uma investigação e o respeito por princípios de ordem ética”, como também permitem o estabelecimento de uma relação de confiança. Com esse intuito, foi fornecido a todos os entrevistados um conjunto de informações que poderiam influenciar de modo positivo o decorrer da entrevista: a identificação do entrevistador; uma pequena apresentação do estudo incluindo os objetivos do mesmo; o modo de recolha de dados (gravação áudio por meio de um gravador com autorização do entrevistado) e, ainda, a confirmação do anonimato do discurso. A gravação em sistema áudio de todas as entrevistas permitiu a posterior transcrição e a sistematização de informação adequada ao uso da análise de conteúdo, realizada mediante uma grelha definida previamente.

²² Ver Anexo nº 4.

2.4.3.2 Caracterização da população entrevistada

Os resultados preliminares obtidos através do inquérito por questionário foram tidos em conta na determinação da amostra de casais a entrevistar. Apesar de estes não terem sido diretamente selecionados a partir do grupo que preencheu o questionário, a sua seleção pautou-se pelo objetivo de aprofundar o comportamento de algumas variáveis que haviam sido consideradas relevantes para explicar e compreender os usos do tempo e das tecnologias no espaço doméstico, atendendo às relações sociais de género. Referimo-nos à idade, presença ou ausência de filhos no casal e características socioprofissionais e socioeducacionais. Assim, e em concordância com os princípios metodológicos orientadores da definição de amostra em contexto de investigação, designadamente a diversidade e a saturação, procurou-se definir os casos a selecionar atendendo àqueles critérios e respeitando alguma homogeneidade em relação à pertença social. Ficaram representados, portanto, os grupos socioeconómicos, tal como definidos por Machado *et al.* (2003) na tipologia ACM, mais concretamente: empresários e dirigentes, técnicos profissionais e de enquadramento, empregados executantes e operários. Os entrevistados caracterizam-se por níveis de habilitações que variam entre o 4º ano antigo e o mestrado e com idades compreendidas entre os 25 e 45 anos, sendo que a grande maioria tem entre os 30 e 40 anos. Esta faixa etária foi escolhida, entre outros motivos, pelo facto de ser, geralmente, o intervalo temporal em que a pressão de tempo é mais elevada. Esta fase da vida, por vezes chamada *the rush hour of life* (Frissen 2000), ou seja, a “hora de ponta” da vida, corresponde a um período do ciclo de vida e do ciclo familiar que apresenta constrangimentos diversos e múltiplos, nomeadamente a existência de um horário laboral, grandes pressões e exigências profissionais, mudanças de estatuto parental, entre outras. A presença ou não de filhos foi considerada uma variável relevante, uma vez que estes ocupam uma grande parte do tempo dos casais devido aos cuidados e atenção que necessitam, principalmente quando se trata de crianças pequenas. Entrevistaram-se 7 casais com filhos e 3 sem filhos (no casal em que apenas entrevistámos a mulher, não havia filhos).

Quadro 10 - Características dos inquiridos por entrevista

Tipo casal	Sexo	Idade	Escolaridade	Número e sexo de filhos	Idade Filhos	Profissão
Casal 1 14-12-2010	H	39	12º Ano	2 (H-M)	7	Assistente administrativo no hospital
	M	41	Bacharelato			Telefonista
Casal 2 24-01-2011	H	38	6º Ano	1 (H)	18	Operário de construção civil
	M	38	4º Ano			Empregada doméstica
Casal 3 27-01-2011	H	33	Mestrado	0		Investigador na área de programação
	M	31	Mestrado			Docente universitária
Casal 4 30-01-2011	H	44	Licenciatura	0		Diretor comercial empresa de torneiras
	M	38	12º Ano (estuda licenciatura em horário pós laboral)			Secretária de direcção
Casal 5 06-02-2011	H	37	Frequência licenciatura	1 (H)	4	Técnico nos serviços de Habitação da Câmara Municipal
	M	36	Licenciada (realiza formação em Lisboa em horário pós laboral)			Técnica superior, psicóloga no serviço de Ação Social na Câmara Municipal
Casal 6 05-03-2011	H	36	Licenciatura (Ciências do Desporto) com pós-graduação	1 (H)	1	Professor educação física escola secundária
	M	30	Licenciatura (Ciências do Desporto), frequenta mestrado.			Professora de natação e outras atividades desportivas
Casal 7 Data	H	37	6º Ano com diploma	0		Operário de construção civil
	M	30	8º Ano			Desempregada (presta ajuda familiar)
Casal 8 15-03-2011	H	45	9º Ano	2 (H)	17 e 8	Isolador em refinarias de gás e petróleo Desde há 10 anos tem trabalhado em zonas longe da casa (no estrangeiro e em Portugal)
	M	41	6º Ano + 9º Ano Novas Oportunidades			Costureira em empresa de confecção
Casal 9 29-03-2011	M	26	12º Ano	0		Assistente operacional
Casal 10 31-03-2011	H	35	9º Ano	2 (M)	10 e 2	Agente da GNR
	M	36	9º Ano			Assistente operacional
Casal 11 28-04-2011	H	30	12º Ano com formação bancária	1	5 Meses	Comerciante
	M	25	Licenciada em Ciências do Desporto			Professora a tempo parcial

2.5 Considerações finais

Como foi referido na introdução, o projeto assenta a sua pesquisa em três eixos centrais que adquirem significativo relevo nas sociedades contemporâneas complexas: i) as relações sociais de género assumidas como fatores estruturantes da vida social; ii) a tecnologia, como recurso mobilizável, embora de modo diferencial pelos atores, no decurso das suas ações, e podendo ter um papel facilitador ou bloqueador da transformação social; iii) o tempo como dimensão incrustada nos modos de conhecer e (inter)agir no social.

Do ponto de vista empírico, o projeto incidiu, particularmente, no universo do espaço doméstico. A complexidade do cruzamento dos três eixos acima referidos, justificou, em suma, a utilização de uma estratégia metodológica mista (tanto quantitativa como qualitativa) que permitiu a atribuição de igual importância tanto a processos de dedução como de indução que contribuíram para a quantidade, qualidade e relevância da interpretação dos dados recolhidos.

Por fim, a triangulação, realizada através de três técnicas distintas de recolhas de dados, foi entendida como estratégia de validação dos resultados obtidos.

Capítulo 3

Análise dos Usos da Tecnologia e do Tempo

3.1 Introdução

Neste capítulo serão apresentados alguns dos resultados do inquérito por questionário efetuado nos distritos de Castelo Branco e de Braga, considerados importantes para uma melhor compreensão das atitudes e dos usos genderizados relativamente ao tempo e a tecnologia. Como exposto no capítulo 2, o inquérito foi aplicado a uma amostra não-casual de 430 pessoas que vivem em casal (212 em Braga e 218 em Castelo Branco). Do grande número de dados que recolhemos, apresentam-se alguns que consideramos ser mais relevantes para dar resposta ao objetivo do projeto relativamente à caracterização da posse, do uso e da perceção do tempo e da tecnologia, numa perspetiva de género. Nalgumas passagens, os dados resultantes do inquérito são complementados por observações feitas pelos inquiridos à margem da entrevista, ou por situações que os inquiridores verificaram durante a aplicação do questionário.

Primeiro será apresentada uma descrição das tecnologias presentes nos agregados da amostra, bem como da sua utilização. De seguida, analisa-se o valor atribuído pelos inquiridos aos diferentes equipamentos, e na parte final, aborda-se o uso do tempo nas tarefas domésticas e a sua relação com a posse de certas tecnologias. Na apresentação dos dados neste capítulo, as duas zonas geográficas não serão distinguidas, tendo em consideração as grandes semelhanças que os distritos de Castelo Branco e de Braga revelaram entre si no que diz respeito às variáveis em apreciação.

Mencione-se que, para a análise dos dados, se recorreu ao teste de quiquadrado, teste t de comparação de médias, análise de variância ANOVA e GLM Univariado.

3.2 Equipamentos nos agregados: o seu uso

Ao longo do século XX, assistiu-se a uma crescente “tecnificação” do espaço doméstico. A disseminação de infraestruturas, tais como a eletrificação e a

construção de uma rede de esgotos possibilitaram a introdução de numerosos equipamentos. No caso português, a generalização de equipamentos nos agregados foi recente e rápida, intensificando-se a partir dos anos 90 do século XX²³. Este processo de tecnificação do lar tem sido recentemente reforçado pela difusão das Tecnologias de Informação e/ou de Comunicação (telemóvel, computador, internet).

3.2.1 Tipo e número de tecnologias no espaço doméstico

Os dados do estudo mostram que as famílias têm um elevado número de equipamentos, tais como a televisão, a máquina de lavar a roupa, o telemóvel e o aspirador, todos eles presentes em mais de 90% dos agregados. Metade das famílias tem pelo menos 10 equipamentos dos 14 na listagem proposta²⁴.

Em relação às tecnologias audiovisuais e às TIC²⁵, também denominadas de equipamentos “pretos”, é de realçar que 80% dos agregados têm mais de um telemóvel. A televisão é o aparelho mais abundante: quase um terço dos casais tem dois e uma percentagem semelhante tem três televisores. A progressiva difusão do computador (presente em 72,3% dos agregados) tem vindo a ser acompanhada por uma individualização do seu uso: 30,9% das famílias têm apenas um computador, 25,6% têm dois computadores e 15,8% três ou mais.

Como se observa no quadro seguinte (nº 12), as chamadas “tecnologias brancas”, destinadas ao apoio às tarefas domésticas (sendo contempladas na nossa pesquisa o aspirador, as máquinas de lavar roupa e loiça, e o forno de

²³ Sobre a introdução de infraestruturas e equipamentos em Portugal, ver quadros no anexo 6.

²⁴ A saber: Telefone rede fixa; telemóvel; computador; internet; aparelho de TV; leitor CD ou aparelhagem; consola de jogos; leitor DVD ou vídeo; aspirador; máquina de lavar roupa; máquina de lavar loiça, micro-ondas; mota; carro.

²⁵ Neste capítulo, por uma questão de facilidade na análise dos dados estatísticos, usa-se a sigla TIC para incluir as tecnologias da informação (TI), as tecnologias da comunicação (TC) e também as designadas especificamente por TIC que decorrem da convergência entre as TI e as TC.

micro-ondas), são amplamente difundidas (90% dos agregados possuem-nas), com a exceção da máquina da loiça, que marca presença em pouco mais da metade das famílias (52,6%). Uma grande parte das famílias que não têm máquina de lavar a loiça parece priorizar os equipamentos de lazer e/ou as TIC. Assim, por exemplo, cerca de 80% dos agregados sem máquina de lavar a loiça têm dois ou mais televisores, 60% têm computador e 50% ligação à internet. Quanto à posse do meio de transporte, a posse de carro aparece bastante generalizado nas famílias, pois 40% delas possuem dois veículos e uma percentagem semelhante um carro.

As tecnologias mais prolixas dentro dos agregados familiares são o telemóvel, a televisão, o computador, o leitor de CD ou aparelhagem, DVD ou vídeo e a consola de jogos (todas elas relacionadas ao lazer ou à informação e comunicação), como se observa no quadro 11. É de notar que o seu número por agregado se correlaciona positivamente com o número de filhos, ou, em geral, com o número de elementos do agregado. Muitos destes aparelhos como televisão, computador e em particular telemóvel são de uso individual, ao contrário dos equipamentos relacionados com as tarefas domésticas.

Quadro 11 - Agregados com equipamentos TIC consoante o número de aparelhos (%)

Número de aparelhos	Telefone fixo	Telemóvel	Computador	Internet	Televisão	Leitor de CD	Consola	DVD/ Víde
1	59,1	13,3	30,9	48,8	12,6	55,3	27,2	61,9
2	6,3	37,7	25,6	8,6	31,6	13,0	5,8	11,2
3	2,1	21,4	10,9	0,9	30,9	3,7	1,4	2,8
4	0,5	16,0	4,0	0,5	15,6	1,4	0,2	0,5
5	--	4,2	0,9	--	7,2	0,2	--	--
6	--	1,6	--	--	1,4	--	0,2	--
7	--	0,7	--	--	0,2	--	--	--
8	--	0,2	--	--	--	--	--	--
Total	67,9	95,1	72,3	58,8	99,5	73,7	34,9	76,3

Fonte: Inquérito por questionário em Braga e Castelo Branco (Projeto Tempo e Tecnologia)

Para a posse de computador, além da existência de filhos, contribuem também o nível de habilitações e a classe social do agregado. Como veremos posteriormente, os filhos estimulam a aquisição de certas tecnologias (nomeadamente do computador) e aparecem como os principais utilizadores de algumas delas. Porém, a presença de vários aparelhos de televisão ou computadores também é explicada pela tendência do uso individualizado dos mesmos. Os aparelhos estão localizados em diferentes espaços da casa (cozinha, sala e quartos, no caso da televisão; e sala, escritório e quartos, no caso do computador), o que permite evitar possíveis conflitos e negociações entre os membros do agregado, facilitar a guarda das crianças e acompanhar os tempos e ritmos das tarefas domésticas. Para as mulheres, a incorporação das tecnologias nas rotinas diárias está fortemente relacionada com o grau de divisão das tarefas domésticas existente na família. Assim, por exemplo, no caso da televisão, as mulheres entrevistadas referem ter o hábito de “ouvir” mais do que “ver” televisão e esta prática decorre em simultâneo com a realização dos trabalhos domésticos (nomeadamente passar a ferro e cozinhar). Por isso, reportam que costumam acompanhar os programas de televisão mais vezes na cozinha.

Quadro 12 - Agregados com equipamentos de apoio ao trabalho doméstico e de transporte, consoante o número de aparelhos (%)

Número	Aspirador	Máquina lavar roupa	Máquina lavar a loiça	Micro-ondas	Mota	Carro
1	83,5	93,0	50,9	84,4	15,1	38,4
2	6,7	4,2	1,4	2,8	2,1	39,8
3	0,9	0,5	0,2	--	0,7	7,7
4	0,5	--	--	--	0,2	1,4
5	--	--	--	--	--	0,2
6	--	--	--	--	--	--
7	--	--	--	--	--	--
8	--	--	--	--	--	0,2
Total	91,6	97,7	52,6	87,2	18,1	87,7

Fonte: Inquérito por questionário em Braga e Castelo Branco (Projeto Tempo e Tecnologia)

3.2.2 Variáveis sociográficas e posse de tecnologias

Diversas variáveis têm influência na posse e no uso das tecnologias por parte das famílias. Começamos com a variável “idade”.

Quadro 13 - Posse de equipamentos segundo a idade

Equipamentos		≤ 40 Anos	De 41 a 59 anos	≥ 60 Anos	Total
Telefone fixo	N	76	132	81	289
	%	50,7	71,7	84,4	
Telemóvel	N	150	180	79	409
	%	100,0	97,8	82,3	
Computador	N	134	147	30	311
	%	89,3	79,9	31,3	
Internet	N	122	131	24	277
	%	81,3	71,2	25,0	
Televisão	N	150	182	96	428
	%	100,0	98,9	100,0	
CD ou aparelhagem	N	121	149	47	317
	%	80,7	81,0	49,0	
Consola de Jogos	N	78	66	6	150
	%	52,0	35,9	6,3	
DVD ou vídeo	N	139	151	38	328
	%	92,7	82,1	39,6	
Aspirador	N	145	177	74	396
	%	96,7	96,2	77,1	
Máquina de lavar a roupa	N	147	182	92	421
	%	98,0	98,9	95,8	
Máquina de lavar a loiça	N	83	105	39	227
	%	55,3	57,1	40,6	
Micro-ondas	N	135	168	73	376
	%	90,0	91,3	76,0	
Mota	N	32	36	10	78
	%	21,3	19,6	10,4	
Carro	N	141	173	63	377
	%	94,0	94,0	65,6	
Total	N	150	184	96	430

Fonte: Inquérito por questionário em Braga e Castelo Branco (Projeto Tempo e Tecnologia)

Em relação às tecnologias da informação (TI), às tecnologias da comunicação (TC) e às TIC, importa destacar as principais tendências. Em primeiro lugar, um decréscimo da presença do telefone fixo, substituído pelo telemóvel nos agregados mais novos. Em segundo lugar, uma significativa penetração dos computadores, com ou sem ligação à internet. Nalguns agregados, este é utilizado para usufruir das funcionalidades tradicionalmente proporcionadas pelos equipamentos de lazer de áudio e vídeo. Estas famílias mais novas destacam-se por possuírem, em escala mais ampla, as novas tecnologias: 100% têm telemóvel, 89% computador, 81% internet e 52% consola.

No que diz respeito ao resto das tecnologias (brancas ou pretas), os novos agregados inquiridos estão bem equipados, com percentagens de posse acima dos 80% nas tecnologias mais difundidas (excetuando-se o telefone fixo). Os agregados com idades intermédias apresentam um perfil de equipamentos muito semelhante ao dos novos, embora com menos TIC e mais máquinas de lavar a loiça e telefones fixos. Nos agregados em que os inquiridos têm mais idade, assiste-se a um perfil de posse de equipamentos claramente diferente: significativamente menos telemóveis e computadores; uma fraca presença de tecnologias de lazer (menos da metade possui aparelhagem vídeo/áudio); percentagens mais baixas de eletrodomésticos como o aspirador, o microondas e as máquinas de lavar roupa e loiça. No campo dos transportes, apresentam menores pontuações na posse de carro (65%). Em termos de idade, em suma, as principais diferenças na posse de tecnologias registam-se entre os que têm menos e os que têm mais de 60 anos.

Quadro 14 - Posse de tecnologias segundo o nível de escolaridade

Equipamentos		Sem estudos / com estudos básicos	Secundários	Superiores	Total
Telefone fixo	N	213	36	40	289
	%	69,2	59,0	65,6	
Telemóvel	N	287	61	61	409
	%	93,2	100,0	100,0	
Computador	N	194	57	60	311
	%	63,0	93,4	98,4	
Internet	N	166	52	59	277
	%	53,9	85,2	96,7	
Televisão	N	306	61	61	428
	%	99,4	100,0	100,0	
CD ou aparelhagem	N	213	53	51	317
	%	69,2	86,9	83,6	
Consola de Jogos	N	89	31	30	150
	%	28,9	50,8	49,2	
DVD ou vídeo	N	214	60	54	328
	%	69,5	98,4	88,5	
Aspirador	N	278	57	61	396
	%	90,3	93,4	100,0	
Máquina de lavar a roupa	N	299	61	61	421
	%	97,1	100,0	100,0	
Máquina de lavar a loiça	N	143	37	47	227
	%	46,4	60,7	77,0	
Micro-ondas	N	264	57	55	376
	%	85,7	93,4	90,2	
Mota	N	61	11	6	78
	%	19,8	18,0	9,8	
Carro	N	259	58	60	377
	%	84,1	95,1	98,4	
Total	N	308	61	61	430

Fonte: Inquérito por questionário em Braga e Castelo Branco (Projeto Tempo e Tecnologia)

Quanto mais elevado é o nível de habilitações, maior é o número de tecnologias que se possui em particular as TIC (Quadro nº 14). Só a televisão e o telefone fixo têm maior penetração nos agregados com o nível básico de estudos.

São também assinaláveis as diferenças na posse de tecnologias consoante a classe social do agregado. À medida que passamos para os níveis mais baixos na hierarquia social, menos equipamentos possuem as famílias, à exceção do

telefone fixo, TV, aspirador, máquina da roupa e micro-ondas que estão amplamente difundidos.

Tal como se evidencia no quadro nº 15, as principais diferenças aparecem entre, por um lado, os empresários, profissionais e técnicos, cujas casas estão melhor equipadas e, por outro lado, os agricultores independentes, operários industriais e assalariados agrícolas que apresentam menos equipamentos, particularmente no caso das TIC e das tecnologias de lazer.

Estes últimos grupos apresentam também percentagens inferiores de posse de aparelhos como o aspirador ou o micro-ondas. Realce-se o caso da máquina de lavar a loiça como máquina socialmente distintiva. Na classe alta (empresários, profissionais e técnicos), esta atinge uma difusão de 75%, muito superior à que se regista nos agregados pertencentes a outras classes socioprofissionais.

Por último, a presença de filhos²⁶ está relacionada com a posse de mais tecnologias, particularmente no caso das tecnologias de informação e da comunicação e das tecnologias de lazer: computador, internet, consola, vídeo/DVD e aparelhagem. Como se pode verificar no quadro nº 16, as famílias com filhos a morar no agregado possuem mais internet (80%) e computadores (89%) do que as que não têm filhos (diferenças de 40 pontos percentuais no computador e 44 na internet). Também no caso do aspirador, da máquina de lavar a loiça e do micro-ondas, ter filhos associa-se positivamente com a posse destas tecnologias.

²⁶ Na amostra, as famílias sem filhos estão formadas por dois grupos bem distintos: 50% são agregados com idades superiores aos 55 anos e níveis educativos baixos, que têm filhos maiores de idade que já não vivem com os pais. Estes filhos, embora não morem em casa, tiveram ou ainda têm alguma interferência nas escolhas tecnológicas da família. Ademais, à volta de um quarto (23,6%) dos agregados sem filhos são casais novos (com idade inferior a 34 anos) e com estudos médios ou superiores. Estes casais têm, em termos de tecnologia, casas melhor equipadas e referem um melhor domínio da tecnologia, do que os anteriormente mencionados.

Quadro 15 - Posse de equipamentos segundo a classe socioprofissional do agregado familiar

Equipamentos		Empresários profissionais e técnicos	Trabalhadores independentes	Agricultores	Empregados executantes e operários	Assalariados executantes pluriactivos e agrícolas	Total
Telefone fixo	N	105	19	21	66	72	283
	%	72,9	65,5	72,4	58,9	69,2	
Telemóvel	N	141	29	21	108	98	397
	%	97,9	100,0	72,4	96,4	94,2	
Computador	N	127	21	11	74	67	300
	%	88,2	72,4	37,9	66,1	64,4	
Internet	N	120	20	10	68	50	268
	%	83,3	69,0	34,5	60,7	48,1	
Televisão	N	143	29	29	111	104	416
	%	99,3	100,0	100,0	99,1	100,0	
CD ou aparelhagem	N	122	21	9	81	73	306
	%	84,7	72,4	31,0	72,3	70,2	
Consola de Jogos	N	65	12	3	33	30	143
	%	45,1	41,4	10,3	29,5	28,8	
DVD ou vídeo	N	126	22	7	89	73	317
	%	87,5	75,9	24,1	79,5	70,2	
Aspirador	N	138	28	18	108	92	384
	%	95,8	96,6	62,1	96,4	88,5	
Máquina de lavar a roupa	N	144	28	28	112	98	410
	%	100,0	96,6	96,6	100,0	94,2	
Máquina de lavar a loiça	N	108	14	8	50	42	222
	%	75,0	48,3	27,6	44,6	40,4	
Micro-ondas	N	130	25	20	101	88	364
	%	90,3	86,2	69,0	90,2	84,6	
Mota	N	19	6	7	22	19	73
	%	13,2	20,7	24,1	19,6	18,3	
Carro	N	140	28	16	94	88	366
	%	97,2	96,6	55,2	83,9	84,6	
Total	N	144	29	29	112	104	418

Fonte: Inquérito por questionário em Braga e Castelo Branco (Projeto Tempo e Tecnologia)

Quadro 16 - Posse de equipamentos consoante a presença de filhos no agregado

Equipamentos		Famílias com filhos	Famílias sem filhos	Total
Telefone fixo	N	179	110	289
	%	65,6	70,1	
Telemóvel	N	269	140	409
	%	98,5	89,2	
Computador	N	244	67	311
	%	89,4	42,7	
Internet	N	219	58	277
	%	80,2	36,9	
Televisão	N	272	156	428
	%	99,6	99,4	
CD ou aparelhagem	N	225	92	317
	%	82,4	58,6	
Consola de Jogos	N	130	20	150
	%	47,6	12,7	
DVD ou vídeo	N	240	88	328
	%	87,9	56,1	
Aspirador	N	259	137	396
	%	94,9	87,3	
Máquina de lavar a roupa	N	269	152	421
	%	98,5	96,8	
Máquina de lavar a loiça	N	159	68	227
	%	58,2	43,3	
Micro-ondas	N	248	128	376
	%	90,8	81,5	
Mota	N	56	22	78
	%	20,5	14,0	
Carro	N	256	121	377
	%	93,8	77,1	
Total	N	273	157	430

Fonte: Inquérito por questionário em Braga e Castelo Branco (Projeto Tempo e Tecnologia)

No entanto, se compararmos a posse de tecnologias entre famílias com e sem filhos e a idade do inquirido (variável particularmente associada com a posse de TIC e tecnologias de lazer), podemos observar que existe uma correlação positiva entre a existência de filhos e a posse do telemóvel para a faixa etária de maiores de 65 anos; no caso do computador, internet e consola, essa correlação existe com o grupo etário de 45-64 anos e, no caso de vídeo / DVD, para o grupo de 35-44 anos.

3.2.3 Principais utilizadores das tecnologias em casa

Possuir um aparelho não significa que seja usado, nem que seja usado da mesma maneira por todos os membros da família. Os diferentes utilizadores e as intensidades de uso refletem e expressam as relações estabelecidas pela família no espaço doméstico, relações que respondem a valores e princípios de classificação que indicam diferenças, sobretudo de género e idade.

Para sondar o uso das diferentes tecnologias nos agregados familiares perguntou-se quem usava mais cada aparelho. Como se observa no quadro nº 17, verifica-se, no geral, uma genderização neste aspeto, usando as mulheres mais as “tecnologias brancas”, o que corresponde a mais tempo gasto nas tarefas domésticas, sugerindo uma divisão de trabalho doméstico genderizada. Este resultado não surpreende, já que segue o modelo tradicional, segundo o qual as mulheres assumem as tarefas de reprodução: as refeições, as limpezas e a roupa, e os homens realizam os trabalhos de manutenção e de reparação. Apenas o micro-ondas (a máquina mais masculina das femininas) apresenta menores diferenças (se bem que ainda elevadas) entre homens e mulheres (18% face a 66,7%) do que o resto de “tecnologias brancas”, sendo que este equipamento também é mais usado pelos filhos. Em relação ao aspirador, sabemos que é usado principalmente para limpar a casa, mas na realização dos inquéritos, alguns homens referiram serem eles quem mais o utilizam para limpar o carro.

Em relação aos meios de transporte, a mota é maioritariamente usada pelos homens (tendo um uso de lazer nos mais novos e de transporte nos mais velhos) e, no caso do carro, quando as famílias possuem dois ou mais, cada um usa o seu, sendo que em 75% das famílias onde há um único carro, o utilizador principal seja o homem.

Quadro 17 - Principal utilizador dos equipamentos de apoio doméstico e de transporte segundo o sexo

Equipamento	Aspirador		Máquina lavar		Máquina lavar loiça		Micro-ondas		Mota		Carro	
	Homem	Mulher	Homem	Mulher	Homem	Mulher	Homem	Mulher	Homem	Mulher	Homem	Mulher
% Inquirido	11,9	81,7	4,4	90,7	15,4	84,4	18,2	66,7	85,4	8,3	57,4	19
% Cônjuge	73,6	5,9	88,8	3,3	76,9	3,7	46,4	5,1	4,9	75	13,8	51,9
% Filhos	2,6	3,5	2,4	0,9	1,7	2,8	6,6	5,1	7,3	13,9	4,3	6,9
%Empregado/a	6,7	7,4	2	2,3	1,7	0,9	--	--	--	--	--	--
% Outros familiares	0,5	0,5	1	1,9	0	0,9	0,6	1,5	0	2,8	0,5	0
% Cada um o seu	--	--	--	--	--	--	0,6	0	--	--	16	19,6
% Todos	4,7	1	1,5	0,9	4,3	4,6	27,6	20	2,4	0	8	2,6
% Ninguém	--	--	--	--	0	2,8	0	1	--	--	--	--
% NS/NR	--	--	--	--	--	--	0	0,5	--	--	--	--
Total	193	202	205	215	117	109	181	195	41	36	188	189
%	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100

Fonte: Inquérito por questionário em Braga e Castelo Branco (Projeto Tempo e Tecnologia)

Quadro 18 - Principal utilizador das TIC e dos equipamentos de lazer segundo o sexo²⁷

TIC	Telefone fixo		Telemóvel		Computador		Internet		TV		CD/ Aparelhagem		Consola de jogos		DVD/Vídeo	
	Homem	Mulher	Homem	Mulher	Homem	Mulher	Homem	Mulher	Homem	Mulher	Homem	Mulher	Homem	Mulher	Homem	Mulher
% Inquirido	14,2	72,8	32,5	31,1	30,8	15,5	30,4	16,1	27,4	39,4	29,5	26,7	14,7	0	33,5	12,7
% Cônjuge	64,5	9,3	14,2	17	16	17,4	13	20,4	30,8	19,7	21,2	21,7	1,3	13,3	8,7	24,1
% Filhos	4,3	3,3	8,6	16,5	42,9	54,2	43,5	54,7	20,7	17,9	31,4	34,2	76	80	40,4	47,6
Empregado/a	0	0,7	--	--	--	--	--	--	0	0,5	--	--	--	--	--	--
% Outros familiares	2,1	3,3	0,5	0,9	1,3	1,9	0	2,2	2,4	2,3	1,9	2,5	2,7	2,7	1,9	2,4
% Cada um o seu	--	--	36,6	32,1	6,4	6,5	4,3	1,5	1,9	0,9	1,9	0	--	--	--	--
% Todos	13,5	7,3	5,6	2,4	2,6	4,5	8,7	5,1	16,8	19,3	7,7	6,2	1,3	2,7	8,7	7,2
% Ninguém	0,7	3,3	--	--	--	--	--	--	--	--	6,4	8,1	4	1,3	6,2	6
% NS/NR	0,7	0	--	--	--	--	--	--	--	--	0	0,6	--	--	0,6	0
Total Nº	141	151	197	212	156	155	138	137	208	218	156	161	75	75	161	166
%	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100

²⁷ Optou-se por fazer uma distinção entre tecnologias da informação e da comunicação (TIC) e as tecnologias destinados ao lazer, por tal decisão ser útil para outros capítulos do relatório, embora se saiba que as TIC comportam também funções de lazer.

No que diz respeito às restantes tecnologias, objeto do quadro 18, podem identificar-se três grupos. Por um lado, temos o telefone fixo e a televisão, onde a maioria dos utilizadores são mulheres. O telefone fixo, originalmente concebido como uma tecnologia masculina de comunicação, foi-se feminizando rapidamente, como já exposto no primeiro capítulo. O telefone facilita às mulheres o seu papel de “relações públicas da família”, são elas que mantêm o contacto com os amigos e familiares. Um segundo grupo consiste de tecnologias que podem ser rotuladas como masculinas: o computador, a internet, a consola e o DVD/vídeo; e, por último, há algumas tecnologias onde não existem diferenças entre cônjuges: o telemóvel (devido à sua enorme difusão) e o CD/aparelhagem de som. Realça-se que as tecnologias “masculinas” estão associadas ao lazer e ao TIC (exceto a TV e o telemóvel, com usos generalizados e individualizados) e são também as mais utilizadas pelos filhos.

As diferenças entre homens e mulheres mantêm-se quando se fazem cruzamentos por idade e por habilitações. Porém, surgem algumas tendências no interior de cada grupo. Por um lado, os homens mais novos e com estudos superiores tendem a identificar-se mais do que o resto dos homens como utilizadores principais de tecnologias brancas, nomeadamente do micro-ondas, aspirador e máquina de lavar a loiça. Por outro lado, e num sentido inverso, as mulheres mais novas e com habilitações superiores referem, em maior medida que as mais velhas, ser os elementos do agregado que mais utilizam o carro, o computador, a internet, a CD/aparelhagem de som e o CD/vídeo.

3.2.4 Grau de dificuldade autodeclarado no uso das tecnologias

Como se pode observar, nos quadros que se seguem, a dificuldade autodeclarada pelos inquiridos no manuseamento dos equipamentos que possuem espelha uma certa genderização. Apesar de a grande maioria dos inquiridos considerar “muito fácil” ou “fácil” o uso das tecnologias, verificam-se algumas diferenças, segundo a tipologia das mesmas. Em relação às

tecnologias de apoio ao trabalho doméstico (ver quadro nº 19), as mulheres consideram-nas mais fáceis do que os homens, particularmente a máquina de lavar a roupa, o que era expectável, à luz dos estudos e observações anteriores que concluem que a participação dos homens nesta tarefa é mais simbólica do que substancial.

Quadro 19 - Grau de dificuldade no uso de equipamentos domésticos e de transporte segundo o sexo (%)

*p<0.05	Aspirador		Máq. Roupa		Máq. Loiça		Micro-ondas		Mota		Carro	
	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M
Muito fácil	56,2*	69,3*	32,2*	70,2*	44,9*	74,1*	55,9*	70,8*	73,2*	16,7*	69,1*	44,4*
Fácil	35,5*	26,7*	38,5*	28,4*	33,9	25	35,8	28,7	26,8	11,1	25,5	20,6
Alguma dificuldade	4,6	3	13,7*	1,4*	9,3*	0*	3,9*	0	0	5,6	1,1*	6,9*
Muito difícil	3,6	1	15,6*	0*	11,9*	0,9*	3,9*	0	0	66,7*	3,7*	28,0*
Total	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100

Fonte: Inquérito por questionário em Braga e Castelo Branco (Projeto Tempo e Tecnologia)

Não há diferenças por sexo no grau de dificuldade sentida no manuseamento da televisão e do telefone fixo, sendo “muito fáceis” ou “fáceis” de usar tanto para os homens, como para as mulheres, provavelmente devido à sua ampla difusão, ao uso generalizado entre os membros da família e, ainda, pelo facto de serem os equipamentos mais antigos nos agregados.

No que se refere ao telemóvel, as mulheres afirmam, em maior proporção, ter “alguma” ou “muita” dificuldade (21% face a 10,5% dos homens). Estes dados constam no quadro nº 20, que também indica que as tecnologias mais recentemente incorporadas nos agregados - o computador e a internet - não apresentam diferenças por sexo no que respeita ao grau de dificuldade no seu manuseamento. Apenas a internet se distingue, ao ser considerada “muito difícil” mais pelas mulheres (27%) do que pelos homens (16,5%). De forma geral, para ambas as tecnologias, as desigualdades estão relacionadas com a idade e o nível de estudos. Assim, o aumento da idade dos respondentes

traduz-se na indicação de maiores dificuldades e, quanto maior é o nível de habilitações, mais fáceis são considerados os equipamentos em questão.

Quadro 20 - Grau de dificuldade no uso das TIC segundo o sexo (%)

*p<0.05	Tel. Fixo		Telemóvel		Computador		Internet	
	H	M	H	M	H	M	H	M
Muito fácil	61,7	62,9	46,7	42	29,4	25,8	32,3	27,1
Fácil	34,0	35,7	46,7	36,7	27,5	23,8	34,5	29,1
Alguma dificuldade	2,8	1,3	8,6*	15,5*	24,3	23,8	16,5	16,1
Muito difícil	1,4	0	2,0*	5,6*	18,5	26,4	16,5*	27,7*
Total	100	100	100	100	100	100	100	100

Fonte: Inquérito por questionário em Braga e Castelo Branco (Projeto Tempo e Tecnologia)

O grau de dificuldade no uso das consolas, utilizadas principalmente pelos filhos e pelos homens, apresenta diferenças mais expressivas por sexo. Como se observa no quadro nº 21, 44% das mulheres consideram-nas “muito difíceis”. Também as tecnologias de áudio e vídeo, usadas geralmente pelos filhos, são consideradas mais difíceis pelas mulheres, nomeadamente o CD/Vídeo.

Quadro 21 - Grau de dificuldade no uso das tecnologias audiovisuais segundo o sexo (%)

*p<0.05	Televisão		CD/Aparelhagem		DVD/Vídeo		Consola	
	H	M	H	M	H	M	H	M
Muito fácil	70,8	73,8	58,1	50,9	55,9*	40,9*	39,2*	20*
Fácil	27,7	24,7	35,4	33,5	33,5	37,2	29,7	25,3
Alguma dificuldade	1	0,9	1,9*	8,6*	6,2	9,1	13,5	10,7
Muito difícil	0,5	0,5	4,5	6,8	4,3*	12,8*	17,6*	44*
Total	100	100	100	100	100	100	100	100

Fonte: Inquérito por questionário em Braga e Castelo Branco (Projeto Tempo e Tecnologia)

Embora, na perceção do grau de dificuldade do uso das tecnologias, as desigualdades de género estão quase sempre presentes, a idade é uma variável fulcral. Os mais novos tendem a ter um maior domínio de competências tecnológicas. Como se pode apreciar nos quadros 3 e 4 do anexo 6 (grau de dificuldade por sexo e idade), as diferenças de género são mais marcantes nas tecnologias “brancas” do que nas ditas “pretas”.

Por fim, consideremos a atitude em relação ao carro. Apesar de este ainda ser uma tecnologia masculina, as mulheres, particularmente as mais novas, têm contribuído para uma alteração dessa identificação. São as mais velhas, na maioria dos casos sem carta de condução, as que referem, em grande número (50%), que o uso do carro é “muito difícil”.

3.2.5 Os usos do telemóvel e da internet

Parece-nos relevante agora considerar mais em pormenor dois fenómenos tecnológicos recentes. São o telemóvel, pela rápida generalização do seu uso, e a internet devido à sua crescente importância e difusão no espaço doméstico.

Embora a posse do telemóvel não apresente diferenças de género, o mesmo não se pode dizer em relação ao seu uso, em que se registam diferenças em termos da utilização das suas diversas funcionalidades. Em relação ao uso comunicativo ou primário do telemóvel, evidencia-se também a influência do género²⁸.

Como se observa no quadro nº 22, os homens referem que usam o telemóvel principalmente para falar com familiares (outros que não a cónjuge e os filhos) e amigos (39,2%), para assuntos do trabalho (38,7%) e para estarem contactáveis (39,2%). Para as mulheres, predomina a opção de uso para falar

²⁸ Segundo o Obercom (2008), o principal uso deste equipamento é o comunicativo: ligar e receber chamadas. O aproveitamento das novas e crescentes funcionalidades associadas aos telemóveis, tais como internet e GPS, dependem, nomeadamente, da idade: jovens e adolescentes são mais propensos ao uso destas funcionalidades secundárias.

com familiares e amigos (52%) e contactar com os filhos (34,7%); só 9,4% das mulheres referem que usam o telemóvel principalmente para o trabalho. Realçam-se as diferenças no contacto com os filhos, onde se pode detetar claramente a influência do papel materno de coordenação familiar e controlo dos filhos (mulheres 34,7% e homens 14,9%).

Quadro 22 - Principal motivo do uso do telemóvel segundo o sexo (% coluna) [resposta múltipla]

Usos do Telemóvel		Sexo		Total
		Homem	Mulher	
Falar com familiares e amigos	N	76	105	181
	%	39,2	52,0	
Falar com cônjuge	N	43	55	98
	%	22,2	27,2	
Contactar filhos	N	29	70	99
	%	14,9	34,7	
Estar contactável	N	76	67	143
	%	39,2	33,2	
Trabalho	N	75	19	94
	%	38,7	9,4	
Total	N	194	202	396

Fonte: Inquérito por questionário em Braga e Castelo Branco (Projeto Tempo e Tecnologia)
 Percentagens e totais baseados nos inquiridos

Se observarmos a composição por sexo para cada motivo de uso, as diferenças ficam ainda mais salientes: dos que referem usar o telemóvel para falar com os filhos, a grande maioria são mulheres (70,7%) e para os contactos com outros familiares e amigos, também as mulheres estão na maioria, com 58%. Inversamente, entre os que referem usar o telemóvel para o trabalho, a esmagadora maioria são homens (79,8%), e na opção “estar contactável”, 53,1% são homens.

Quadro 23 - Principal motivo do uso do telemóvel segundo o sexo (% fila)
[resposta múltipla]

Usos do telemóvel		Homem	Mulher	Total
Falar com familiares e amigos	N	76	105	181
	%	42,0	58,0	
Falar com cônjuge	N	43	55	98
	%	43,9	56,1	
Contactar filhos	N	29	70	99
	%	29,3	70,7	
Estar contactável	N	76	67	143
	%	53,1	46,9	
Trabalho	N	75	19	94
	%	79,8	20,2	
Total	N	194	202	396

Fonte: Inquérito por questionário em Braga e Castelo Branco (Projeto Tempo e Tecnologia)
Percentagens e totais baseados nos inquiridos

Os modos de uso do telefone podem ser considerados indicadores para a diluição das fronteiras entre trabalho e espaço doméstico, uma das temáticas principais nos estudos sobre o tempo e a tecnologia.

Na presente pesquisa, a esmagadora maioria dos inquiridos (83%) declarou responder sempre às chamadas de trabalho quando está em casa. Esta disponibilidade para atender chamadas de trabalho é maior (embora não significativa) entre os homens (85%) do que entre as mulheres (79%) e, inversamente, as mulheres referem, com mais frequência, estabelecer limitações ao atendimento de chamadas (15,1% face a 7,9% dos homens).

Quadro 24 - Atendimento de chamadas de trabalho em casa, segundo o sexo

Frequência no atendimento das chamadas		Sexo		Total
		Homem	Mulher	
Sempre	N	129	94	223
	%	85,4	79,0	82,6
Muitas vezes	N	6	6	12
	%	4,0	5,0	4,4
Raramente	N	7	7	14
	%	4,6	5,9	5,2
Nunca	N	5	11	16
	%	3,3	9,2	5,9
NS/NR	N	4	1	5
	%	2,6	,8	1,9
Total	N	151	119	270
	%	100,0	100,0	100,0

Fonte: Inquérito por questionário em Braga e Castelo Branco (Projeto Tempo e Tecnologia)

No que respeita ao atendimento de chamadas de familiares no local de trabalho, uma grande maioria dos inquiridos (73,7%) referiu atender “sempre” as chamadas, 8.9% declarou que “nunca” atendia e 7,4% “raramente”. Estes resultados em si não permitem retirar conclusões acerca da articulação entre a esfera doméstica e a esfera profissional, porque refletem também constrangimentos que são diferentes dos contemplados na pergunta anterior. No espaço de trabalho, o uso dos telemóveis pessoais é regulado, podendo existir situações de uso completamente livre e outras em que o uso é explicitamente proibido.

Por sexo observam-se algumas diferenças. Quando são interrogadas se atendem “sempre” as chamadas de familiares, as mulheres referem atender significativamente menos vezes do que os homens (66,4% face a 79,5%, respetivamente). Estas diferenças parecem ter a sua origem, tanto no tipo de emprego, como nas expectativas dos papéis de género. Por um lado, quanto maiores são as condições de autonomia no trabalho (quadros superiores, administrativos, técnicos intermédios, etc.), mais referem atender “sempre” ou “muitas vezes” as chamadas. Por outro, os empregados submetidos a ritmos de produção tipo linha de montagem (operários e operadores de

máquinas de montagem) têm menos possibilidades de atender. No entanto, observa-se a influência das expectativas de gênero, pois mesmo com profissões iguais, as mulheres tendem a referir que atendem menos vezes.

Quadro 25 - Atendimento de chamadas de família no trabalho segundo o sexo

Frequência no atendimento de chamadas de família	Sexo inquirido		Total
	Homem	Mulher	
Sempre	79,5%	66,4%	73,7%
Muitas vezes	7,9%	10,1%	8,9%
Raramente	7,9%	6,7%	7,4%
Nunca	2,6%	16,8%	8,9%
NS/NR	2,0%	--	1,1%
Total	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Inquérito por questionário em Braga e Castelo Branco (Projeto Tempo e Tecnologia)

Na amostra, um terço (36%) dos inquiridos não tem computador com ligação à internet. Deste grupo, uma percentagem significativa (48%) tem mais de 60 anos; metade pertence a agregados em que os dois não trabalham, nomeadamente reformados; 65% são famílias sem filhos; 91% possuem estudos inferiores ao 9º ano. Em relação à classe socioprofissional destes inquiridos sem internet, 36% são assalariados executantes pluriativos, 29% empregados executantes e operários. Quanto ao habitat, 42% residem em áreas urbanas, 26% em medianamente urbanas e 31% em áreas rurais.

Não se verificam diferenças segundo o sexo nas razões alegadas para não possuírem computador com ligação à internet em casa. A maioria dos inquiridos (62%) refere que são desnecessários no seu dia-a-dia, uma percentagem muito menor (17%) refere o seu “custo elevado”.

Aos inquiridos que têm internet em casa, foi-lhes solicitado que indicassem, perante várias opções, apenas uma razão para essa posse. A principal foi “para os filhos” (44%). Outras razões para terem internet foram, à grande

distância, a “atividade profissional” (18%), a “obtenção de informações” (15%) e ainda os “contactos pessoais” (mail, telefone, etc.) (12%).

Quadro 26 - Razão pela qual tem ligação à internet em casa, segundo o sexo

Atividades		Homem	Mulher	Total
Atividade profissional	N	31	19	50
	%	22,0	14,0	18,1
Contactos pessoais/mail/telefone	N	18	16	34
	%	12,8	11,8	12,3
Para os filhos	N	52	71	123
	%	36,9	52,2	44,4
Gestão da casa	N	3	5	8
	%	2,1	3,7	2,9
Entreter-me/distrair	N	10	6	16
	%	7,1	4,4	5,8
Obter informação	N	25	16	41
	%	17,7	11,8	14,8
Outras	N	1	2	3
	%	0,7	1,5	1,1
NS/NR	N	1	1	2
	%	0,7	0,7	0,7
Total	N	141	136	277
	%	100,0	100,0	100,0

Fonte: Inquérito por questionário em Braga e Castelo Branco (Projeto Tempo e Tecnologia)

Em relação ao sexo, observam-se algumas diferenças significativas: por um lado, as mulheres referem em maior número que têm computador com ligação à internet “por causa dos filhos” (52% face a 37% dos homens) e, por outro, os homens apresentam percentagens superiores às mulheres na opção “atividade profissional” (22% face a 14% das mulheres).

Quando a razão da ligação à internet é cruzada com outras variáveis, como a idade, as habilitações e a classe socioprofissional do agregado, as diferenças por sexo ficam atenuadas, emergindo outras mais relacionadas com a literacia digital. Assim, conforme aumenta o nível de habilitações, ou diminui a idade, é mais referida a atividade profissional e a procura de informações, e, conforme descemos na escala social, mais inquiridos citam os filhos e menos a atividade profissional ou a procura de informação.

Possuir computador com ligação a internet em casa não implica que esta tecnologia seja usada por todos os elementos da família. Como se pode observar no quadro nº 27, existem diferenças significativas por sexo no uso da internet a partir de casa: 63,6% dos homens referem usá-la face a 47,8% das mulheres.

Quadro 27 - Uso diário de internet a partir de casa, segundo o sexo

Uso auto-declarado		Homem	Mulher	Total
Sim	N	91	65	156
	%	63,6	47,8	55,9
Não	N	52	71	123
	%	36,4	52,2	44,1
Total	N	143	136	279
	%	100,0	100,0	100,0

Fonte: Inquérito por questionário em Braga e Castelo Branco (Projeto Tempo e Tecnologia)

Em relação ao uso de internet no seio do casal, verifica-se que entre os agregados que possuem computador com ligação à internet em casa (65% da amostra), em um terço dos agregados nenhum dos cônjuges usa internet. Em quase metade (40%) usam ambos os cônjuges, face a 18% dos agregados em que apenas é usada pelo marido e em 11% apenas pela esposa.

Quadro 28 - Uso diário da internet a partir de casa, no casal

Uso de internet	N	Percentagem
Os dois usam internet em casa	112	40,1
Só os homens usam internet em casa	49	17,6
Só as mulheres usam internet em casa	30	10,8
O casal não usa internet em casa	88	31,5
Total	279	100,0
Não tem internet	151	--
Total	430	--

Fonte: Inquérito por questionário em Braga e Castelo Branco (Projeto Tempo e Tecnologia)

No geral pode-se observar que, conforme aumenta a idade, diminui a percentagem dos que usam internet em casa. Os inquiridos que têm idades inferiores a 40 anos usam significativamente mais a internet (75%) e os que têm mais de 60 anos utilizam-na significativamente menos (24%). É de realçar o facto de existirem diferenças significativas no uso da internet por sexo entre os mais novos (84% dos homens face a 65% das mulheres). Esta diferença parece estar relacionada com a presença de filhos no agregado e, portanto, com as responsabilidades e exigências temporais atribuídas socialmente à maternidade.

Quadro 29 - Uso da internet, a partir de casa, segundo o sexo e a idade

Idade			Sexo inquirido		Total
			Homem	Mulher	
≤ 40	Sim	N	55	38	93
		%	84,6	65,5	75,6
	Não	N	10	20	30
		%	15,4	34,5	24,4
	Total	N	65	58	123
		%	100,0	100,0	100,0
De 41 a 59 anos	Sim	N	31	26	57
		%	47,7	39,4	43,5
	Não	N	34	40	74
		%	52,3	60,6	56,5
	Total	N	65	66	131
		%	100,0	100,0	100,0
≥ 60	Sim	N	5	1	6
		%	38,5	8,3	24,0
	Não	N	8	11	19
		%	61,5	91,7	76,0
	Total	N	13	12	25
		%	100,0	100,0	100,0
Total	Sim	N	91	65	156
		%	63,6	47,8	55,9
	Não	N	52	71	123
		%	36,4	52,2	44,1
	Total	N	143	136	279
		%	100,0	100,0	100,0

Fonte: Inquérito por questionário em Braga e Castelo Branco (Projeto Tempo e Tecnologia)

Para os homens mais novos, a presença de filhos não parece alterar o acesso à internet em casa (91% dos que não têm filhos versus 81% dos com filhos). O

caso das mulheres é bem distinto: quando têm filhos, só 54% acede à internet contra 94% das que não têm filhos. Assim, as mulheres mais novas com filhos usam a internet em casa expressivamente menos do que os homens das mesmas idades ($\chi^2 = 7.403$, g. l. = 1, $p = 0.007$).

Sem surpresa, observam-se diferenças significativas por nível de habilitações, para ambos os sexos. Quando as habilitações aumentam, o mesmo acontece com o uso diário da internet em casa. As diferenças por nível de escolaridade e sexo apenas são significativas entre homens e mulheres com estudos básicos. Neste grupo, os homens usam expressivamente mais a internet do que as mulheres. Porém, face aos homens, as mulheres com estudos superiores são as que mais a usam (embora a diferença não seja estatisticamente significativa).

Para os homens, a diferença de uso é significativa entre os que têm estudos acima do terceiro ciclo do ensino básico (9º ano) e aqueles que não os têm. Os que possuem o secundário e o ensino superior apresentam valores muito semelhantes e significativamente superiores ao resto (acima de 80%). De realçar que os analfabetos ou os que não completaram os estudos de nível básico não utilizam internet, o que evidencia as limitações que a ausência de competências educativas põe para a real integração na sociedade de informação.

Entre as mulheres observa-se uma tendência semelhante, embora com uma diferença mais significativa entre as que não têm estudos ou só têm o ensino básico e as que têm níveis de habilitações superiores, ainda que entre o nível secundário de estudos e o superior haja diferenças (75% com o secundário face a 90% com estudos superiores). Portanto, por um lado, ter estudos superiores tem maior relevância nas mulheres do que nos homens, no que diz respeito a usar mais a internet diariamente a partir de casa. Por outro lado, a relação entre estudos mais elevados e uso mais frequente é menos contínua nas mulheres, do que entre os homens.

Quadro 30 - Uso de internet a partir de casa segundo o sexo e o nível de escolaridade

			Homem	Mulher	Total
Sem estudos ou com ensino básico	Sim	N	43	20	63
		% Sexo inquirido	50,0	24,4	37,5
	Não	N	43	62	105
		% Sexo inquirido	50,0	75,6	62,5
Total	N	86	82	168	
	% Sexo inquirido	100,0	100,0	100,0	
Secundários	Sim	N	25	18	43
		% Sexo inquirido	86,2	75,0	81,1
	Não	N	4	6	10
		% Sexo inquirido	13,8	25,0	18,9
Total	N	29	24	53	
	% Sexo inquirido	100,0	100,0	100,0	
Superiores	Sim	N	23	27	50
		% Sexo inquirido	82,1	90,0	86,2
	Não	N	5	3	8
		% Sexo inquirido	17,9	10,0	13,8
Total	N	28	30	58	
	% Sexo inquirido	100,0	100,0	100,0	
Total	Sim	N	91	65	156
		% Sexo inquirido	63,6	47,8	55,9
	Não	N	52	71	123
		% Sexo inquirido	36,4	52,2	44,1
Total	N	143	136	279	
	% Sexo inquirido	100,0	100,0	100,0	

Fonte: Inquérito por questionário em Braga e Castelo Branco (Projeto Tempo e Tecnologia)

As famílias com filhos usam significativamente mais a internet, embora o uso pelas mães tenda a ser menor do que o uso pelos pais. E essa diferença mantém-se independentemente da idade dos filhos. Quando há filhos menores de 6 anos, homens e mulheres usam mais a internet do que quando não há filhos com essas idades (encontramos aqui o efeito preponderante da idade: são os pais mais novos os que usam mais a internet). Porém, as mulheres com filhos menores de 6 anos recorrem à internet significativamente menos do que os homens (88% contra 63%). Aqui, de novo, observa-se o “efeito da maternidade”: os filhos pequenos exigem muita atenção dos progenitores e, em geral, é a mãe que lhes dedica mais do seu tempo.

Quando se analisam os tempos despendidos diariamente no uso da internet em função do sexo (quadro nº 31), emergem de novo diferenças que apontam

para um uso mais intensivo por parte dos homens. Quase metade (42%) dos inquiridos refere dedicar diariamente entre 15 minutos e uma hora à navegação pela internet em casa. Não se observam diferenças estatisticamente significativas por sexo. Contudo, as mulheres apresentam percentagens menores nos tempos mais prolongados. Por exemplo, 25% dos homens despendem entre 1 e 2 horas face a 15% das mulheres; e 18% dos homens despendem mais de 2 horas contra 11% das mulheres. Nos tempos mais curtos de utilização é maior a percentagem das mulheres, facto que ilustra a fragmentação do tempo doméstico das mulheres.

Quadro 31 - Tempo utilizado diariamente na internet, em casa, segundo o sexo

Quantidade de tempo		Sexo		Total
		Homem	Mulher	
Menos de 15 minutos	N	16	19	35
	%	17,0	29,2	22,0
De 15 a 60 minutos	N	38	29	67
	%	40,4	44,6	42,1
De 1 a 2 horas	N	23	10	33
	%	24,5	15,4	20,8
Mais de 2 horas	N	17	7	24
	%	18,1	10,8	15,1
Total	N	94	65	159
	%	100,0	100,0	100,0

Fonte: Inquérito por questionário em Braga e Castelo Branco (Projeto Tempo e Tecnologia)

No que concerne ao tempo diário na internet em função do uso no seio do casal (ver quadro nº 32), verifica-se que, quando ambos os cônjuges usam a internet em casa, os homens referem usar mais tempo do que as mulheres (70% das mulheres usam até uma hora contra 52% dos homens, ou, olhando para a outra face da moeda, 48% dos homens usam a internet mais de uma hora face 30% das mulheres). É de sublinhar que nos usos mais extensivos na categoria “mais de 2 horas diárias” deparamo-nos com 23% dos homens, e só com 10% das mulheres.

Quando apenas é o homem que usa a internet, ele tende a estar mais tempo *online*: 46%, quase a metade, gasta “entre 15 e 60 minutos” e 27% “mais de 2 horas”. Quando são as mulheres as únicas usuárias do casal, a tendência é a

concentração em durações menores (80% das mulheres pertencentes a casais em que somente elas usam internet, despendem menos de 1 hora na navegação).

Quadro 32 - Tempo utilizado diariamente na internet, em casa, pelo casal

Sexo inquirido			Os dois usam internet em casa	Só os homens usam internet em casa	Só as mulheres usam internet em casa	Total
Homem	Menos de 15 minutos	N	10	5	--	16
		%	15,4	19,2	--	17,0
	De 15 a 60 minutos	N	24	12	--	38
		%	36,9	46,2	--	40,4
	De 1 a 2 horas	N	16	7	--	23
		%	24,6	26,9	--	24,5
Mais de 2 horas	N	15	2	--	17	
	%	23,1	7,7	--	18,1	
Total		N	65	26	--	94
		%	100,0	100,0	--	100,0
Mulher	Menos de 15 minutos	N	10	--	9	19
		%	21,3	--	50,0	29,2
	De 15 a 60 minutos	N	23	--	6	29
		%	48,9	--	33,3	44,6
	De 1 a 2 horas	N	9	--	1	10
		%	19,1	--	5,6	15,4
Mais de 2 horas	N	5	--	2	7	
	%	10,6	--	11,1	10,8	
Total		N	47	--	18	65
		%	100,0	--	100,0	100,0

Fonte: Inquérito por questionário em Braga e Castelo Branco (Projeto Tempo e Tecnologia)

Em termos de diferenças de género, as mulheres tendem a usar menos tempo (elas apresentam maiores percentagens na opção “menos de 15 minutos” e os homens têm percentagens mais elevadas na opção “mais de 2 horas”).

Quando há filhos menores de 6 anos, homens e mulheres dedicam menos tempo à internet do que os que não têm filhos nessas idades. Porém, as diferenças por sexo são importantes: 80% das mulheres com filhos menores de 6 anos usam a internet “menos de 1 hora diária” face a 41% dos homens.

3.3 Valorização das tecnologias no espaço doméstico

Com o objetivo de obter uma primeira apreciação da importância que os inquiridos atribuem às tecnologias no âmbito doméstico, foram colocadas algumas perguntas abertas sobre a relevância, a utilidade ou a poupança de tempo dos equipamentos tecnológicos que possuem nas suas casas. Assim, esperava-se recolher uma resposta inicial espontânea sobre algumas dimensões das tecnologias presentes no espaço doméstico e suscitar uma avaliação que permitisse apontar para algumas hierarquias nas práticas e preferências em relação às mesmas.

Para tal, pediu-se aos inquiridos que respondessem às seguintes questões, as quais versam sobre os equipamentos tecnológicos que possuem em sua casa (aparelhos, eletrodomésticos, meios de transporte, etc.): *Qual considera o mais essencial? O que poupa mais tempo na sua vida? Qual é o mais útil para o trabalho doméstico? De qual prescindiriam (dos que possuem)? E qual gostariam de vir a ter?*

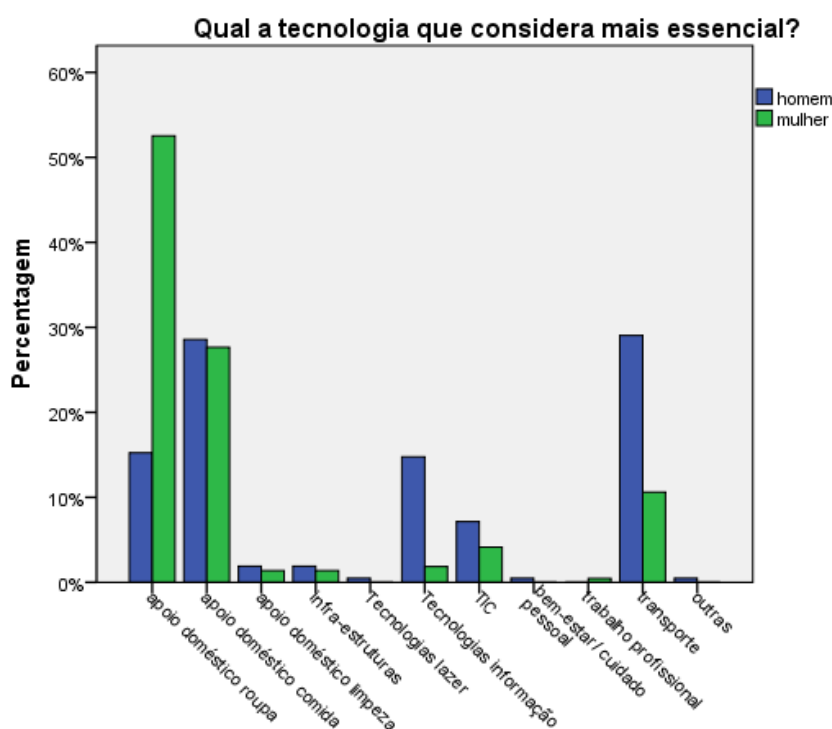
Devido à variedade e ao número elevado de aparelhos referidos pelos entrevistados procedeu-se, relativamente a algumas questões, ao agrupamento das tecnologias em 11 categorias (roupa; comida; limpeza; infraestruturas; lazer; informação; TIC; bem-estar/cuidado pessoal; trabalho profissional; transporte; outras), e construiu-se também uma outra classificação, com 6 categorias (apoio doméstico; TIC e aparelhos para o lazer; bem-estar/cuidado pessoal; infraestruturas; transporte; outras). A análise de respostas teve em conta, além das diferenças entre homens e mulheres, a idade e o nível de estudos.

3.3.1 Tecnologia mais essencial

Quanto à tecnologia mais essencial no dia-a-dia, observam-se diferenças significativas, por sexo, no que respeita à importância dada às máquinas. Metade das mulheres considera a máquina de lavar a roupa a tecnologia mais

essencial, face a 15,2% dos homens. Homens e mulheres justificam esta resposta baseando-se na poupança de esforço e de tempo que esta tecnologia permite. Entre os homens, a tecnologia mais essencial é o carro (27%), seguido da máquina de lavar a roupa e, depois, com percentagens semelhantes, a televisão (14,7%), o frigorífico (14,4%) e o fogão (11,4%). Enquanto os homens dispersam as suas preferências por todas as categorias, as mulheres fazem escolhas mais focadas nas tecnologias de apoio às tarefas domésticas. Para elas, depois da máquina da roupa, aparece o fogão (15,5%), o carro (10,5%) e o frigorífico (9,1%).

Figura 2 - Tecnologia considerada essencial, por sexo (11 categorias)



Fonte: Inquérito por questionário em Braga e Castelo Branco (Projecto Tempo e Tecnologia)

Para sistematizar as respostas a esta questão, optamos por agregar as diversas tecnologias em 11 categorias, tendo como critério a função da máquina. Três destas categorias inserem-se na função de apoio doméstico (à manutenção da roupa, à preparação de comida, à limpeza); três encontram-se na categoria dos equipamentos “pretos”: as tecnologias de informação, as tecnologias de

informação e comunicação, e as tecnologias de lazer. As restantes categorias contemplam as infraestruturas; as tecnologias em prol do bem-estar e cuidados pessoais; aquelas que se enquadram no contexto do trabalho profissional; os transportes; e uma categoria “outras”.

Observamos que para as mulheres são mais importantes as tecnologias de apoio ao tratamento da roupa (tarefa que permanece fortemente feminina, apesar da sua mecanização), de apoio à alimentação (fogão e frigorífico) e o transporte (carro). Por seu lado, os homens referem primeiro os transportes, seguidos das tecnologias de apoio às refeições (o frigorífico e o fogão) e, por último, aquelas utilizadas para a roupa.

Quadro 33 - Tecnologia considerada essencial segundo o sexo

Tecnologia		Homem	Mulher	Total
Tec. apoio doméstico	N	96	177	273
	%	45,7	81,6	63,9
TIC / Lazer	N	47	13	60
	%	22,4	6,0	14,1
Bem-estar/cuidado pessoal	N	1	0	1
	%	0,5	0	0,2
Infraestruturas	N	4	3	7
	%	1,9	1,4	1,6
Transporte	N	61	23	84
	%	29,0	10,6	19,7
Outras	N	1	1	2
	%	0,5	0,5	0,5
Total	N	210	217	427
	%	100,0	100,0	100,0

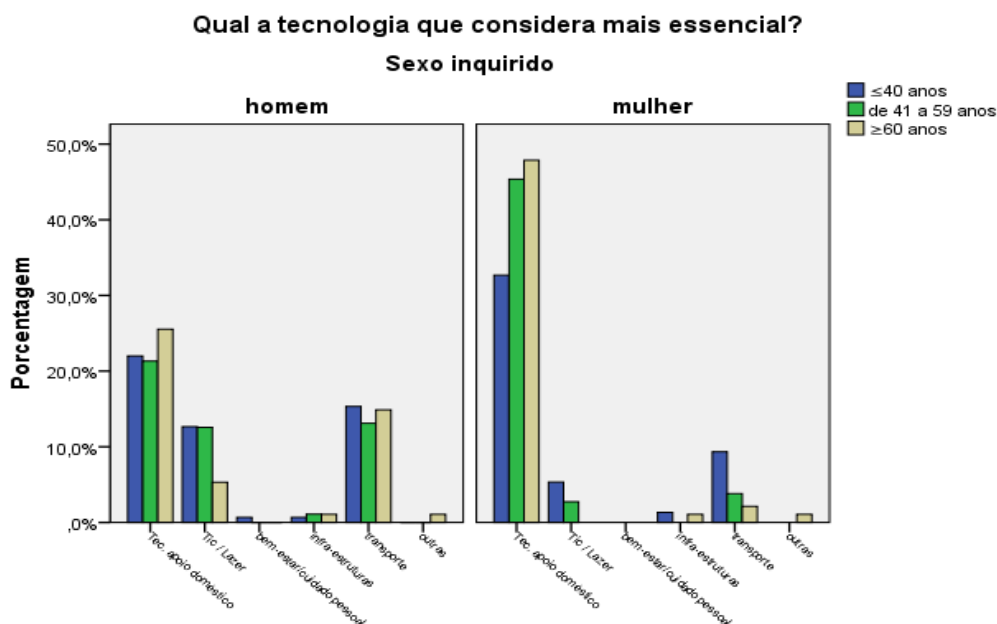
Fonte: Inquérito por questionário em Braga e Castelo Branco (Projeto Tempo e Tecnologia)

Quando utilizamos um outro nível de agregação, ou seja, aquele de seis categorias - agregando algumas funcionalidades numa categoria mais abrangente - (quadro nº 33), observam-se diferenças significativas por sexo ($\chi^2 = 61.535$, g. l. = 5, $p = 0.000$). A esmagadora maioria das mulheres (81%) considera essenciais as tecnologias de apoio ao trabalho doméstico, face a menos de metade dos homens (45%). O segundo lugar é dado às tecnologias

relacionadas com o transporte. Entre os homens, quase um terço considera estas muito importantes, face a 10% entre as mulheres. Finalmente, as tecnologias de informação e/ou de comunicação e os aparelhos para o lazer ocupam um lugar destacado para os homens, com 22%, face a 6% entre as mulheres.

Se cruzarmos a idade e o sexo com a opinião acerca da indispensabilidade de um tipo de tecnologia, as diferenças de género mantêm-se. As mulheres consideram mais essenciais as tecnologias de apoio às tarefas domésticas e os homens as do transporte, as TIC e os equipamentos de lazer. É de realçar que entre as mulheres, as mais novas (com menos de 40 anos) referem significativamente menos vezes as tecnologias domésticas e mais as de transporte, as TIC e as tecnologias de lazer como essenciais, do que o resto das mulheres ($\chi^2 = 22.756$, g. l. = 8, $p = 0.004$). Quanto menor a idade, menos relevância conferem ao doméstico e mais ao transporte (repare-se que a mobilidade é entendida como fonte de independência e o transporte como necessário para o emprego), às TIC e aos aparelhos de lazer.

Figura 3 - Tecnologia considerada essencial, por sexo e idade



Fonte: Inquérito por questionário em Braga e Castelo Branco (Projeto Tempo e Tecnologia)

No caso dos homens, não existem grandes diferenças por idade. Os mais idosos (com mais de 60 anos) consideram menos importantes as tecnologias de informação e/ou de comunicação e as tecnologias de lazer, e mais os equipamentos de apoio ao trabalho doméstico, às refeições (como o frigorífico e o fogão), embora sejam poucas vezes mencionadas aqueles de limpeza. Este resultado vinca a permanência das representações do espaço doméstico como espaço de reprodução de necessidades básicas, tais como comer, dormir, fazer higiene. Também é local de lazer, como se pode deduzir da atividade “ver televisão”.

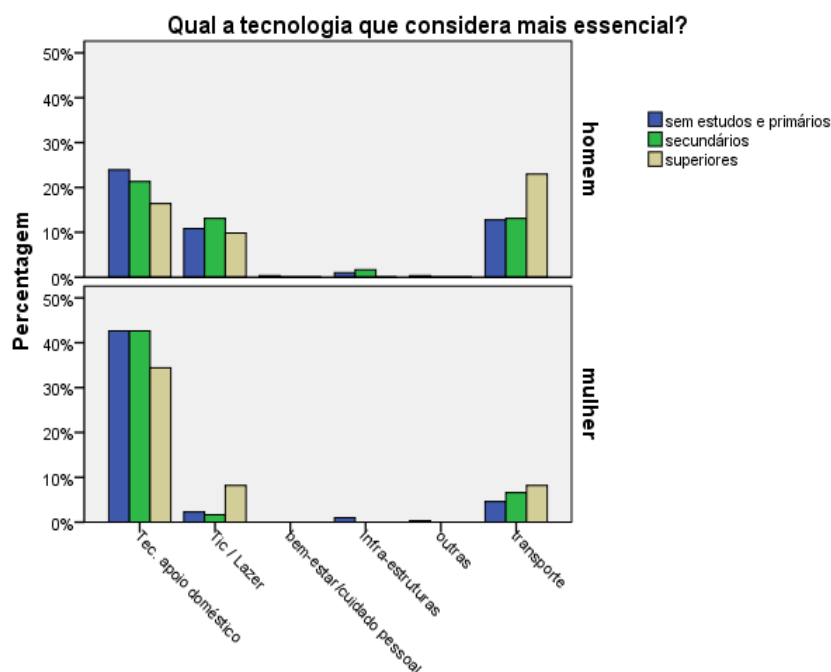
A relevância que os homens concedem aos transportes (nomeadamente o carro) é independente da idade. Os homens são, em relação a esta dimensão, mais parecidos entre si, enquanto entre as mulheres verifica-se uma diferença gradual segundo a idade. As mais novas (com menos de 40 anos) apresentam uma tendência mais semelhante aos seus homólogos masculinos, isto é, concedem mais importância ao transporte e às TIC e às tecnologias para o lazer e menos às tecnologias de apoio doméstico.

Mantêm-se as escolhas diferenciadas por sexo se analisarmos os dados conforme o nível de estudos. Embora se observem algumas variações entre os inquiridos com estudos superiores e os restantes, elas não são estatisticamente significativas. Entre os homens, os que têm estudos superiores consideram mais essenciais os transportes e as tecnologias associadas ao tratamento da roupa, o que denota alguma preocupação com o trabalho doméstico. É uma preocupação que aparentemente não se estender às tecnologias relacionadas com a alimentação (o fogão e o frigorífico). Também as tecnologias de lazer e as tecnologias de informação e/ou de comunicação são positivamente apreciadas. No que respeita ao computador e ao telemóvel não se observam diferenças significativas entre os homens com estudos secundários e os homens com estudos superiores. As tecnologias de lazer e de informação têm uma importante expressão nos homens com um nível básico de estudos. Também entre as mulheres, o nível de estudos tem alguma influência. As que possuem estudos superiores referem mais vezes as TIC (em particular o computador) e o carro como essenciais e menos as tecnologias de apoio ao tratamento da roupa. No geral, aquelas com estudos

básicos acham mais essenciais as tecnologias de apoio às tarefas domésticas (o que revela maior identificação com o papel tradicional), e menos essenciais os transportes e as TIC.

Uma visão agregada torna mais evidentes as diferenças existentes entre as mulheres com estudos superiores e as restantes, no sentido de as primeiras referirem menos vezes as tecnologias domésticas e mais as TIC e os equipamentos para o lazer como essenciais. As detentoras de habilitações de ensino secundário apresentam um padrão semelhante às que possuem estudos básicos, exceto no que diz respeito aos transportes, em que a percentagem é ligeiramente mais elevada. No caso dos homens, a agregação das categorias mostra resultados ainda mais finos, pois as diferenças relativas às TIC e tecnologias para o lazer verificadas por parte dos inquiridos com estudos superiores, face aos outros ficam neutralizadas, atendendo à importância que adquire a televisão entre os que possuem estudos de nível básico e secundário.

Figura 4 - Tecnologia considerada essencial, por sexo e nível de escolaridade



Fonte: Inquérito por questionário em Braga e Castelo Branco (Projeto Tempo e Tecnologia)

3.3.2 Tecnologia que poupa mais tempo

Um dos objetivos do projeto consiste em identificar as perceções dos inquiridos sobre a relação entre as tecnologias e o uso do tempo. Por isso, foi pedido aos inquiridos que citassem a tecnologia que lhes poupa mais tempo no seu quotidiano. Novamente, verificámos que as mais referenciadas são as tecnologias de apoio às tarefas domésticas, principalmente nas respostas das mulheres. Os homens fazem escolhas mais diversificadas. Embora com intensidades diferentes, a máquina da roupa é considerada pelos inquiridos de ambos os sexos como a tecnologia que mais economiza no tempo: 63% entre as mulheres, face a 28% entre os homens. Entre as mulheres surgem, em seguida, o micro-ondas (11%), a máquina de lavar loiça (6,4%), o fogão (5%) e o carro (5%). Entre os homens, depois da máquina da roupa, menciona-se o carro (20%), seguido de perto pelo micro-ondas (19%) e, finalmente, pelo computador (5%). Resumindo, as mulheres apreciam a redução do tempo gasto no trabalho doméstico, particularmente na lavagem da roupa. Os homens consideram a poupança de tempo em termos gerais, provavelmente por não serem eles os principais responsáveis pelo trabalho doméstico. São de destacar as diferenças por sexo relativamente às percentagens no que diz respeito à importância do micro-ondas e do carro. Entre todas as tecnologias de apoio às tarefas domésticas, o micro-ondas é uma das mais “masculinas”, e não alheio a este facto deve ser a forma como esse aparelho é usado: não propriamente para a confeção de refeições, mas, quase exclusivamente, para o aquecimento e o descongelamento.

Quadro 34 - Tecnologia que poupa mais tempo, segundo o sexo

Tecnologias		Homem	Mulher	Total
Tecnologia de apoio doméstico	N	127	202	329
	%	63,8	94,4	79,7
TIC / Lazer	N	20	1	21
	%	10,1	0,5	5,1
Infraestruturas	N	2	0	2
	%	1,0	0,0	,5
Transporte	N	46	11	57
	%	23,1	5,1	13,8
Outras	N	4	0	4
	%	2,0	0,0	10,
Total	N	199	214	413
	%	100,0	100,0	100,0

Fonte: Inquérito por questionário em Braga e Castelo Branco (Projeto Tempo e Tecnologia)

As respostas das mulheres relativamente às tecnologias que lhes poupam tempo refletem a sua dedicação e preocupação com o trabalho doméstico. As respostas dos homens denotam interesses mais diversificados. Não obstante estarem conscientes das vantagens da máquina da roupa, a sua preocupação centra-se mais no tempo despendido em deslocações.

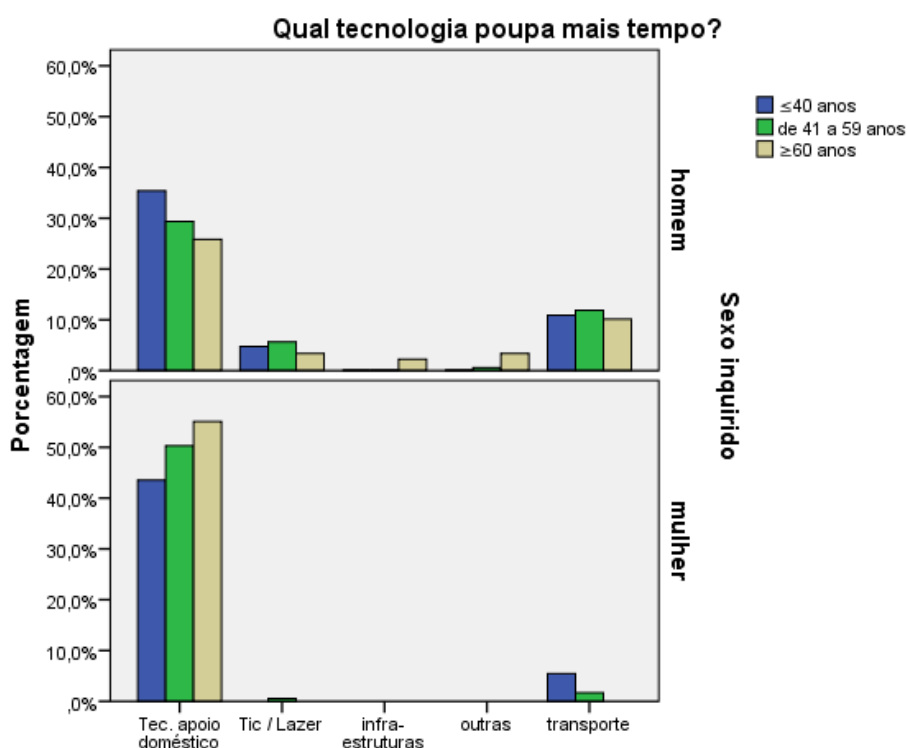
Se agregamos as categorias, como no quadro nº 34, as diferenças tornam-se mais expressivas ($\chi^2 = 61.315$, g. l. = 4, $p = 0.000$). No caso das mulheres, as tecnologias de apoio às tarefas domésticas são altamente expressivas e as restantes categorias quase residuais. No caso dos homens, para além destas tecnologias domésticas, também os transportes e as TIC são considerados relevantes na poupança de tempo.

A idade é também em relação a esta questão uma variável com influência significativa, tanto no caso dos homens como no das mulheres. Entre os homens mais novos, com mais frequência as tecnologias de apoio doméstico são referidas como “economizadores do tempo, o que indica uma certa consciência do tempo que se despence nestas tarefas e, provavelmente, alguma participação nas mesmas ($\chi^2 = 17.215$, g. l. = 8, $p = 0.028$). As mulheres com idades inferiores a 40 anos referenciam menos as tecnologias de apoio doméstico ($\chi^2 = 9.888$, g. l. = 4, $p = 0.042$), embora também neste grupo os valores permaneçam muito elevados (89,9%). Ainda que estas mulheres citem as tecnologias de apoio doméstico como pressuposto de

poupança de tempo, o tipo de tecnologias que referem distingue-se das referidas pelas mulheres mais velhas, sendo que as mais novas citam o micro-ondas e a máquina de lavar a loiça. Esta diferença pode denotar uma maior expectativa de que as tecnologias possam substituir o trabalho e poupar tempo. Importa realçar entre as mais novas a valorização dos transportes, nomeadamente do carro, provavelmente por este contribuir para a articulação entre o trabalho e a família.

Relativamente a este conjunto de variáveis, permanecem diferenças entre homens e mulheres. Diferenças que, todavia, não obtêm valores com significância estatística, se considerarmos na análise o nível de estudos dos inquiridos. Com efeito, no global, os homens consideram mais importante a máquina da roupa, do que as tecnologias associadas à comida. Mesmo assim, algumas destas (em particular, o micro-ondas, o fogão) são mais referidas pelos que têm estudos básicos. Outras, mais raras, como a Bimby, são mais vezes consideradas pelos homens com estudos superiores.

Figura 5 - Tecnologia que poupa mais tempo, por sexo e idade

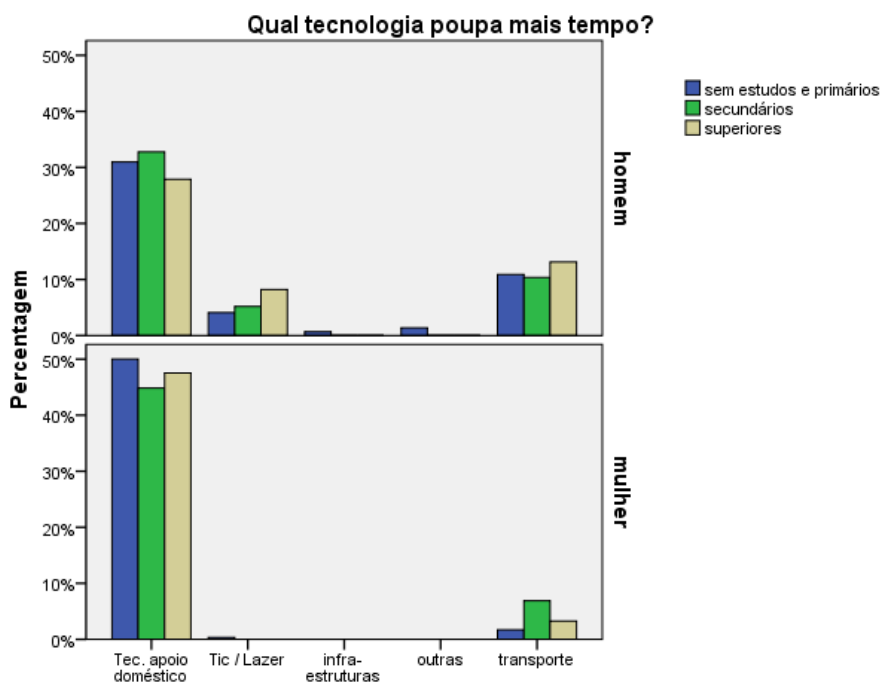


Fonte: Inquérito por questionário em Braga e Castelo Branco (Projeto Tempo e Tecnologia)

O transporte (o carro) é referido em terceiro lugar como uma das tecnologias que mais poupa tempo, sem haver diferenças por nível de estudos. No que concerne às TIC, os inquiridos com estudos superiores mencionam mais vezes o computador e a internet, sendo o telemóvel mais referido pelos que têm estudos básicos.

As infraestruturas (como as redes de eletricidade e de saneamento) são mais citadas pelos homens com estudos do nível primário, que são geralmente indivíduos pertencentes a uma faixa etária mais idosa. Estes, provavelmente, ainda refletem nas suas respostas alguma comparação com a situação de vida anterior, nomeadamente se atendermos ao fato de parte deles ter vivido sem muitas delas, nomeadamente sem eletricidade. Os homens com estudos secundários apresentam um perfil semelhante ao dos homens com estudos primários, embora destaquem mais as tecnologias de apoio às limpezas (a máquina de lavar a loiça e o aspirador). As mulheres concentram as suas respostas nas tecnologias de apoio doméstico, observando-se que elas mencionam várias tecnologias como potenciais poupadoras de tempo, enquanto os homens, tal como se anotou acima, têm tendência para se concentrar na máquina de lavar. Entre as mulheres, os meios de transporte são mais referenciados por aquelas que possuem estudos médios, enquanto as TIC e as tecnologias para o lazer têm uma presença simbólica.

Figura 6 - Tecnologia que poupa mais tempo, por sexo e nível de escolaridade



Fonte: Inquérito por questionário em Braga e Castelo Branco (Projeto Tempo e Tecnologia)

3.3.3 Tecnologia dispensável

A generalização de infraestruturas como esgotos e eletricidade, e o acesso à sociedade de consumo têm convertido o espaço doméstico num espaço com grande densidade de tecnologias. Um espaço onde convivem aquelas consideradas essenciais e de grande difusão (como o fogão, o frigorífico, a máquina de lavar a roupa e a TV) e outras de incorporação mais recente, como algumas das TIC. A “tecnificação” do espaço doméstico é um processo constante, no qual é sempre possível acrescentar uma nova tecnologia (a máquina do pão, a máquina de café expresso, o *home cinema*, etc.). Na consciência da lógica acumulativa e simbólica da sociedade de consumo e do discurso sobre a necessidade e a utilidade que rodeia a aquisição das tecnologias, foi pedido aos inquiridos que citassem, de entre as tecnologias que possuem, aquelas que consideram serem prescindíveis. Pretendia-se, deste modo, explorar a hierarquia de prioridades em relação às tecnologias.

Observam-se escolhas muito dispersas, orientadas para prescindir de pequenos eletrodomésticos de apoio às refeições (como a torradeira, a

batedeira, a faca elétrica, etc.) ou de tecnologias de lazer que, tal como veremos mais à frente, ou ficaram em desuso ou cujas funcionalidades foram incorporadas em novas tecnologias, como o computador (rádio, aparelhagem, vídeo, etc.). De sublinhar o facto de 8,4% dos inquiridos afirmarem que não prescindiriam de nenhum (muitos inquiridos referiram que todos são necessários), o que consubstancia a ideia de que as tecnologias modernas são grandemente percebidas fundamentais na vida social.

Para as mulheres, o micro-ondas ocupa o primeiro lugar entre os equipamentos considerados menos necessários (18% das entrevistadas indicaram este aparelho). No segundo lugar encontra-se a máquina da loiça (12%). Ambas as tecnologias são de incorporação recente no âmbito doméstico e os inquiridos, de ambos os sexos, consideram que lhes poupam tempo. No entanto, parece vingar a regra do *last in, first out*. No caso dos homens, verifica-se, novamente, uma diversidade de respostas, pois, além do micro-ondas (12%) mencionam um dos aparelhos de televisão (8%), ou seja, a diminuição do número de televisores que têm em casa. Ficar completamente sem televisão não é opção. Ao nível do agregado, observam-se diferenças por sexo ($\chi^2 = 16.525$, g. l. = 5, $p=0.005$), sendo que as mulheres referem em maior proporção as tecnologias de apoio doméstico e os homens as que se enquadram na categoria das TIC ou dos equipamentos de lazer. Grande importância parece ser atribuída aos meios de transportes, pois apenas 2% dos inquiridos consideram os seus veículos prescindíveis. Nestes casos, trata-se de motas usadas para lazer ou segundos carros.

No que respeita à indicação da tecnologia mais dispensável, não há diferenças significativas por idade, apenas se mantêm as diferenças por sexo (quadro nº 35). As diferenças por idade não são significativas, contudo, pode ser referido que as mulheres mais jovens tendem a achar mais prescindíveis algumas tecnologias de apoio doméstico, enquanto os homens mais novos (menos de 40 anos) referem como menos dispensáveis equipamentos do domínio das TIC e do lazer.

Quadro 35 - Tecnologia dispensável, segundo o sexo

Tecnologias		Homem	Mulher	Total
Tecnologia de apoio doméstico	N	95	135	230
	%	49,0	66,5	57,9
TIC / Lazer	N	62	35	97
	%	32,0	17,2	24,4
Bem-estar/cuidado pessoal	N	10	6	16
	%	5,2	3,0	4,0
Infraestruturas	N	3	4	7
	%	1,5	2,0	1,8
Outras	N	18	20	38
	%	9,3	9,9	9,6
Transporte	N	6	3	9
	%	3,1	1,5	2,3
Total	N	194	203	397
	%	100,0	100,0	100,0

Fonte: Inquérito por questionário em Braga e Castelo Branco (Projeto Tempo e Tecnologia)

Uma vez mais, tanto nos homens como nas mulheres, não se verificaram diferenças significativas por nível de estudos. Observa-se apenas uma tendência entre os homens com um nível mais baixo de estudos, para dispensarem mais os pequenos eletrodomésticos de cozinha (incluindo o micro-ondas). Por sua vez, entre as mulheres são aquelas com um nível mais elevado de estudos que têm tendência a dispensar estas tecnologias.

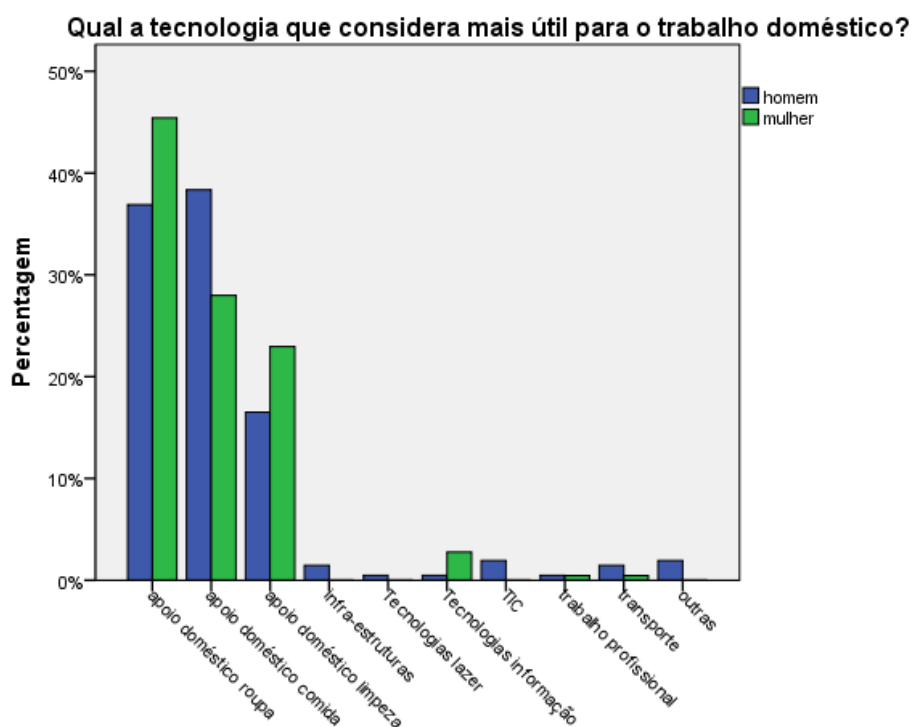
3.3.4 Tecnologia mais útil para o trabalho doméstico

Também no que diz respeito à tecnologia mais útil para o trabalho doméstico, se mantêm as diferenças por sexo. A tecnologia considerada mais útil é a máquina da roupa. Mas as diferenças em termos de sexo são menos acentuadas do que nas outras respostas, pois esta sinalização da máquina da roupa é feita por 40% das mulheres e 34% dos homens. Como segundo equipamento mais útil, as mulheres assinalam o aspirador (20%) e em terceiro lugar está o fogão (17%). Os homens apontam, a este respeito, em segundo lugar o fogão (27%) e, em terceiro, o aspirador (13%).

Podemos assumir que o núcleo duro do trabalho doméstico são a lavagem da roupa, a preparação das refeições e a limpeza da casa. No âmbito das

tecnologias de apoio às tarefas domésticas, a escolha dos homens prende-se com as tecnologias relacionadas com a confeção de refeições, enquanto as mulheres referem mais as tecnologias relacionadas com a roupa e as limpezas. Estas preferências são coerentes com a participação dos homens no trabalho doméstico, pois de entre as tarefas tipicamente femininas, é na preparação de refeições que eles apresentam a percentagem mais elevada de envolvimento (46% dos homens inquiridos indicam fazer refeições, enquanto que apenas 29% referem que limpam a casa).

Figura 7 - Tecnologia mais útil para o trabalho doméstico, segundo o sexo

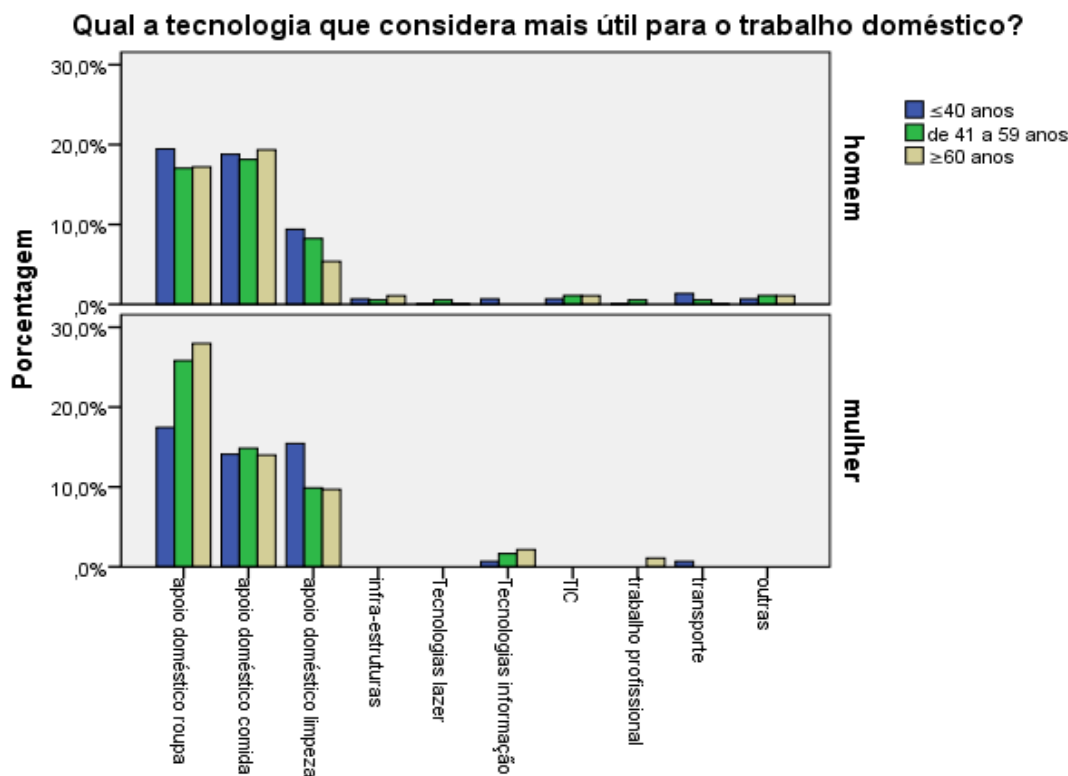


Fonte: Inquérito por questionário em Braga e Castelo Branco (Projeto Tempo e Tecnologia)

No que respeita ainda à perceção sobre o papel e a importância das tecnologias de apoio ao trabalho doméstico, observe-se que, não havendo grandes variações de acordo com a idade, entre os sexos as diferenças são significativas. Entre os homens, os mais novos consideram mais úteis as tecnologias de apoio doméstico às limpezas (máquina de lavar a loiça e aspirador) e as que se encontram na categoria TIC / aparelhos para lazer.

Entre as mulheres, as mais novas referem menos as de apoio aos cuidados da roupa e mais as de transporte.

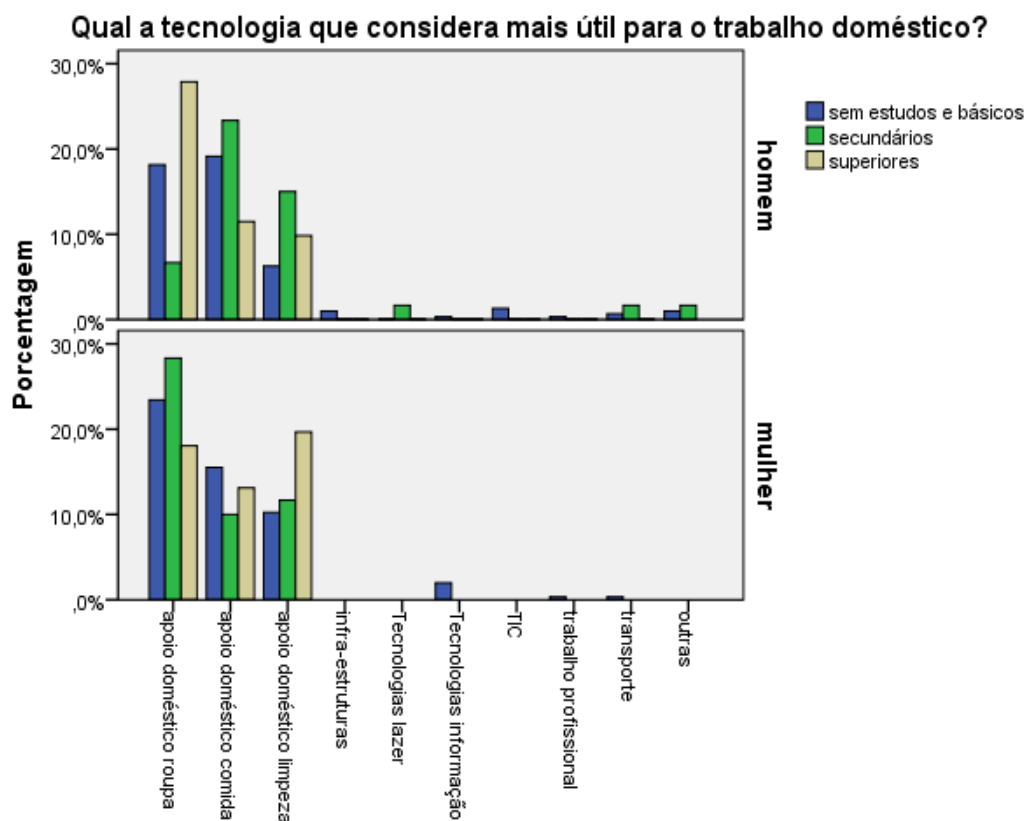
Figura 8 - Tecnologia mais útil para o trabalho doméstico, segundo o sexo e a idade



Fonte: Inquérito por questionário em Braga e Castelo Branco (Projeto Tempo e Tecnologia)

Nesta questão, não há diferenças significativas por nível de estudos. Em ambos os sexos, os que possuem mais estudos indicam como sendo mais úteis para o trabalho doméstico as tecnologias associadas às limpezas (o que se pode inferir da importância atribuída à máquina de lavar roupa). Entre as mulheres, aquelas que possuem estudos superiores apresentam uma tendência para citar menos as tecnologias de apoio à roupa e mais as da limpeza. Os homens com estudos superiores citam mais as tecnologias de apoio à roupa.

Figura 9 - Tecnologia mais útil para o trabalho doméstico, segundo o sexo e o nível de escolaridade



Fonte: Inquérito por questionário em Braga e Castelo Branco (Projeto Tempo e Tecnologia)

3.3.5 Equipamento que gostaria de ter

Finalmente, foi perguntado aos inquiridos quais os equipamentos que gostariam de ter. As respostas expressam tanto os desejos concretos num plano realista de tecnologias existentes no mercado, como as exigências ou expectativas que têm sobre as funcionalidades das mesmas. Quase um quarto dos inquiridos de ambos os sexos refere não querer mais tecnologias (17% das mulheres e 21% dos homens). No geral, há coincidência em querer tecnologias que facilitam algumas tarefas de limpeza (a máquina da loiça) e de roupa (a máquina de secar), o que faz transparecer o desejo de intensificar a mecanização destas tarefas. Verificou-se também um certo desejo em melhorar o bem-estar, evidenciado pela indicação de tecnologias de lazer (por exemplo, televisores plasma). Porém, as percentagens nestas preferências são

claramente diferenciadas por sexo, nomeadamente no que diz respeito às tecnologias associadas às limpezas. Há uma preferência das mulheres por tecnologias que auxiliem nos trabalhos domésticos tradicionais (a limpeza e o tratamento da roupa, particularmente). No que respeita às outras categorias, os homens destacam as tecnologias de transporte e as TIC. Os homens mostram preferências mais diversificadas do que as mulheres.

Quadro 36 - Tecnologia que gostaria de ter, segundo o sexo da pessoa inquirida

Tecnologias		Homem	Mulher	Total
Tec. apoio doméstico	N	65	114	179
	%	38,5	59,1	49,4
TIC / Lazer	N	27	16	43
	%	16,0	8,3	11,9
Bem-estar/cuidado pessoal	N	5	3	8
	%	3,0	1,6	2,2
Infraestruturas	N	9	4	13
	%	5,3	2,1	3,6
Transporte	N	13	6	19
	%	7,7	3,1	5,2
Outras	N	50	50	100
	%	29,6	25,9	27,6
Total	N	169	193	362
	%	100,0	100,0	100,0

Fonte: Inquérito por questionário em Braga e Castelo Branco (Projeto Tempo e Tecnologia)

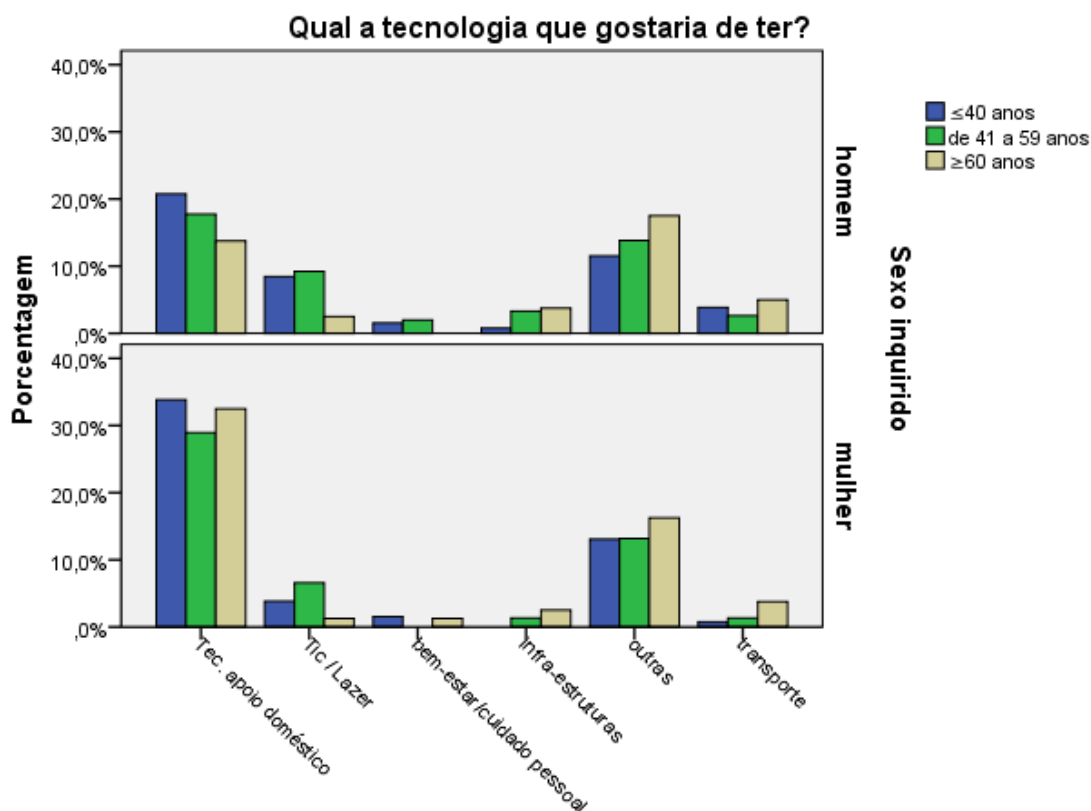
No plano “real” as mulheres desejam ter uma máquina de lavar a loiça (19% face a 11% dos homens) e uma máquina de secar (10%, percentagem semelhante à dos homens, com 9,5%). Mas também existe um plano “imaginário” dos desejos. Nesta categoria, há mulheres (e apenas mulheres) que referem querer máquinas que as substituam nos trabalhos domésticos (cerca de 15% desejam máquinas “robot” que “façam tudo”, que passem a ferro ou que limpem sozinhas). No imaginário coletivo das mulheres existe o desejo de uma libertação das tarefas consideradas mais desagradáveis: o tratamento da roupa e as limpezas. Por sua vez, os homens referem, em primeiro lugar, que não desejam nenhuma tecnologia adicional (21%). Mas, na segunda escolha, já enunciam o desejo de terem uma máquina da loiça (11%) e uma máquina de secar (9%). Ao nível do agregado mantêm-se diferenças

significativas por sexo ($\chi^2 = 19.725$, g. l. = 5, $p=0.001$). Mais de metade das mulheres deseja tecnologias relacionadas com tarefas domésticas (59% face a 38% dos homens). Os homens apresentam percentagens superiores nas restantes categorias, mais significativas em relação às de TIC/ aparelhos de lazer e de transportes.

Sobre as tecnologias desejadas, permanecem as diferenças por sexo: os homens desejam menos as tecnologias de apoio doméstico e mais as de transportes, as TIC, as de lazer e infraestruturas.

Por idades, entre os homens, os mais velhos dão menos relevância às tecnologias de apoio à roupa e referem as infraestruturas (em particular, o aquecimento) e os mais novos referem a máquina de secar. De novo, é visível uma diferença geracional entre os homens, no que respeita às tecnologias diretamente associadas às tarefas domésticas, particularmente nas que dizem respeito ao tratamento da roupa. Os homens mais novos são mais sensíveis à, ou estão mais conscientes da, sua importância. Quanto mais novos são os inquiridos, mais desejam tecnologias de bem-estar, tecnologias de lazer e de transportes (ter um carro novo ou, nas áreas rurais, substituir a mota por um carro).

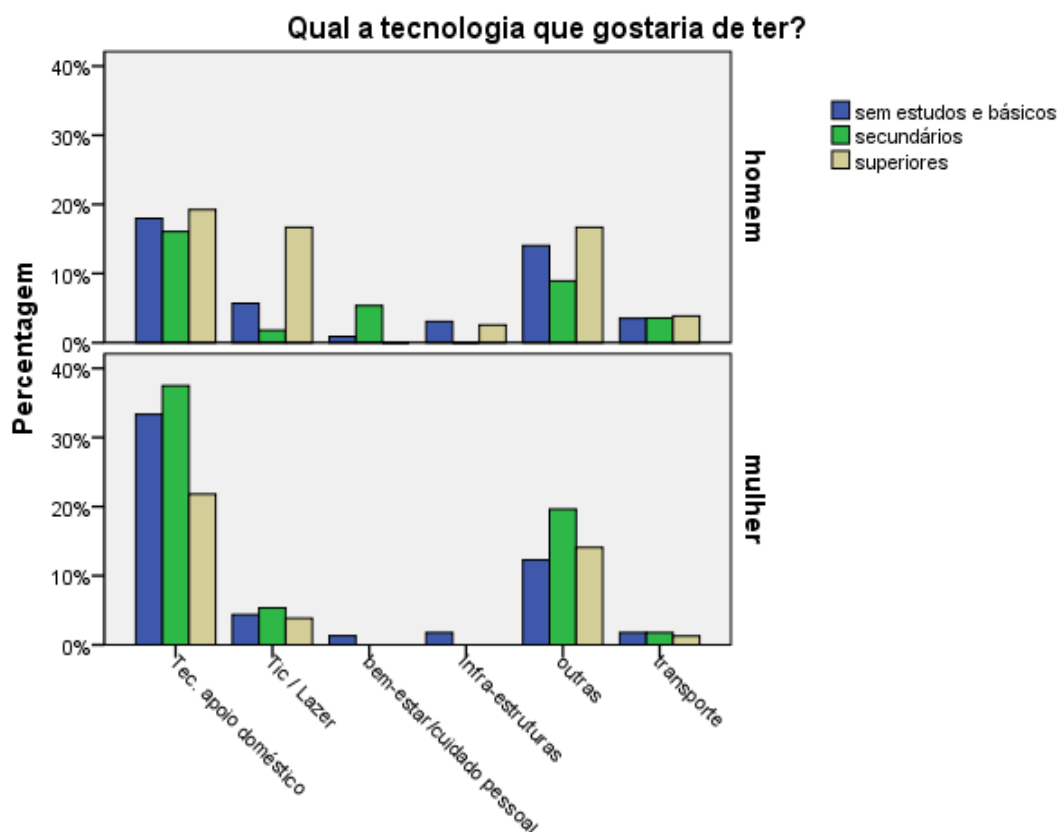
Figura 10 - Tecnologia que gostaria de ter, segundo o sexo e a idade da pessoa inquirida



Fonte: Inquérito por questionário em Braga e Castelo Branco (Projeto Tempo e Tecnologia)

Relativamente às mulheres, as mais novas desejam mais tecnologias de apoio aos cuidados da roupa; tal como os homens, desejam uma máquina de secar, mas também ferros a vapor. Quanto mais velhas são as inquiridas, mais interesse demonstram nas tecnologias de limpeza, nas infraestruturas (lareiras, aquecimento, etc.) e no transporte, nomeadamente, o carro (no bloco do inquérito relativo aos tempos de transporte, constatamos que as mulheres que têm mais idade são as que mais viajam de carro como passageiro). Nas tecnologias de lazer e nas TIC observa-se a tendência oposta: quanto mais novas, mais desejam este tipo de tecnologias. A TV e o plasma são enunciados com alguma frequência entre as pessoas de idade intermédia.

Figura 11 - Tecnologia que gostaria de ter, segundo o sexo e o nível de escolaridade



Fonte: Inquérito por questionário em Braga e Castelo Branco (Projeto Tempo e Tecnologia)

Entre os homens, encontramos diferenças significativas de acordo com o nível de estudos ($\chi^2 = 18.632$, g. l. = 10, $p = 0.045$) no que respeita às TIC/tecnologias de lazer. Os homens com estudos superiores referenciam mais estas tecnologias do que os que têm estudos secundários e básicos e, além disso, citam aparelhos diferentes: os primeiros preferem o computador e outras novas tecnologias como *lpad*, *bsound*, etc., face aos que têm estudos básicos e médios que referem mais a televisão e versões mais sofisticadas desta, como o LCD e o plasma.

O mesmo se verifica relativamente às mulheres com estudos superiores no que concerne às TIC, embora as diferenças não sejam estatisticamente significativas. Isso indica que o *digital gap* se manifesta também no plano dos desejos dos inquiridos de ambos os sexos.

3.4 O tempo destinado às tarefas domésticas

Nas páginas a seguir, apresenta-se uma caracterização da participação nas tarefas domésticas dos homens e mulheres inquiridos, atendendo à frequência de realização, aos tempos médios alocados às mesmas e à posse de tecnologias de apoio doméstico no agregado. São questões pertinentes no âmbito do nosso estudo, mas também para o estudo dos papéis de género de forma mais abrangente.

Verifica-se que os estudos sobre os usos do tempo têm evidenciado o facto de as principais diferenças entre os padrões de uso do tempo de homens e mulheres se centrarem na divisão entre o trabalho pago e o não pago, sendo que a este último são as mulheres que dedicam muito mais do seu tempo. Os mesmos estudos também coincidem em assinalar que nas últimas décadas têm acontecido algumas mudanças que apontam para uma redução do tempo destinado ao trabalho não pago e para uma lenta convergência nos tempos alocados por homens e por mulheres ao trabalho doméstico (Kan 2011; Sullivan 2000; Bianchi 2000; Méda 2008; Torres *et al*, 2002; Wall 2005). A incorporação massiva das mulheres no mercado de trabalho tem encurtado as diferenças relativas ao trabalho pago. Segundo os dados do Inquérito ao Emprego, de 2010 (o ano da aplicação do inquérito por questionário no presente projeto), o número médio de horas semanais dedicado ao trabalho pago foi de 40,5 no caso dos homens, e de 37,2 no caso das mulheres. Mas a aproximação entre homens e mulheres no que diz respeito à quantidade de tempo despendida no trabalho não pago é ainda reduzida. São as mulheres que continuam a assumir uma grande parte das tarefas domésticas e da prestação de cuidados a crianças e a outros dependentes. No fundo, os dados mostram que o aumento da participação dos homens no trabalho doméstico não tem correspondido à intensidade da participação das mulheres no trabalho pago.

3.4.1 A participação na realização das tarefas domésticas segundo o sexo

Em termos globais, podemos confirmar a persistência, entre os inquiridos, do modelo tradicional de divisão do trabalho doméstico, segundo o qual certas tarefas são atribuídas às mulheres (como o tratamento da roupa, as limpezas e as refeições), enquanto outras ficam sob a responsabilidade dos homens (as reparações e a administração). As tarefas domésticas também não têm todo o mesmo valor ou intensidade. Assim, enquanto os homens realizam tarefas mais breves, descontínuas, esporádicas ou marcadas por um grande esforço físico, as mulheres dedicam-se a tarefas sem grande prestígio, marcadas pela invisibilidade, repetição e monotonia.

Como se observa nos quadros a seguir (n^{os} 37 e 38), existe uma distribuição de tarefas segundo o sexo de quem as realiza; no pólo “feminino” encontra-se o tratamento da roupa (em particular a lavagem e a passagem). Mais do que 80% dos homens nunca realiza estas tarefas. Ainda mais extensa (92,2%) é a percentagem de homens que nunca passa a ferro, uma tarefa monótona e cansativa, que requer uma certa aptidão. É uma tarefa “tipicamente feminina”, sendo que apenas 12,8% das mulheres da nossa amostra afirmou nunca realizar esta tarefa. À limpeza regular da casa, 70,8% dos homens nunca contribui (face a 11% das mulheres), enquanto que na preparação de refeições e a lavagem da loiça mais de metade dos homens nunca participa (53% e 52%, respetivamente). No pólo oposto encontramos tarefas tipicamente mais “masculinas”: as reparações - que 81% das mulheres nunca realiza (face a 16% dos homens) - e, de forma mais ténua, os serviços administrativos, em que 50% das mulheres não se envolve, face a 30% dos homens. Por último, as compras habituais, situadas entre estes dois pólos, apresentam um perfil mais equilibrado: 35% dos homens nunca participa, face a 4,6% das mulheres.

Quadro 37 - Frequência na realização de tarefas domésticas segundo o sexo

Sexo	Frequência	Costuma preparar as refeições	Costuma lavar a loiça	Costuma lavar a roupa	Costuma passar a roupa	Costuma fazer a limpeza regular da casa	Costuma fazer manutenção e reparação da casa	Costuma realizar serviços administrativos	Costuma fazer as compras habituais
Homem	Todos os dias	18,0%	24,2%	2,8%	0%	1,4%	2,8%	3,3%	2,8%
	Várias vezes por semana	20,9%	16,6%	10,4%	1,4%	3,8%	5,2%	10,0%	17,1%
	Uma vez por semana, num dia de semana	4,7%	4,3%	3,3%	1,4%	7,7%	10,9%	16,1%	13,7%
	Só ao fim-de-semana	1,4%	0,9%	1,4%	2,8%	12,0%	13,3%	3,3%	23,7%
	Uma vez por mês	1,4%	1,9%	,5%	1,4%	4,3%	49,8%	36,5%	7,6%
	Nunca	53,6%	52,1%	81,5%	92,9%	70,8%	16,1%	30,8%	35,1%
Mulher	Todos os dias	89,0%	85,8%	30,1%	6,4%	21,5%	0,5%	0,9%	15,1%
	Várias vezes por semana	4,6%	9,6%	53,4%	38,4%	22,8%	0,9%	2,7%	22,8%
	Uma vez por semana, num dia de semana	0,9%	0,5%	4,6%	20,5%	14,6%	0,05%	9,1%	17,4%
	Só ao fim-de-semana	0%	0,5%	6,4%	20,5%	29,7%	0,5%	1,4%	25,6%
	Uma vez por mês	0%	0%	0%	1,4%	0%	11,9%	34,7%	14,2%
	Nunca	5,5%	3,2%	5,5%	12,8%	11,4%	81,7%	50,2%	4,6%

Fonte: Inquérito por questionário em Braga e Castelo Branco (Projeto Tempo e Tecnologia)

Todavia, participar na realização da tarefa não implica assumir a sua responsabilidade, no quotidiano. Se tivermos em conta os ciclos de cada tarefa, verificamos que a participação dos homens é mais errática e esporádica do que a das mulheres. Assim, são as mulheres quem assegura diariamente as refeições (89% face a 18% dos homens), a lavagem da loiça (85,8% face a 24,2% dos homens) e a lavagem da roupa "todos os dias" (30,1% face a 2,8%) ou "várias vezes por semana" (53,4% face a 10,4%). Esta menor frequência na realização das tarefas "femininas" indica por parte dos homens

que a participação destes não implica a responsabilidade plena, ou deve ser considerada uma “ajuda”.

Os tempos médios aferidos em cada tarefa proporcionam uma informação mais apurada sobre a desigualdade na participação das tarefas domésticas. A frequência oculta intensidades de participação bem diferentes, pois em termos de tempo e responsabilidades, e como já assinalado no capítulo 2, não são comparáveis entre si o ato de fazer todos os dias o pequeno-almoço e o ato de preparar diariamente o almoço. Também existe um fosso de diferenças entre o ser-se responsável pela roupa (que inclui um processo mais demorado de separá-la, selecionar o programa e os detergentes, estender a roupa, recolhê-la, a passagem, as eventuais remendas ou consertas e a arrumação) e uma participação na lavagem da roupa que constitui meramente na pressão de um botão da máquina.

Quadro 38 - Tempos médios semanais (em minutos) despendidos em tarefas domésticas segundo o sexo do inquirido

Tarefas domésticas	Sexo inquirido	N	Média	Desvio Padrão	Erro Padrão	Coefficiente de variação	Teste T	Significância
Fazer refeições	Homem	211	117,01	194,092	13,362	1,66		
	Mulher	219	623,26	402,672	27,210	0,65	-16,700	.000
Lavar a loiça	Homem	211	43,05	67,774	4,666	1,57		
	Mulher	219	240,18	334,520	22,605	1,39	-8,541	.000
Lavar a roupa	Homem	211	16,54	69,648	4,795	4,21		
	Mulher	219	178,90	273,221	18,463	1,53	-8,512	.000
Passar a roupa	Homem	211	3,53	16,683	1,148	4,73	-14,342	
	Mulher	219	135,91	133,071	8,992	0,98	-14,603	.000
Limpezas	Homem	211	29,04	68,643	4,726	2,36		
	Mulher	219	320,25	437,413	29,558	1,37	-9,729	.000
Manutenção e reparações	Homem	211	109,42	528,537	36,386	4,83		
	Mulher	219	10,32	68,034	4,597	6,59	2,702	.007
Serviços administrativos	Homem	211	34,75	64,173	4,418	1,85		
	Mulher	219	20,89	47,693	3,223	2,28	2,535	.012
Compras habituais	Homem	211	58,84	67,855	4,671	1,15		
	Mulher	219	113,08	128,485	8,682	1,14	-5,501	.000

Fonte: Inquérito por questionário em Braga e Castelo Branco (Projeto Tempo e Tecnologia)

A observação do quadro nº 38 permite perceber que os tempos médios despendidos nas tarefas são significativamente diferentes para os homens e para as mulheres, verificando-se elevados valores no desvio padrão e no coeficiente de variação. Dispersão de valores que, no caso dos homens, tem origem na baixa participação destes, pois, como já foi referido, mais de metade reporta zero minutos nas tarefas consideradas femininas. No caso das mulheres, o coeficiente de variação indica uma dispersão relativamente menor e, desde logo, o seu comportamento tende a ser mais homogéneo.

No cômputo geral, observa-se uma forte desigualdade no uso do tempo. Os homens gastam por semana, em média, vinte horas e meia menos do que as mulheres na realização das tarefas domésticas. As mulheres duplicam, no mínimo, os valores dos homens nas tarefas consideradas femininas. O contrário acontece com as reparações, em que as mulheres despendem 10 vezes menos de tempo do que os homens (10 minutos face aos 109 dos homens).

No que diz respeito ao trabalho pago, as diferenças registadas são bem menores, já que os homens que têm emprego trabalham, em média, mais sete horas por semana do que as mulheres na mesma situação (47 horas versus 40 horas), resultando numa diferença na carga total de trabalho semanal (pago e não pago) de treze horas e meia a mais, por parte das mulheres.

A análise dos tempos médios despendidos em cada tarefa, por género, revela a hierarquia tradicional entre tarefas masculinas e femininas. Destas, o passar a ferro está em primeiro lugar. Tendo em conta os dados já acima apresentados, as mulheres despendem até 45 vezes mais tempo a passar a ferro. São raros os homens que passam a ferro, facto evidenciado na nossa amostra, em que contamos apenas 15 (7%). Na lavagem da roupa e nas limpezas da casa, as mulheres despendem até 11 vezes mais tempo do que os homens. As diferenças diminuem para 5 vezes mais nas refeições e na lavagem da loiça. O tempo dedicado pelas mulheres às compras duplica o dedicado pelos homens a essa mesma tarefa.

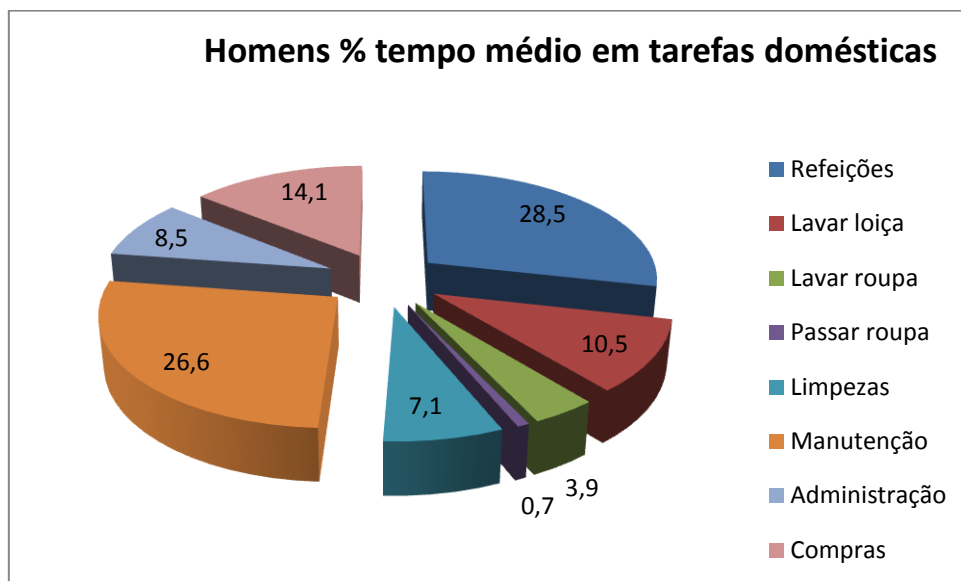
Quadro 39 - Tempos médios semanais (em minutos) despendidos em tarefas domésticas e trabalho pago segundo o sexo

Tarefas	Homens	Mulheres	Diferença (M-H)
Refeições	117m	623m	506m
Lavar loiça	43m	240m	197m
Lavar roupa	16m	178m	162m
Passar roupa	3m	135m	132m
Limpezas	29m	320m	291m
Manutenção	109m	10m	-99m
Administração	35m	21m	-14m
Compras	58m	113m	55m
Total	410m (6h 50m)	1640 m (27h 20m)	1230m (20h 30m)
Trabalho pago	47h	40h	-7h

Fonte: Inquérito por questionário em Braga e Castelo Branco (Projeto Tempo e Tecnologia)

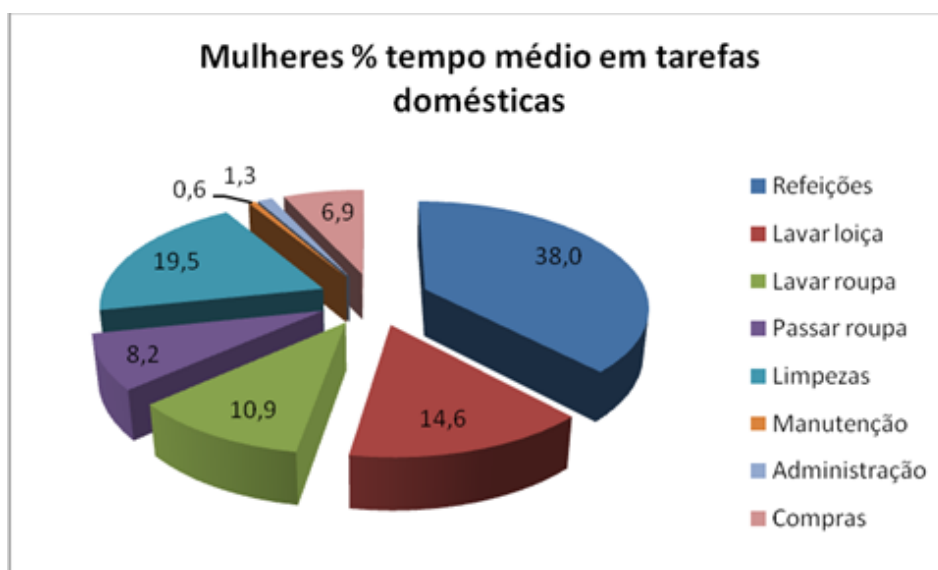
Além do mais, as tarefas tipicamente femininas, como a preparação das refeições, são as que mais tempos requerem. Assim, por exemplo, os homens gastam, em média, mais tempo na preparação das mesmas (117 minutos), do que nas reparações, uma tarefa tipicamente masculina (109 minutos). Porém, é precisamente na realização dessas tarefas mais femininas, em que as diferenças, em termos absolutos, entre homens e mulheres são mais expressivas, sendo que as mulheres dedicam a elas 8 horas a mais.

Figura 12 - Tempo médio (%) despendido em tarefas domésticas, homens



Fonte: Inquérito por questionário em Braga e Castelo Branco (Projeto Tempo e Tecnologia)

Figura 13 - Tempo médio (%) despendido em tarefas domésticas, mulheres



Fonte: Inquérito por questionário em Braga e Castelo Branco (Projeto Tempo e Tecnologia)

Em relação ao cuidado dos filhos menores, pode observar-se uma maior participação dos homens, embora os tempos por eles despendidos sejam inferiores aos das mulheres. No que se refere ao tipo de atividades, os homens participam mais intensamente em atividades de acompanhamento e não tanto

nas instrumentais (a alimentação e a higiene) (Ver Schouten e Lourenço 2012).

Em consonância com os vários estudos sobre cuidadores informais (Barbosa e Matos 2008; Pimentel 2011; São José 2012), os cuidados a ter com os dependentes (idosos, doentes), ficam claramente sob a responsabilidade das mulheres (198 minutos semanais face a 12, no caso dos homens).

Quadro 40 - Tempos médios semanais (em minutos) dedicados ao cuidado dos filhos e dependentes, por sexo

Tarefas de cuidado	Homens	Mulheres	Diferença (M-H)
Alimentação	44m	105m	61m
Higiene	27m	54m	27m
Brincar	192m	210m	18m
Vida escolar	46m	66m	20m
Cuidado a dependentes	12m	198m	186m
Total	321m (5h 21m)	633m (10h 33m)	5h 12m

Fonte: Inquérito por questionário em Braga e Castelo Branco (Projeto Tempo e Tecnologia)

3.4.2 Tarefas domésticas e a presença das mulheres no mercado de trabalho

O tempo que as mulheres despendem com o trabalho e outras responsabilidades no exterior limita a disponibilidade para a realização do trabalho doméstico, estimulando a adoção de determinadas estratégias. Algumas dessas estratégias são a concentração de tarefas em certos dias da semana (como o fim de semana); a participação do cônjuge e dos filhos; a redução do número de tarefas e dos padrões de exigência; a compra de serviços ou a externalização.

As mudanças na duração e nas frequências na realização das tarefas no seio dos agregados vão no sentido de aumentar a participação dos homens e de uma certa diminuição e reorganização, no caso das mulheres. Porém, como se

pode verificar no quadro a seguir (nº 41), nos agregados em que ambos os cônjuges trabalham, a participação dos homens está longe de ser igualitária. Observa-se, nestes agregados, uma maior percentagem de homens que participam nas tarefas consideradas femininas, nomeadamente na lavagem da loiça (59%), na preparação de refeições (53%) e na limpeza da casa (36%), assim como uma participação mais frequente dos homens nestas tarefas (todos os dias ou várias vezes por semana). Contudo, uma tendência inversa, ou seja, de redução da participação, não se verifica com a mesma amplitude entre as mulheres. Não obstante, pode observar-se uma mudança na frequência de realização entre as mulheres pertencentes a casais em que ambos trabalham, marcada pela concentração no fim de semana de algumas tarefas, tais como limpar a casa (38,2%), passar a roupa (25,5%) ou lavar a roupa (10,8%). Assim, as dificuldades de conciliação da dupla jornada fazem que só pouco tempo sobra aos fins de semana e por isso interferem no tempo livre e no lazer. As mulheres referiram destinar grande parte do sábado às tarefas domésticas, geralmente às limpezas e ao tratamento da roupa.

Quadro 41 - Frequência na realização e tipo de tarefas domésticas segundo o sexo (%), em casais onde ambos trabalham

Sexo	Frequência	Costuma preparar as refeições	Costuma lavar a loiça	Costuma lavar a roupa	Costuma passar a roupa	Costuma fazer a limpeza regular da casa	Costuma fazer manutenção e reparação da casa	Costuma realizar serviços administrativos	Costuma fazer as compras habituais
Homem	Todos os dias	19,1	30,4	3,5	0	1,8	3,5	5,2	1,7
	Várias vezes por semana	24,3	19,1	13	0,9	3,5	1,7	10,4	20,9
	Uma vez por semana, num dia de semana	6,1	4,3	3,5	0,9	9,6	12,2	20,9	15,7
	Só ao fim-de-semana	1,7	9	1,7	4,3	15,8	19,1	4,3	24,3
	Uma vez por mês	1,7	3,5	0	2,6	5,3	49,6	32,2	7,8
	Nunca	47	41,7	78,3	91,3	64	11,3	27,0	29,6
Mulher	Todos os dias	87,3	80,4	28,4	2,9	7,8	0	0	12,7
	Várias vezes por semana	5,9	12,7	49	37,3	22,5	1	4,9	26,5
	Uma vez por semana, num dia de semana	1	0	2,9	14,7	14,7	0	13,7	18,6
	Só ao fim-de-semana	0	1	10,8	25,5	38,2	1	2,0	27,5
	Uma vez por mês	0	0	0	0	0	13,7	29,4	12,7
	Nunca	5,9	4,9	8,8	19,6	16,7	81,4	48,0	2

Fonte: Inquérito por questionário em Braga e Castelo Branco (Projeto Tempo e Tecnologia)

Quando observamos os tempos médios despendidos nas tarefas dos inquiridos que pertencem a casais de duplo emprego (quadro nº 42), verificamos, de novo, a existência de diferenças significativas entre homens e mulheres, exceção feita às reparações. Nesses agregados, as mulheres despendem 30 vezes mais tempo ao passar da roupa do que os homens; sete vezes mais nas

limpezas e lavagem da roupa; quatro vezes mais na elaboração de refeições e lavagem da loiça e o dobro nas compras habituais.

Quadro 42 - Tempos médios semanais (em minutos) despendidos em tarefas domésticas segundo o sexo, apenas em casais onde ambos trabalham

Tarefas	Sexo inquirido	N	Media	Desvio padrão	Erro padrão	Coefficiente de variação	Diferença da média	Teste T	Significância
Fazer refeições	Homem	115	123,37	189.756	17.695	1,54	--	--	--
	Mulher	102	546,09	333.856	33.057	0,61	-422.723	-11.274	0.000
Lavar a loiça	Homem	115	47.86	64.797	6.042	1,35	--	--	--
	Mulher	102	179,46	173.143	17.144	0,96	-131.600	-7.240	0.000
Lavar a roupa	Homem	115	24,61	92.008	8.580	3,74	--	--	--
	Mulher	102	165,59	321.504	31.834	1,94	-140.980	-4.276	0.000
Passar a roupa	Homem	115	4,13	17.921	1.671	4,34	--	--	--
	Mulher	102	123,92	106.505	10.546	0,86	-119.791	-11.219	0.000
Limpezas	Homem	115	33,50	69.493	6.480	2,07	--	--	--
	Mulher	102	253,09	324.099	32.091	1,28	-219.584	-6.707	0.000
Manutenção e reparações	Homem	115	125,72	686.759	64.041	5,46	--	--	--
	Mulher	102	6,57	28.470	2.819	4,33	119.153	1.859	0.066
Serviços administrativos	Homem	115	40,74	76.787	7.160	1,88	--	--	--
	Mulher	102	19,47	41.755	4.134	2,14	21.269	2.572	0.011
Compras habituais	Homem	115	67,83	68.111	6.351	1,00	--	--	--
	Mulher	102	106,5	115.984	11.484	1,09	-38.723	-2.951	0.004

Fonte: Inquérito por questionário em Braga e Castelo Branco (Projeto Tempo e Tecnologia)

Atividades como as reparações e os serviços administrativos continuam masculinas, despendendo os homens 19 vezes mais tempo na primeira do que as mulheres e duplicando o tempo em serviços administrativos.

Nestes casais em que ambos trabalham, existem menores diferenças nos tempos médios despendidos. Contudo, essa variação deve-se a uma redução dos tempos alocados pelas mulheres às tarefas e não ao aumento da participação dos homens. Estas mulheres, com dupla jornada, reduzem, em média, uma hora nas tarefas mais exigentes (refeições e limpezas), mas também noutras com menor peso temporal, como o lavar da loiça. Por outro lado, o tempo despendido no tratamento da roupa (lavar e passar) permanece quase inalterado (apenas diminui 12 minutos), o que indica não só a grande importância que estas tarefas assumem, mas também a ausência de ajuda, por parte dos homens.

O emprego das mulheres repercute-se na diminuição da intensidade do seu envolvimento no trabalho doméstico. Mas, no caso dos homens, o desemprego ou inatividade não estimula uma sua maior participação nestas tarefas. Nos quadros e figuras seguintes podem apreciar-se diferenças significativas nos tempos médios despendidos pelas mulheres no conjunto das tarefas domésticas, quando estão empregadas; ou seja, nas situações onde apenas trabalha a mulher e nas situações onde trabalham os dois membros do casal, sendo que as mulheres empregadas despendem, expressivamente, menos tempo do que as que não têm trabalho pago (ANOVA $F=7.966$, $p<0.05$).

Quadro 43 - Tempos médios semanais (em minutos) despendidos nas tarefas domésticas segundo a condição perante o emprego do casal (apenas mulheres inquiridas)

Condição perante o emprego do casal	N	Média	Desvio padrão	Coefficiente de variação
Os dois trabalham	102	1400,74	796.570	0.57
Os dois não trabalham	62	1884,39	1224.614	0.65
Só trabalha a mulher	18	1163,44	608.969	0.52
Só trabalha o homem	37	2138,46	1098.632	0.51
Total	219	1642,79	1023.004	0.62

Fonte: Inquérito por questionário em Braga e Castelo Branco, 2010 (Projeto Tempo e Tecnologia)

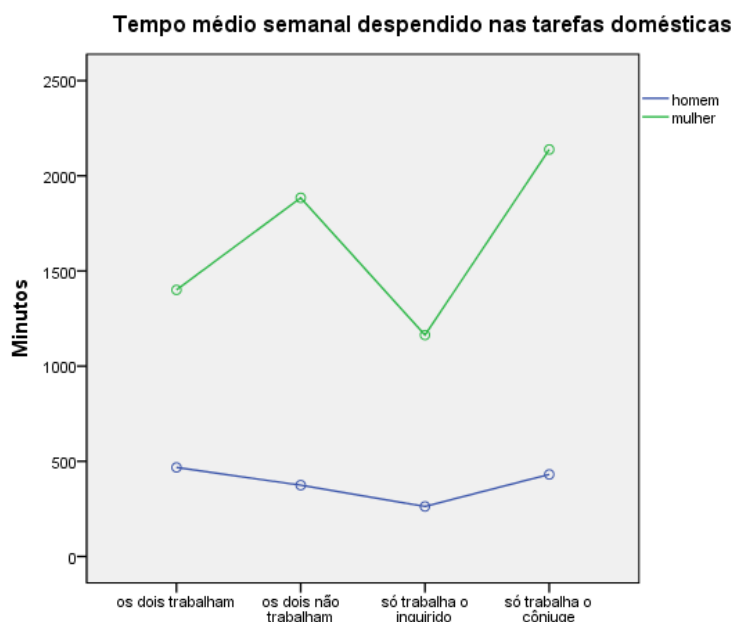
Um comportamento equivalente, ou complementar, não é apreciável entre os homens; as variações nos tempos médios, em função da condição perante o emprego do casal, não são significativas (ANOVA $F=1.009$, $p<0.05$). Todavia, os tempos médios despendidos pelos homens em tarefas caseiras tendem a aumentar na situação em que ambos trabalham e, também, quando apenas trabalha a mulher. Tal situação indica que os efeitos do trabalho feminino sobre a participação dos homens nas tarefas domésticas existem mas são limitados e pode denotar um reduzido interesse ou reduzida capacidade das mulheres para negociar uma divisão mais equitativa das tarefas domésticas no seio do casal.

Quadro 44 - Tempos médios semanais (em minutos) despendidos nas tarefas domésticas segundo a condição perante o emprego dos cônjuges (apenas homens inquiridos)

Condição perante o emprego do casal	N	Média	Desvio Padrão	Coefficiente de variação
Os dois trabalham	115	467,76	785.691	1.68
Os dois não trabalham	44	374,61	382.827	1.02
Só trabalha o homem	34	262,76	265.982	1.01
Só trabalha a mulher	18	431,28	334.889	0.78
Total	211	412,19	625.259	1.52

Fonte: Inquérito por questionário em Braga e Castelo Branco, 2010 (Projeto Tempo e Tecnologia)

Figura 14 - Tempo médio despendido nas tarefas domésticas, segundo o sexo da pessoa inquirida e a condição perante o emprego do casal



Fonte: Inquérito por questionário em Braga e Castelo Branco (Projeto Tempo e Tecnologia)

Tal como tem sido demonstrado em outros estudos (Perista 2010; Sullivan 2000), o emprego feminino não garante, necessariamente, uma renegociação da divisão do trabalho entre os membros da família. Aliás, como refere Perista (2010: 49), “as normas temporais de género continuam a assumir um importante papel na manutenção de uma divisão desigual do trabalho”.

3.4.3 Tempos nas tarefas domésticas e tecnologias de apoio

Um dos objetivos da presente investigação é explorar a influência das tecnologias nos tempos e temporalidades domésticos. Comparamos, no caso de algumas tarefas, as temporalidades da sua execução manual com a sua execução com recurso a máquinas, analisando a situação dos homens e das

mulheres separadamente²⁹. Apenas faremos referência aos equipamentos menos difundidos, dado que no caso, por exemplo, da máquina de lavar a roupa, o número de inquiridos que não a possuem é muito reduzido³⁰, o que inviabiliza uma comparação. Além disso trata-se de um estudo “sincrónico” que recolhe a situação num momento dado sem registar mudanças ao longo do tempo, o que não permite a comparação “diacrónica”.

Uma das atividades domésticas recorrentes em que foi possível medir a diferença em tempo despendido provocada pela existência ou não de uma máquina, foi aquela de lavar a loiça, já que a máquina de apoio a esta tarefa tem uma taxa de penetração de 52,6% nos agregados objeto de estudo, ao contrário de outros equipamentos que são muito mais comuns.

A lavagem de loiça revelou-se no inquérito como uma tarefa diária, já que 86,2% das mulheres faz este trabalho todos os dias, sendo que apenas 24,2% dos homens a fazem com esta regularidade. Por outro lado, 52% dos homens afirmam nunca lavar a loiça. Os homens que lavam a loiça “todos os dias” são, maioritariamente, os mais novos (menos de 40 anos), têm estudos superiores e quase 70% pertencem a casais onde os dois trabalham. Em relação aos tempos destinados a esta tarefa (realizada com qualquer frequência), os homens despendem semanalmente 1h40min e as mulheres 4h09min. Se compararmos apenas aqueles que lavam a loiça todos os dias, os homens gastam 2h11min e as mulheres 4h20min. Tal como acontece com outras tarefas, os homens que mais participam fazem-no com menor intensidade do que as mulheres, e, em média, gastam metade do tempo.

²⁹ Utilizamos a análise de variância ANOVA para explorar os efeitos das tecnologias nos tempos. A análise de regressão, mais apropriada, não é possível, devido ao número reduzido de casos, em algumas respostas.

³⁰ Por exemplo, ter ou não ter máquina de lavar roupa é significativo em relação ao tempo médio despendido nesta tarefa ($p = 0,002$): há uma diferença de 434 minutos (7h14min por semana, o que equivale a uma jornada de trabalho poupada pela máquina). Porém, não temos casos suficientes: só quatro das de mulheres inquiridas não têm máquina e os homens que não a têm não participam nem executam essa tarefa.

Em relação à influência da tecnologia de apoio a esta tarefa, entre os homens que têm e os que não têm máquina de lavar loiça não se observam diferenças significativas no tempo médio despendido (apenas 8 minutos a mais gastos pelos homens que não têm máquina, isto é, 39 minutos face aos 47 minutos dos que não a possuem).

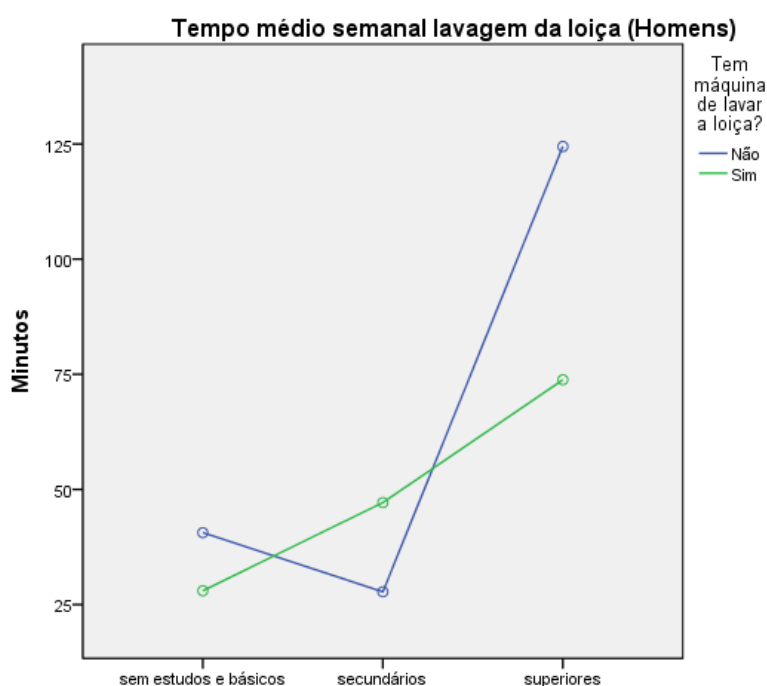
Quadro 45 - Tempos médios semanais (em minutos) para lavar a loiça segundo o nível de escolaridade (apenas homens)

Posse da máquina de lavar loiça	Escolaridade Inquirido	Média	Desvio Padrão	N
Não	Sem estudos e básicos	40,61	67.776	75
	Secundários	27,78	47.441	9
	Superiores	124,44	89.737	9
	Total	47,48	72.434	93
Sim	Sem estudos e básicos	28,00	56.704	76
	Secundários	47,14	57.502	21
	Superiores	73,81	82.263	21
	Total	39,56	63.959	118
Total	Sem estudos e básicos	34,26	62.561	151
	Secundários	41,33	54.614	30
	Superiores	89,00	86.287	30
	Total	43,05	67.774	211

Fonte: Inquérito por questionário em Braga e Castelo Branco (Projeto Tempo e Tecnologia)

De igual forma, e ainda no que diz respeito aos homens, não se observam diferenças significativas nos tempos médios, quando compararmos a posse deste equipamento para cada nível de estudos e grupo de idade. Entre os que têm mais habilitações literárias e os mais novos (que são os que mais tempo destinam a esta tarefa), o tempo poupado pela máquina de lavar a loiça nem sequer é estatisticamente significativo. Assim, por exemplo, se compararmos os tempos médios despendidos a lavar a loiça pelos homens com estudos superiores, observa-se que os que não tem máquina de lavar a loiça despendem, em média, 50 minutos mais por semana; no entanto, estas diferenças não são estatisticamente significativas ($t = -1.505$, $p = 0.144$).

Figura 15 - Tempo semanal despendido para a lavagem da loiça segundo o nível de escolaridade (homens)



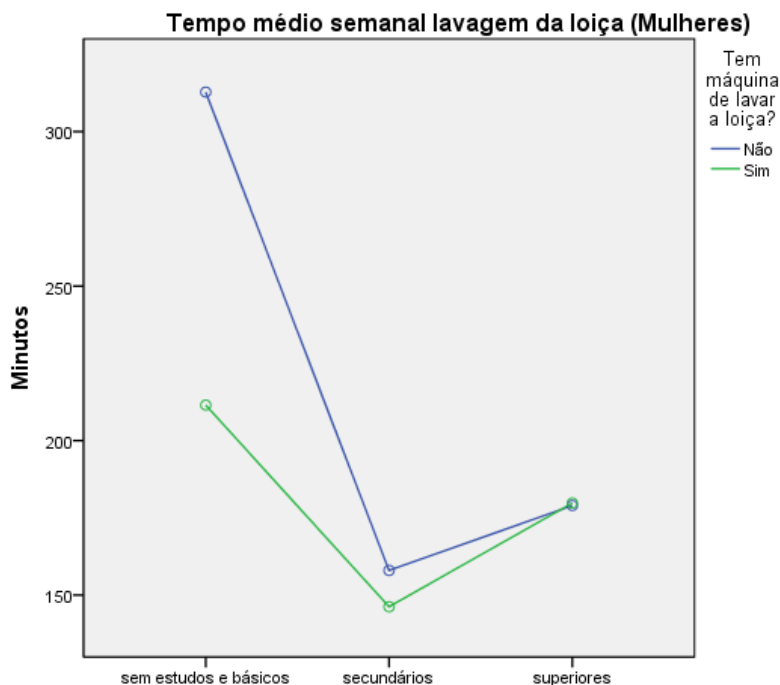
Em relação às mulheres, que na sua esmagadora maioria assumem esta tarefa diariamente, observam-se diferenças significativas em função da posse da máquina de lavar a loiça ($t = 2.032$, $p = 0.043$); as que a possuem despendem a menos uma hora e meia semanal nesta tarefa. Embora as diferenças não sejam significativas por classe socioprofissional, escolaridade ou idade, as reduções de tempo tendem a ser maiores entre as que possuem menores níveis de escolaridade (sem estudos e com estudos básicos).

Quadro 46 - Tempos médios semanais (em minutos) para lavar a loiça, por idade (homens)

Posse da máquina de lavar	Idade do inquirido	Média	Desvio Padrão	N
Não	≤ 40 anos	70,00	85.888	29
	De 41 a 59 anos	29,53	51.389	40
	Mais de 60 anos	50,21	79.502	24
	Total	47,48	72.434	93
Sim	≤ 40 anos	60,27	69.801	48
	De 41 a 59 anos	28,67	58.752	49
	Mais de 60 anos	17,62	48.699	21
	Total	39,56	63.959	118
Total	≤ 40 anos	63,94	75.851	77
	De 41 a 59 anos	29,06	55.257	89
	Mais de 60 anos	35,00	68.208	45
	Total	43,05	67.774	211

Fonte: Inquérito por questionário em Braga e Castelo Branco (Projeto Tempo e Tecnologia)

Figura 16 - Tempo semanal (em minutos) despendido para a lavagem da loiça segundo o nível de escolaridade (mulheres)



A limpeza do lar é outra tarefa em que se pode pressupor alguma diferença entre agregados com equipamentos mecanizados para tal e os restantes. No inquérito, concluiu-se que a presença do aspirador é quase universal (91,6%),

pelo que, tendo em conta os nossos dados, não nos é possível realizar uma comparação que faz sentido entre as famílias “mecanizadas e “não-mecanizadas”, no que ao tempo de tempo despendido à tarefa de limpeza diz respeito. Mulheres e homens dedicam-se à limpeza principalmente ao fim de semana (29,7% e 11%, respetivamente), embora as mulheres fazem limpeza com mais assiduidade: 22,8% executa-a várias vezes por semana e 21,5% todos os dias. Os homens que limpam a casa são, maioritariamente, urbanos (56%), e/ou pertencem a casais onde os dois trabalham (67,7%), e/ou ao grupo etário dos mais novos (os que têm até 34 anos representam quase um terço, e a categoria etária dos 35 aos 44 anos, 27% do total). Tal como acontece com outras tarefas, as mulheres que trabalham fora tendem a concentrar as limpezas mais “ao fim de semana” ou realizam-nas “várias vezes por semana”, e não diariamente. Já as mulheres domésticas e reformadas, na sua maioria, limpam todos os dias. A média de tempo destinado às limpezas, no caso dos homens, não apresenta grandes variações em função da idade ou do nível de estudos.

No caso das mulheres, elas tratam do asseio do lar mais tempo quando se encontram em situação de inativas ou desempregadas, sendo que o facto de trabalhar reduz o tempo destinado a esta tarefa em 2h30min. A contratação de uma empregada doméstica, no caso das mulheres, correlaciona significativamente com uma redução no tempo médio em 285 minutos, ou seja, 4h45min ($t = 7.095$, $p = 0.000$). A presença da empregada não altera os tempos médios despendidos nas limpezas pelos homens (os que têm empregada despendem nesta tarefa apenas 1 minuto menos do que os que não a têm), o que corrobora a ideia de que se trata de uma estratégia das mulheres para articular trabalho pago e doméstico, evitando o conflito ou a renegociação do trabalho não pago, no seio do casal. Portanto, a contratação de uma empregada constitui, efetivamente, uma forma de poupar tempo, mas poupa sobretudo tempo às mulheres, já que assume parte do trabalho destas, não tendo efeito na participação dos homens.

A posse de um aspirador traduz-se num aumento de tempo dedicado às limpezas de 8 minutos semanais no caso dos homens, e uma redução de 51 minutos no caso das mulheres.

3.5 Considerações finais

O presente capítulo debruçou-se sobre os principais indicadores do tempo e da tecnologia por parte dos inquiridos, com particular incidência na posse, uso e avaliação subjetiva das tecnologias presentes nas casas, assim como na análise dos tempos alocados às tarefas domésticas. Resumimos agora os pontos principais:

Em termos de equipamentos, os agregados apresentam um elevado nível de “tecnologização”: a maioria das famílias possui, em média, 10 dos 14 equipamentos propostos na listagem do inquérito. As tecnologias de apoio às tarefas domésticas estão amplamente divulgadas (mais de 80% possuem-nas); apenas a máquina da loiça apresenta uma difusão menor (52%). Em relação às tecnologias de lazer e às TIC, observa-se uma massificação da televisão e dos telemóveis (55% das famílias possuem três ou mais televisões e 44% três ou mais telemóveis), uma elevada posse (70%) das tecnologias de som e audiovisuais (CD/aparelhagem e CD/vídeo), assim como uma crescente presença do computador e da ligação à internet (72% e 59%, respetivamente).

O nível de equipamentos das famílias varia conforme a idade, o nível de estudos, a classe socioprofissional e a presença de filhos em casa. Assim, os mais novos, com mais formação ou os empresários, profissionais e técnicos tendem a ter casas melhor equipadas (em variedade e quantidade de aparelhos) destacando-se pela posse de TIC, de tecnologias de lazer e da máquina da loiça. À medida que passamos de níveis mais elevados na escala social e na formação, para níveis mais baixos, predomina um perfil de equipamentos diferente.

Entre os que têm mais de 60 anos verificamos uma posse significativamente menor de computadores e internet, a diminuição da presença das tecnologias tradicionais de lazer de áudio e vídeo (com a exceção evidente para a televisão) e, por fim, também percentagens menores em relação aos eletrodomésticos mais difundidos, como o aspirador e micro-ondas e, decorrente do que já foi dito antes, significativamente menores em relação à

máquina de lavar a loiça. No que respeita aos transportes, esta faixa etária reporta valores inferiores na posse de carro.

As famílias com filhos a morar no agregado possuem significativamente mais computadores e internet. Tal poderá dever-se ao facto de os pais tenderem a considerar estas tecnologias como uma ferramenta imprescindível para a formação e o sucesso escolar dos filhos.

Em relação ao utilizador principal das tecnologias disponíveis nos agregados, verifica-se uma forte genderização no caso das tecnologias “brancas”: as mulheres são maioritariamente assinaladas (por homens e mulheres) como as principais utilizadoras. Quanto às restantes tecnologias, podem identificar-se três grupos: por um lado, o telefone fixo e a televisão, abertamente femininas; por outro, um segundo grupo de tecnologias, mais masculinas, como seja o computador, internet, consola e DVD/vídeo; e, por último, um grupo de tecnologias onde não se registam diferenças entre cônjuges - o telemóvel (devido a sua enorme difusão, pois num terço das famílias cada um usa o seu) e o CD/aparelhagem, que é também muito utilizado pelos filhos. É de salientar o papel dos filhos como utilizadores principais das tecnologias “pretas”, sobretudo das recentemente incorporadas, como computador, internet, consola e DVD/vídeo, o que põe em evidência a relação entre a idade e o uso de novas tecnologias. Estas tecnologias muito usadas pelos filhos são também as mais masculinas.

As diferenças significativas no uso das tecnologias por género (“brancas” versus “pretas”) mantêm-se quando as cruzamos por idade. No entanto, verifica-se uma tendência de mudança tanto nos homens como nas mulheres. As mulheres mais novas e as que possuem estudos superiores tendem a identificar-se mais como utilizadoras principais das tecnologias “pretas”. Já entre os homens a mudança é mais gradual, embora mais evidente nos mais novos e instruídos. Assim, à medida que diminui a idade e aumenta o nível de escolaridade, mais são os homens que referem ser os principais utilizadores das tecnologias “brancas”.

As diferenças de género são uma constante no uso da internet a partir de casa: os homens usam mais a internet em tempo e frequência de conexão. O

nível de estudos, a idade, a classe socioprofissional e a presença de filhos no agregado influenciam o tempo de uso sem mitigar totalmente as diferenças de género. Assim, elevadas percentagens de utilização da internet (acima de 70%) sem diferenças entre homens e mulheres observamos apenas entre os inquiridos mais novos, com estudos secundários ou superiores e com uma posição média-alta na escala socioprofissional. Em relação ao tempo despendido no uso da internet em casa, as diferenças de género, a favor dos homens, persistem em todas as variáveis referidas, com a exceção de algumas categorias socioprofissionais (técnicos intermédios, profissionais e pessoal administrativo), nas quais as mulheres registam tempos semelhantes aos dos homens (mais de uma hora diária).

É de realçar que o “efeito dos filhos” atua no sentido de reduzir o uso da internet em casa: 79% dos agregados sem filhos usam-na, sendo que apenas 49% das famílias com filhos o fazem. A presença de filhos no agregado limita mais as mulheres do que os homens no uso da internet (41% e 58%, respetivamente), e estas diferenças de género alargam-se quando os filhos são menores de 6 anos (62% das mulheres com filhos menores de 6 anos usam a internet desde casa, face a 88% de homens). Verifica-se a mesma tendência em termos de tempo médio diário de uso da internet a partir de casa: 80% das mulheres com filhos menores de 6 anos despendem diariamente menos de uma hora, comparativamente aos 40% de homens na mesma situação.

As novas tecnologias da comunicação promovem o contacto entre os membros da família. Neste sentido, por exemplo, o telemóvel parece reforçar o papel das mulheres como cuidadoras e responsáveis dos filhos. Embora esta seja uma tecnologia muito divulgada, o uso comunicativo é diferenciado segundo o género. As mulheres referem usar mais o telemóvel para contactar com amigos e familiares (72,8% face a 49,3% dos homens, e de entre os familiares destacam os filhos, com 22,2% de referências, face a 9,7% por parte dos homens). Os homens, por seu lado, dizem usar o telemóvel principalmente para o trabalho (25% face a 6% das mulheres) ou para estarem contactáveis.

A apreciação das tecnologias presentes nos agregados relativamente a diferentes dimensões, tais como a relevância que assumem na sua vida

quotidiana, a poupança de tempo, a utilidade, etc., é também genderizada. O valor que os inquiridos atribuem às tecnologias está relacionado com as “ocupações e preocupações” dos mesmos. Uma vez que as mulheres continuam a ocupar uma grande parte do seu tempo nas tarefas domésticas, ao mesmo tempo que a sua presença no mercado de trabalho está a crescer, as suas preocupações estão orientadas para uma conciliação de ambos os tipos de trabalhos. Por um lado, as tecnologias de apoio doméstico e o carro são para elas essenciais em termos de poupança de tempo e esforço, mas também por possibilitarem a sua permanência no mercado de trabalho. Por seu lado, os homens estão conscientes da relevância que algumas tecnologias de apoio às tarefas domésticas têm na vida familiar, principalmente a máquina de lavar a roupa; porém, os seus interesses e preocupações estão mais direcionados para os transportes e equipamentos de lazer.

A biografia dos indivíduos influencia a perceção das tecnologias, e assim, os inquiridos com mais idade tendem a avaliar as tecnologias numa perspetiva temporal e comparam a situação atual de profusão de tecnologias no espaço doméstico com um tempo passado da sua juventude ou infância, onde não existiam tais aparelhos. Nestes casos, o valor das tecnologias reside na poupança de esforço (sendo a máquina de lavar a roupa o expoente mais evidente) e nas possibilidades de um novo estilo de vida que têm promovido (a mobilidade e independência que proporciona o carro). Também os mais velhos consideram em maior proporção como prescindíveis as tecnologias de lazer e as TIC, sendo que para os mais novos essa situação se inverte. Para os mais novos, a maioria das tecnologias sempre fez parte da sua vida, e os esquemas de apreciação das tecnologias estão mais relacionados com a poupança de tempo, com o conforto, como símbolos de posição social, etc.

As desigualdades no uso do tempo no espaço doméstico são marcantes. O panorama é de persistência com tímidas alterações, e a contribuição para o encurtamento do tempo despendido em tarefas domésticas deve-se mais às mulheres que trabalham no exterior, do que à maior participação dos homens. Ainda que a forma de avaliar o efeito das tecnologias de apoio doméstica utilizada seja muito limitada, podemos dizer que as que são consideradas mais essenciais, como a máquina da roupa, poupam muito tempo, um tempo

basicamente poupado às mulheres, pois são elas que realizam as tarefas. As máquinas podem mediar a “des-feminização” (das tarefas, por via de uma mecanização “asséptica” (carregar no botão da máquina de lavar ou colocar a loiça na máquina evita o contacto direto com a água e a sujidade, e é mais rápido e menos inconveniente) e nessa medida podem estimular a participação dos homens em certas tarefas ou em partes do processo de realização da tarefa. No entanto, perduram na prática (que não tanto nos discursos, como tem sido sobejamente estudado, entre outras por Wall [2005]) as concepções específicas de género.

A conciliação dos tempos (de trabalho pago, livre, familiar, não pago, descanso, etc.) é, por enquanto, mais uma preocupação das mulheres do que dos homens. São elas que desenvolvem estratégias para diminuir o tempo de trabalho doméstico concentrando tarefas em certos dias da semana (a maior parte das vezes ao fim de semana), diminuindo patamares de exigência (em menor medida) e, quando economicamente é possível, contratando uma empregada; são estas “tecnologias” as que parecem ter relevância na redução dos tempos destinados às tarefas domésticas por parte das mulheres.

Embora as diferenças por género nos tempos médios destinados à realização de tarefas domésticas sejam relevantes, indicando uma persistência na divisão tradicional do trabalho doméstico no seio do casal, também podemos observar algumas tendências de mudança em certas atividades tipicamente femininas, protagonizadas por parte dos homens mais novos, urbanos, com estudos médios e superiores pertencentes a casais onde ambos trabalham. A análise dos tempos médios que despendem e da frequência com que realizam as tarefas (em média, metade do tempo despendido pelas mulheres e de forma menos rotineira) apontam mais para uma participação sob a forma de “ajuda” do que para uma co-responsabilização.

Capítulo 4

O Tempo no Espaço Doméstico e Familiar

Este capítulo incide sobre os usos e as representações do tempo. Centramo-nos na análise das principais variáveis em estudo, orientando-nos pelos conceitos de tempo e temporalidade. De modo sucinto, analisam-se os dados recolhidos, enquadrando-os no conjunto de conclusões veiculadas para Portugal e Europa sobre os usos do tempo das famílias e da população em geral, conforme o sexo e a idade.

O capítulo compõe-se de três pontos fundamentais: i) um enquadramento inicial sobre os usos do tempo no quadro das divisões sociais criadas pela pertença social e pelo sexo; ii) a descrição dos modos de uso e perceção do tempo por parte dos inquiridos, com ênfase sobre as distinções de gênero e iii) a apresentação de algumas conclusões sobre os usos e as perceções do tempo e a emergência de novas realidades sociais em busca de outros conceitos e modos de operacionalização (Araújo 2011; Schouten 2008).

A sociologia do tempo tem-se centrado na análise de diversas dimensões do tempo, nomeadamente as orientações temporais, os esquemas de horários, o tempo institucional, a evolução da consciência social de tempo, a mudança social e o lugar do tempo na metodologia (Bergman 1992: 81). Fazendo apelo à dialética entre estrutura e ação proposta por Giddens (1984), a preocupação dirigiu-se ao estudo da estrutura do tempo das famílias e dos seus membros, tendo sido dado relevo à descrição dos modos de usar e distribuir o tempo, conforme a variável sexo. Tal como propõem Grossin (1974, 1996) e Mercure (1996), o modo como as famílias e os indivíduos usam o tempo resulta dos “meios temporais” em que estes se inserem e perante os quais respondem. Neste seguimento, dá-se relevância ao longo do texto aos indicadores que permitem classificar a interpenetração entre tempos sociais e tempos familiares e individuais. A leitura e a interpretação que realizamos das narrativas recolhidas fazem-se, atendendo a três marcas fundamentais evidenciadas durante toda a pesquisa: i) a falta de tempo; ii) o cansaço do tempo e iii) os modos de relação simbólica com o tempo.

4.1 O tempo social e o tempo familiar

Hall (1983, 1994) identifica diferentes tempos. O autor menciona, entre outros, o tempo social, o tempo psicológico e biológico e o tempo sagrado. Todos estes “tipos” de tempo são relevantes para perceber como o sexo é uma variável estruturalmente condicionante dos usos do tempo. Desde logo, porque o tempo social está dependente do contexto geográfico e cultural, lugares onde os tempos sagrado e religioso são fundamentais para a ordenação da vida social, pois configuram uma primeira matriz de representações de valorizações por parte dos indivíduos. Tal como sustentam Mauss (1950) e Durkheim (1912), o ritmo da sociedade é determinado pelo ritmo das atividades e das estações que marcam o tempo com momentos de maior ou menor grau de efervescência social. Os meios temporais conjugam as ações, as atitudes e os discursos dos atores, com os modos de estruturação das relações de poder e definem, por sua vez, o modo como os sistemas e as instituições lidam com o tempo e com as temporalidades de forma a justificar e a legitimar as suas práticas, injetando na *praxis* temporal um determinado ordenamento, uma determinada ideologia.

A sociologia interessa-se por diversas dimensões de análise do tempo e das temporalidades. Há, no entanto, uma que se destaca por evidenciar um dos traços mais estruturantes da sociedade industrial (Giddens 1984; Harvey 1989): o facto de o tempo, seja qual for a sua classificação e registo espacial, ser considerado de ter uma equivalência monetária. Nesta perspetiva, é um bem comercializável, assumido como escasso (Adam 1990), estando sujeito a controlo e a administração. Além disso, correspondem-lhe atividades que, ao serem catalogadas como pertencentes a um dos tempos delimitados pelo sistema industrial - o tempo ocupado ou o tempo livre - recebem maior ou menor reconhecimento e valor social. Em resumo, o tempo está sujeito ao exercício de poder, sendo, portanto, um dos principais sinais de desigualdade e de distinção social entre indivíduos e entre grupos sociais.

A classe social, o meio geográfico e, inclusive, o país e o estado socioeconómico deste, são variáveis constitutivas do contexto temporal em que se manifestam os tempos individuais e os tempos das famílias. Entre

todas, destaquem-se a situação perante a profissão, a atividade profissional e o nível de escolaridade, associadas ao índice de capital cultural. Grossin demonstrou nos anos setenta do século XX (1974) como as características das atividades profissionais - designadamente estarem, ou não, sujeitas a um tempo e a um espaço definidos - produzem usos e avaliações do tempo peculiares, isto é, mais ou menos centradas sobre a experiência da rotina e da autonomia e mais ou menos sujeitas à disciplina imposta por outros. Grossin deu relevo aos efeitos dos níveis de escolaridade sobre a forma como os indivíduos usam, pensam e valorizam o tempo, afirmando uma correlação positiva entre o nível de escolaridade, menor aceitação da rotina e maior valorização do tempo de lazer. Mas, o autor também considerou que, em várias situações, os esquemas dos horários de trabalho típicos nas diversas “profissões”, podem suplantar o efeito esperado das classes sociais sobre os usos do tempo. Por isso, é tão importante não definir hipóteses lineares para o estudo do uso do tempo nas diversas populações. Por isso, é ainda tão relevante admitir que a pressão temporal pode correlacionar-se positivamente com o aumento de rendimento e com o maior prestígio social associado à atividade profissional.

4.2 O tempo doméstico e familiar

As temporalidades organizacionais, assim como os regimes do tempo de trabalho são absolutamente centrais no debate social e político nas sociedades contemporâneas. Estas temporalidades manifestam, cada vez mais, modos de gestão orientados pelo princípio da flexibilidade, em praticamente todos os eixos do seu desenvolvimento (Lallement 2007), provocando alterações profundas nos modos de organização do tempo em todos os outros sistemas sociais.

De forma sucinta, a análise aos usos e representações do tempo baseia-se, então, nestas duas grandes ideias:

- i) Os indivíduos relacionam-se com o tempo de forma racional, propondo medições e avaliações baseadas no valor monetário do

tempo, mas também com base em sentimentos, sensações e emoções que tornam as durações, os intervalos, os compassos de espera mais ou menos legítimos e mais ou menos bons para si próprios;

- ii) No conjunto destas emoções e sensações, incluem-se os sentimentos de (des)igualdade nas relações sociais, de classe e de gênero, expressos, justamente, no contexto familiar.

Aboim (2012) considera que “materialização da ideia de igualdade é certamente um processo complexo que, de um ponto de vista de gênero, implica redefinições das sinuosas fronteiras entre público e privado”. Observe-se que o espaço doméstico é definível como espaço privado que, ao longo da história da teoria social, recebe, entre outras (Araújo 2004; Aboim 2007, 2012), duas concetualizações bastante distintas e que são necessárias ter em conta, particularmente quando o objeto que nos ocupa é atravessado pelo poder:

- i) O espaço doméstico é entendido como espaço autêntico, onde os indivíduos podem revelar-se, assumir e expressar as identidades para si e em si e obter proteção, apoio e cuidado;
- ii) Outros autores, bastante alinhados pela argumentação feminista de fundo e pela visão de Foucault sobre a penetração das estruturas de poder nas esferas do “privado”, perspetivam estes contextos como potencialmente tirânicos, espaços onde o poder se exerce sem controlo ou visibilidade social. Por isso, são entendidos como espaços de violência e de opressão (Fraser 1992).

Neste capítulo é, assim, relevante ter presente, por um lado, o efeito dos contextos culturais temporais em que os indivíduos e famílias se situam e, por outro, o modo como as quantidades e as disponibilidades de tempo são determinadas por variáveis sociológicas, elas próprias sujeitas a construções sociais mediante as quais certos tipos de tempo surgem mais ou menos valorizados e economicamente validados. Além disso, é fulcral anotar que certos espaços do tempo são recursos de distinção social mobilizáveis entre indivíduos e classes sociais, no jogo social. Retornando à linguagem de Elias

(1939) e de Bourdieu (1979), pode afirmar-se que o uso do tempo enforma de um *habitus* específico, um sistema de disposições incorporadas que atuam sobre a espontaneidade dos atos quotidianos, determinando-lhe a sua operatividade na vida diária.

O último inquérito aos usos do tempo, realizado em Portugal, de 1999, como nos restantes países europeus, relaciona algumas variáveis sociologicamente relevantes. Entre outras conclusões, frisem-se as seguintes:

- a) As crianças e os jovens repartem o tempo diário basicamente pela escola e pela televisão e outras formas de lazer de tipo “passivo”;
- b) As famílias demonstram padrões de usos do tempo dessincronizados e desarticulados entre os seus membros que trabalham e estudam em regimes temporais díspares e conflituais entre si;
- c) As mulheres acumulam mais horas de trabalho doméstico do que os homens na mesma situação familiar e a quantidade de tempo livre e de lazer depende, em larga medida, do capital económico de que dispõem as famílias.

Apesar do tempo decorrido entre o referido inquérito e o inquérito realizado no presente projeto, e apesar das diferenças no universo, existem claras convergências entre as conclusões enunciadas e aquelas do presente projeto, e que já foram em parte apresentados no capítulo 3.

4.3 Divisão e distinção dos usos do tempo entre homens e mulheres

São vários os vértices do processo de reprodução das ordens que instituem diferentes papéis e expectativas da parte dos homens e da parte das mulheres em relação a:

- (i) Orientação temporal para objetivos;
- (ii) Graus de autonomia na gestão do tempo;
- (iii) Níveis de contingência implicados nos usos do tempo;

- (iv) Grau de nitidez na definição de metas ou mesmo os graus de densidade temporal e preparação para o inesperado e imprevisível.

No fundo, inter cruzam diversas modalidades de socialização histórica, geracional, institucional e familiar que “ensinam” as mulheres e os homens a entender, gerir e perspetivar o tempo, a duração e a temporalidade de formas distintas, apesar de justificadas como complementares. Existem diversas formas de caracterizar os usos e as representações do tempo. Embora se possam registar algumas variações, os usos do tempo são produto das estruturas sociais e normativas. Mas, estas influenciam a alteração e o surgimento de usos que podem ser “novos” ou meramente diferentes. No projeto que efetuamos estamos a falar também, e predominantemente, de tempos quotidianos, da forma como os indivíduos alocam o tempo no dia a dia, o pensam e valorizam e se relacionam com as suas sinalizações mais estruturantes, tais como os dias, as horas, as semanas, os meses. Tal como foi assinalado em capítulos anteriores, o objetivo principal do estudo consistiu em questionar os efeitos da variável sexo sobre os usos e as representações do tempo, em situações em que os indivíduos vivem numa relação familiar com a presença, ou não, de filhos.

Os usos, as representações e as construções do tempo também são condicionados pelos efeitos do uso da tecnologia, cujas utilizações estão, igualmente, inscritas em expectativas e papéis distintos em termos de homens e de mulheres.

Desde a reflexão de Kristeva (1979) e, mais tarde, Leccardi e Rampazi (1993), os estudos têm vindo a reiterar a pertinência explicativa do sexo nos usos do tempo quotidiano. Em causa estão as expectativas e as aspirações que marcam a trajetória de homens e mulheres. Estas, em resultado do processo de socialização, demonstram maior capacidade para esperar e, ao mesmo tempo, antecipar, o que lhes vale a identificação com o tempo cíclico e repetitivo. Os homens revelam mais atributos para definir e seguir planos escritos, valendo-lhe a identificação com o tempo linear (Araújo, Fontes e Domingues, 2012).

Tal como temos vindo a frisar, existem múltiplas abordagens sobre os usos do tempo em função do sexo. A maior parte insiste na análise dos tempos e das temporalidades no feminino. A principal explicação para esta ênfase reside na situação histórica de dominação das mulheres e no interesse, especial da Sociologia, pela categoria analítica dos “dominados” (seguindo a abordagem epistemológica de Bourdieu). Em rigor, são precisos mais estudos sobre a vivência das temporalidades no masculino. A literatura específica sobre o tempo dos homens e sobre o sexo, na dupla perspetiva - feminina e masculina- é ainda escassa. Não se construiu para este projeto, um quadro de análise especialmente dirigido ao estudo dos homens, dos seus tempos e temporalidades, mas procurou-se prezar alguma comparabilidade entre os homens e mulheres, atendendo a outras variáveis diferenciadoras, tais como a idade, a profissão e o nível de habilitações e também a situação perante o emprego (empregado ou desempregado).

As principais conclusões que vale a pena assinalar podem ser agrupadas em dois grandes tipos:

- (a) Usos do tempo quotidiano e formas diferentes de relacionamento com o tempo;
- (b) Mudanças nas sociedades contemporâneas influentes sobre os usos do tempo doméstico e familiar.

Na primeira tipologia agregamos estudos cujos resultados indicam a continuidade dos fenómenos de dominação das mulheres no espaço doméstico. Aqueles ficam expressos no facto de elas, não só dedicarem mais tempo em quantidade a todas as atribuições domésticas e familiares, como a cederem aos seus interesses e desejos, muito especialmente o tempo livre e o tempo de lazer, em favor dos tempos do cônjuge ou dos filhos. Os estudos relacionados com os orçamentos do tempo, ou que partem dos orçamentos do tempo, tendem a frisar esta conclusão, a qual se mantém válida para qualquer estrato social e faixa etária, embora mais pronunciada nas classes com menos capitais económico e cultural.

Tal como foi oportunamente anotado no capítulo 3, para as classes populares em que ambos os cônjuges trabalham ou em que um dos cônjuges está

desempregado, a situação é mais difícil para as mulheres. Tal deve-se à falta de dinheiro para externalizar qualquer atividade, o que as faz arcar com mais afazeres e responsabilidades diárias. Adicionalmente têm de gerir mais dificuldades no acesso a transportes e a outros serviços que se juntam à propensão para gerirem horários de trabalho instáveis e em regime noturno ou por turnos, como podia ser concluído dos dados do inquérito e das entrevistas efetuadas. Em qualquer caso, não obstante a influência atribuída ao Estado e às políticas públicas e às situações sociais mais ou menos decisivas sobre os modos de vida, os estudos tendem a explicar a sobrecarga temporal das mulheres pelos padrões e expectativas sociais e culturais que ainda recaem sobre elas, particularmente os associados ao papel de esposa e de mãe e que, em graus diferenciados, atravessam a estrutura social. Além disso, trata-se de uma conclusão que vem sendo reiterada, não só no contexto nacional, mas também europeu.

Fora da Europa a situação descreve-se com palavras semelhantes, sendo demonstrada a frágil situação das mulheres em tudo o que se relaciona com a manutenção das atividades de reprodução, acumuladas, na larga maioria dos casos, com atividades de produção.

Um dos mais recentes relatórios da EU, de 2011, sobre organização do tempo de trabalho e medidas de articulação dá conta de que o modelo predominante de organização do tempo para Portugal segue o modelo masculino de ganha-pão, caracterizado por reduzida flexibilidade horária, inexistência de trabalho em (e a partir de) casa e regimes de trabalho a tempo inteiro marcados por cargas horárias extensas.

Na sua grande parte, estas pesquisas corroboram a interiorização dos padrões bem explicitados no estruturo-funcionalismo de Parsons, ao pronunciar-se sobre a estrutura da família e o modo como a organização profissional condiciona as respostas aos papéis de género (Parsons 1971).

Os estudos que salientam a subordinação do tempo das mulheres a todos os outros tempos familiares tendem a frisar a importância que ainda hoje adquire a conotação da mulher com o desempenho de funções de reprodução e de procriação e que exigem emoção e carinho. Além disso, atividades que

fazem da mulher um elemento estruturante na manutenção da família, portanto, alguém espaço-temporalmente “fixado” e profundamente invisível.

Na segunda tipologia, agregamos os estudos que mostram algumas mudanças substantivas nos usos e perceções do tempo, tanto das mulheres, como dos homens, relativamente aos papéis e expectativas sociais. A entrada massiva da mulher no ensino superior e na vida profissional constituiu um dos principais eixos de mudança da estrutura familiar e do posicionamento da família na sociedade. Nos tempos mais recentes, a crise económica e social, aliada ao nível de escolaridade crescente das mulheres, tem trazido mudanças sociologicamente significativas à família, não só porque se propõe a necessidade de maior partilha de tarefas entre homens e mulheres, como pelo facto de a mulher representar, em muitos casos, a fonte de rendimento mais elevada da família. Estes estudos enfatizam, assim, a emergência de novos padrões relativamente à estrutura da família e de outros valores relativamente aos papéis masculinos desejáveis, sobretudo ao nível da parentalidade.

No que respeita à partilha de tarefas domésticas e familiares, a literatura produzida em contexto dos países nórdicos acentua a crescente preocupação com a necessidade de os homens-pais atribuírem mais importância às atividades com os filhos e ao tempo despendido com eles. O movimento que conduz a estas mudanças é de ordem política e impulsionado pelas feministas liberais, para quem as mudanças legislativas representam sempre um primeiro passo para mudanças mais profundas.

A partilha das atividades domésticas e familiares por parte dos homens é interpretada, não só a partir da assunção sobre a emancipação feminina e a forma como os homens se adaptam e respondem a novas situações familiares em que as mulheres se auto-percecionam como estando em relações simétricas, mas também a partir da ideia de que os homens têm ganho mais interesse pela família, sobretudo pelos seus papéis junto aos filhos, como educadores. Tal como se observou no capítulo 1, as crianças adquiriram desde o início do século XX, um estatuto muito especial no seio das sociedades modernas, atraindo sobre si uma enorme centralidade de cuidados materiais e

emocionais (Schouten e Lourenço 2012). No espaço doméstico e familiar elas representam diferentes modos de estar por parte dos pais, especialmente do pai que, desfazendo-se da expectativa de ser “cabeça de casal”, se apresenta no papel mais tradicionalmente adstrito à mãe, envolvido nas atividades de jogo, lazer e cuidado dos filhos. Estas mudanças, observadas com mais consistência em homens com níveis de escolaridade mais elevados e também mais jovens, acompanham mutações a que se assiste nos padrões culturais e que têm proposto novos modelos de masculinidade e feminilidade. Trata-se, no entanto, de processos ainda sob análise exploratória, designadamente no contexto dos países do sul da Europa.

4.4 A percepção do tempo

A exposição que realizámos até este ponto remete, por diversas vezes, para o conceito de “percepção” do tempo. Deve assumir-se o inter-condicionamento entre os processos e as dinâmicas sociais e institucionais e os processos mentais de entendimento do mundo. Há, todavia, necessidade de precisar que neste estudo interessa incidir particularmente na operatividade das representações sociais sobre o tempo, enquanto sistemas de classificação social enraizados nas relações sociais e nos seus marcadores de poder e de autoridade. Interessam-nos também os processos e as construções sociais do tempo, atendendo ao efeito macro histórico sobre os hábitos, os costumes e os traços culturais das populações. A percepção do tempo não sendo, por isso, um objeto central neste estudo, só importa porque nos permite entender que, para além dos processos socialmente condicionados e explicáveis dirigidos a um conjunto nuclear de variáveis, entre as quais o sexo, a idade, a classe e a profissão, existem processos e mecanismos de foro mental, única e previamente analisáveis em sede psicofisiológica.

Os estudos específicos sobre a percepção do tempo são vastos, recolhendo especial interesse por parte da psiquiatria. Interessa-nos chamá-los aqui unicamente para dar consistência às conclusões a que chegamos e que apontam no sentido da existência atual de um sentimento generalizado de

falta de tempo, de pressão de tempo ou de paragem do tempo. Damásio (2000) esclarece que a ausência da noção do tempo (e do espaço) é um indício de patologia psíquica grave. O intelecto não percebe o tempo, se não na passagem de eventos que registam uma determinada ordem. Embora os processos perceptivos interatuem com o meio, são antes de tudo, processos psíquicos internos ao indivíduo, cuja existência se define pela capacidade de se situar no tempo, mesmo que não haja qualquer noção sobre instrumentos de medição do tempo e de valor do tempo. Os estudos genéticos, psicológicos e psiquiátricos ainda não chegaram a conclusões definitivas, mas nos últimos anos tem-se avançado na argumentação da existência de características inatas distintas na composição orgânica do cérebro e da fisiologia masculina e feminina. Estes estudos põem-se a par de outros anteriores que vincaram a existência de diferenças estruturais em função da idade (Piaget 1946; Fraisse 1967) que, tal como dissemos, é tanto uma variável biológica como sociológica, porque a sociedade atua no condicionamento do comportamento esperado de cada indivíduo (se homem ou se mulher).

Piaget (1946) afirmava que a relação com a “passagem” do tempo é diferencial, conforme a idade do ser humano: a impressão que o tempo passa depressa escasseia, aumenta conforme a idade, à medida que o indivíduo se aproxima da morte. A percepção do tempo reside, fundamentalmente, no entendimento da duração (estática e dinâmica de uma sequência de eventos); do antes e depois (de); e da ordem ou sequência de eventos e sua repetição. Neste ponto, a percepção do tempo impõe-se como objeto na fenomenologia que entende o tempo sobretudo como temporalidade e propõe uma série de processos subjetivos que dirigem a situação do indivíduo no mundo da vida quotidiana, a partir da auto-percepção do passado e do futuro como horizontes explicativos e incentivadores da ação.

O que os estudos sobre o *stress*, a depressão e outros derivados patológicos tidos como característicos das sociedades contemporâneas vêm notando são as formas de inter-relação entre os processos sociais e as exigências sociais e os mecanismos internos de regulação da percepção da passagem do tempo. Globalmente, podemos afirmar que o aumento da densidade temporal dos fenómenos e dos eventos sociais e das suas exigências e estímulos nos

indivíduos penetra os processos cognitivos individuais, gerando comportamentos e atitudes no tempo com carácter patológico ou quase (como acontece nos casos de *burnout*).

Machado Pais (2011) conclui que a vida atual, urbana e sujeita a ritmos tecnológicos está envolta em fenómenos de pressão e compressão do tempo que passam do espaço público para o domínio privado e íntimo das relações sociais. Mesmo assim, o autor distingue estas, que são características dos tempos sociais, modelados pelos tempos económicos e financeiros e manifestos em estruturas e instrumentos objetivos, das dimensões “intrínsecas” ao tempo como fluxo, passagem e necessariamente inscrito em todos os atos e ações sociais. O autor escreve que:

“Os fenómenos psíquicos não se explicam necessariamente a si mesmos. E, muito menos, explicarão os fenómenos sociais, como aconteceria caso se sustentasse que as guerras são causadas por um instinto de morte ou que o sistema económico se baseia em tendências sexuais sadomasoquistas. A cultura não é um simples produto de tendências biológicas reprimidas ou sublimadas. A neurose urbana existe porque vivemos algemados a relógios, havendo uma tendência para subjugar a vida ao poder da *cronometria*. Todavia, a vida foi através de várias dimensões temporais” (Pais 2011 66).

O excerto expressa, em primeiro lugar, não a distinção entre as dimensões objetivas e as mais subjetivas do tempo, mas a interdependência entre ambas e hoje, a relativa submissão dos tempos internos, internacionais e subjetivos aos primeiros. Com efeito, ao avaliarmos os usos e as perceções do tempo, lidamos com uma realidade dinâmica. Isto é, com processos sociais, biológicos e biográficos que atravessam o quotidiano e se posicionam ao nível das políticas e dos modelos de regulação do tempo. E, na Europa, concretamente, estes figuram intimamente ligados à regulação dos tempos de trabalho, por sua vez associados aos modelos de governação dos sistemas de proteção social, nas suas múltiplas formas e dificuldades de estruturação.

4.5 A falta de tempo como reflexo do tempo social

A permanente falta de tempo constitui uma das categorias mais relevantes da construção social do tempo da pós-industrialização. Tal como mostram Zerubavel (1982), Weber (1992), Simmel (1978), Grossin (1974) e Thompson (1967), o tempo mecânico constitui-se como um tempo sujeito a avaliação monetária. Esta equivalência entre tempo e dinheiro revela-se como estrutura objetivada nas instituições, nos sistemas de horário e nos modelos de organização. É, igualmente, estrutura interiorizada, internalizada e, portanto, componente do *habitus*. Está inscrita na socialização e molda o modo de estar do indivíduo e dos grupos na sociedade. Não ter tempo, ou ter pouco tempo, constituem marcas da valorização e do reconhecimento social, não da atividade realizada, mas do seu executante (Jahoda *et al* 2000). Sabe-se que, ao longo dos últimos séculos, foi-se alterando a maneira de lidar com os conteúdos do tempo, assim como com diferentes definições de atividades ou durações associadas à existência do tempo em abundância. Este era apenas permitido a certos grupos populacionais e indivíduos, conforme o seu prestígio e papel social. Mas, é certo que ainda hoje está interiorizada a valorização do ficar “sem tempo” ou ter “falta de tempo”. No fundo, isso sinaliza socialmente o ato de estar ocupado e ter prestígio (porque se é solicitado para). Além disso, atesta a ideia basilar de Elias (1997) na defesa da formação histórica e institucional e, simultaneamente, psicológica, dos modos de usar o tempo.

4.6 A falta de tempo entre homens e mulheres

A caracterização e a explanação acima apresentadas são válidas para o contexto da população, em geral. A descrição dos usos do tempo permite ordenar e hierarquizar os indivíduos, justamente a partir do que fazem no decurso da atividade remunerada e do esforço temporal que esta implica. Mas é ainda mais válida para a análise das desigualdades de gênero. Instalando-se, a partir da revolução industrial, a separação entre espaços e tempos mais

valorizados (remunerados) e menos valorizados (de casa e não remunerados), os homens recolhem para si tempo para descanso (o tempo livre), enquanto as mulheres vêm a si atribuída uma série de atividades, cujo menor reconhecimento social é compensado pela necessidade contínua e persistente de estar a fazer algo, estar permanentemente ocupada. Os estudos de género e os estudos sobre as mulheres têm demonstrado avidamente a permanência da desvalorização dos tempos femininos e a necessidade constante de elas ocuparem o tempo em atividades de carácter manual, tornando esse conteúdo socialmente visível. Os orçamentos de tempo mostram, aliás, a “necessidade” de as mulheres despenderem quantidades de tempo bastante superiores às dos homens em todas as atividades de reprodução familiar, ficando com um tempo mais denso, sujeito a fragmentações e sobrecarregado (Perista 1997; Schouten 2008; Perista 2010; Araújo 2011).

4.7 O tempo falta

O estudo dos usos do tempo da população objeto de análise nas duas regiões indica regularidades muito semelhantes às que encontramos nos dados para Portugal, no inquérito aos usos do tempo, de 1999 (INE 2001): o tempo diário distribui-se entre o tempo de trabalho e o tempo livre para a maior parte da população. Os períodos de maior *stress* no interior do espaço doméstico e familiar situam-se no início do dia e no fim da tarde. Correspondem à preparação da saída para o trabalho e para a escola, e ao tempo de retorno do trabalho, da escola, compras, atividades extracurriculares das crianças e outros afazeres. O inquérito dá conta das diferenças entre homens e mulheres no que respeita à quantidade de tempo dedicado ao trabalho remunerado - superior no caso dos homens - e ao tempo despendido em atividades domésticas relacionadas com a arrumação da casa, tratamento da roupa e loiça, cuidado com os filhos e outros dependentes e preparação de refeições, embora com algumas variações tratadas no capítulo anterior. São as mulheres quem gasta mais tempo em quase todas estas atividades que têm um carácter rotineiro e diariamente obrigatório. Apesar de constituir uma evidência o

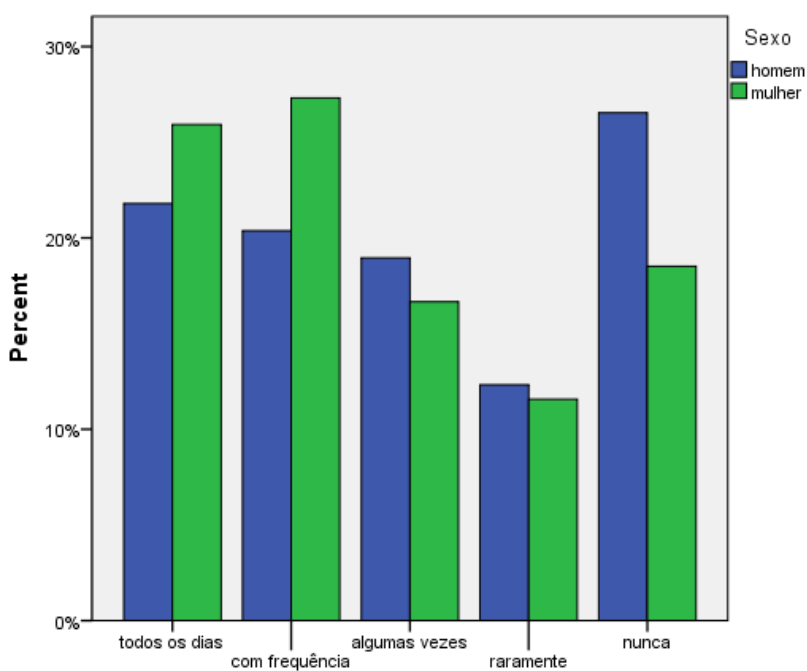
aumento do tempo em abundância, por parte de quem está desempregado, também neste grupo se observa o mesmo padrão de usos do tempo e o mesmo padrão genderizado, embora se note que os homens desempregados com níveis de instrução superiores, revelam participar mais em todas as atividades familiares e domésticas, do que os que possuem menor nível de instrução.

As atividades de lazer distribuem-se por um leque alargado, sendo importante considerar na sua classificação a disposição e a sensação associadas pelo indivíduo ao seu desempenho. Ao serem consideradas as atividades tradicionalmente entendidas como sendo de lazer, entre as quais estão a leitura de jornais, livros e revistas, o visionamento de DVD e de televisão e a audição de música, encontram-se algumas diferenças de gênero cuja compreensão exige a montagem de um esquema de usos do tempo global, para cada família. O inquérito por questionário mostra que os homens lêem mais jornais/revistas do que as mulheres. Comparativamente a outras atividades, a leitura de livros não tem grande expressão, no conjunto das atividades de lazer, tanto das mulheres, como dos homens. É, no entanto, uma atividade que caracteriza mais o tempo deles, do que delas e que varia em função da classe social (rendimento e grau de escolaridade incluídos). Ouvir música constitui uma atividade que é, por norma, adicionável a outra(s) atividade(s), inclusive de trabalho remunerado. Constitui uma atividade mencionada por grande parte dos inquiridos, embora permaneça como masculina. O mesmo acontece em relação ao visionamento de DVD: os homens apresentam níveis (de domínio e) de uso muito superiores ao das mulheres, sobretudo quando mães.

Uma característica estrutural dos usos do tempo bem evidenciada pelos dados que recolhemos prende-se com os condicionalismos de classe, primários em relação aos condicionamentos de gênero. Quanto menor o nível de rendimentos e mais baixo o nível de habilitações, conjugados com profissões de menor prestígio social, mais dificuldades apresentam os inquiridos em extrair tempo de lazer e dedicá-lo a atividades com caráter ativo. Combina-se plenamente nesta análise o enquadramento de Bourdieu (1979) sobre o efeito conjunto das condições objetivas de vida e as referências sociais ou gosto, no condicionamento dos estilos de vida.

No global, os dados que recolhemos assinalam a mesma trajetória das conclusões já publicadas noutros estudos para o contexto português (Perista 1997, 2010). Observa-se a persistência da sensação de falta de tempo por parte de homens e mulheres. Mas, tal como se evidencia no gráfico que se apresenta a seguir (figura nº 17), demarca-se o carácter mais feminino da sensação de falta de tempo. São as mulheres que se sentem com mais falta de tempo, diariamente ou com muita frequência. Neste grupo estão incluídas algumas mulheres desempregadas para quem o tempo continua a ser sujeito a pressão, dado o elevado número de tarefas domésticas a cumprir, grande parte advinda das exigências dos membros familiares, cujos tempos acabam por estar na sua dependência.

Figura 17 - Experiência da falta de tempo * sexo



Fonte: Inquérito por questionário em Braga e Castelo Branco (Projeto Tempo e Tecnologia)

A sensação de falta de tempo é, assim, menos frequente no caso dos homens. Mas, dado o carácter da metodologia que seguimos - questionando diretamente os sujeitos sobre a falta de tempo - podemos considerar que esta falta de tempo exacerbada no caso das mulheres, também se deve às suas próprias representações acerca do que é o tempo usado por uma mulher que, socialmente, se define ainda pelos ditos “uma mulher nunca tem tempo; uma

mulher tem sempre que fazer”. No fundo, as mulheres sentem-se socialmente mais pressionadas a confirmar a falta de tempo.

A falta de tempo durante a semana tem correspondência direta nos usos do tempo ao fim de semana. São também as mulheres quem mais evidencia a falta de tempo para “fazer tudo o que desejavam”. Tanto homens, como mulheres têm esta sensação, mas são mais as primeiras a reportá-la como sendo mais frequentes.

A falta de tempo marca, assim as histórias e os quotidianos femininos assim como os masculinos. Mas é mais notória por parte das mulheres do que dos homens. Todavia, se considerarmos a influência da variável classe social, verifica-se que as diferenciações e desigualdades de género são mais significativas entre os operários e assalariados agrícolas, do que nos grupos socioeconómicos mais elevados. É preciso considerar, todavia, que neste último grupo é mais frequente, e possível, compensar a falta de tempo através do pagamento de atividades domésticas e outros cuidados a terceiros.

Uma mulher, pertencente ao grupo dos operários, narra o seu dia-a-dia, sugerindo que a falta de tempo para atividades “não-obrigatórias”, tais como passear ou sair, é omnipresente no seu quotidiano:

“E, depois, chego a casa, faço o jantar... Lá para as onze horas, onze e meia está o meu trabalho feito... e cama... Eu nunca tenho tempo para sair. Nunca. É o que eu digo: se eu tiver tempo para sair, alguma coisa tem que ficar por fazer” (Entrevista, *mulher, 38 anos, 4º ano, empregada doméstica, 1 filho*).

Mas, um homem na mesma situação social, narra uma história pontuada com avaliações emocionalmente mais positivas:

(Q: ... Ao fim do dia como é que se sente?)

“... Sinto-me porreiro! Correndo... o dia de trabalho correndo bem, prontos!” (Entrevista, *homem, 37 anos, 6º ano, operário construção civil, 1 filho*).

Um padrão muito similar observa-se entre os inquiridos empregados executantes que, entre os vários grupos sociais, evidenciam, por norma, um discurso bastante mais crítico em relação à situação de falta de tempo em

que se encontram. Neste caso, a falta de tempo é motivada, em grande parte, pela necessidade de participar, em simultâneo, em vários tempos, entre os quais, o trabalho, a família, outros passatempos e formações.

Uma mulher afirma esta dificuldade em “inventar o quotidiano”, descrevendo um tempo que custa a passar, na sua rotina:

“(…) Sempre, ao fim do dia, sinto-me muito cansada (*risos*). Não, normalmente quando me sento no sofá, às vezes até me deixo dormir, sinto-me particularmente cansada este ano” (Entrevista, *mulher, 41 anos, bacharelado, telefonista, 2 filhos*).

Uma outra mulher, operária numa fábrica, explica como a rotina e o cansaço acumulado ao longo do dia afetam a relação com os outros membros familiares, em particular com o marido:

“De vez em quando, lá [o marido] faz as coisas porque vê que eu fico [mal disposta]. Uma pessoa vem cansada do trabalho. Chega a um ponto que uma pessoa não aguenta mesmo mais! Por exemplo, comigo já não é a primeira vez que aconteceu: eu, se não me sentar, caio para o lado, por exemplo. Já não é a primeira vez, porque eu estou todo o dia de pé. Estar num ferro é muito complicado. Tenho duas crianças. Às vezes, tenho de estar com atenção com um e estar com atenção no outro. E, muitas vezes, já deixo as coisas por fazer porque o corpo já não dá para mais. Eu deito-me na cama, tenho a sensação que só dormi cinco minutos e, ao mais, durmo a noite toda e, de manhã, é um peso no corpo que ninguém aguenta. Eu, pelo menos, é assim.”

(Grupo de Foco 1, *mulheres empregadas, 29 anos, operária fabril, 2 filhos*).

No caso desta mulher, também operária, a narrativa do tempo cansado demonstra a importância que ocupa o tempo psicológico, na duração do tempo diurno. Ela afirma que mesmo que durma a noite toda, isso lhe parece ter dormido “só” 5 minutos. O carácter agradável do tempo de dormir sobrepõe-se, assim, ao tempo diurno, que assinala tarefas tanto familiares e não remuneradas, como atividades remuneradas. Ainda este caso demonstra o carácter imperativo que tem o tempo de trabalho e o modo como afeta

e condiciona todos os outros tempos, não apenas em termos de quantidades, mas também em termos de sensações, experiências e valorizações. Adicionalmente, mostra-nos como os ritmos de trabalho, conjugados com os ritmos do tempo “livre” (mas dedicado a outras tarefas) são expressos na estrutura temporal dos corpos, o que é consentâneo com o entendimento do tempo como recurso e objeto de poder exercido primeiramente sobre os corpos individuais. O caso é ainda uma janela aberta para refletir sobre as condições de trabalho nas organizações de trabalho e o entendimento distanciado que estas fazem sobre os tempos individuais e familiares.

Muito significativo sociologicamente é o facto de a frequência da sensação de falta de tempo aumentar positivamente com o estatuto socioeconómico. É nas categorias com mais recursos económicos e capitais culturais que a sensação de falta de tempo é sentida com mais intensidade, tanto por homens como por mulheres, embora mais pelas mulheres. Esta conclusão é consistente com os resultados de estudos realizados mais recentemente (Hochschild 1983, 2001) e que tendem a focar o elevado número de tarefas e de responsabilidades acumuladas pelos indivíduos em posições de maior prestígio, cuja atividade profissional tende a implicar deslocação física intensa e necessidade permanente de estar permanentemente ao “serviço”.

A situação é, portanto, diversa da anterior. Nestes casos, as atividades profissionais não exigem um espaço e um tempo específicos, mas podem ser desempenhadas em vários espaços-tempos. Têm, ainda, a particularidade de tornarem os seus executantes constantemente permeáveis a solicitações, através do uso de tecnologias de informação e de comunicação, tal como proposto, aliás, por vários autores (Chesley 2005). Em vários casos, a vida profissional dos inquiridos exige trabalho para além do horário de expediente, incluindo a conclusão de tarefas relacionadas com formação. Importa ter em conta que, estruturalmente, a quantidade de tempo e os meios económicos disponíveis são variáveis decisivas na construção dos estilos de vida. Por isso, a falta de tempo neste grupo que desenvolve atividades profissionais avaliadas, por norma, com o recurso a gestão por objetivos, pode ser explicada pelas elevadas aspirações em disporem de tempo livre dedicado a

atividades culturais, práticas desportivas e turismo, a par da formação e outros passatempos.

Nos casos em que os inquiridos pertencem a classe média (técnicos e profissionais de enquadramento e parte dos empregados executantes) e média alta (incluindo empresários e dirigentes), a interpenetração entre tempos de trabalho e tempos pessoais é expressa pela definição da atividade, do “quê” tem de ser feito. Mas, nos casos dos operários e classe baixa ou média baixa, a mesma interseção de tempos é explicada pelos próprios inquiridos, a partir de uma conceção mais subjetiva de tempo, através da qual se explicita a invasão do espaço familiar e doméstico como efeito das preocupações e do estado de espírito que acompanha a avaliação do dia de trabalho.

O próximo excerto que transcrevemos pertence ao grupo de foco composto de homens empregados. Refere-se a uma parte da conversa relativa à pergunta sobre se usam a casa para realizar tarefas relacionadas com o trabalho remunerado:

(Grupo de Foco 4, Homens pertencentes a casais onde os dois trabalham)

-“Eu acho que um trabalhador que cumpre o horário, entra às nove e sai ao meio dia, entra às duas e sai às sete e começa a preparar o coiso, quer dizer... eh pá já traz problemas pra casa. Às vezes, refletem-se no ambiente familiar. Quantas vezes! Nós chegamos a casa com um problema que vem de lá de fora e damos uma resposta menos agradável à mulher ou a um filho porque vimos para casa com aquele problema e ficamos...” *(homem, 41 anos, 12º ano, vendedor, 1 filho)*.

-“ Ou até os discutimos em casa...” *(homem, 64 anos, 5º ano, comissionista)*

-“ Ou até o discutimos em casa... e... e ficamos a... ficamos a... a... a... a remoê-los na... durante o jantar e, às vezes, com má disposição, é... eu acho que... eu acho que... [não está bem]” *(homem, 41 anos, 12º ano, vendedor)*.

Além da descrição efetiva sobre o modo como o tempo familiar e doméstico pode ser psicologicamente contaminado pelos tempos exteriores a este espaço-tempo, o excerto evidencia um dos raros momentos de reflexividade

da parte dos homens acerca desta intromissão temporal e do significado que ela tem em termos de relacionamento inter-conjugal.

Observe-se o facto de serem mais os homens, do que as mulheres empregadas, a usar os espaços e os tempos familiares e domésticos para resolverem problemas do emprego. Esta ideia está em consonância com as conclusões de vários estudos sobre o chamado *spillover* entre as esferas profissional e privada, ou seja, as influências de uma para outra, que apresentam padrões diferentes para homens e mulheres (Grywacz e Marks 2010; Chesley 2005).

O tempo doméstico e o tempo familiar não coincidem entre si, nem são delimitáveis quantitativamente. Muitas atribuições - durações - extravasam o espaço doméstico e extravasam o tempo imediato do presente. Na linha da exposição de Machado Pais (2011), apresentam-se como objetos de responsabilidade e de disponibilidade mental. E as mulheres apresentam uma sobrecarga de responsabilidades e de atribuições concentrada nos horários de início e de fim de dia. Para além disso, resolvem vários problemas relacionados com a família e o espaço doméstico quando estão no trabalho ou em deslocação. O inquérito por questionário realizado mostra que 81% das mulheres afirmaram usar as suas deslocações para pensar e organizar atribuições e afazeres domésticos. Os homens também indicam este uso, mas numa percentagem menor (45%).

Independentemente das variações que importa considerar entre famílias e respetivos estilos de vida, o início do dia e o fim da tarde - início da noite são os dois períodos do dia estruturais para a análise dos usos e perceções do tempo. Embora as narrativas possam seguir linhas argumentativas distintas, os inquiridos e entrevistados, com especial relevo às mulheres, referem, por norma, estes períodos como mais críticos. Uma mulher licenciada traduz esta ideia ao afirmar que:

“...O início do dia e o término do dia é [um período] sempre complicado. Mas quando se exige mais, porque há um acumular de funções, é realmente à hora de jantar. É a parte da noite em que vem, temos de organizar o dia que vem, temos de fazer o jantar, temos de tratar da criança... é mais nessa hora...”
(Entrevista, *mulher, 36 anos, licenciatura, técnica superior, 1 filho*).

Os tempos que definem estes períodos “entre-tempos”, ou seja, tempos que coincidem com rituais de entrada em casa e nos tempos familiares e a preparação dos rituais de saída, referentes ao dia seguinte, são períodos que concentram várias atividades ligadas à reprodução familiar, envolvendo um número elevado de pequenas tarefas, parte das quais acontecendo “ao mesmo tempo”.

Estamos no quadro de uma experiência de vida marcada pela desesperança, sentido de risco e crise identitária constante. O tempo que se descreve através das entrevistas e que se demonstra na conversação e na interação criada pelos grupos de foco é sujeito a uma narrativa que o torna um tempo “cansado”, repetitivo, demorado. Não efetivamente monótono, porque os indivíduos dão conta da aceleração e da velocidade que percorrem as várias escalas dos seus quotidianos, desde logo pelo aumento do número de exigências e de atribuições localizadas nos mesmos espaços de tempo.

4.8 O tempo cansado

O adjetivo “cansado” dá conta, sobretudo, da consciência da reduzida margem de manobra para utilizar o tempo de forma mais flexível e ajustada aos interesses e inspirações. No geral, observa-se que as narrativas do tempo quotidiano estão ancoradas em representações sobre a importância e a relevância do investimento pessoal e familiar em ações e atividades cujos resultados só terão efetividade no futuro. Mesmo o tempo livre e de lazer, ao acontecer enquanto tal, preenchidos por atividades não remuneradas mas que dão prazer e permitem a reprodução familiar, são objeto da mesma classificação: mesmidade, rotina e cansaço.

Marcuse, o autor de *Eros e Civilização* (1955) e de *O Homem Unidimensional* (1964) argumenta, sob influência de Freud, que a qualidade de vida estava ameaçada pelo gosto do sistema capitalista em criar *falsas necessidades* sustentadas por um forte sentido de inexorabilidade e de normalização. Estas, na perspectiva daquele autor, impõem, sobre a camuflagem da *cultura*,

padrões compartimentais sujeitos a sanção simbólica e, por vezes, transcendental, também materializada pela necessidade de disciplina rigorosa dos usos do tempo que não se pode perder, que deve visar a realização de atividades materiais e úteis. Para completar a extensão da interiorização do valor monetário e social do tempo subscreveríamos a ideia segundo a qual o “indivíduo comum na sociedade de massas contemporânea tem seu sentimento de culpa exacerbado pelas exigências que lhe são impostas pela sociedade” (Cassia 2005: 4), ou, como afirmara Grossin (1980):

“La société du temps libre gaspille d’un côté le temps qu’elle octroi de l’autre. Elle manipule celui de citoyens dociles.”

Com efeito, o tempo social é, simultaneamente, social e político. Por definição, o tempo “não ocupado” constitui o quotidiano dos sujeitos, dotando-os de escolha sobre certas zonas de autonomia e de rutura perante a rigidez do modelo disciplinar. De qualquer modo, sabemos que esta “autonomia” também é o resultado do tempo social dominante e dos seus próprios esquemas de organização e formatação temporais que criam zonas de “escape” ao tempo de trabalho externo e, na ótica de muitos autores, alienante.

Os conceitos e os usos do tempo livre, não só variam significativamente entre as classes sociais (que condicionam as *possibilidades* de vida), como se demarcam dentro de esquemas e formatações externas aos sujeitos, tais como as que derivam da vigência de um determinado modelo de organização económica (hoje o capitalismo financeiro e global) e do conseqüente modelo de organização do tempo de trabalho (hoje cada vez mais orientado para a flexibilidade e precariedade). Os dados recolhidos indicam para esta população estudada que os seus estilos de uso do tempo estão balizados pela centralidade do tempo de trabalho. Observa-se que, no caso das mulheres, não oferece muito interesse para a sua própria experiência diária a linha de fronteira entre tempo de trabalho pago, no exterior e o tempo de trabalho em casa, porque, no fundo, seria desejável que o dia tivesse mais horas.

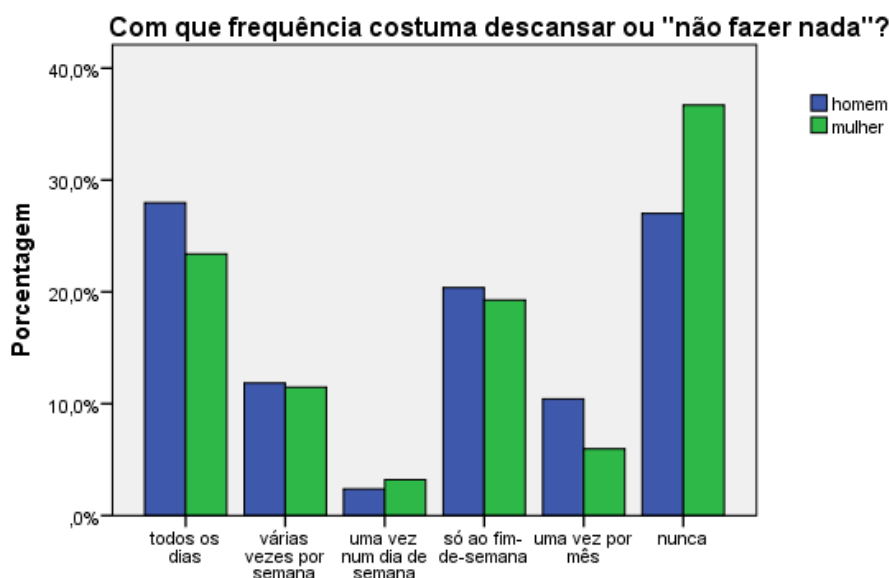
Homens e mulheres referem-se, com elevada frequência, à sua vida do dia a dia como um tempo marcado pela rotina e pelo cansaço. Trata-se de uma

manifestação mais típica de quem tem menos recursos económicos e culturais. Mas, assegura-se transversal a todos os grupos sociais. As narrativas que descrevem os usos do tempo estão marcadas pela necessidade de “fugir” a este cansaço e criar zonas de rutura, mesmo através de momentos destinados a não fazer nada.

4.9 Não fazer nada

Todavia, o inquérito por questionário demonstra que “não fazer nada” constitui uma possibilidade sobretudo masculina. Os homens podem operar algumas ruturas no tempo e marcá-lo a partir de novas atividades individualmente vantajosas. O mesmo não acontece no caso das mulheres, cuja grande parte assinala nunca estar nesta situação. No gráfico abaixo (figura nº 18) observa-se esta regularidade.

Figura 18 - Experiência de “não fazer nada” * sexo



Fonte: Inquérito por questionário em Braga e Castelo Branco (Projeto Tempo e Tecnologia)

A expressão “não fazer nada” é sociologicamente significativa, por assinalar, por um lado, a existência de um tempo vazio de atividade e, por outro, o modo como os indivíduos percecionam o valor e a legitimidade dessa duração.

No próximo excerto, a mulher participante num grupo de foco descreve o “não fazer nada”, justamente como “paragem” na execução de tarefas domésticas, quebrando algumas expectativas sociais que estivessem formadas a partir das divisões de género. A mulher diz que ter tempo livre é:

“... não fazer nada. Ter o prazer de sentar e não ter nada para fazer. Porque eu, muitas vezes, sento-me no sofá com os remorsos porque tenho a roupa para passar, ou aquilo podia estar arrumado, já liguei mais, também é verdade, já liguei mais, agora acho que já me larguei mais dessa coisa de ter remorsos por ter as coisas por fazer. Mas, no fundo, o dia devia ter mais horas, porque parece que passa o dia a correr e que não fizemos nada, e metade, a maior parte dessas horas, é a trabalhar, seja no trabalho, seja em casa.” (Grupo de Foco 1, *Mulher, 38 anos, licenciada, assistente administrativa, 2 filhos*)

Trata-se de uma expressão marcada pela mesma problemática e pelo mesmo sistema de representações já referenciado, a propósito da expressão “falta de tempo”. No excerto seguinte, fica notória a forma como os tempos de “não fazer nada” são subtraídos ao tempo de trabalho (remunerado ou não). Os próximos excertos constituem um momento da conversa entre as participantes num dos grupos de foco (1), composto por mulheres pertencentes a casais onde os dois trabalham. A moderadora questionara-as sobre a forma como definem o tempo livre:

A ... “No fim de semana tento aproveitar mesmo tudo o que tenho, saímos, passeamos um bocadinho, que é também quando o marido está em casa, já que durante a semana a gente mal se vê, mal se encontra. No fim de semana tentamos aproveitar mesmo. Tento organizar tudo de manhã. A partir do sábado de tarde, sábado e domingo são os meus dias de folga. Tento não fazer mesmo nada, mas nada mesmo.” (*mulher, 38 anos, licenciada, assistente administrativa, 2 filhos*).

B - “Trabalhar menos. Eu tenho o vício de deixar tudo para o fim de semana. Então, passo o sábado a limpar a casa, o que é maravilhoso. Mas tenho um luxo no sábado: durmo sempre até às onze da manhã (*espanto por parte da*

entrevistada A) e ninguém me pode acordar. Mas, depois, passo o resto do dia a limpar a casa, a passar a ferro, não sei quê, porque, depois, durante a semana, não dá tempo para fazer essas coisas, exceto quando tenho cá a minha mãe, como é o caso desta semana. A minha casa, quando ela cá está, está sempre a brilhar e é um bocado complicado porque, depois ao sábado, durmo um bocadinho de manhã, e, depois, passo o dia todo...” [a trabalhar] (*mulher, 40 anos, 12º ano, assistente operacional, 1 filho*).

A- “Dou-te a receita do meu tempo: ao sábado, levanto-me às sete e meia da manhã para fazer tudo.”

B-“ E, no domingo, vou para casa da minha sogra, não faço nada. Mas também fico sempre lá.”

Nesta interação entre as participantes em que se fala do tempo de cada uma, como o tempo que cada uma é capaz de manter organizado e ocupado, observa-se que existem estratégias distintas para lidar com os tempos menos marcados por regulações imperativas externas - como o tempo de trabalho. No caso destas mulheres, a estratégia passa por tentar “conseguir”, com a redução das horas de sono, ou aceleração na realização das tarefas, mais tempo para não fazer nada, ou para dormir. Outro comportamento típico, mais característico das mulheres atualmente com idades entre os 30 e os 45 anos, consiste na busca de dias ou de períodos do dia em que procuram não estar em sua casa e permanecer na casa dos pais (*da mãe*) ou dos sogros (*da sogra*). Durante este tempo, as mulheres assumem um papel não tradicionalmente esperado. Embora continuem a participar nas atividades domésticas e a serem responsáveis pelo cuidado dos filhos, não sentem a pressão de serem quase as únicas responsáveis pelo espaço e usam a disponibilidade das mães, cunhadas e sogras. É importante verificar que, com esta atitude, as mulheres usufruem da sensação de não preocupação com o arranjo do seu espaço doméstico que deixam arrumado e ordenado antes de saírem.

4.10 Tempos de rutura: tempo (para) da televisão

Os meios de comunicação de massa encontram-se em debate permanente. Para os autores da escola de Frankfurt e seus discípulos, as formas mediatizadas de cultura são maneiras de instrumentalização e de dominação sustentadas pelos sistemas políticos que visam permanecer no poder e conquistar reconhecimento e legitimação. Nesta esteira, o tempo quotidiano surge definível como um tempo manipulado, penetrado pela ideologia que visa conformar os indivíduos a diversas formas de formatação. As classes mais desprovidas de capital cultural. Mas, a literatura sobre os usos da televisão tem vindo a enunciar variações desses modelos de entendimento (Alasuutari, 1999; Biltereyst e Meers, 2001). As apropriações da televisão são hoje percebidas de forma extraordinariamente complexa. A importância profunda do *medium* e a sua naturalização no quadro das rotinas sociais mantém-se. Em poucas palavras, Roger Silverstone traduz essa força:

“The palpable integration of television into our daily lives: its emotional significance, both as a disturber and comforter; its cognitive significance, both as an informer and misinformer; its spatial and temporal significance, ingrained as it is into the routines of daily life; its visibility, not just as an object, the box in the corner, but in a multitude of texts - journals, magazines, newspapers, hoardings, books like this one; its impact, both remembered and forgotten; its political significance as a core institution of the modern state; this integration is both complete and fundamental” (Silverstone 1994: 3).

Tal como apreciado no capítulo 3, no inquérito que realizámos no âmbito do nosso estudo, 92,5 % dos inquiridos afirma ver televisão todos os dias, não havendo a assinalar, estaticamente, relações significativas entre o visionamento da televisão, sexo, idade ou existência de crianças. O que importa ressaltar é que a televisão aparece referenciada como algo que possibilita um tempo de rutura e de invenção do quotidiano.

Os casais entrevistados dispõem, por norma, de várias televisões em espaço doméstico, incluindo sala, cozinha e quarto. Evidencia-se a inexorável

presença da televisão no espaço-tempo quotidiano. Nuns casos com o propósito real de satisfazer uma necessidade de lazer. Noutros como uma possibilidade natural que compõe o quadro da vida quotidiana. A televisão é sinalizada por todos os indivíduos como um dos principais mecanismos mobilizados de “conseguir” tempo livre. Apresenta-se como “algo que está sempre ali”. Algo que acompanha o indivíduo em grande parte dos afazeres e tarefas domésticas, incluindo o cuidado dos filhos, a alimentação e a higiene.

A televisão acaba por “ajudar a passar o tempo”. Percebemos nas histórias a presença “amiga” da televisão no tempo quotidiano, em especial em todo aquele tempo que cobre o espaço-tempo doméstico, do lar. A televisão está presente em todos os períodos do final do dia e ao fim de semana, sobretudo ao sábado e ao domingo à tarde e noite.

Os conteúdos escolhidos pelos homens tendem a ser mais frequentemente relacionados com notícias, desporto e outros conteúdos de índole política e social. Os conteúdos escolhidos pelas mulheres tendem a rodar sobre o entretenimento, as tramas e os argumentos. As preferências são também diferentes, conforme a idade.

Tais variações de género e de idade estão marcadas por influências da classe e do *habitus*. São produto de modelos de socialização cada vez mais diversificados, mas que continuam a receber influências diretas dos esquemas culturais destilados pelo posicionamento social.

A conclusão conduz-nos ao facto de a televisão surgir como a possibilidade de gozo do tempo livre mais acertada no contexto em que os quotidianos, na sua diversidade e dinâmica, se apresentarem como repetitivos e monótonos. A televisão encaixa-se assaz muito bem numa orientação temporal constricta, muito dependente da concretização de tarefas que circunstanciam à casa e ao lar e que, tal como já propusemos, prega os indivíduos a rotinas que longe de serem fruto da autonomia do sujeito, são socialmente determinadas e vigiadas. Só por alguma razão extraordinária (como a formação e mesmo assim, com esforço), as mulheres que entrevistamos, sobretudo as mães, deixarão de estar em casa ao fim da tarde, à mesma hora, fazendo mais ou menos o mesmo e respondendo às necessidades que o espaço requer. Não há

grande possibilidade para elas de localizar neste tempo atividades de desporto ou outras.

Mesmo quando o cônjuge “ajuda”, o ritmo socialmente constrangedor leva-as a responder a esta necessidade, sob o risco da culpa. Por isso, a televisão e a combinação que ela pode fazer com estiramento no sofá ou na cama representa um dos expoentes máximos do seu tempo livre. Contudo, precisemos um dado importante: só nestes momentos de exclusão (que passam pelo sentar ou deitar) é que estaremos a falar da rutura da mesmidade do quotidiano, até porque pode não haver oportunidade para ter o mesmo tempo, no dia seguinte.

Durante grande parte do tempo, em particular durante o horário nobre, a televisão produz um contratempo porque este mesmo período ser extremamente exigente em tarefas (higiene, alimentação, arrumação).

E, se para as mulheres a televisão pode estar ali, a compor o quotidiano, mas sem as fixar ao sofá ou à cama, para os filhos e para o homem essa condição é bem mais frequente. Ao mesmo tempo e à mesma hora (sendo que esta hora pode ser bem mais variável no caso dos homens, pois socialmente não são esperados terem de estar em casa, a cuidar dos filhos e alimentá-los), os homens escapam justamente nos interstícios do tempo quotidiano, dispostos de ciclos e de zonas diversas de fuga, justamente à presença do quotidiano, nas suas múltiplas tarefas. As compras, o desporto, os encontros inesperados de trabalho e o tomar conta dos filhos (que conjugam com encontro com amigos e outras) assemelham-se a zonas opacas de garantia da fuga aos bastidores do quotidiano.

A televisão é um verdadeiro mestre de cerimónia, pois permite que eles façam quase tudo o que é possível para ajudar a cônjuge, sem largarem a atenção da televisão. Há duas tarefas preferidas no horário nobre que, uma vez assumidas, se tomam como projetos inabaláveis pelos homens, excluindo aqueles que procuram trabalhar fora de casa, no quintal ou em redor do carro: a cozinhar com os olhos postos na televisão, ou tomar conta dos filhos em frente ao computador ou na sala, no horário do telejornal, ou de outro programa de entretenimento cujo gosto coincida com os dos filhos.

A presença da televisão não integra propriamente o quotidiano na sua vertente repetitiva, mas dinâmica. Mostra a presença avassaladora do quotidiano na vida dos sujeitos, mas revela-se como ponto de fuga a essa mesma repetição, embora de uma forma temporalmente bastante silenciosa, isto é, sem criar ruturas expressas no tempo, algo que acontece mais nitidamente a partir das 22 horas, ou ao domingo à tarde, dado que nessa altura estaremos em presença de um tempo aceite como tempo de escolha.

4.11 Os usos do tempo, a semana e os dias

A semana é uma estrutura e define a *temporalização* de um conjunto de ações (Zerubavel 1981, 1982). O mesmo acontece em relação ao ciclo anual, no qual adquire importância o ciclo natural da sementeira e da colheita, por sinal relacionados com os ciclos climatéricos (ver capítulo 1). São estruturas, porque são grelhas que delimitam atividades mais ou menos próprias, ciclos de atividade e de regulação social e afetiva. E são estruturas estruturantes porque sobre o quotidiano emerge, constrói-se e repete-se.

Tal como o propunham Sorokin e Merton (1937), o tempo não diz respeito unicamente a entidades métricas e quantificáveis. A relação com o tempo é marcada pela identificação e pelas sensações que os conteúdos das durações despertam nos sujeitos (conteúdos que envolvem outros atores, objetos, acontecimentos).

Uma das manifestações mais claras da estabilização da vida quotidiana pós-industrialização é a “invenção” da semana e do horário (Sorokin e Merton 1937; Zerubavel 1985). Durkheim (1912) propõe que o tempo social institui um ritmo, cuja principal função é integrar os sujeitos em sociedade, conferindo um sentido coletivo de orientação no tempo e no espaço e garantir o funcionamento das instituições. Em resumo, os dias e os diferentes períodos ao longo das 24 horas diárias são experienciados como “tempos psicológicos” que, na sequência da análise que temos vindo a realizar, refletem modos de relacionamento individual com os ritmos e os ciclos sociais.

4.12 Os períodos e os dias preferidos: o domingo, o sábado e à noite

Os entrevistados indicaram quais os dias dos quais gostam mais e menos. O fim da tarde é o período preferido da maior parte dos entrevistados, embora seja experienciado de forma distinta, conforme pessoa interferência de outras variáveis, em particular o sexo e a existência de filhos. Os dias dos quais os indivíduos gostam mais coincidem com os dias e os períodos do dia libertos de atividades remuneradas ou atividades que, cabendo no tempo livre, têm carácter obrigatório, tais como a rotina de levar e trazer os filhos da escola ou de outras atividades com horários pré-definidos. Mesmo assim, os períodos que combinam um nível mais elevado de agradabilidade coincidem com o encontro com a “família” e o tempo “livre”.

(Extrato de conversa no Grupo de Foco de Homens pertencentes a casais onde os dois trabalham):

A- “Para mim, o melhor dia da semana é o sábado e o pior segunda-feira, porque eu partilho desse espírito com o resto da minha família. O melhor dia é o sábado. [...] Porque é o dia mais livre para todos. No dia a seguir não há assim... Ainda não começou a agitação e é um tempo muito aproveitado em minha casa porque vivemos numa quinta. É muito aproveitado. E, portanto, é o melhor dia da semana para toda a gente” (64 anos, 5^o ano, comissionista).

B - “Eu, regra geral é [ao] sábado à noite [...] porque à sexta-feira ainda venho muito stressado do trabalho [...] Portanto, nunca consigo relaxar e estar bem com a família e estar a descansar. [...] Se bem que a gente anda sempre preocupado, mas, quando chega à noite, já dá para estarmos mais relaxados, e ainda temos outro dia [...] para depois descansar” (41 anos, 12^o ano, vendedor, 1 filho).

C- “E ao sábado, ninguém vai para a escola.” (38 anos, 12^o ano, 1 filho).

Estes homens elegem como dia preferido o sábado, dia que para as mulheres é de forma geral dedicado ao trabalho doméstico, às limpezas e às compras. O domingo seria então o dia verdadeiramente “livre”, como, aliás, é indicado por vários autores. O domingo seria então o dia verdadeiramente “livre”,

como, aliás, indicado por vários autores. Estes, por exemplo Zerubavel (1985), assinalam que o dia da semana que recolhe mais sensações positivas tende a ser o domingo. Não há estudos atualizados e específicos sobre a forma como as populações usam o domingo hoje. O certo é que para grande parte dos entrevistados, o domingo é um dia com conotação muito positiva porque, na mesma linha do que argumentamos antes, se dispõe a ser um tempo livre de rotinas. O domingo colhe, em geral, mais apreciações positivas e apresenta-se como o dia de rutura mais objetiva e evidente com a normalidade do quotidiano.

Há uma relação entre a classificação do domingo como dia de tempo livre e o grau de condicionamento dos padrões de perceção e de valorização do tempo dominantes. Os tempos de rutura “conseguem-se” aos bocadinhos e são extensamente legitimados e justificados pelo facto de funcionarem como recompensa pelo tempo de trabalho que se investe no emprego. Mesmo os entrevistados que se encontram sem emprego (nos grupos de foco) tendem ou a não evidenciar ou a não valorizar o tempo livre durante a semana. Mas, quando se trata do domingo, as entrevistas denunciam um estado geral de libertação e de ausência de justificação.

4.13 Os dias e os períodos menos desejados

A segunda-feira recolhe mais consistentemente o epíteto de “tempo de incómodo”. Este dia coincide com a rutura face ao tempo “livre” e o recomeço da rotina diária, isto é, o regresso à mesmidade do quotidiano. Respeitar horários externamente impostos e deixar os filhos e a família, assim como o próprio espaço doméstico, constituem os principais focos justificativos da não agradabilidade deste dia. Os excertos de vários entrevistados, abaixo reproduzidos, assinalam, justamente, estes motivos.

D- “A segunda-feira é o que custa mais [...] É o arranque [...] [porque] a gente teve ali dois dias [...] de descontração...”

A- “A segunda-feira é o pior dia da semana (risos) porque é o dia em que toda a gente se levanta muito cedo, enquanto ao sábado podem-se deitar também mais tarde...”

C - “A segunda-feira, não é como ao domingo, à segunda-feira a gente tem que levar os garotos para o infantário, está sempre atarefada não é? Ao sábado e ao domingo está mais...”

4.14 Variações de sexo e classe

Dissemos por diversas vezes que a realidade dos usos do tempo é dinâmica e que é muito difícil estabelecer relações causais e direcionais entre variáveis, sobretudo quando se lida com as vertentes mais qualitativas da informação obtida.

Os dias que recolhem mais conotações positivas, o domingo e o sábado, assumem valorizações, interesses e significados distintos entre homens e mulheres, justamente porque a mulher continua conotada com a necessidade de usar todo o tempo, evitando vazios, esperas ou tempos não diretamente contributivos para os outros. Sorokin e Merton afirmam que “qualidades iguais de tempo podem tornar-se em tempos socialmente desiguais” e que “períodos distintos de tempo podem tornar-se socialmente iguais” (1937: 61). Com efeito, o sábado assume-se, maioritariamente, como tempo “livre”, é também o tempo destinado, mais vezes, à realização de tarefas com caráter obrigatório, tais como a limpeza da casa e o tratamento da roupa para as mulheres e outras atividades, do “exterior”, no caso dos homens. De qualquer modo, surge discursivamente e com mais frequência enquanto tempo de “trabalho” para as mulheres. Esta ocupação do sábado como tempo mais dedicado ao trabalho (remunerado e não remunerado) ou mais dedicado ao lazer e ao “não fazer nada” é condicionada pela classe social de pertença. Os empregados executantes, fruto das condições subjetivas de classe, nas quais se incluem as disposições para estilos de vida próximos da classe média, representada pelos profissionais liberais e empresários, tendem a valorizar

mais o sábado do que o domingo, pois dispõem mais o primeiro dia a atividades de lazer e distribuem as atividades domésticas ao longo da semana (sendo mais suscetíveis a contratar serviços domésticos).

Se o sábado pode funcionar como barómetro de classe e estilo de vida, o domingo oferece-se como tempo ainda com maior valor heurístico, pela inversão que opera. Em primeiro lugar, importa precisar que o domingo se reparte em dois blocos de tempo bem distintos sociologicamente: a manhã e a tarde. Para ambos os períodos registam-se variações de sexo e de classe social. A manhã tende a ser consumida como tempo mais orientado para o lazer e tempo livre. Mas esta orientação é mais clara no caso das classes sociais mais elevadas. Nos operários e empregados executantes, as mulheres têm um papel caseiro, muito ligado a preparação de refeições. Os homens tendem a ocupar esse tempo com entretenimento, jogos e outras atividades ao ar livre. De registar que vários dos entrevistados afirmaram assistir com alguma regularidade à missa dominical.

A tarde de domingo continua a ser usada como tempo livre e de lazer e adquire centralidade enquanto tempo da e para a família.

“Pronto, o tempo que tento arranjar é para estar com os dois, para estarmos um bocadinho sem fazer nada, estar na companhia uns dos outros, é o que eu tento. Por exemplo, nós queremos ir beber um copo com os amigos, até podemos estar com muito trabalho, mas conseguimos sempre arranjar um tempozinho para sair com os amigos, para divertirmo-nos um pouco, embora não possa ser por exemplo uma hora, saímos meia hora mas conseguimos sempre. Nem sempre seja possível.”

Mas o domingo recolhe sensações e apreciações diversas, também em função do sexo. As mulheres, mais uma vez, tendem a conjugá-lo com atividades que se reportam ao início da semana seguinte, todas relacionadas com a preparação de roupa (passar a ferro é uma das atividades mencionadas), organização de consultas e outros afazeres. As diferenças entre classes observam-se no que concerne, não só ao tipo de atividades desenvolvidas, mas também em relação à apreciação subjetiva do tempo que passa. Os profissionais técnicos e de enquadramento, junto com os profissionais liberais

tendem a desenvolver comportamentos e tarefas mais relacionadas com a atividade profissional durante este período, antecipando algumas das sensações que aparecem conotadas com a segunda-feira.

4.15 O tempo dos filhos

Nas sociedades contemporâneas, as temporalidades das famílias são resultados de combinações díspares, fragmentadas, condicionadas pelas temporalidades de outros sistemas (como o trabalho e os estilos de vida). A existência de crianças constitui uma variável estruturante das temporalidades familiares, no plano diário e no plano biográfico, tal como se observou no capítulo 1. O tempo com os filhos pode ser segmentado no tempo de rotina (a alimentação, a higiene, os cuidados médicos e o transporte) e no tempo interativo (tais como conversar, brincar e ler), e apenas este último pode ser definido como lazer. O “tempo de rotina”, ou seja, o tempo dedicado aos cuidados, não é, analiticamente, um tempo livre mas sim de responsabilidades.

A pesquisa realizada mostra uma elevada valorização do tempo dos e com os filhos. Mães e pais tentam envolver-se em atividades de lazer com os filhos, e se isso não é possível numa base diária, procuram ter “tempo de qualidade”, exclusivamente dedicado a passatempos com os filhos nos fins de semana ou nos dias que o permitem. Por isso, adaptam as suas próprias atividades de lazer aos desejos ou necessidades dos filhos (tais como ver certos programas de televisão, ir à piscina). Este tempo de lazer para os pais é o tempo que Mattingly e Bianchi (2003) designam como “contaminado” e, por isso, menos suscetível de facilitar o relaxamento. Em casos extremos, atividades de lazer com os filhos, quando levadas a cabo pelos pais sob pressão ou sem entusiasmo, assemelham-se a “trabalho”. Os nossos dados mostram - em conformidade, aliás, com as conclusões de Kremer-Sadlik e Paugh (2007) - que, apesar de os filhos serem considerados uma fonte de alegria (existe unanimidade nas declarações dos pais e mães entrevistados), também são fonte de cansaço e de conflitos na família, podendo afetar negativamente

momentos destinados para relaxamento dos membros adultos. Constituem, assim, tempos de descontinuidade.

Nesta pesquisa verifica-se que os interesses e as necessidades dos filhos estão geralmente em primeiro lugar nas atividades de lazer em família:

“Pronto. É que entre um casal antigamente havia, entre o casal havia sempre aquela pergunta: “Onde é que vamos hoje? - Onde é que vamos amanhã? O que é que vamos fazer?” E, assim com garotos já temos certas regras em que, “ - olha, não podemos ir aqui! Já não podemos sair à noite. Só podemos... Vamos até aquela hora, porque a pequenina daqui a pouco [acorda] e teremos de dar o leite”, ou isso ou aquilo. Temos de ter as coisas mais organizadas e orientadas” (Entrevista, *Homem, 35 anos, 9º ano, 1 filha*).

No excerto surge evidenciado o modo como o tempo familiar é afetado pelo tempo dos e para os filhos. Trata-se de uma padrão sociologicamente esperado que ganha mais expressividade nas entrevistas das mulheres, dado que são mais minuciosas do que os homens na forma como descrevem os usos do tempo e chamam aos pais (e a si próprias) a responsabilidade em conceder tempo às crianças.

“Mas, por exemplo, aqui costumam festejar o Dia da Mulher e então este ano fui e ... à 1 hora da manhã já estavam “-ah... vamos até ao *English*” que é uma discoteca que há no [nome da cidade], e eu já estava assim a pensar “bem... eu, no *English*? Não, já não me estou a ver no *English* ” eu... pronto já... não sei, acho que há qualquer coisa que muda em nós próprios que... pronto... faz com que a gente... Antes de elas nascerem era impensável um fim de semana sem sair, ui, não... era impensável (*risos*). Mas, agora já não ... acho que a gente já...” (Entrevista, *Mulher, 36 anos, 9º ano, 2 filhos*).

O excerto mostra, em especial no caso das mulheres, que a presença dos filhos e a sua influência sobre os conteúdos do tempo livre e do tempo de lazer e a duração dos mesmos são constantes, mesmo que as atividades efetivamente desenvolvidas não envolvam a presença daqueles.

Para os entrevistados pertencentes a classes menos favorecidas, mas atualmente com níveis de instrução de nível médio, como é o caso da mulher referida no excerto apresentado, e do homem cujo excerto apresentamos a seguir, a liquidação quase total do tempo livre autónomo (individual ou a dois) surge justificada com base em modelos de responsabilização parental. Estes, ainda que sustentados por modelos religiosos, suscitam uma certa culpa pelo uso do tempo de lazer sem proximidade física com os filhos. Com efeito, o homem a quem nos referimos descreve ter mudado os seus hábitos de lazer no exterior (prática desportiva e cultural) por causa do nascimento do filho:

“ (...) porque agora é impossível, com o menino é impossível, ir mais ao cinema, talvez. Depende, gosto muito de cinema (...) ” (Entrevista, *Homem, 30 anos, 12º ano, 1 filho*).

E, em síntese, importa precisar que a informação recolhida, tanto junto de homens, como de mulheres com filhos, mostra um nível elevado de afetação do tempo das crianças. Todavia, tal condicionamento é mais evidente nos usos do tempo de lazer do que do tempo de trabalho e mais nos tempos de lazer das mulheres mães, do que dos homens pais. Recordemos que alguns autores constataram haver uma valorização diferente do tempo em família, conforme o sexo. Os homens, muito mais do que as mulheres, tendem a definir o tempo no espaço doméstico e familiar como “tempo livre” ou “tempo de lazer”.

Na pesquisa de Shaw (1992), grande parte das mulheres considera o tempo familiar ou doméstico como tempo “de trabalho” que exige “atenção” e “responsabilidade”, mesmo que seja combinável com algum “descanso”. Também as mulheres-mães inquiridas e entrevistadas no âmbito do nosso projeto revelam sentir mais *stress* do que os homens nas mesmas circunstâncias familiares. Elas afirmam que “se deixam dormir no sofá” e que se sentem cansadas à noite, de manhã e ao fim de semana. Acontece que o seu tempo está sobrecarregado com o trabalho doméstico e familiar. É um trabalho basicamente “de bastidor” e, portanto, menos reconhecido socialmente, menos passível de recompensa imediata, mais invisível do que o tempo dedicado a tarefas de “palco”, menos rotineiras e, principalmente,

suscetíveis de serem socialmente mais valorizadas e normalmente assumidas pelos homens (Collins 1992).

A este respeito, as conclusões a que se chega na investigação realizada subscrevem o entendimento de Bouffartigue (2010: 229) para a situação em França: “o trabalho de parentalidade - no senso estrito de atividades diretamente dedicadas aos filhos e com a exclusão de lazer junto com os filhos - continua a ser uma área altamente feminina”. As mulheres sentem mais dificuldade em se desligarem mental e/ou fisicamente das tarefas relacionadas com o cuidado dos outros. No seguimento das conclusões de vários autores (Daly 1996), esta pesquisa indica que o tempo adquire, para as mulheres, um sentido contínuo, dominado pela necessidade “de estar ao serviço”, o que acontece mesmo quando se trata de atividades supostamente recreativas para toda a família. Por isso, têm menos possibilidade de ter tempo de lazer. Também, no seguimento de estudos realizados noutros contextos (Sullivan 1997), observa-se que este carácter contínuo do tempo das mulheres explica que elas, por regra, sejam interrompidas com mais frequência e por períodos mais extensos, do que os homens.

No que concerne, especificamente, ao tempo de lazer, e na mesma linha de conclusões apresentadas noutras pesquisas, observa-se serem os homens os que mais procuram separar as atividades pessoalmente mais gratificantes (desportos em grupo, outros hobbies, divertimentos com amigos) dos tempos destinados aos filhos. Por seu turno, as mulheres mães (e noutros casos, irmãs e tias) tendem a não separar de forma antecipada esses tempos. Neste caso, é mais frequente o comportamento de sobreposição de atividades do tempo de não trabalho (tais como as compras, os cuidados de casa e o cuidado aos idosos) com o tempo das crianças.

4.16 Considerações finais

O estudo que levámos a cabo nas duas regiões - distritos de Braga e Castelo Branco- mostra uma série de continuidades que, no seu conjunto, demonstram

a persistência de desigualdades de género que começam nas quantidades de tempo atribuídas a cada atividade desejada ou obrigatória e que abrangem a disponibilidade e a qualidade do tempo.

Além das conclusões que fomos anotando ao longo do capítulo e que evidenciam o carácter psicológico e social do tempo e dos seus usos, importa precisar alguns traços nas utilizações do tempo que, não só configuram mudanças de valores, como enunciam alterações significativas nos modelos de organização social e familiar do Portugal hodierno, sujeito a uma crise económica de grande magnitude que arrasta consigo novas questões sobre os tempos sociais e tempos de vida e sobre os tempos dos grupos e das famílias. Observe-se, a este respeito, o facto de as famílias estarem cada vez mais sujeitas a fenómenos de desqualificação social, provocados pela perda de emprego dos seus membros. Com efeito, a uma sociedade em que o valor do tempo escorre da valorização económica e monetária do conteúdo que circunscreve, sobrepõe-se um estilo de vida cada vez mais presente caracterizado pela abundância de tempo, pelo tempo em excesso, pelo desemprego.

Tais alterações e o seu carácter persistente são decisivas, não só no domínio das classificações sociais, mas também no domínio das orientações de vida das famílias, tanto no plano diário, como no biográfico. No limite, trata-se de transformações que estão a implicar a descoberta de novas fontes de valorização e que não passam pela supremacia do tempo de trabalho remunerado. O estudo que conduzimos mostra estas tendências em emergência e a necessidade de concertar novos sentidos e significados para novas realidades sociais. Mostra ainda que dentro do espaço doméstico e familiar coexistem diferentes tempos e diferentes temporalidades também em mudança, pois em vez de convergirem para uma organização temporal marcada pela simultaneidade de atividades em espaço doméstico e familiar, dão conta do surgimento e da sedimentação de estilos de organização do tempo familiar baseados na dessincronia e na realização de tempos incompatíveis entre si de modo pessoal, embora plausíveis eletronicamente. Esta dessincronia é entendível, acima de tudo, como um desafio teórico, metodológico e político.

Capítulo 5

Género, Tecnologias e Espaço Doméstico

Este capítulo é dedicado à análise das tecnologias no espaço doméstico, focando-se, essencialmente, na análise e discussão dos dados de natureza qualitativa resultantes dos grupos de foco e das entrevistas, embora também se recorra a dados quantitativos providenciados pelo inquérito por questionário. A primeira secção (5.1) constitui um breve enquadramento teórico, no qual se analisam as relações entre a tecnologia e a sociedade, a nível mais abrangente. Através de perspectivas teóricas em confronto, identifica-se a perspectiva teórica que consideramos ter maior valor heurístico para a pesquisa, por ter a capacidade de ultrapassar dualismos e reducionismos presentes noutras abordagens.

Uma distinção já bastante veiculada nos estudos da tecnologia, aquela que remete para as “tecnologias brancas” e as “tecnologias pretas”, como indicado no capítulo 3, é usada para estruturar as outras duas secções deste capítulo. Assim, na segunda secção (5.2), são abordadas as tecnologias domésticas, procurando-se perceber se ajudam, ou não, a poupar tempo, e se influenciam a divisão do trabalho doméstico e as relações de género que lhe estão subjacentes. Procura-se, ainda, perceber como participam essas tecnologias na construção de uma identidade de género, masculina e feminina. A terceira secção (5.3) é dedicada à análise das tecnologias de informação e de comunicação (TIC), sendo discutidas as dimensões da posse, do acesso e uso, e da sua genderização. Num último ponto, são apresentadas algumas considerações finais relativas a ambas as tecnologias - brancas e pretas - no espaço doméstico.

5.1 Mudança tecnológica e mudança social - pressupostos teóricos norteadores

Face à diversidade de perspectivas teóricas sobre a mudança social e tecnológica, que põem, inevitavelmente, perguntas diferentes à realidade em estudo, importa explicitar qual se considerou ter maior valor heurístico para esta investigação. A perspectiva adoptada é a que Simões (1995, 2005, 2006) denominou por “condicionamento recíproco” - próxima da que é designada

por outros autores por *mutual shaping* -, em que se parte da rejeição de uma relação unidirecional entre tecnologia e sociedade em qualquer dos sentidos, o que implica que se abandonem as relações monocausais entre ambas e a preocupação de se determinar se é a tecnologia ou a sociedade que tem prioridade causal³¹.

Ao considerar-se que a tecnologia é um processo social ter-se-á em conta que é criada e adotada (ou não) pela ação humana, o que implica que a escolha, a criação, o *design*, o desenvolvimento das tecnologias e os seus usos abarcarão um leque mais alargado de fatores sociais do que o usado nas perspetivas teóricas essencialistas, como o determinismo tecnológico e o determinismo social estruturalista (Lyon 1992; Simões, 1995, 2005, 2006).

É certo que a tecnologia tem origens sociais e que a sua moldagem é conseguida, em grande parte, através da intervenção de grupos de interesse que exercem uma influência decisiva no seu desenvolvimento (Lyon 1992; Burns e Flam 2000); mas outros fatores sociais moldam as tecnologias, desde a sua criação, passando pelo seu desenvolvimento e até ao seu uso. É incontornável ter em conta, na análise, as tendências das sociedades capitalistas atuais, as quais poderão mesmo ser ampliadas pelas novas tecnologias (nomeadamente a posição subalterna das mulheres numa sociedade ainda com forte pendor patriarcal), assim como os valores, as desigualdades sociais e de poder e os contextos sociais, políticos e culturais (Fischer 1985; Lyon 1992; Simões 1995, 2005).

A perspetiva teórica utilizada distingue-se das mais essencialistas como também, em alguma medida, das que se agrupam em torno das denominações *Social Shaping of Technology* (SST) ou *Social Construction of Technology* (SCOT), no sentido em que, como a sua própria designação sugere - condicionamento recíproco - não se subestima o condicionamento tecnológico: cada artefacto tecnológico pode condicionar a nossa ação numa

³¹ Só em termos analíticos é possível fazer esta distinção entre tecnologia e sociedade. Mas trata-se de uma distinção útil para uma maior compreensão das perspetivas essencialistas.

direção específica, abrindo determinados caminhos e fechando outros, embora de modo inter-relacionado com fatores de escolha social.

A perspetiva do condicionamento recíproco tem como quadro de referência as teorias que se convencionou designar de síntese, ou seja, as que tentam superar a dualidade ação/estrutura. Mencionemos, em particular, a teoria dos sistemas de regras sociais de Burns e Flam (2000). Para estes autores, a tecnologia é uma componente ou parte integrante da ação social e um fator significativo na estruturação e organização das sociedades modernas. Se a atividade humana é, em grande parte, e nas suas mais variadas formas (na cultura, economia, política, entre outras), governada por regras e sistemas de regras (que compõem a estrutura social), para a criação, desenvolvimento e uso das tecnologias, os atores sociais também elaboram e aplicam regras (Burns e Flam 2000).

Mas as estruturas não são encaradas apenas como constrangimentos à ação social, elas oferecem também oportunidades para que os atores sociais possam agir, coordenadamente ou não, com o fim de defenderem os seus interesses e tomarem decisões, ou seja, a possibilidade de os homens e/ou as mulheres poderem "fazer de modo diferente" (Burns e Flam 2000: xii).

O esboço do quadro de análise referido comporta, pois, níveis conceituais e analíticos que permitem explicar quer a reprodução, quer a transformação social no que respeita à criação, desenvolvimento e uso das tecnologias, nas diversas áreas da atividade social; o que remete para problemáticas sociológicas como o poder, a conformidade, a resistência e o conflito, a agência e a interação social.

Faulkner (2001: 80) parece partilhar a perspetiva adotada quando defende que "tanto a tecnologia como o género são compreendidos como socialmente moldáveis e, por esse facto, potencialmente remoldáveis".

Tendo como *background* a teoria dos sistemas de regras sociais acima referida, as mulheres não são só vítimas. Muitas vezes, elas próprias subvalorizam o seu trabalho e, de um modo mais lato, a sua própria condição, não se tornando agentes que, através da flexibilidade interpretativa (termo

usado por Cockburn [1997]) e da ação, poderiam deixar de ser o “segundo sexo”, na terminologia usada por Simone de Beauvoir.

É certo que o (meta)poder de que os atores sociais dispõem para mudar ou manter as regras destinadas a regular a criação, o *design* e o uso das tecnologias é desigual. É certo também que são os grupos dominantes da sociedade, hegemonicamente masculinos e portadores de estereótipos de género, que elaboram as regras no que respeita à criação, desenvolvimento e uso dos artefactos tecnológicos³². Mas nada está predeterminado: o poder, como refere Giddens (1992), nunca é absoluto devido à dialética do controlo.

Centrando mais a análise nas relações de género, e recordando que o conceito de hegemonia, tal como é utilizado por Connell (1995), reporta para o dominação que é exercida por um grupo social, não pelo recurso à força bruta, mas através de uma dinâmica cultural que abarca tanto a esfera da vida privada como a da vida pública, importa ligar esta questão aos contributos de Ridgeway (2009), de Bourdieu (1999) e de Vogel (1994). Ridgeway (2009) considera que o género é o primeiro quadro cultural a “marcar” a organização das relações sociais e que, sem o termos em conta, não podemos compreender nem como a estrutura genderizada das sociedades contemporâneas resiste, nem como ela própria é alvo de mudança. A autora adota a designação “regras de género”, em vez de “estereótipos de género” e considera que aquelas não dizem respeito a crenças individuais, mas a crenças culturalmente hegemónicas, por duas razões. Primeiro, porque essas crenças estão profundamente enraizadas, nomeadamente nos *media*, nas políticas e nas leis e são um dado adquirido na maioria esmagadora das instituições. Em segundo lugar, porque elas estão presentes nos grupos dominantes da sociedade, aqueles que têm mais poder para moldar as instituições.

Bourdieu (1999), para explicar a mais duradoura dominação da história humana - a masculina -, refere-se, como outros antes dele, à metáfora de um

³² Estes atores e elites poderosos têm, à partida, maiores oportunidades de iniciativa, maior acesso a recursos e maiores possibilidades do seu controlo para levarem a cabo a mudança ou a manutenção dos sistemas de regras de acordo com os seus interesses, ou seja, para produzir os padrões de interações sociais e os resultados desejados.

teto invisível para evidenciar como o seu exercício é “escondido”. Vogel (1994), por sua vez, embora considere que o casamento, pelo menos do ponto de vista legal, já não é um lugar de dominação e de subordinação, afirma que se está ainda na fase em que, ao nível das práticas, a participação total das mulheres nos direitos e obrigações da cidadania é consideravelmente impedida pela “vulnerabilidade” do casamento.

Diríamos que aquele “teto” se torna invisível e essas vulnerabilidades se mantêm porque estão imbricadas nas afetividades, na sexualidade e nos outros modos de interação que se iniciam logo no namoro, quando, à partida, e na maioria dos casos, se estruturam relações de poder desigual. Relações de poder que se perpetuam, caso não haja da parte das mulheres o interesse e a agência para inviabilizar, à partida, e no seu decurso do relacionamento, essas relações de dominação que marcam também todas as esferas da atividade social, incluindo a criação, o desenvolvimento e o uso das tecnologias.

O contexto histórico e cultural explica a situação prevalecente e só com o contributo das teorias feministas a sociologia deixou de ser míope em relação às desigualdades de género em geral e também no campo das tecnologias. Foram essas teorias que evidenciaram a existência de conexões profundas entre género e tecnologia nas estruturas sociais, nas identidades e do ponto de vista simbólico, porque a masculinidade hegemónica e a tecnologia moderna tanto estão historicamente associadas ao capitalismo industrial, como estão simbolicamente associadas à dominação e controlo sociais, ambos decorrentes dos princípios filosóficos e políticos preconizados por Bacon, ao advogar o domínio humano sobre a natureza (Connell 1987).

5.2 Tecnologias domésticas e espaço doméstico - estatuto social e sociológico

Quando, em termos comuns, se pensa na relação entre tecnologia e sociedade, tende-se a pensar em termos algo grandiosos, em tecnologias de ponta (nomeadamente na área médica), em tecnologias de informação e comunicação, que invadem o mundo do trabalho e as nossas casas, em imagens de futuro e de transformação trazidas pelas novas tecnologias nas diferentes áreas em que se têm vindo a instalar. Esta visão tende a ofuscar e mesmo a minimizar aquilo que Cowan (1976: 1) designou por “revolução tecnológica no lar”. Uma “revolução” que transformou a gestão da vida quotidiana no espaço doméstico e que gerou mudanças no modo como os elementos da família se relacionam. “Uma casa, um lar, trabalho doméstico e vida familiar: este não é o cenário espontaneamente evocado pela palavra ‘tecnologia’” (Cockburn 1997: 361). De facto, podemos pesquisar muito sobre tecnologia sem nos cruzarmos com a tecnologia que existe em casa e, muito menos, se se tratar de equipamentos de apoio às tarefas domésticas. Quando se analisam as tecnologias que existem em casa, a produção científica relativa à penetração das TIC e ao impacto que as mesmas provocaram na erosão das fronteiras entre casa e trabalho é bastante mais comum.

Para Cockburn (1997), a construção social do lar e do espaço doméstico como espaços relativamente não-tecnológicos está implicada em padrões mais amplos de significado, envolvendo a relativa desvalorização do trabalho doméstico. Entendida como o domínio da “banalidade”, a esfera da reprodução diária é usualmente negligenciada, em parte, segundo a autora, porque é entendida como não-tecnológica, sendo que esta sua (relativa) pouca importância acaba por, de certa maneira, tornar invisível a sua tecnologia particular. Paralelamente a esta dicotomia tecnológico/não-tecnológico, a autora avança outras duas que contribuem para este estatuto subalterno do lar e das tecnologias domésticas - a dicotomia público/privado e a dicotomia masculino/feminino, sendo que em todas elas o primeiro elemento é o mais valorizado. O lar é predominantemente o domínio dos afetos, do cuidado e, logo, da mulher e da feminilidade, o que contribui para

a menorização do seu estatuto. “Feminino, privado e doméstico têm uma afinidade em termos dos significados que lhes atribuímos” (Cockburn 1997: 362) e nenhum deles evoca imagens de tecnologia. Existe uma suposta não coincidência entre o doméstico e o tecnológico e ela é produto, entre outros fatores, de uma desigual relação de gênero.

Faulkner (2001) considera que os encontros quotidianos das mulheres com as tecnologias raramente são entendidos como tal, já que os eletrodomésticos não encaixam nas imagens socialmente partilhadas acerca da tecnologia. No seu entender, tais imagens são construídas tendo por referência a *hard technology*, a “poderosa” e “verdadeira” tecnologia. Já o outro tipo, a *soft technology*, remete para a pequena escala, para os equipamentos de cozinha, não sendo rapidamente identificados como *tecnologia*. O universo masculino está conotado com o primeiro tipo e o feminino com o segundo.

A respeito das tecnologias domésticas, Blythe e Monk (2002) avançam o porquê das tecnologias de apoio às tarefas domésticas (frigoríficos, máquinas de lavar loiça e roupa, fogão etc.) serem brancas. Para além do material e das limitações de custos, uma explicação reside no fato de a cor branca se ligar a associações culturais particulares. Está conotada com a higiene e a limpeza, mas também com a pureza, a inocência e a virgindade - todos elementos importantes dos temas culturais de feminilidade ocidentais. Já o termo *brown goods* é usado para designar a televisão, o vídeo, a aparelhagem e a câmara de filmar. A atribuição de diferentes significados e de uma diferente valorização a estes dois tipos de tecnologia é um fenómeno claramente genderizado, já que é o facto de os “bens brancos” serem equacionados com a família e, logo, com as mulheres, enquanto utilizadoras, o que, em parte, lhes concede menor valor. Afinal, “[o] fenómeno de inferiorização das tecnologias de trabalho doméstico está disseminado no modo como avaliamos, hierarquizamos e representamos as tecnologias” (Cockburn 1997: 363).

Cockburn (1997) considera que o lar tem mais importância do que a que geralmente lhe é atribuída e que não deveria constituir a última preocupação dos *policy makers* da economia e da tecnologia. Mas esta sua crítica estende-se, também, à sociologia da tecnologia, que, no seu entender, confere pouca

importância às relações sociais mediadas pelas tecnologias domésticas. A autora explicita que este estatuto de “parente pobre” que a tecnologia doméstica tem na sociologia da tecnologia se tornou, aliás, claro na forma como os investigadores se autotransclassificavam pelo fato de se dedicarem a este objeto. Afirma a autora que ela e outros que como ela se empenharam na análise das relações sociais da tecnologia no espaço doméstico foram alvo de críticas, pois estudar o fogão, o frigorífico ou o micro-ondas provocava nalguns colegas “sorrisos desoladores”, havendo mesmo quem, entre os investigadores europeus, se chegasse a sentir um mero “sociólogo da cozinha”. Reagindo contra a desvalorização deste terreno de investigação, a autora considera que não podemos cair na mesma armadilha das mulheres que frequentemente desvalorizam o seu trabalho doméstico.

Para Bell *et al.* (2005), uma das formas de captar as complexidades do espaço doméstico passa pelo envolvimento, por parte dos investigadores, num processo de desfamiliarização. A problematização das tecnologias domésticas, que usualmente são entendidas como algo adquirido, permite descortinar os seus significados culturais, facilmente negligenciáveis. O desafio que se põe à investigação nesta área consiste em ver para além da naturalização dos aparelhos e das próprias experiências, dando relevância a detalhes aparentemente insignificantes e questionando o óbvio.

Whitehead (2008), discutindo os pressupostos de uma agenda geográfica do espaço doméstico, não parece concordar com esta tendência de menorização do espaço privado, já que afirma que nunca como nos dias de hoje o lar e a casa estiveram tão valorizados. Para o autor, centrar a análise na geografia do lar reflete um compromisso mais amplo das ciências sociais com os espaços quotidianos, com a rotina e com a aparente banalidade, através da qual o lar apareça problematizado como um poderoso espaço de expressão sociocultural.

Ao analisarmos a relação entre a tecnologia e o espaço doméstico temos de pensar para além da mera posse ou adoção de tecnologias e examinar todo o processo que abarca os padrões de uso e nos modos como as tecnologias influenciam e são influenciadas pelas relações sociais que medeiam. Tal

postura desafia tanto o determinismo tecnológico como a ideia sobre a presumível neutralidade da tecnologia. Os estudos de “gênero e tecnologia” consideram que tanto o gênero como a tecnologia são socialmente moldados (logo, potencialmente remoldáveis) e co-produzidos. Uma boa parte desses estudos tem-se vindo a focar no uso e nas utilizações das tecnologias na vida de todos os dias, concedendo um espaço crescente à análise da relação entre a tecnologia e as masculinidades (Faulkner 2001).

5.2.1 Tecnologias domésticas, usos e percepções

Segundo Venkatesh (1985), a revisão da literatura sobre tecnologias domésticas permite verificar a persistência de uma série de relações entre variáveis que formam constelações de sentido específicas. As mais importantes são a tecnologia doméstica e a poupança de tempo, o trabalho remunerado das mulheres, e a divisão das tarefas domésticas entre homens e mulheres. Esta última associa-se ao processo de construção da identidade de gênero e ao modo como as tecnologias participam desse processo. A partir daqui, será dada primazia à análise da primeira e da terceira relação, incorporando o debate sobre a identidade de gênero. A entrada da mulher no mercado de trabalho é convocada para a compreensão de todas estas relações. Todavia, a verdade é que, embora tenhamos optado pelo exercício analítico de as tratar separadamente, todas estas dimensões estão, na realidade, profundamente interligadas.

5.2.2 Tecnologias domésticas e poupança de tempo

Existe desde o artigo pioneiro de Vanek (1974) uma certa controvérsia em torno da suposta poupança de tempo proporcionada pelas tecnologias domésticas, questionando-se em que medida isso de fato acontece. Venkatesh (1985) afirma que vários estudos confirmaram o argumento contra-intuitivo de que as famílias com mais tecnologias gastam mais tempo em

tarefas domésticas do que as que têm menos. Também outros autores sustentam a afirmação de que as tecnologias não reduzem o tempo alocado ao trabalho no lar (Blythe e Monk 2002; Bianchi *et al.* 2000; Cowan 1976; Bittman *et al.* 2004; Voicu *et al.* 2009).

O dado mais inesperado das pesquisas realizadas por Bittman *et al.* (2004) é a diferença entre homens e mulheres em termos de impacto das tecnologias domésticas, no que respeita ao tempo gasto nas tarefas domésticas. Nenhum dos equipamentos que analisaram reduzia o tempo de trabalho doméstico da mulher e, nos casos em que as tecnologias modernas significavam menos trabalho doméstico, tendiam a ser os homens os beneficiários. Observe-se que os secadores de roupa aumentavam o tempo de passar a ferro, enquanto os micro-ondas, as máquinas de lavar e as arcas frigoríficas não revelaram um efeito significativo no tempo diário dedicado às tarefas domésticas. Os seus dados sugerem que os aparelhos domésticos não são a solução para poupar tempo, pelo menos às mulheres.

Quando analisamos, na nossa pesquisa, os grupos de foco participados tanto pelas mulheres com trabalho no exterior como pelas mulheres desempregadas /inativas, a valorização das tecnologias, sobretudo das tecnologias domésticas- aquelas que todas referenciam em primeiro lugar- é bastante evidente. São entendidas como essenciais, necessárias e imprescindíveis na vida moderna:

“Eu não sei como seria sem as máquinas”; “Eu acho que era impensável [viver sem as tecnologias domésticas], então eu passava o dia a tratar da casa, se mesmo assim já passo metade.”

(grupo de foco das mulheres empregadas)

A conclusão, nos grupos de foco, é unânime, as tecnologias poupam tempo, “e de que maneira!” *(grupo de foco das mulheres sem emprego)*, facilitam as tarefas domésticas e reduzem o esforço que essas tarefas exigem. No entanto, em ambos os grupos de foco de mulheres, esta percepção sobre a efetiva poupança de tempo ocorre por comparação com o passado, quando os eletrodomésticos não existiam, sendo que a lavagem da roupa é o exemplo

mais citado para mostrar a diferença entre o “antes” e o “agora”. Esta leitura das participantes nos grupos de foco em relação à poupança de tempo parece ser feita tendo como referência a tarefa (lavar roupa), não se percebendo bem qual o seu impacto no tempo diário dedicado às tarefas domésticas.

Também no que respeita às entrevistas realizadas existe uma avaliação geral muito positiva relativamente às tecnologias e, embora a maioria dos(as) entrevistados(as) considere que ajudam a poupar tempo, as suas explicações centram-se mais na minimização do esforço do que propriamente na redução do tempo. Nas entrevistas realizadas ao membro masculino dos casais verificou-se que a valorização das tecnologias tinha quase sempre por referência outras que não as brancas - carro, telemóvel, internet, computador - sendo que, só quando questionados nesse sentido, mencionavam eletrodomésticos e, entre estes, mais frequentemente, a máquina de lavar roupa e a de lavar loiça como sendo as que poupam mais tempo.

Essas conclusões surgem muito evidenciadas na análise de dados do inquérito por questionário, tal como se observou no capítulo 3. Com efeito, estes dados demonstram que as mulheres valorizam mais as tecnologias de apoio doméstico. Aliás, metade das mulheres considera a máquina de lavar a roupa a tecnologia mais essencial, face a 15,2% dos homens. No entanto, tanto os homens como as mulheres entendem ser essa a tecnologia que mais tempo poupa, embora com intensidades diferentes: 63% entre as mulheres, face a 28% entre os homens.

No que respeita aos grupos de foco dos homens sem emprego, as tecnologias espontaneamente referidas são o carro, o computador, a televisão e o frigorífico. Também neste grupo, os participantes só mencionam mais especificamente os eletrodomésticos quando diretamente questionados. No que concerne o valor que lhe conferem, foi avançado que para os homens o carro, o telemóvel e o computador facilitam a comunicação e facilitam o contacto com oportunidades de emprego. Segundo estes homens, os eletrodomésticos poupam esforço e tempo às mulheres, o que lhes permite fazer outras tarefas domésticas:

“Enquanto a máquina, por exemplo, de lavar a loiça e a roupa está a lavar, por exemplo, ela pode estar a passar a ferro, a fazer outro serviço”.

(*grupo de foco dos homens sem emprego*).

Esta mesma perceção de que as tecnologias permitem libertar tempo para outras tarefas (e não para descanso ou lazer) também foi mencionada em mais do que uma entrevista, tanto por homens como por mulheres. No entanto, a ideia subjacente é sempre a de que permitem às mulheres realizar essas outras tarefas, pois “[o] trabalho doméstico, como acontece com tanto outro tipo de trabalho, expande-se para ocupar o tempo disponível” (Cowan 1976: 15).

Os participantes no grupo de foco dos homens ativos mencionam mais eletrodomésticos do que os dos homens inativos, e tal como os restantes, valorizam positivamente as tecnologias, considerando que tornam as tarefas mais rápidas e facilitadas. Embora considerem que poupam tempo, os domínios em que isso acontece são, no seu entender, a gestão familiar, a “papelada”, a manutenção de contactos e a aquisição de informação.

Cowan (1976) assinala que o padrão do trabalho doméstico tem vindo a mudar desde 1900. A descoberta do “germe doméstico” levou a uma maior preocupação com a limpeza. Aumentaram, quer a quantidade de roupa para lavar, quer a frequência das lavagens e, com elas, a quantidade de roupa para estender e para passar a ferro. Esta crescente exigência dos padrões implica uma grande quantidade ou qualidade da produção doméstica: mais e melhores refeições, mais roupas e mais limpas e jardins mais bonitos. Com efeito, os equipamentos são usados para melhorar e aumentar os *outputs* e não para poupar tempo de trabalho. Para Cowan (1976) todos estes resultados apontam na mesma direção: a mecanização do espaço doméstico significa que o tempo gasto nalguns trabalhos decresceu, mas também que novos trabalhos o vieram a ocupar. Significa ainda que, noutros casos - designadamente no caso da roupa -, os gastos de tempo aumentaram devido a novos padrões de limpeza e de higiene. Todas estas mudanças e reequilíbrios levam a concluir que as vantagens da mecanização podem ser mais dúbias do que parecem, num primeiro olhar. A autora constata ainda que, infelizmente, as mudanças de

padrão são difíceis de documentar. Devido ao facto de envolverem processos aparentemente insignificantes, as pessoas tendem a não as mencionar.

Bianchi *et al.* (2000) sugerem que se há algum trabalho que deixou de ser feito, isso pode dever-se ao facto de as pessoas se preocuparem menos com o que fica por fazer, comparativamente ao tempo ganho para outros propósitos, o que significa que o padrão de (auto-)exigência poderá estar a diminuir.

No grupo das mulheres ativas é possível encontrar dois modelos de organização do lar em confronto: por um lado, o tradicional, em que a casa é representada como um espaço que deve estar todo arrumado e a “brilhar” e em que todas as tarefas domésticas são tidas como importantes e necessárias, quase obrigatórias. Por outro, existe um modelo mais progressivo, em que se percebe uma certa desafetação relativamente ao modelo tradicional. Algumas participantes afirmam aceitar reduzir o tempo e a importância atribuídos às tarefas domésticas:

“Não me preocupo nada com isso. Eu sou capaz de me ir deitar com a loiça toda suja, a cozinha desarrumada. Não faço a cama, mas tenho mais tempo livre e isso é que interessa. Não sou obcecada com a casa”.

(grupo de foco das mulheres ativas)

Para o grupo das profissionais sem filhos, as tarefas domésticas são um trabalho a eliminar ou a reduzir à sua mínima expressão, o que passa por contratar serviços domésticos ou por descer os padrões de limpeza e de aprumo. Além disso, entendem que há tarefas desnecessárias, que perdem a importância, como fazer a cama. Outras são feitas de outra forma, adaptadas aos tempos pessoais. Para aquelas com menos habilitações literárias, as tarefas domésticas fazem parte de uma rotina diária. São assumidas como uma obrigação e ter aptidões para o trabalho doméstico é percecionado como algo muito positivo. São estas participantes do grupo de foco das mulheres ativas que mais se aproximam do que foi expresso no grupo de foco das mulheres inativas, para quem é fundamental ter a casa “em condições”, mesmo que, para isso, seja preciso abdicar de tempo livre. Nestes casos, a

ideia geral é que as tarefas domésticas consomem muito tempo, mas que todas elas são importantes, sendo a casa percebida como:

“o ponto de partida que nos deve servir de exemplo”

(*grupo de foco das mulheres sem emprego*).

Também as análises das entrevistas nos permitem concluir que existe, no geral, valorização das tarefas domésticas, embora esta valorização seja mais frequentemente expressa pelas mulheres. De entre as entrevistadas, mulheres ativas e uma desempregada, mulheres com níveis educativos abaixo do ensino básico e licenciadas, todas referem que é importante ter a casa organizada e assegurar tarefas que garantam bem-estar à família. Apenas uma das entrevistadas fez referência a uma diminuição do padrão, justificando-o com o nascimento do filho e adiantando que não foi algo fácil de aceitar, da sua parte.

“Neste momento, se tiver de escolher entre ficar com o meu filho ou estar a limpar a casa, eu fico com o meu filho, e como a minha mãe limpa, ou eu limpo durante a noite, ou alguém vem tratar disso [...] ao início foi muito complicado, porque eu era muito metódica, não gostava de ver nada fora do sítio, agora já me habituei, ao fim de um ano dele”.

(Entrevista, *mulher, 30 anos, licenciada, professora, 1 filho*).

E mesmo neste caso, não parece haver claramente uma redução do padrão, mas sim das tarefas que lhe cabiam nesse padrão, e que são transferidas para a mãe ou para a ajuda externa. De salientar que a referência à existência de uma empregada doméstica e à externalização frequente de outras tarefas, tais como as refeições *take away*, só foi feita por casais com um elevado estatuto socioeconómico. Ainda que pareça haver algumas indicações no sentido da diminuição do padrão a que Bianchi *et al.* (2000) fazem referência, no nosso estudo tal apenas foi claramente enunciado no grupo de foco das mulheres ativas e apenas por algumas mulheres, as que têm maiores habilitações literárias.

5.2.3 Tecnologias domésticas e divisão do trabalho doméstico

Algumas pesquisas sugeriram estarmos a dirigir-nos para uma sociedade mais andrógina, mas ainda é evidente uma desigual divisão do trabalho doméstico. Em toda a Europa, as mulheres gastam mais tempo em trabalho doméstico do que os homens. A Irlanda, Portugal e a Espanha são os países menos igualitários, onde as mulheres dedicam mais cerca de 20 horas às tarefas domésticas do que os homens (Voicu *et al.* 2009). Também segundo o Eurostat, existe na Europa um modelo desigual no que se refere à divisão das tarefas domésticas. Em média, um europeu despende 116 minutos por dia em trabalho doméstico, para os 278 despendidos por uma europeia (Guionnet e Neveau 2009). Não obstante a massiva entrada das mulheres no mercado de trabalho, ainda não se verifica uma concomitante mudança no trabalho doméstico. Contudo, talvez possamos falar numa certa mudança de atitudes (Blythe e Monk 2002).

Os dados do inquérito corroboram a permanência desta desigualdade, já que os homens gastam, em média, vinte horas e meia menos do que as mulheres, por semana, na realização das tarefas domésticas. Em contrapartida, as mulheres duplicam, no mínimo, os valores dos homens nas tarefas consideradas femininas.

Com raras exceções, também as análises da informação proveniente dos grupos de foco e das entrevistas permitem apurar a permanência da alocação da maioria das tarefas domésticas às mulheres. No caso do grupo de foco das mulheres ativas, embora todas coincidam em defender a divisão igualitária de tarefas no seio do casal, em grande parte justificada pela entrada da mulher no mercado de trabalho, não existe uma correspondência entre esta visão e as práticas, variando estas de acordo com o rendimento e o nível educativo. As profissionais sem filhos e com empregada envolvem-se numa divisão das tarefas em função das preferências e das aptidões de cada membro do casal. Existe uma negociação implícita, que assenta nesse reconhecimento. No entanto, elas não deixam de ser as responsáveis por essas tarefas, nomeadamente nas indicações que é preciso dar à empregada. As profissionais sem filhos e sem empregada são as que mais reivindicam a partilha e, à

ajuda, contrapõem a necessidade de co-responsabilização. Existe neste caso uma negociação explícita, que pode mesmo envolver um certo conflito:

“O marido já começou a encarrilar, mas, a maior parte das vezes, tenho eu de me chatear”

(grupo de foco das mulheres com emprego).

As mulheres com filhos e sem empregada são as que mais se aproximam do modelo tradicional. Este modelo é por elas justificado pela incompatibilidade de horários ou pelo peso da educação tradicional dos homens. Algumas tentam mudar estas práticas, com resultados variáveis:

“Eu ainda não desisti”; “eu também não”; “não é fácil, mas ainda não desisti”.

(grupo de foco das mulheres com emprego).

No grupo de foco das mulheres sem emprego, todas concordam em que a divisão das tarefas domésticas em masculinas e femininas é resultado da “mentalidade”. Que existe evolução comparativamente ao passado, mas que essa evolução ocorre lentamente. Também todas consideram que essa situação deve mudar, mas com algumas variações: há que ter em conta, nomeadamente, se o marido se envolve noutras tarefas, tais como tratar do quintal ou dedicar-se à bricolagem. Também varia conforme se a mulher se sente “lesada” na divisão, isto é, se a acha injusta. São elas que assumem as responsabilidades das lides domésticas, embora, pontualmente, contem com a ajuda da parte deles. Também é mencionada a “menor capacidade” dos homens para executar as tarefas domésticas, um tema a que retomaremos mais à frente.

No grupo de foco dos homens ativos é possível identificar um claro reconhecimento do menor envolvimento deles nas tarefas domésticas. As justificações para esse menor envolvimento são variadas: integram desde o horário de trabalho ou das responsabilidades superiores às da mulher, à participação do homem em atividades fora da esfera familiar, passando pelo

facto de as mulheres assumirem a iniciativa e a responsabilidade por essas tarefas, incluindo o de terem padrões de exigência superiores.

No que respeita ao grupo de foco dos homens sem emprego, é possível identificar apenas um homem que defende e se envolve num modelo de partilha. A maioria “ajuda” e os restantes apresentam características que subscrevem a interiorização do modelo tradicional. A razão avançada para a necessidade de ajudar prende-se com a participação da mulher no mercado de trabalho. Para os que se situam no modelo mais tradicional, “ajudar” ou “partilhar” significa contribuir com o salário para a economia familiar, algo que eles agora não têm condições de fazer. Embora fosse avançada a necessidade de “fazer outras coisas”, devido à situação de desemprego:

“..... e ajudamos mais em questão de ir ao médico, podemos lá ir mais agora que estamos desempregados, não vou sobrecarregar a mulher, [n]este caso, com coisas que nós podemos fazer, que estamos desempregados”.

(grupo de foco dos homens sem emprego)

O desemprego não parece estimular, da forma que se esperaria, uma maior partilha das tarefas domésticas. No que concerne às entrevistas, só em três casos foi explicitado um modelo de partilha das tarefas domésticas: dois casais, em que ambos os elementos são licenciados (um deles tem empregada doméstica e o outro tem alguma externalização de tarefas) e um em que ele tem o 9º ano e ela o 6º ano. Neste último, o marido é emigrante pendular, e por isso qualquer divisão de trabalho doméstico apenas ocorre quando ele está em casa. A maioria dos entrevistados situa-se num modelo de “ajuda”, mais ou menos pontual, relativamente a algumas tarefas, sendo que em todos estes casos, embora as mulheres reconheçam o seu maior envolvimento, sentem que a divisão não é injusta. Um casal, em que o modelo tradicional é dominante, configura uma clara segregação das tarefas em função do género, em que ele é responsável pela sua parte “lá fora” (quintal) e ela é responsável pela sua parte “cá dentro” (casa). Embora inicialmente pareça haver uma aceitação resignada deste “destino” que cabe a homens e mulheres, a mulher acaba por exprimir um sentimento de injustiça na divisão

das tarefas, que é agravado por uma falta de reciprocidade, dado que ela garante ajudá-lo no quintal:

“Sou eu que faço tudo, faço tudo naquele tempo que tenho (...) Porque há maridos que ajudam, mas eu, na minha parte, não tenho quem me ajude a mim” (entrevista, *mulher, 38 anos, 4º ano de escolaridade, empregada doméstica*).

Ambos atribuem esta situação à tradição, ao hábito e à educação:

“Vou-lhe ser sincero, não vou estar aqui a mentir, porque eu fui habituado ... fui habituado desde pequeno. A minha mãe é que fazia tudo e nós não ajudávamos em nada, pronto... Ela é que chega a casa, faz a comida, arruma a cozinha... nisso, não ajudo”. (entrevista, *homem, 38 anos, 6º ano de escolaridade, operário da construção civil*).

Na nossa amostra, à semelhança do que se verificou noutros estudos (Hearn e Huse 2011), os (as) participantes com maior nível de habilitações literárias tendem a estar mais envolvidos numa partilha igualitária do trabalho doméstico, tendo os mais velhos maior tendência para integrar o modelo tradicional.

A massificação das tecnologias domésticas coloca a questão sobre a sua influência no tempo dedicado às tarefas domésticas. Mas também leva a problematizar a sua influência na divisão do trabalho doméstico e nas relações de gênero no casal. Silva (1997) identifica três abordagens teóricas no que se refere à explicação desta relação entre as tecnologias e o trabalho doméstico.

Uma abordagem sustém a manutenção e mesmo o reforço nas desigualdades na divisão do trabalho doméstico como resultado das tecnologias domésticas. Ou seja, é preconizado que não se alteram os termos desta desigualdade, nem o carácter genderizado das tarefas, mantendo, ou mesmo aumentando, (devido às novas exigências do padrão já mencionadas) o trabalho doméstico das mulheres. Uma outra abordagem defende que, com a crescente presença das mulheres no mercado de trabalho, aumenta o valor do trabalho doméstico, o que, conjuntamente com a diminuição da oferta de

empregadas(os) domésticas(os) e o aumento do custo de serviços domésticos externos, contribuiu para que os equipamentos domésticos começassem a substituir esse tipo de trabalho. Contudo, não obstante a visão positiva que se preconiza relativamente à diminuição do tempo despendido nas tarefas domésticas, esta abordagem considera que estas tecnologias não alteram a divisão do trabalho em casa, nem as relações de género que lhe estão subjacentes, devido, precisamente, à permanência e quase imutabilidade destas relações.

Uma terceira abordagem avança o argumento de que quem desenha as tecnologias poucas vezes o faz com a intenção de reduzir o tempo de trabalho das tarefas domésticas ou de provocar mudanças na alocação de género das mesmas. A preocupação dominante parece ser melhorar os *outputs* desse trabalho doméstico, no sentido do que foi afirmado por Bittman *et al.* (2004), mas mantendo a mulher como destinatária dessas tecnologias. Contudo, esta abordagem entende que as inovações, tanto ao nível do *design*, como da fabricação também respondem a mudanças sociais. Mudanças ao nível das necessidades e ao nível das “mentalidades” e atitudes. Assim sendo, a tecnologia e o género são entendidos como co-produzidos, pelo que as tecnologias têm o potencial de moldar, mas também de remoldar as relações de género (Silva 1997).

A maior parte dos nossos entrevistados(as) considera que a tecnologia influencia positivamente a divisão das tarefas domésticas. Mesmo assim, registam-se casos em que um dos membros do casal diz que influencia e o outro diz que não. Os que entendem que a tecnologia não tem qualquer efeito numa maior participação masculina nas lides domésticas sustentam que essa divisão parte, afinal, das pessoas e não dos artefactos, isto é, que está relacionada com o modo como se pensa e com o facto de os indivíduos serem mais ou menos influenciados por uma socialização de género. Os que consideram que as tecnologias facilitam a participação masculina não avançam, na maior parte dos casos, qualquer explicação que sustente essa percepção e os poucos que o fazem sugerem que esse efeito é conseguido devido a uma simplificação e a um menor esforço que essas tecnologias exigem à realização das tarefas. Contudo, quando se pede para explicitar as

tarefas em que esse efeito acontece, as respostas não vão muito além da ideia de que “é mais fácil carregar no botão” das máquinas.

Para Bianchi *et al.* (2000), uma descoberta inequívoca das suas pesquisas é a de que o gênero explica mais a variação no trabalho doméstico do que qualquer outro fator, nomeadamente as tecnologias. Independentemente das características demográficas ou dos estilos do curso de vida, as pesquisas demonstram que as mulheres investem significativamente mais tempo nas tarefas domésticas do que os homens, apesar das diferenças de gênero terem vindo esbater-se nos últimos anos. A segregação das tarefas mantém-se, com as mulheres a garantir as tarefas nucleares, rotineiras, tradicionalmente femininas, dedicando-se os homens a tarefas mais episódicas. Os dados obtidos através do inquérito mostram-nos que são as mulheres as que asseguram as refeições e a lavagem da loiça numa base regular, assim como a lavagem da roupa. As tarefas associadas à roupa e ao cuidado dos quintais são as mais segregadas. As mulheres, especialmente das classes média baixa e baixa especializam-se na roupa e os homens no trabalho do jardim, do quintal, do carro. Bittman *et al.* (2004), argumentam que a posse de equipamento desenhado para poupar trabalho no tratamento da roupa e nos cuidados dos quintais tende a aumentar a quantidade de tempo alocada a estas tarefas por parte de quem é responsável por elas. No âmbito das suas pesquisas, os autores não descobriram evidências de que a difusão de eletrodomésticos tenha conduzido a uma alteração significativa na divisão tradicional dos papéis de gênero no que respeita à realização de tarefas domésticas, chegando mesmo a afirmar que os equipamentos que investigaram tendem a reforçar e não a diminuir a segregação de gênero relativamente a essas mesmas tarefas.

O trabalho doméstico é um terreno contestado. Os membros da família precisam de comer, de ter roupa limpa e passada. A casa precisa de estar limpa e arrumada. Os indivíduos que vivem juntos têm de definir o padrão que será tolerado, e depois, dependem de alguém que providencie comida, roupa lavada e mantenha uma casa onde se possa viver (Bianchi *et al.* 2000). Tipicamente são as mulheres a fazê-lo. O seu tempo é gasto nas tarefas menos atrativas, que estão mais sujeitas à avaliação e a exigências por parte

do resto da família. Fazer o trabalho de casa envolve negociação, cooperação, e mesmo conflito entre os membros da família. Usualmente requer consensos, mas também pode gerar desentendimentos.

O relativo aumento do grau de participação dos homens nas tarefas domésticas deve-se, provavelmente, a uma real necessidade dessa participação, dado que as mulheres dedicam mais tempo ao trabalho pago do que ao trabalho doméstico. Também é provável que este aumento tenha acontecido em conjugação com uma mudança relativamente ao que se espera dos homens, isto é, em relação ao que se entende ser razoável e justo em termos da sua contribuição para a manutenção da casa.

5.2.4 Tecnologias domésticas e identidade de género

A informação que recolhemos através das entrevistas permite consolidar a ideia de que estamos em presença de uma problemática com enorme densidade, pois, para além de tudo, estamos a lidar com um espaço em que as relações afetivas se cruzam fortemente com relações de poder. Assim, importa perceber que não é apenas a justiça relativa na divisão das tarefas ou a análise dos efeitos da entrada da mulher no mercado de trabalho formal que nos devem interessar. O que está em causa é a própria identidade de género e a sua construção social. Os dados conferem validade à ideia de que a identidade de género ainda se constitui fortemente a partir do modo como homens e mulheres participam e se (re)vêm a participar nas tarefas domésticas. Ser feminina é “fazer a feminilidade” e o desempenho diário das tarefas domésticas continua a ser central na definição do que é ser mulher e ser mãe. O excerto seguinte é marcante no modo como esta identidade para si surge revelada e exibida discursivamente.

“Tem que ser [referindo-se à tarefa de passar a ferro]. Não andava com o meu marido, ou eu, todos engelhados. O marido é o nosso espelho, ou nós o espelho deles, não é?” (*grupo de foco das mulheres sem emprego*).

Com efeito, os equipamentos domésticos entram num domínio fortemente significativo em termos de papéis tradicionais. Mas, lembremos que os papéis

de género “apropriados” são, em parte, filtrados pelas ideologias de género e dado as ideologias de género variarem entre indivíduos, é de esperar que as exposições próprias de género também variem (Bittman *et al.* 2004). Esta dinâmica semiótica observa-se, entre outros, no modo como os indivíduos associam as tarefas ou aos homens ou às mulheres.

De facto, a maioria dos(as) participantes nos grupos de foco, assim como nas entrevistas, associa as tarefas domésticas às tarefas tradicionais mais femininas - a limpeza da casa, as refeições e a organização da casa. Existem tarefas que recolhem mais partilhada ou nas quais os homens começam a participar mais, tais como as compras e o cuidado dos filhos. Entre todas as tarefas necessárias há algumas em que se identifica um padrão bastante genderizado, como são as tarefas associadas ao cuidado da roupa, identificadas como sendo “femininas”, mesmo por parte de algumas mulheres. Elas constituem, aliás, um expoente máximo de evitação por parte dos homens. Também podemos mencionar as tarefas associadas à manutenção da casa, dos quintais, do carro, que são entendidas como mais “masculinas”.

Não obstante esta associação antes mencionada, a maior parte dos(as) entrevistados(as) dizem não haver tarefas domésticas masculinas e femininas. Que a sua realização é uma questão de aprendizagem e de hábito e que esta aprendizagem não se explica por uma razão cultural. No entanto, a contrastar com este discurso, está a praxis diária. Como mencionámos antes, uma real partilha acontece em poucos casais. Na maioria, é a elas a quem cabem as tarefas mais rotineiras e repetitivas e a eles que cabem as tarefas mais esporádicas. Há ainda oito entrevistados, quatro deles mulheres, que assumem existir uma diferenciação entre tarefas “de homens” e as tarefas “de mulheres”. Na explicação desta diferença convivem, de modo aparentemente pacífico, argumentos de índole sociocultural, que remetem para o peso da cultura e da socialização, com argumentos de ordem essencialista que buscam justificação na “natureza”, na assunção de habilidades “inatas”.

“Pronto já... já nasceram [as mulheres]. Pronto já nasceram, entre aspas, [hesitação] para limpar. Acho que o homem e tudo, nunca limpam como uma

mulher. Fui habituado assim...” (entrevista, *homem, 38 anos, 6º ano, operário da construção civil*).

“Considero que sim, que existe uma certa diferenciação. Que há coisas que as mulheres têm mais aptidão para fazer e coisas que os homens têm mais aptidão para fazer. Eu jamais pediria à minha mulher para mudar o óleo do carro por exemplo, para ver se o óleo está em condições, ou até mesmo para lavar o carro. Assim como acho que ela jamais me pediria para... sei lá... para lavar a roupa ou para passar a ferro. Cada coisa no seu lugar, pronto” (entrevista, *homem, 30 anos, 12º ano, comerciante*).

“A mulher era só para a vida da casa e o homem para a rua. Hoje não é tanto assim, mas é um pouco assim. A mulher é mais cuidadosa, porque não sei... se calhar, foram ensinadas assim... Porque toda a vida foi a mulher... Lá está, a mulher para fazer as coisas da casa. O homem para a rua...” (entrevista, *mulher, 36 anos, 9º ano, assistente operacional*).

Algumas das explicações mais essencialistas, que denotam uma clara naturalização das tarefas, podem ser encontradas nos grupos de foco:

(grupo de foco dos homens com emprego):

-“Mas a mulher consegue estar a fazer aquele trabalho doméstico e a pensar noutra. E o homem não. Tem de estar concentrado naquela situação para o fazer, [se não] não consegue”.

-“Isso. Faz duas coisas ao mesmo tempo e alguma coisa fica para trás, de certeza absoluta”.

Entrevistadora: - “Mas porque é que elas conseguem?”

-- “Porque o cérebro já está habituado... não sei... “

--“Aquelas coisas. O cortar as batatas. O fazer não sei o quê... Que são aquelas tarefas que eu considero verdadeiramente femininas, que é pôr, por exemplo, pregar um botão, fazer uma renda, uma camisola, um cachecol. Eu acho que

são... Eu acho que são tarefas [em] que só as mãos de uma mulher conseguem imprimir o culto da perfeição [e em] que o homem não é capaz.”

- -“Há tarefas em casa que são... são mais... eu não diria mais perfeitas, mas naturalmente são mais adequadas ao homem que é pregar o... é mudar a lâmpada do teto, é pregar o quadro na parede, é...”

Dois testemunhos ilustram bem a ideia de que a naturalização das tarefas não assenta nas características dessas tarefas, mas é construída a partir dos contextos em que as mesmas se realizam. Um dos entrevistados diz que não admite a ideia de pedir à mulher para lavar o carro, mas não participa na limpeza da casa e vê como inconcebível lavar a roupa. Um outro não utiliza os eletrodomésticos associados às tarefas da casa, com exceção do aspirador que usa apenas para limpar o carro, já que dentro de casa quem o usa é a mulher. As tarefas são as mesmas, mas as que eles realizam ocorrem fora do espaço doméstico, pelo que não são classificadas como tarefas femininas.

As tarefas são entendidas como marcadores da identidade de género. Por isso, são percecionadas, nalguns casos, como práticas que contribuem para a consolidação dessa identidade e, noutros, como ameaça. No caso dos homens, o desempenho de tarefas associadas ao universo masculino contribui para a construção e a manutenção de uma identidade tipicamente masculina. Já o desempenho de tarefas conotadas com a feminilidade é entendido, por muitos homens, como um ataque, uma ameaça à sua masculinidade, sobretudo se exigem exposição pública e, portanto, fiquem sujeitas a controlo social. Como foi amplamente referido, as tarefas associadas ao tratamento da roupa parecem constituir a maior das ameaças à identidade de género, por parte da maioria dos homens. Houve mesmo um entrevistado que disse ajudar em todas as tarefas domésticas, menos a passar a ferro. Também os dados do inquérito reforçam a enorme segregação desta tarefa, pois as mulheres despendem até 45 vezes mais tempo em passar a ferro, havendo apenas 15 (7%) dos inquiridos que mencionaram realizá-la, tal como se encontra documentado no capítulo 3.

Os processos de negociação entre homens e mulheres, demonstrativos do modo como as ordens se reproduzem no quotidiano com base na necessidade

de consistência de papel e de manutenção dos padrões de interacção, emergem muito expressivamente na conversação, tal como podemos observar a seguir, no excerto:

- “Se não fosse a máquina de lavar roupa, o meu marido não ia para o tanque lavar a roupa. Porque, se calhar, tinha vergonha, porque os vizinhos podiam ver e ele não se sentia, se calhar, tão homem, como eles dizem, não é? (entrevista, *mulher, 41 anos, 6º ano, costureira*).

- “ O passar a ferro, se quer que lhe diga, nem sei se é ou não... É uma coisa que nunca experimentei, mas deve ser muito chato, muito chato” (entrevista, *homem, 37 anos, licenciado, técnico da função pública*).

- “Por exemplo, passar a ferro, foi uma coisa que nunca lhe pedi e acho que não, não sei”. [E: E porquê?] “Não sei [ri], não sei explicar [diz a rir]. (...) Sim, ele, por exemplo, com a roupa ele disse ‘olha, a roupa eu ainda te estendo, não gosto muito, mas vá, ainda cá faço dentro de casa, lá fora não’” [diz a rir].” (entrevista, *mulher, 26 anos, 12º ano, assistente operacional*).

Os excertos indicam que não são apenas os homens a reconhecer algumas tarefas como ameaças à “sua” identidade de género. As mulheres parecem comungar dessa perceção, pelo que aceitam não expor os maridos a esse “risco”, preservando-os, empaticamente, de se envolverem em tais atividades. Alguns entrevistados referiram que se tivessem de fazer essas tarefas, fá-las-iam, mas apenas em casos de extrema necessidade, como seja a doença da esposa. Este padrão indica, na sequência do que vínhamos a assinalar, que a rutura da ordem instituída e partilhada pela sociedade (ou, pelo menos, individualmente auto assumida como geral e abstrata), só se dá por provocação externa, não controlável: circunstâncias extraordinárias exigem medidas extraordinárias. Só assim se pode esperar que ponham em suspenso o receio do julgamento público e o ataque à sua masculinidade.

Embora os equipamentos domésticos, como salientam Bittman *et al.* (2004), entrem num domínio fortemente significativo em termos de papéis tradicionais, eles não entram nesse espaço de modo neutro. As tecnologias domésticas e o processo de trabalho a elas associado estão intimamente

carregados de sentido a respeito dos papéis de género socialmente definidos e da identidade de género (Blythe e Monk 2002). Por isso, pode assumir-se que os indivíduos demonstram a sua identidade de género, em boa parte, no próprio uso diário que fazem da tecnologia (Bittman *et al.* 2004).

Faulkner (2001) problematiza o género *nos* e *dos* artefactos e da tecnologia. Segundo a autora, há género *na* tecnologia, pois as relações de género estão simultaneamente incorporadas nos e são construídas e/ou reforçadas pelos artefactos. Mas os artefactos e as tecnologias são genderizados porque prevalecem, na construção das suas funcionalidades e nos seus modos de operar, as associações à divisão sexual do trabalho no espaço doméstico. Argumenta a autora que das que se encontram no lar moderno, só uma pequena parte é utilizada tanto por homens como por mulheres. A maior parte é, no seu entender, genderizada por associação, genderizados simbólica e não materialmente.

No que concerne aos testemunhos recolhidos no âmbito da presente investigação, por meio dos grupos de foco e das entrevistas, observa-se que os marcadores sociologicamente relevantes sobre a genderização das tecnologias dividem-se. Há quem considere não existirem tecnologias masculinas e femininas. Há quem diga que essa separação ainda existe, mas que tem cada vez menos expressão. Há quem entenda existirem tecnologias masculinas e outras femininas. No entanto, embora haja discursos que veiculam a inexistência de uma genderização das tecnologias, raras são as vezes em que estes não se revelam contrastantes com as práticas. Na linha dos argumentos apresentados em favor do modo como os papéis de género e o processo de construção identitária se afirmam nos espaços de interação, observa-se que a situação das entrevistas e também dos grupos de foco é favorável a processos evidentes de representação de si. São situações em que os atores, homens e mulheres, usam a linguagem e as suas regras para se apresentar socialmente de modo diverso daquele que assumem no espaço socialmente resguardado. Por exemplo, um entrevistado diz não haver separação entre tecnologias masculinas e femininas, mas, mais à frente no seu discurso, demonstra ter um total desconhecimento relativamente à máquina de lavar. Alguns dos entrevistados que sustentam a perda de

relevância dessa dualidade, argumentando que a mesma se deve, sobretudo, à tradição e à educação que inculca “hábitos” diferentes aos homens e às mulheres, acabam por produzir também afirmações que não são apenas contraditórias em si, mas que revelam também contradição entre os discursos e a práxis propriamente dita. Os excertos seguintes demonstram alguns destes casos.

-“Enquanto que para um homem, todos os DVDs, por muito diferentes, chegam ali e põem qualquer aparelho a funcionar, para a mulher, se calhar, - já... a tecla mudou para outro lugar, já é complicado [risos].” (entrevista, *homem, 37 anos, licenciado, técnico no setor público*).

-“A mulher, se calhar, para aquelas tecnologias da casa, os homens mais para o carro e essas coisas” (entrevista, *mulher, 30 anos, licenciada, professora*).

Há, assim, uma parte dos entrevistados que afirma não existirem diferenças, embora considere, depois, que o ferro é para a mulher, ou que as tecnologias do interior da casa são femininas e as do exterior são masculinas. Observe-se que quem reconhece a genderização das tecnologias fá-lo tendo por referência a genderização das tarefas a que estão associadas e o espaço onde são usadas. Trata-se de uma genderização por associação, no sentido adiantado por Faulkner (2001).

-“É assim: os eletrodomésticos dentro de casa, acho que são mais femininos. São feitos para as mulheres. As mais masculinas são as que estão fora de casa, o corta relva, os utensílios do quintal são feitos para o homem”.(entrevista, *mulher, 30 anos, desempregada, 8º ano*).

-“Os mais femininos ...é a máquina de lavar. A de secar também é. Também gosto de trabalhar com o aspirador”. [E: Utiliza muito o aspirador?] “Sim, não é assim muitas vezes. É mais para limpar a carrinha, evidentemente. Aqui dentro é a esposa que ...” (entrevista, *homem, 37 anos, 6º ano, operário da construção civil*).

-“Elas [as tecnologias] são quase todas para as mulheres, infelizmente. Os aspiradores, eles [homens] não dão grande jeito, porque não sabem ligar aos

cantinhos. A máquina [da roupa], eles não sabem o que hão-de meter na quente nem na fria. Passar a ferro, então isso, nem sonhar...”

(*grupo de foco das mulheres sem emprego*).

-“A mentalidade continua sempre igual, embora mude uma coisa ou outra, mas a mentalidade é sempre igual. Por isso é que as mulheres utilizam mais os eletrodomésticos brancos do que propriamente os homens”

(*grupo de foco dos homens sem emprego*).

Os homens reclamam, sobretudo, competências relativamente a tecnologias que não sejam associadas ao trabalho doméstico e à feminilidade, tais como utensílios usados no quintal, os utensílios de bricolagem, o computador, o DVD e o telemóvel. Alguns deles não parecem ter, aliás, qualquer problema em assumir um completo desconhecimento relativamente a alguns eletrodomésticos, como é o caso da máquina de lavar roupa. A esse respeito, o excerto que a seguir se reproduz parece-nos particularmente significativo:

“Mas eu não sabia trabalhar com esta máquina [de lavar roupa], é um bocado complicada e foi ele [o marido] que me explicou. Mas hoje, se eu lhe disser: - ‘põe-me a máquina a trabalhar’, ele não sabe (entrevista, *mulher, 30 anos, 8^o ano, desempregada*).

Para Faulkner (2001), a tecnologia é um importante elemento nas identidades de género dos homens, sendo que as imagens culturais da tecnologia estão fortemente associadas com a masculinidade hegemónica. Segundo Lohan e Faulkner (2004: 323), “[p]arece haver uma equação persistente e durável entre masculinidade e tecnologia”. Para retomar aqui a terminologia de Faulkner, essa identificação acontece relativamente à *hard technology*, um tipo de tecnologia que contribui para a representação do mundo tecnológico como algo distante e esmagador. As tecnologias de apoio às tarefas domésticas, a *soft technology*, comportam um tipo de uso que, em alguns casos, parece constituir uma ameaça à construção e manutenção de uma identidade masculina e, mais ainda, em relação à masculinidade hegemónica.

A propósito da construção e da apropriação de “espaços” como sendo femininos ou masculinos, convém referir o conceito de *maternal gatekeeping*, avançado por Sarah Allen e Alan Hawkins (1999), com base numa investigação empírica que incluía 622 mulheres assalariadas. Os autores consideram que o conceito comporta três dimensões: a relutância das mães em abdicar da responsabilidade em relação a assuntos familiares, definindo padrões rígidos de ação; a validação externa de uma identidade associada à maternidade; e as diferentes conceções dos papéis da família. Das 622 mães, 21% foram classificadas como *gatekeepers*, sendo que estas, em média, despendiam mais 5 horas em trabalho doméstico e experimentavam uma divisão do trabalho menos igualitária do que as mulheres classificadas como “colaboradoras”.

Também na nossa pesquisa foi possível identificar, nalguns discursos, a existência de padrões rígidos, isto é, de uma exigência no desempenho das tarefas domésticas que as mulheres consideravam não ser atingida pelos homens. Repare-se que, não raras vezes, esse padrão de exigências surge como argumento legitimador usado por eles, de modo a justificar o seu menor envolvimento. Os excertos abaixo são elucidativos a este respeito:

- “E ele fez-me as camas... mas só que, ao fazer as camas, comecei a mandar vir que as camas estavam mal feitas, e ele até hoje nunca mais me fez uma cama. Ele puxou as orelhas da cama e já estava a cama feita. Nunca mais me fez mais nada” (*mulher, 38 anos, 4º ano, empregada doméstica*).

- “Sim, faço a maior parte [das tarefas domésticas]. Mas faço porque gosto de fazer, porque tenho aquela minha maneira de fazer e às vezes ele não tem... e eu prefiro fazer à minha maneira” (*entrevista, mulher, 30 anos, 8º ano, desempregada*).

-“Eu volto ao perfeccionismo [das mulheres] (...) eu acho que nós somos muito mais desenrasque”

-“ A minha [mulher] é igual, enquanto vai aos cantinhos todos [com o aspirador], eu fujo”.

(*grupo de foco dos homens ativos*).

Bianchi *et al.* (2000), comentando precisamente as conclusões da pesquisa de Allen e Hawkins (1999), consideram que também essas conclusões devem ser analisadas à luz da perspectiva de género, dado que a limpeza e a arrumação da casa são socialmente entendidas como reflexo da competência da mulher como esposa e mãe, mas não da competência do homem enquanto marido e pai.

5.3 Género e desigualdades de acesso às tecnologias (da informação, da comunicação, e da informação e comunicação)³³

O processo de tecnificação dos lares portugueses tem sido recentemente reforçado pela difusão das tecnologias da informação, da comunicação e das TIC, tal como se pode verificar na tabela; pese embora o aumento registado, são ainda notórias as desigualdades de posse em relação à maioria das tecnologias.

³³ Este ponto do capítulo é uma parte adaptada do artigo “Género e tecnologias da informação e da comunicação no espaço doméstico: não chega ter, é preciso saber, querer e poder usar”, *Configurações*, nº 8, 2011. Autoras: Maria João Simões, Soledad Las Heras e Amélia Augusto. As TI (tecnologias da Informação) e as TC (tecnologias da comunicação) tinham, até há algumas décadas atrás, funções que pela sua especificidade implicavam artefactos distintos. Ocorreram entretanto duas tendências; por um lado, a emergência de uma nova tecnologia - as TIC - que remetem para a convergência entre TI e TC, como é o caso da Internet (sistema de computadores interligados). Por outro lado e de um modo crescente, um mesmo artefacto passou a poder integrar funções de diferentes tecnologias, como é o caso do *smartphone*. À semelhança do que fizemos no referido artigo, apesar da crescente convergência entre as diversas tecnologias, dado o uso ainda frequente e específico de cada uma delas, optámos por designá-las neste capítulo de modo distinto: TI, TC e TIC.

Quadro 47 - Agregados privados com TI, TC e TIC em Portugal (%) 1987-2005

Agregados privados com TI, TC e TIC em Portugal (%)				
	1987	1995	2000	2005
Telefone fixo	33	72	75,5	68,7
Telefone móvel	X	X	X	83
Televisão	83	95,6	97,9	98,9
TV cabo/satélite	X	7,6	29,6	42,1
Leitor de CD	X	18,2	38,4	53,4
Vídeo	X	40,7	49,7	X
Leitor de DVD	X	X	X	49,2
Computador	3	10,1	21,9	43,9
X valor indisponível				

Fontes: INE - Inquérito aos Orçamentos Familiares (até 2000); Inquérito às Despesas das Famílias (2005/2006); INE, Inquérito às Condições de Conforto (1987).

5.3.1 TIC e desigualdades de acesso

Tal como refere Simões (2005: 92-93), o acesso às tecnologias, em particular às TIC, envolve um leque alargado e complexo de questões. Contudo, o conceito é, muitas vezes, mal operacionalizado e também mal usado quer nos trabalhos científicos, quer nos discursos e políticas da “sociedade da informação”.

O acesso não é uma questão neutra, importando analisar para quê, como, em que condições se desenvolve e quais os seus resultados. Ter acesso às TIC é uma questão crucial, mas as barreiras de acesso não são meramente físicas, não sendo suficiente abordar apenas as questões do acesso dos indivíduos ao *hardware*, ao *software* e às redes digitais, assim como a necessidade de lhes fornecer treino adequado; sendo, neste ponto de vista, subestimadas questões sociais, políticas e culturais que estão por detrás das dificuldades de acesso (Van Dijk 2000; Simões 2005).

Há ainda dois patamares distintos que têm sido confundidos: a desigualdade do acesso às tecnologias (o que implica a diferenciação entre os incluídos e os

excluídos das TIC) e a desigualdade que se pode desenvolver no pós-acesso ao artefacto tecnológico (aí, de facto, podendo identificar-se os info-incluídos e os info-excluídos). O acesso físico às TIC é uma condição necessária para que se tenha acesso à informação disponível no ciberespaço, mas a posse ou o acesso a essas tecnologias não contraria de *per si* a info-exclusão (Simões 2005).

Face aos argumentos apresentados, adoptou-se a definição de desigualdade de informação apresentada por Van Dijk (2000) que contempla, não só a desigualdade na posse de fontes de informação e comunicação, mas também, entre outros fatores, o uso dessas fontes.

Podemos enunciar várias tipologias de barreira no acesso, tal como propostas por Van Dijk (2000). A primeira barreira diz respeito ao acesso aos computadores e às redes digitais. A segunda é designada pelo autor como “receio dos computadores” e reporta para a existência de barreiras do foro subjetivo e emocional que levam as pessoas a considerar o manejo insatisfatório dessas tecnologias como uma falha pessoal, evitando ou retardando o contacto com esses artefactos. A falta de competências, nas suas diversas facetas, constitui a terceira barreira a ultrapassar no acesso às TIC. Quanto mais fracas forem as competências, mais restrito será o uso dessas tecnologias, por outro lado, competências diferenciadas “produzem e aprofundam as desigualdades de uso” (Simões 2005: 100).

O acesso às TIC não significa apenas ter acesso ou possuir computadores, competências e *software*, mas também usufruir dos recursos disponíveis no ciberespaço, o que significa ter em conta, na análise, o campo das barreiras que se interpõem ao seu uso e que são as mais difíceis de ultrapassar (Van Dijk 2000). Todos os estudos realizados têm apontado para o facto de as oportunidades e os tipos de uso das TIC serem socialmente estratificados, nomeadamente em função do género, idade e condição socioeconómica.

Simões (2005) considera que não é suficiente ter acesso à informação. É central refletir sobre o tipo de informação, a quantidade disponível, a sua qualidade, a sua relevância e fundamentação, a necessidade de ser facultada a tempo e num formato amigável do utilizador. É, por outro lado, necessário que

os utilizadores tenham os recursos cognitivos necessários para procurar e ter acesso a essa informação, para a organizar e utilizar e, ainda, ter tempo disponível para estar *on-line*; de outro modo, podem gerar-se desigualdades de uso significativas. Um dos territórios em que é visível a desigualdade de uso das TIC é justamente o familiar e doméstico, tratando-se de um espaço em que frequentemente se observa a sobreposição da genderização do acesso às TIC, nas suas diversas vertentes, com a genderização dos uso do tempo.

As TIC têm suscitado um debate sobre o seu impacto na configuração das fronteiras entre a esfera pública e a privada, aspecto também analisado nesta pesquisa. Autores como Kaufman-Scarborough (2006) defendem que as TIC diluem as fronteiras espaço-temporais entre a casa e o trabalho. As propriedades de ubiquidade e de constante disponibilidade que estas tecnologias promovem permitem trazer o trabalho ao espaço doméstico e levar este ao trabalho. Alguns autores contestam a existência deste efeito invasivo do trabalho no espaço privado, tal como Green (2002) e Wajcman *et al.*, (2008) segundo os quais as pessoas estabelecem limites ao uso destas tecnologias, que são utilizadas prioritariamente, em particular no caso das mulheres, para intensificar os contactos com a família e os amigos e para facilitar a coordenação familiar.

5.3.2 A televisão e o telemóvel: de uma posse massificada para um uso crescentemente genderizado

O uso das televisões tradicionais e das primeiras gerações de telemóveis tinha um padrão pouco genderizado; estas tecnologias têm, contudo, vindo a complexificar-se e a adquirir mais funcionalidades, o que poderá aumentar a diferenciação entre os sexos no seu uso.

A televisão é a tecnologia mais universalizada e, ao mesmo tempo, a mais personalizada entre os equipamentos de lazer³⁴. Como indicado com maior

³⁴ Segundo dados do inquérito à ocupação do tempo em Portugal (INE, 2001) três quartos do tempo destinado ao lazer é despendido a ver televisão (2 horas e 20 minutos, em média, por

pormenor no Capítulo 3 e de acordo com o questionário aplicado, a esmagadora maioria das famílias da nossa amostra (88%) possui mais do que um aparelho de televisão e veêm-na diariamente, sendo que um terço dessas famílias possui duas e quase outro terço, três televisões. Tal proliferação de aparelhos responde, por um lado, a um uso mais individualizado por parte dos diversos membros da família e, por outro, à presença dos filhos.

Os pais cedem às exigências dos filhos para ter TV nos quartos e o baixo custo destas contribui para a sua multiplicação, evitando, assim, a contínua negociação entre os elementos da família no que respeita aos programas que se veêm. Ver televisão em família à hora do jantar faz ainda parte do ritual familiar, tal como demonstrámos no capítulo 4.

As mulheres relatam mais ouvir televisão, do que vê-la. Recorde-se, como expresso no capítulo 4, que a prática de ouvir televisão expressa uma característica tradicionalmente feminina nos usos do tempo: a policronia. As mulheres fazem várias coisas ao mesmo tempo e, por isso, o visionamento da televisão ocorre em simultâneo com uma grande diversidade de trabalhos domésticos (nomeadamente passar a ferro, cozinhar ou tratar das crianças) que ocorrem justamente na cozinha, um dos espaços socialmente atribuídos às mulheres.

“[E: Tem uma televisão? Tem várias?] -Sim, sim. Tenho várias. [- E estão onde?] Na cozinha, na sala e no quarto dos miúdos (risos). A minha da cozinha está sempre ligada. Às vezes não olho para ela, mas estou a ouvi-la” (entrevista, *mulher, 41 anos, 9º ano, operária têxtil, 2 filhos*)

O facto de as mulheres serem as principais responsáveis pelo cuidado das crianças também condiciona os tempos de consumo televisivo (particularmente “quando” e “o que” veem). Tanto nos grupos de foco como nas entrevistas, as mães afirmam “sacrificar gostosamente” as suas

dia), nomeadamente no horário noturno (a partir das 20:40h). Segundo o serviço de Media-Monitor da Marktest para o ano de 2010, a média de tempo despendido a ver televisão por espetador foi de 3 horas e 39 minutos diários.

preferências televisivas, ou o seu tempo livre, para acompanhar a programação infantil com os filhos³⁵.

“Para mim, tempo livre é realmente só para mim. É fazer qualquer coisa que só eu lucro, digamos, seria só para mim, (pensativa). Contudo, não é isso que se verifica não é, mas temos de... o tempo livre quase que encará-lo como que para todos. Preferia estar no sofá até a ver um programa. Mas tenho que me limitar a estar no sofá a ver uma banda desenhada. Cá está, o tempo livre. [E: Porquê? Por causa do seu filho?] -

M: Exatamente.”

(entrevista, *mulher, 36 anos, licenciada, técnica superior, 1 filho*)

Os homens tendem a despende menos tempo a ver TV³⁶, quando comparados com as mulheres. Porém, quando o fazem, é de forma exclusiva, ou seja, sem o combinar com outras atividades, tal como mencionado nos dois capítulos anteriores.

Quanto ao telemóvel, a sua posse não apresenta diferenças de género. Mas o mesmo não se pode dizer em relação ao seu uso. Os homens distinguem-se das mulheres no que respeita aos “tipos de uso” e à utilização das diversas funcionalidades. Em relação ao uso comunicativo ou primário do telemóvel evidencia-se a presença dos papéis de género. Assim, como nos mostram os resultados do inquérito aplicado, as mulheres referem usar mais o telemóvel para contactar com amigos e familiares (72,8% face a 49,3% dos homens, e, de entre os familiares, destacam os filhos, com 22,2% face a 9,7% dos homens);

³⁵ O que vai de encontro ao que vários autores têm referido em relação à caracterização do tempo livre das mães: é um tempo fragmentado que se desfruta com a ausência de outros adultos e que tende a confundir-se com as responsabilidades parentais (Mattingly e Bianchi 2003).

³⁶ Segundo o Anuário Média e Publicidade da Marktest 2009, as mulheres tendem a ver mais televisão do que os homens (56,2% face a 43,8% respetivamente, no respeitante à audiência das televisões generalistas).

enquanto os homens dizem usar o telemóvel principalmente para o trabalho (25% face a 6% das mulheres) ou para estarem contactáveis.

As mulheres entrevistadas valorizam a possibilidade conferida pelo telemóvel, de relação constante com o mundo, como se fosse um “cordão umbilical” que as une, nomeadamente, aos filhos, ao cônjuge e aos amigos e o qual permite o prolongamento dos cuidados. Neste sentido, o telemóvel torna-se uma ferramenta valiosa para manter o contacto entre os membros da família no quotidiano, no sentido de estar presente na ausência, de estar sempre contactável, em caso de necessidade para prestar ajuda. São principalmente as mulheres que valorizam o uso do telemóvel como ferramenta para a coordenação das atividades quotidianas das famílias, permitindo uma gestão mais flexível dos tempos e continuando, assim, o papel de coordenação nas suas mãos; aspectos que vão de encontro às conclusões de Ling (2006).

Importa ter em conta, contudo, que o telemóvel introduz mudanças no modo como as tarefas domésticas são coordenadas. A coordenação passa a ser realizada de um modo que não seria possível sem aquele artefacto tecnológico, o que ilustra o papel simultaneamente condicionador e possibilitador da tecnologia, neste caso específico do telemóvel. No caso dos trabalhadores por conta própria e profissionais liberais, maioritariamente homens na nossa amostra, o telemóvel é uma ferramenta de trabalho que se tornou imprescindível e como quase um meio de vida. Uma posição igualmente relevante ocupa o telemóvel na vida das mulheres que trabalham na economia informal (fazer salgados para fora, limpezas, etc.) e que percecionam o telemóvel como um instrumento que lhes facilita obter novas oportunidades de trabalho. Também nestes dois casos é visível o modo como a tecnologia, neste caso o telemóvel, tem não só um papel condicionador como também possibilitador na construção de novas oportunidades de trabalho e na sua organização.

A par de uma apreciação geral muito positiva do telemóvel³⁷ surge, entre os homens e as mulheres sem filhos, uma crítica relativa à permanente disponibilidade que exige e à intromissão que acarreta na sua vida privada. Esta perceção ambivalente do telemóvel como facilitador e como dispositivo de controlo (por parte do meio social) justifica o fato de, no decurso das entrevistas, procurarem reivindicar a necessidade em edificar algumas barreiras ao seu uso (ou não responder ou desligar):

“[O]utra coisa do telemóvel é que acho que retirou muita privacidade. Acho que as pessoas sentem-se quase obrigadas a atender o telefone desde que esteja ligado. As pessoas, quem está a ligar, acha que a pessoa deve atender e, portanto, isso também tira um bocado de privacidade. (...)”

“ Em relação ao telemóvel’, já faço de propósito. Às vezes desligo. Às vezes deixo-o em casa, e [tenho] o prazer de ninguém saber onde eu estou (...)”

(grupo de foco de mulheres empregadas)

“(...) porque hoje em dia, toda a gente sabe onde nós estamos, o que é que nós fazemos, o que é que não fazemos. Acho que isso, de certa forma, torna-se uma invasão da nossa própria privacidade ou do nosso próprio espaço...”

(grupo de foco de homens empregados)

Os dados indicam que as tecnologias (pelo menos as que referimos até agora) entraram nos tecidos sociais e são parte integrante das relações e dos processos sociais. A normalização e a naturalização das tecnologias referidas (o televisão e o telemóvel) surgem expressas na própria construção discursiva que os entrevistados são capazes de elaborar. Mas surgem construções discursivas deveras contraditórias em relação às práticas de uso, como se pode ver em relação ao telemóvel: se, por um lado, os inquiridos se referem às formas de controlo e de intrusão que este pode representar e, por isso,

³⁷ De modo geral, as tecnologias são percecionadas pelos entrevistados como facilitadoras das suas vidas quotidianas, elementos de progresso social e pessoal, instrumentos que aumentam o leque de oportunidades. Em suma, são muito positivamente conotadas.

dizem estabelecer algumas barreiras ao seu uso, é certo que a seguir descrevem comportamentos que contradizem os discursos. Quando perguntamos se atendem chamadas de trabalho no telemóvel quando estão em casa e se atendem chamadas de familiares no trabalho, tanto os homens como as mulheres respondem atender “sempre”. Esta rutura de representação de si evidencia justamente as formas de íntima convivência com algumas TIC, partes integrantes das identidades individuais e sociais. Tão íntima que alguns autores se pronunciam já sobre alguns destes objetos como elementos que são percecionados pelos seus portadores como partes do seu corpo, estando despertos a responder a qualquer variação emitida pelos mesmos, como se de um órgão se tratasse.

Importa ainda precisar que o uso do telemóvel tem sido estudado em diversas vertentes, mas é relevante mencionar, neste ponto, o potencial heurístico que representa para a leitura e análise dos modelos de organização dos tempos de trabalho hoje em dia, assim como a análise das relações de dependência dos atores sociais em relação às organizações de trabalho e às suas temporalidades. O telemóvel representa a possibilidade de as organizações de trabalho explorarem as zonas de disponibilidade dos seus colaboradores de forma quase ilimitada, particularmente quando a natureza das tarefas a desempenhar não exige nem um espaço nem um tempo fixos para a sua execução. Várias razões podem explicar o que conduz um trabalhador a estar sempre “on call” relativamente ao trabalho. Mas, entre elas, queremos destacar justamente, a escassez de emprego e a crescente fragilidade contratual que acompanha o acesso ao mercado de trabalho formal. Neste sentido, estar “on call” significa estar disponível e colaborar com as exigências e as variações no trabalho, sugerindo compromisso individual. Além disso, permite uma forma de adaptação temporal mais condizente com a incerteza em que muitas das organizações, de estruturas em rede, operam hoje em dia, no mundo globalizado.

O telemóvel permite, ao fim de contas, gerir as fronteiras entre tempos de forma flexível e permite, por isso, acrescentar graus de policronia na vida diária. As contradições e as variações são muitas a este respeito: se as mulheres são as mais visadas pela necessidade de gerir, pelo telefone,

exigências familiares, também é certo que este uso é percecionado como um privilégio por quem (e para quem) efetivamente pode usá-lo.

Num contexto de elevado desemprego, que faz do trabalho remunerado uma ventura a preservar, a possibilidade de obviar as chamadas de trabalho para manter as fronteiras espaço-temporais entre trabalho e família é um luxo só ao alcance daqueles que têm uma posição contratual mais segura.

5.3.3 O computador e a internet: uma posse que se vai massificando mas um uso genderizado

Os dados do nosso inquérito apontam para uma taxa elevada de penetração do computador (72%) e da internet (64%) nas famílias³⁸. Mas esta amplitude evidencia padrões diferenciados de acesso, em função da idade, do género, da classe socioprofissional³⁹ e da escolaridade, entre outros.

Como referem Van Dijk (2000) e Simões (2005), o acesso, entendido exclusivamente como posse, não garante nem o seu uso nem uma utilização completa de todas as suas funcionalidades. A posse do computador com ligação à internet, por exemplo, só aparece mais generalizada nas classes mais desfavorecidas, em parte devido ao “efeito Magalhães”⁴⁰. Entre os

³⁸ Segundo os dados do Inquérito a Utilização das Tecnologias da Informação e da Comunicação pelas Famílias 2002-2008, o computador e a ligação à internet têm experimentado uma forte difusão em Portugal, 50% e 46% respetivamente, duplicando ou triplicando a sua presença nos agregados portugueses em menos de uma década.

³⁹ Como referido no capítulo 2, nesta investigação a variável classe social foi operacionalizada segundo a matriz de construção individual e familiar proposta por Machado *et al.* (2003). Falamos em classe socioprofissional porque a dita variável, como referem os autores, está construída a partir dos indicadores “profissão” (Classificação Nacional de Profissões) e “situação na profissão”.

⁴⁰ O Magalhães é um computador concebido para crianças que fez parte do Programa *e.escolinha* lançado pelo XVII Governo Constitucional. Este projeto visou promover o acesso à Sociedade da Informação e fomentar a info-inclusão, através da disponibilização de computadores portáteis e ligações à internet de banda larga, em condições economicamente vantajosas aos alunos e professores do ensino primário e secundário.

operários e empregados executantes, a posse do computador atinge 65% e a da internet 55%. Muito relevante, na sequência do que dissemos, é a razão pela qual indicam ter computador com ligação à internet: ser necessário para os filhos.

Esta é a principal razão enunciada por 60% de operários industriais e assalariados agrícolas. Uma percentagem significativamente inferior (30%) de empresários, dirigentes, profissionais liberais, profissionais técnicos e de enquadramento usa essa justificação; 33% dos inquiridos pertencentes a essas categorias profissionais dizem usar o computador para a sua atividade profissional e 20% apresentam como razões necessitarem deles para atividades a desenvolver com os filhos e para obterem informação.

Registam-se, ainda, desigualdades na utilização dos referidos artefactos tecnológicos ao nível dos pais. Em 50% dos agregados de operários e assalariados nenhum dos membros do casal usa internet e em 30% ela é apenas usada por um dos cônjuges⁴¹. Nestes agregados o computador e/ou a internet são entendidos como um novo e necessário material para os trabalhos escolares, tal como os livros e os lápis. Além disso, consideram-se de uso exclusivo dos filhos. Este resultado evidencia, tal como referido, que a posse das TIC é uma condição necessária, mas não suficiente, para se ter acesso à informação disponível no ciberespaço: com efeito, o acesso físico às TIC não contraria, de *per si*, a info-exclusão (Simões 2005).

As diferenças de género são uma constante no uso da internet a partir de casa: os homens usam mais a internet em tempo e frequência de conexão. O nível de habilitações, a idade, a classe socioprofissional e a presença, ou não, de filhos no agregado influenciam o uso, sem mitigar totalmente as diferenças de género. Assim, apenas observamos elevadas percentagens (acima de 70%), de utilização da internet, sem diferenças entre homens e mulheres, nos mais novos, com estudos secundários ou superiores e com uma posição média-alta na escala profissional.

⁴¹ Acrescente-se que 80% dos que têm internet por causa dos filhos não usam internet a partir de casa. Além disso, 90% dos que não usam internet em casa não sabem utilizá-la.

Em relação ao tempo despendido no uso da internet em casa, as diferenças por género a favor dos homens persistem em todas as variáveis referidas, com a exceção de algumas categorias socioprofissionais (técnicos intermédios, profissionais e pessoal administrativo), nas quais as mulheres registam tempos semelhantes aos dos homens (mais de uma hora diária).

Os vários dados evidenciam que o *digital divide* não se limita ao acesso físico, mas também aos usos, pois, como referido, mesmo nos casos em que mulheres e homens têm igual acesso físico à internet em casa, elas não têm as mesmas oportunidades, nomeadamente de tempo, para utilizá-las.

A ligação à tecnologia tem sido historicamente dominada pelos homens e o caso do uso dos computadores é bastante ilustrativo, independentemente de estarmos a falar do espaço doméstico ou do público. Como refere Fallon (*in Kennedy et al.* 2003: 76), a utilização dos computadores esteve inicialmente associada às mulheres do exército para as tarefas que antes realizavam com a máquina de escrever ou calcular. Contudo, quando se associaram tarefas mais complexas aos computadores, elas foram culturalmente reconstruídas como “tarefas masculinas”. Esta mudança na genderização mostra como o contexto, o poder social desigual assente na dominação masculina e o *status* associado às competências afetam a (re)moldagem social da tecnologia e a forma como esta perpetua as desigualdades de género.

Em casais com filhos é menos frequente o uso da internet: no nosso inquérito, 79% dos agregados sem filhos dizem usá-la, face a apenas 49% entre as famílias com filhos. A presença de filhos no agregado limita mais as mulheres do que aos homens no uso da internet em casa (41% e 58%, respetivamente); alargando-se essas diferenças de género quando os filhos têm menos de 6 anos (62% das mulheres com filhos com menos de 6 anos usam a internet desde casa, face a 88% de homens em situação análoga). Em termos do tempo médio diário de uso da internet a partir de casa, verifica-se a mesma tendência: 80% das mulheres com filhos com menos de 6 anos despendem diariamente menos de uma hora, comparativamente aos 40% dos homens na mesma situação.

Se atendermos ao tempo despendido na realização das tarefas domésticas por sexo, verificamos uma forte limitação por parte das mulheres no tempo

disponível para o uso da internet. O cuidado dos filhos e os trabalhos domésticos balizam, de forma acentuada, o acesso das mulheres ao computador e à internet e moldam o uso que deles fazem.

“E: Como é que são os usos do computador e da internet? São mais para si, mais para o seu cônjuge, é igual?”

M: É igual, embora ele, provavelmente, usa mais, porque, depois, ele adere mais a alguns jogos cibernéticos e, provavelmente, passa mais tempo, digamos, no computador.

E: Esses jogos passam-se na altura em que você está a fazer ...?

M: Sim, no fim do jantar. Normalmente é no fim do jantar. Por norma, enquanto toma conta da criança. Estou a organizar ou a limpar a cozinha ou no final alguma loiça.”

(entrevista, *mulher, 36 anos, licenciada, técnica superior, 1 filho*)

As mulheres entrevistadas conectam-se à internet com menos frequência, dedicam-lhe menos tempo e quando a utilizam fazem-no com objetivos diferentes em relação aos dos homens. É particularmente no contexto doméstico que se evidencia o uso genderizado, tanto na quantidade de tempo *on-line*, como na finalidade da navegação. Neste contexto, os interesses femininos na rede estão orientados para a procura de informações para a família (receitas, saúde, etc.) e para a comunicação com as suas redes sociais (*mail, chat, etc.*), enquanto os homens praticam um uso mais instrumental (questões de trabalho, *downloads* de programas, leitura de imprensa, etc.) e orientado para o lazer (*downloads* de jogos, música, *hobbies, etc.*), tendências já avançadas por Kennedy *et al.* (2003) e Dholakia (2004).

Em relação aos efeitos das TIC, nomeadamente da internet e do computador na erosão das fronteiras entre o espaço doméstico e o do trabalho, os nossos dados apontam para uma provável intensificação do trabalho em casa por parte daqueles que, já antes da introdução destas tecnologias no âmbito doméstico, levavam tarefas para realizar no domicílio. Como explicitam Wajcman *et al.* (2008), a extensão do trabalho remunerado na esfera familiar

prende-se mais com as características do emprego do que com a posse de tecnologias da informação e comunicação no agregado. Professores, empresários e outras profissões têm autonomia para desenvolver o seu trabalho fora dos horários laborais. Por isso, são os que mais utilizam estas tecnologias para trabalhar em casa. No entanto, as mulheres que possuem computador e as competências para usá-lo mostram-se mais relutantes do que os homens em levar trabalho para casa, não desejando que a esfera privada seja invadida pelo trabalho.

“(...) Sei as vantagens, não conseguiria viver, aliás no trabalho, quando falham os computadores ou falha o servidor, parecemos umas baratas tontas... [as participantes D e E concordam acenando com a cabeça] e agora o que é que fazemos? Uma carta... e fazemos à mão? As coisas mais básicas.. Portanto, sou viciada em tecnologia. Trabalho o dia todo agarrada a um computador. No entanto, lá está, tenho computador em casa e chego a casa e não tenho coragem de o ligar, porque já passei o dia todo no computador e.... E sou farta! E tenho em excesso, na realidade”

(grupo de foco de mulheres empregadas)

No que respeita ao domínio das TIC, a avaliação está relacionada com o uso concreto e pessoal que fazem das mesmas. O grau de domínio liga-se às funcionalidades que consideram necessárias na sua vida quotidiana, assumindo que é impossível ter conhecimento e controlo total destas tecnologias. Adota-se, portanto, uma perspetiva muito utilitarista e pragmática e, uma vez que conseguem servir-se delas quotidianamente, consideram-nas fáceis.

“Eu não sou.... Por exemplo, a nível de computadores, não sou uma pessoa que passa muitas horas. Eu uso aquele... Eu acho que não há nada que eu explore muito. Eu uso o telemóvel consoante as necessidades que tenho. Não, não, se eu não uso a máquina fotográfica... Por acaso tenho mas não, não perco muito tempo com isso. O computador pode ter lá mil programas mas [se] eu só trabalho com Word e Excel. Não tenho por norma andar a ver como

funcionam todos os outros, a não ser que haja essa necessidade....”
(entrevista, *mulher, 30 anos, licenciada, técnica superior, 1 filho*).

A respeito da auto-perceção sobre o grau de domínio das TIC podemos enunciar duas conclusões: i) a maior dificuldade expressa pelas mulheres entrevistadas e ii) a menor dificuldade avançada pelos homens. De qualquer modo, trata-se em ambos os casos de competências auto-declaradas. Poderá haver um fosso significativo entre as competências auto-declaradas e as efetivamente detidas, o que implicará encontrar (aplicar outras) novas técnicas para o seu apuramento.

5.4 Considerações finais

No seguimento de Bittman *et al.* (2004), consideramos que a divisão do trabalho doméstico em função do género permanece resistente à inovação tecnológica. Há indicações de que a disponibilidade de equipamentos no lar atue na diminuição da quantidade de tempo alocado a cada tarefa específica, mas o efeito para o tempo total gasto nas tarefas domésticas não é significativo, porque é possível fazer mais tarefas despendendo o mesmo tempo. Além disso, a probabilidade de continuar a ser a mulher a fazê-las é muito elevada. Não é, então, a tecnologia *per se* que determina a divisão das tarefas domésticas. Há que considerar outras variáveis que participam na construção social das representações e que influenciam os usos (efetivos e sociais) destas tecnologias domésticas, tais como a desigualdade que ainda marca as relações de género entre o casal e a necessidade sentida de manter uma identidade de género socialmente apropriada, tanto por parte dos homens, como das mulheres.

Para Faulkner (2001), a ênfase construtivista na reinterpretação relativamente à tecnologia pode ser demasiado optimista e mesmo idealista, dado que as relações de género prevalentes são usualmente mais difíceis de mudar do que as tecnologias materiais. É neste sentido que Faulkner defende que, embora a tecnologia possa ajudar ao *empowerment* feminino, é pouco

provável que a apropriação de tecnologias seja efetiva, na prática, se ignorarmos os contextos de género mais amplos nos quais são desenhadas e usadas.

Os elementos concebidos para artefactos desenhados especificamente para os homens ou para as mulheres tendem a refletir ou a reforçar estereótipos de género, os quais, por sua vez, entram em linha de conta nas escolhas dos *designers* da tecnologia. Assim verifica-se a *mutual shaping* (Faulkner 2001), o que faz com que os artefactos cheguem a casa já impressos com agendas de género que definem quais são os seus operadores (Bittman *et al.* 2004). Como vimos, os eletrodomésticos são ainda entendidos, em grande parte, como tecnologias femininas, a ser utilizadas pelas mulheres. São tecnologias que muitas mulheres usam para demonstrar uma identidade de género e que muitos homens evitam, por as entenderem como uma ameaça à manutenção da sua própria identidade.

Torna-se, assim, relevante aprofundar os estudos sociológicos, não apenas na área da tecnologia, mas, muito especificamente, na área das tecnologias domésticas, precisamente por estarem alocadas a e por partilharem os significados de um espaço ainda muito marcado por relações de género desiguais. Estes estudos poderão contribuir não apenas para dar conta dos reais avanços e mudanças que poderão estar a ocorrer, mas também poderão constituir matéria de reflexão e análise no desenho de futuras políticas que visem intervir, não apenas na área da promoção da igualdade de género, mas também na área do *design* e da implementação de tecnologias.

Já muito se investigou sobre as TI, as TC e as TIC no âmbito do espaço público, neste projeto procurou-se mapear e compreender essa relação no âmbito do espaço doméstico.

A questão que se coloca na relação entre o espaço doméstico e as tecnologias castanhas prende-se com o facto de a apropriação e a construção de sentido dessas tecnologias, neste espaço, estarem marcadas pelas relações de género. Assim podemos encontrar, por exemplo, mulheres com competências de uso das TIC no espaço público, mas que as usam escassamente no espaço doméstico, como resultado das restrições impostas pelo desempenho do seu

papel de género, nomeadamente no cuidado das crianças, ou, ainda, da sua escolha em não as usar.

Castells (1998) chamou a atenção para a crescente estratificação social dos utilizadores do TIC, argumentando que a escolha do produto multimédia será feita em função do género e das habilitações literárias, entre outras variáveis. A nossa investigação permitiu-nos constatar que as diferenças de género não se evidenciam tanto ao nível da escolha, ou mesmo, da aquisição das tecnologias, dada a sua crescente massificação, mas ao nível dos usos (tempos, competências e tipos). Comparativamente aos homens, as mulheres revelam uma auto-avaliação inferior das suas competências tecnológicas para o manejo das TIC, menos tempo para as utilizar, bem como uma utilização que se traduz em menor frequência e com interesses diferenciados.

O uso da tecnologia por parte dos homens e das mulheres parece ser condicionado tanto pelas diferenças ainda prevalentes nos papéis de género, como pelo modo como essas diferenças e esses papéis são entendidos por cada um deles. Não se trata apenas, nem sobretudo, do facto de as mulheres utilizarem menos as tecnologias em análise, mas sim, e acima de tudo, de as utilizarem de modos diferenciados. Modos que estão intimamente relacionados com os processos de reprodução social, nomeadamente no que respeita às conceções específicas de género e que ocorrem no âmbito do espaço doméstico. Não obstante estas diferenças de género se atenuarem perante a posse de habilitações literárias superiores, quando são as mulheres a detê-las, estas optam por não as usar ou, de novo, por as usar de modo diferenciado.

Em todos os temas do capítulo e independentemente da tecnologia usada, parece ser recorrente o pressuposto de que os papéis de género, definidos com base na longa história da desigualdade entre homens e mulheres e ainda bastante vincados no quotidiano das famílias, “colonizam” os usos das tecnologias e os tempos que poderiam ser poupados com o seu uso, contribuindo, assim, para mais sinais de reprodução do que de transformação social.

Somos confrontados com o facto de haver mais resistências à mudança social no espaço doméstico. Contrariamente à ideia de que a igualdade das mulheres se conquistaria na esfera pública, poderemos afirmar que a presença das mulheres na esfera pública poderá ser uma condição necessária, mas não suficiente para a igualdade de género. As políticas públicas para a igualdade de género estão, na sua esmagadora maioria, focadas na esfera pública; que políticas serão as mais adequadas para que se atenuem o travão da dominação masculina no espaço doméstico?

Conclusão

Este relatório teve como objetivo apresentar as principais conclusões da investigação levada a cabo nos distritos de Braga e Castelo Branco sobre os usos do tempo e da tecnologia nos espaços domésticos.

Tal como havia sido intenção das autoras, o projeto identifica uma realidade em mutação relativamente às relações sociais de género. Por outro lado, encontrou-se a persistência de padrões de relacionamento entre homens e mulheres, padrões esses que constituem foco de desigualdade social.

A investigação implicou a utilização de diversas técnicas de recolha e de tratamento de dados, tendo propiciado a obtenção de um manancial rico, diverso e vasto de informação. Todavia, atendendo aos objetivos traçados, assim como às dimensões delimitadas para análise, concentramo-nos ao longo do relatório na análise dos modos de uso do tempo e da tecnologia no espaço doméstico, contando com o sexo como variável independente.

A investigação que conduzimos vive de uma postura epistemológica plural que toma em consideração, e em simultâneo, a necessidade de coisificar os objetos de análise social (neste caso, as relações sociais de género, o tempo e a tecnologia), mas também a necessidade de entrar nos mesmos objetos de estudo, redimensionando os olhares sociológico e antropológico, a partir do que os atores sociais narram, sentem, percebem e veem, junto com o investigador. Numa palavra, cruza-se um olhar mais analítico e descritivo sobre o social com um olhar mais compreensivo e próximo dos atores. De todo o modo, regista-se a consciência de que muitos dos “dados” produzidos são resultado da participação do investigador no campo de análise e de um modo de olhar específico e necessariamente seletivo, sobre essa mesma “realidade”.

Os sucessivos capítulos do relatório respondem aos objetivos traçados, ficando demonstradas, logo no capítulo 1, a grande diversidade semântica do conceito de tempo, assim como a interconexão entre os processos sociais, biológicos, psíquicos e naturais na formação da experiência e do modo de viver e de falar desse tempo. Ainda no primeiro capítulo, fica vincada a grande complexidade do conceito de tecnologia. O carácter das relações que dela se tecem na

sociedade e entre os atores, revela a natureza profundamente social que carrega como objeto produzido e coproduzido pelas estruturas sociais e normativas e pelos atores. Em relação a estes, destaquem-se as suas narrativas identitárias reais e em projeto. Deste capítulo emergem duas reflexões estruturantes para a continuidade dos estudos nesta área de interseção entre tempo e tecnologia.

Em primeiro lugar, a escassez de debate teórico aprofundado sobre a natureza da relação entre estes dois grandes eixos de organização social e política e de construção identitária das sociedades do presente e do futuro. Sobretudo, de um debate teórico esclarecedor sobre essas relações nos espaços interacionais, que delimitam e alimentam a ação e as estratégias ao nível dos mundos macrossociológicos, diários e quotidianos e ao nível macrossocial, das políticas e das estruturas sociais e normativas que suportam e constroem a ação e as representações dos atores, assim como as suas perceções. Neste último nível, sobressai a escassez de produção teórica sobre o eixo de convergência e de divergência entre o tempo e a mudança social. De resto, trata-se, muito concretamente, de questionar a mudança e os mecanismos pelos quais ela acontece, ora provocando ruturas, ora inscrevendo-se em processos de reequilíbrio permanente. Mais uma vez, afirma-se que a desigualdade como processo persistente, camuflado e sujeito a atos de linguagem que dimensionam o seu grau de (in)visibilidade social e política aparece pouco estudada e problematizada na sua relação com o tempo como recurso e com a tecnologia como eixo cultural e normativo da experiência do social. Mais uma vez, se afirma a necessidade de prover material reflexivo sobre os processos de “estática” e de “dinâmica” que atravessam os territórios do privado, assim como a pluralidade de sentidos que deles emanam, quer perante as crises da política moderna, quer perante as crises de identidade da pessoa na contemporaneidade.

Em segundo lugar, nota-se a escassez de estudos sobre o homem no mundo social contemporâneo, as masculinidades e os modos de apreensão social dos processos de mudança identitária que caracterizam o (auto) posicionamento do homem, enquanto homem, na sociedade e na política. Esta vertente é muito pertinente, pois muitos dos processos e dinâmicas de uso do tempo e da

tecnologia no espaço doméstico que observámos revelam modos diversificados dos homens se auto posicionarem e classificarem no ordenamento dos sexos que caracteriza as sociedades capitalistas. Modos que são, paradoxalmente, instigadores do debate sobre o lugar e o poder da mulher em sociedade, mas que indiciam padrões de responsabilização emocional dos homens no espaço familiar reconhecidamente revolucionários, se tomarmos em consideração que não só se verificam em grupos etários de menor idade, como nos grupos etários portadores de socializações de género perfeitamente distintas e também subalternizadoras das mulheres. Entre os homens jovens e idosos encontramos os que não só partilham, mas também assumem tarefas domésticas indiscutivelmente femininas no espaço público, tais como lavar e estender roupa, cozinhar, cuidar da higiene e da alimentação dos filhos. São homens que, além de descreverem o interesse pelas tarefas e o seu carácter natural no quadro das relações conjugais familiares, consideram-no uma “necessidade”, face às exigências da família e da mulher no mundo atual. Os processos desta reflexividade e da sua interseção com a busca de autenticidade e o sentido da individualização (pós)moderna estão ainda por debater.

Qualquer debate sobre esta realidade passa hoje por considerar o poder dos discursos mediáticos e a diversidade destes na desconstrução e no reforço de quadros de classificação e de reportórios de justificação da ação individual. Os media, entendidos como redes plurimorfas de atores e de interesses políticos e económicos, são paradoxais porque cruzam mensagens díspares e promovem, consciente e inconscientemente, visões da realidade que tanto podem corresponder a regularidades, como acentuar particularidades e, sobretudo, criar imaginários desajustados da vida quotidiana, ou reforçar dinâmicas sociais desiguais. Daí a pertinência de pesquisas sobre a permeabilidade das populações às mensagens mediáticas, promovidas pelos programas de carácter massificado.

Nos capítulos 4 e 5 aborda-se, sobretudo, as persistências, ou, por outras palavras, a “estática” da mudança. Com efeito, ficam documentadas as diversas alterações verificadas na sociedade portuguesa ao longo dos últimos 30 anos, no que respeita à organização do tempo nas famílias, lido a partir de

dimensões, como o acesso das mulheres ao ensino e ao mercado de trabalho “formal”. Mas, paradoxalmente, ficam demonstradas diversas modalidades de ação, cuja base de sustentação social e normativa legitimam esquemas de divisão e de desvalorização do trabalho doméstico manifestas, entre outras, nas expectativas relativamente aos papéis de género. Entre outras regularidades, surge documentada a inexistência de negociação explícita nos casais sobre o uso do tempo doméstico, assim como a relevância da classe social na determinação da maior ou menor importância atribuída ao trabalho doméstico e à extensão temporal deste. Também ao nível do uso das tecnologias domésticas, as conclusões apontam para a manutenção de divisões que consolidam as distinções já pré-existentes em termos de lugares género. As tecnologias surgem como instrumentos “genderizados”, isto é, homens e mulheres não só destacam quem tem mais ou menos competências para operar com uma ou outra tecnologia, como também pré-definem as tecnologias, conforme os papéis definidos e assumidos para as mulheres e para os homens em espaço doméstico.

As dinâmicas do poder e da violência são sub-reptícias, não claras e opacas tanto nos atos que moldam, como nas narrativas e nos discursos que inspiram. A vasta informação recolhida no projeto e apresentada no relatório, de forma necessariamente sintética, sugere-nos nesta altura um leque de reflexões que extravasam os objetivos do projeto, mas nos conduzem à elaboração de alguns contributos que consideramos centrais na promoção da igualdade de género.

Os usos do tempo no espaço doméstico implicam atender, fundamentalmente, ao modo como os papéis de género são articulados e vividos pelos seus membros. A literatura tem acentuado hoje o caminho no sentido da profunda individualização dos projetos identitários e, portanto, do aumento da diversidade de modalidades e formas familiares. A par de Giddens e de outros autores advogados de visões pós-estruturalistas sobre as identidades individuais e as “identidades de género” no contexto das sociedades modernas complexas nos modos de vida e complexas nos padrões e nas estruturas normativas, ergue-se uma problematização sobre o lugar do indivíduo na família extremamente importante para perceber, não só a textura pluriforme

desta, como e fundamentalmente, os modos e estilos de vida que a atravessam, muito especificamente a respeito dos usos do tempo e das tecnologias.

Há uma tendência para se perspetivar o indivíduo como elemento central da experiência social e, por isso, capaz de escolhas e de racionalidade no exercício das ações quotidianas e na projeção dos seus futuros. Diversos indicadores demonstram a expressão desta individualização, tais como as taxas de divórcio, filhos fora do casamento, decréscimo da taxa de natalidade como efeito de decisões das mulheres que não contemplam o projeto de serem mães e aumento do número de famílias reconstruídas e constituídas por pessoas do mesmo sexo. Mas, em concreto, são homens e mulheres quem faz as escolhas e se responsabiliza pelos seus destinos biográficos, à luz de diversos condicionamentos sociais e políticos. E, se os homens, como dissemos atrás, estão em processo de desconstrução identitária face a modelos e a estruturas normativas ainda vigentes mas cada vez mais delapidadas pela intensa e criação de outras modalidades de experiência social, também as mulheres se projetam em processos de mudança cultural profundos e nem sempre conseguidos na sua plenitude, dada a profundidade a que atuam o *habitus* e os modelos interiorizados geracionalmente a propósito das relações sociais de género.

O assunto que tratamos nesta investigação é muito rico do ponto de vista da formulação teórica da mudança social e dos fatores endógenos e exógenos que a promovem. Ficam vincados, particularmente, os mecanismos culturais que movimentam as escolhas das mulheres e dos homens em espaço doméstico e que passam pelas suas próprias representações acerca da definição e do papel da família na sociedade, especialmente quando existem filhos a cargo.

Mas, o projeto que conduzimos atravessa um período singular em Portugal, marcado por mudanças legislativas profundas no que respeita ao rendimento familiar e aos contributos das famílias para o erário público, através do aumento de impostos, cortes salariais e cortes em vários outros apoios. Portugal fica hoje marcado por uma taxa de desemprego elevada, um aumento da taxa de emigração qualificada e não qualificada e aumento do número de famílias,

grande parte das quais envolvendo idosos e crianças, em situação de pobreza e de indigência. A situação económica das famílias é crescentemente calamitosa face aos estilos e aos modos de vida desejados e face aos esquemas de funcionamento da sociedade de consumo reguladora dos modelos de organização económica dominantes, marcados pelo capitalismo financeiro. Em quase todos os indicadores que mostram a posição de um país na escala do índice de desenvolvimento humano, Portugal começa a provar a estranha entrada numa rota de desenvolvimento em retrocesso e/ou estático. Não entraremos aqui na discussão do assunto, embora ressalvemos a absoluta necessidade de ter em conta nessa explicação a atuação conjunta de mecanismos culturais e estruturais, assim como mecanismos, especialmente destilados pelo ordenamento das posições, desiguais, no sistema mundial e global.

Importa ressaltar que os discursos politico-ideológicos parecem remeter para a prevalência das condições de vida na definição das identidades sociais. Com efeito, as famílias, tal como demonstra Aboim (2012), foram e continuarão a ser espaços privilegiados de luta identitária e de jogo político e institucional. Ainda que o Estado se auto-defina pela sua ação sobre as populações e sobre as pessoas como cidadãos, é justamente a qualidade de cidadania que surge posta em causa, manifesta pela forma como esse mesmo Estado remete aos indivíduos e às famílias as principais decisões sobre o modo como querem e desejam viver, face à inoperância sistémica do Estado em prover diretamente as modalidades adequadas de exercício democrático por parte dos cidadãos objetivamente definidos como homens e mulheres. Esta postura do Estado face às famílias e, em concreto, face às mulheres, constitui uma característica histórica de Portugal, mas o peso da escassez de meios financeiros, aumento do custo de vida e redução de apoios estatais em várias frentes parece legitimar, de forma ainda mais intensa, a instalação de paradigmas individualizantes e neo-liberais em tudo o que tem a ver com a vida social. A educação das crianças, o cuidado de idosos e a promoção de tempo livre e de lazer para as mulheres formam, justamente, campos de ação em que o Estado tem recuado. São, afinal, domínios em que as famílias mais dificuldades revelam, não só objetivamente relacionadas com a falta de dinheiro, mas também com a falta de tempo.

Tal como se protagoniza nos esquemas de compreensão da mudança social, como processos contínuos de desequilíbrio - equilíbrio, o período atual é tanto propício a ruturas mais revolucionárias, como ao retorno a ordens e a modos de vida estruturalmente semelhantes às do passado, e que se supunham em declínio ou renovação. Como o grupo familiar e doméstico ainda se mantém como uma das células emocional e sentimentalmente mais densas nos percursos biográficos dos indivíduos, observa-se ser este o espaço mais privilegiado para a “manutenção ou retorno à ordem”. Um retorno entrópico, necessariamente conflitual e, por vezes, violento, atendendo às expetativas dos sujeitos sociais, mas em relação ao qual o espaço público e a esfera política, fecham uma porta. Um fecho legitimado pela carência de recursos económicos.

A investigação que conduzimos revela, justamente, que, apesar dos espaços familiares e das próprias relações emocionais que os atravessam, mudarem ao longo do tempo, ficando marcadas por mais independência económica da parte das mulheres e por períodos de desemprego por parte dos homens, acumulados de necessidades diversas de cuidar de idosos e de crianças, incluindo deficientes, o fado é o mesmo relativamente à forma como as estruturas sociais e normativas se mantêm na definição dos lugares de poder e de dominação. O relatório está repleto de exemplos demonstrativos destas permanências, mas destaquem-se as que se relacionam com o uso de tecnologias. Desde o automóvel à escova de dentes elétrica, os sujeitos respeitam ordens implícitas profundamente inscritas nos atos e nas expetativas quotidianas, só muito raramente objeto de reflexão e de explicitação. Ordens que não são objetivamente garantidas pelos espaços domésticos recortados da sociedade, no seu todo. Antes, pelo contrário, são instituintes e alimentadas pelos imaginários e pela produção cultural, a começar pela própria publicidade às mesmas tecnologias que, no momento de conceção e de marketing atribuem um sexo aos instrumentos aparentemente inertes e a significantes, criando um universo representacional identitário do objeto.

Mesmo a situação de desemprego que, paradoxalmente, começa a ser uma condição identitária estrutural da sociedade e a marcar a necessidade de redefinição de quadros de valorização do tempo em abundância dos indivíduos

e das famílias, não é, por si própria, uma condição de mudança. Poderíamos esperar que sim, uma vez que seria uma situação constrangedora e potencialmente objeto de ação direta por parte dos sujeitos que, vendo-se com mais tempo e libertos de controlo externo, apresentariam disposição intrínseca e racional para o distanciamento de papel. Mas, o padrão de ação é genericamente idêntico: tanto homens como mulheres acabam por continuar o desempenho de papéis e a gerir expectativas modeladas socialmente.

O panorama da crise, tal como dissemos antes, define um quadro de ação e de representação que, em vez de apresentar tentativas de superação dos dualismos e das relações desiguais de poder, as institui e, de certo modo, as valoriza como inevitáveis e funcionais: a perspetiva é serem as famílias a responsabilizar-se pelas crianças e pelos idosos, com a re-entrada da mulher no espaço doméstico, designadamente no domínio das tarefas domésticas e cuidado de idosos, abaixamento da taxa de natalidade e aumento da emigração masculina. É muito significativo que seja justamente um homem a afirmar o esforço diário e persistente das famílias para manterem os filhos porque:

“muito sinceramente e eu tenho visto pelas vacinas, pelo infantário, pelo leite, pelas fraldas, por tudo, é muito, muito, muito difícil ter um filho hoje em dia. Aliás, um casal que ganhem os dois o ordenado mínimo, eu diria mesmo que é impossível. Não há condições... . [U]ma cadeirinha de bebé é terrivelmente cara, um berço é caríssimo. Enfim, acho que as pessoas hoje em dia, sinceramente, não têm condições para ter filhos. Não.”

Se o panorama é adverso para a maior parte dos grupos sociais, é mais adverso ainda para a classe média e para a classe baixa. No primeiro caso, porque se trata de uma classe que ainda vive em ambiguidades profundas relativamente aos lugares de género e são marcadas por estratégias de ganho de tempo e evitamento de conflito que implicam a compra de tempo e de serviços. No segundo caso, porque nestas classes menos privilegiadas as mulheres, não só reveem a si atribuídas todas aquelas tarefas, como se auto-definem pela concretização das mesmas, sem poderem recorrer a compra nem de tecnologias (por exemplo, o automóvel), nem de tempo.

Já se afirmou neste relatório que, não obstante a influência atribuída ao Estado e às políticas públicas e às situações sociais mais ou menos influentes sobre os modos de vida, os estudos tendem a explicar a sobrecarga temporal das mulheres pelos padrões e expectativas sociais e culturais que ainda recaem sobre as mulheres, particularmente os associados ao papel de “esposa” e de “mãe” e que, em graus diferenciados, atravessam a estrutura social. O olhar socioantropológico permite solidificar esta hipótese, por mais que se descubra por trás dos ordenamentos, devido a mudanças culturais em curso, novas realidades e outras modalidades de vida conjugal que autonomizam e emancipam os indivíduos e os seus projetos de vida.

A tecnologia e o espaço doméstico, sobreposta ao conjunto de relações de poder e de autoridade que o atravessam é, em simultâneo, um objeto relacionável, isto é, capaz de, na relação com os autores e seus esquemas de percepção e representação, produzir outras realidades, redefinindo o próprio modo de estar em família. Como as organizações de trabalho, as famílias são hoje espaços tecnológicos e informacionais atravessados pela virtualização e pela conjugação de tempos e temporalidades díspares. As tecnologias de diversos tipos estão nos espaços familiares e são objetivamente mediadores dessas relações, não apenas nas mensagens e nos imaginários de sociabilidade que podem criar, pelos conteúdos que mostram, como nos próprios efeitos materiais e objetiváveis das suas interferências sobre as relações entre cônjuges e entre estes e os filhos e outros membros. Os dados que apresentamos são necessariamente sintéticos, face à complexidade com que nos deparámos, ao entrar nos espaços domésticos.

Ressaltam do projeto realizado algumas reflexões que nos parecem ter mais interesse imediato para a delimitação de políticas de igualdade e que conjugam contribuições da análise mais específica aos tempos familiares. A engenharia e os sistemas de inovação buscam na proposição de novos produtos tecnológicos o desenvolvimento de equipamento que reduza os tempos de espera nas diversas sequências do tempo quotidiano e doméstico. Mas, tal como foi afirmado no capítulo 5, existe espaço para uma visão crítica, nomeadamente por parte dos sociólogos, para desafiar, questionar e propor novas direções para a tecnologia e contribuir para desenvolver e aplicar

medidas políticas para romper com a divisão sexual no emprego e em casa beneficiaria uma fertilização cruzada entre engenharia e competências domésticas. Quer isto dizer, faltam competências específicas nas ciências das tecnologias e das engenharias para lidarem com as questões de género e poderem, na pesquisa, inovação e disseminação de novos produtos, trabalharem mais na promoção de instrumentos e de mensagens mais ajustadas à igualdade de género e à participação efetiva das mulheres nas tecnologias.

O projeto alerta, muito especialmente, para ação sobre as agências de socialização e instituições educativas. Para o seu papel na promoção de posturas que ultrapassem os dualismos e as dualidades sustentadoras das relações de desigualdade operadas pelas divisões entre os tempos e os espaços mais e os menos valorizados socialmente.

A crise económica, uma cultura conservadora e a expressão unívoca das políticas neo-liberais deixam transparecer a dificuldade dos projetos de promoção da igualdade e da abertura democrática à realização participativa e autónoma dos sujeitos sociais. As lógicas mercantis e as temporalidades imediatistas do capital constroem a ação dos sujeitos no sentido do reforço de padrões. Muito do trabalho cabe à sociologia, no sentido de prever como, em situações de crise nas condições objetivas de vida, a democracia pode enriquecer as perspetivas de vida dos homens e das mulheres, na sua diferença, sem subalternização. O tempo é um vértice da ação eminentemente político e que interessa na gestão da “coisa pública”. Como tal, e na sequência do que vem sendo feito em outros países europeus (Araújo 2011), merecem destaque a reflexão e a intervenção sobre a gestão dos tempos familiares e a gestão dos tempos urbanos e das mobilidades. As famílias são hoje resultado de redes emocionais e comunicativas que incluem a tecnologia como objeto mediador e transformativo. A educação e a promoção da articulação entre as redes de serviço locais e as necessidades das populações, muitas destas sendo necessidades das mulheres, são focos de ação a considerar.

Bibliografia

- Aboim, Sofia (2007) "Mulheres entre o público e o privado: ideais de igualdade e ambivalências normativas na divisão sexual do trabalho", in: Lígia Amâncio et al. (orgs.) *O longo caminho das mulheres: feminismos 80 anos depois*, pp. 352-364. Lisboa: Dom Quixote.
- Aboim, Sofia (2012) "Do público ao privado", *Estudos Feministas*, 20, 1: 7-11.
- Adam, Barbara (1990) *Time and social theory*. Cambridge, UK: Polity Press.
- Afonso, Rosa M. (2003) *Representações do impacto da situação de emprego e desemprego nas práticas familiares*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Universidade do Porto.
- Alasuutari, P. (1999) *Rethinking the media audience*. London: Sage.
- Alatas, Syed Hussein (1977) *The myth of the lazy native*. London: Frank Cass.
- Allen, Sarah M. e Alan J. Hawkins (1999) "Maternal gatekeeping: mothers' beliefs and behaviors that inhibit greater father involvement in family work", *Journal of Marriage and the Family*, 61, 1: 199-212.
- Amâncio, Lígia (2004) "Percepção da discriminação e da justiça. Novos desafios na pesquisa psicossociológica" in Anne Cova et al. (orgs.) *Desafios da comparação. Família, mulheres e género em Portugal e no Brasil*, pp. 333-342. Oeiras: Celta.
- Amâncio, Lígia e Karin Wall (2004) "Família e papéis de género: alguns dados recentes do Family and Gender Survey (ISSP)" in *Actas do VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais*. Disponível em: <http://www.ces.fe.uc.pt/lab2004/pdfs/LigiaAmancio.pdf> [acedido 10-5-2009].
- Araújo, E. (2004) A (a)sincronia dos tempos e a flexibilidade: algumas reflexões, *Working paper*, 23, UBI_CES, Universidade da Beira Interior, Covilhã. [Recuperado em 10-12-2011, de <http://hdl.handle.net/1822/4394>. Versão da Editora: <http://ces.ubi.pt/CesPrincipal.htm>].
- Araújo, Emília (2008) "Modos de governação do tempo. A dimensão cultural" in Emília Araújo et al (orgs.) *O tempo, as culturas e as instituições*, pp. 29-62. Lisboa: Colibri.
- Araújo, Emília (2011) "A política de tempos: elementos para uma abordagem sociológica", *Revista Política e Trabalho* 34: 19-40.
- Araújo, Emília, Margarida Fontes e Joana Domingues (2012) *Women in glocal culture*. Women Biographies.
- Arnold, Eric e Wendy Faulkner (1985) "Smothered by invention: the masculinity of technology" in E. Arnold e W. Faulkner (orgs.) *Smothered by invention: technology in women's lives*, pp. 18-50. London: Pluto.
- As, Dagfinn (1978) "Studies of time use: problems and prospects", *Acta Sociologica* 21, 2: 125-141.
- Ashenburg, Katherine (2007) *The dirt on clean: an unsanitized history*. New York: North Point Press.

- Bain, Read (1937) "Technology and state government", *American Sociological Review* 2, 6: 860-874.
- Barbosa, Fátima e Alice Delerue Matos (2008) "Cuidadores familiares idosos: uma nova realidade, um novo desafio para as políticas sociais", *Configurações* 4: 127-139.
- Beard, Charles e Mary Beard (1930) *The rise of American civilization*. New York: Macmillan.
- Beck, Ulrich (1992) *Risk society: towards a new modernity*. London: Sage. [1986]
- Becker, Gary S. (1965) "A theory of the allocation of time", *The Economic Journal* 75, 299: 493-517.
- Becker, Gary S. (1985) "Human capital, effort, and the sexual division of labor", *Journal of Labor Economics* 3: 33-58.
- Becker, Gary S. (1993) *A treatise on the family*. Cambridge, MA: Harvard University Press. [1981]
- Bell, Genevieve, Mark Blythe e Phoebe Sengers (2005) "Making by making strange: defamiliarization and design of domestic technologies", *ACM Transactions on Computer-Human Interaction*, 12, 2: 149-173.
- Bergmann, Werner (1992) "The problem of time in sociology: an overview on the literature on the state of theory and research on the 'sociology of time'", *Time & Society*, 1, 1: 81 -134.
- Bernard, Stephen e Shelley Correll (2010) "Normative discrimination and the motherhood penalty", *Gender & Society* 24: 616-646.
- Bertaux, Daniel (1978) *Destinos pessoais e estrutura de classe*. Lisboa: Morais.
- Bessin, Marc (1998) "Le Kairos dans l'analyse temporelle", *Cahiers lillois d'économie et de sociologie*, 32: 55-73. Bessin, Marc e Corinne Gaudart (2009) "Les temps sexués de l'activité: la temporalité au principe du genre?", *Temporalités* 9. Disponível em: <http://temporalites.revues.org/979> [acedido 03-06-2012].
- Bianchi, Suzanne M. (2000) "Maternal employment and time with children: dramatic change or surprising continuity?", *Demography* 37, 1: 401-414.
- Bianchi, Suzanne, *et al.* (2000) "Is anyone doing the housework? Trends in the gender division of household labor", *Social Forces* 79, 1: 191-228.
- Bijker, Wiebe (1995) *Of bicycles, bakelites, and bulbs: Toward a theory of sociotechnical change*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Biltreyst, D. e Ph. Meers (2001) "Global news research and complex citizenship. Towards an agenda for research", in S. Hjarvard (org.) *News in a globalized society*, pp. 41-64. Copenhagen: Nordicom.
- Bittman, M., J. M. Rice, e J. Wajcman (2004) "Appliances and their impact: the ownership of domestic technology and time spent on household work", *The British Journal of Sociology* 55, 3: 401-423.

- Blythe, M. e A. Monk (2002) "Notes towards an ethnography of domestic technology", *DIS'02 Proceedings of the 4th conference on Designing Interactive Systems: processes, practices, methods, and techniques*, pp 277-281. New York: ACM.
- Bobrow-Strain, Aaron (2012) "What would great-grandma eat?", *The Chronicle Review*. Disponível em <http://chronicle.com/article/What-Would-Great-Grandma-Eat-/130890/> [acedido 26-02-2012].
- Bohannan, Paul (1953) "Concepts of time among the Tiv of Nigeria", *Journal of Anthropology* 9, 3: 251-262.
- Bouffartigue, Paul (2010) "The gender division of paid and domestic work: some remarks in favour of a temporal perspective", *Time & Society* 19: 220-238.
- Bourdieu, Pierre (1979) *La distinction: critique sociale du jugement*. Paris: Minuit.
- Bourdieu, Pierre (1998) *La domination masculine*. Paris: Seuil.
- Bourdieu, Pierre (1999) *A dominação masculina*. Oeiras: Celta.
- Bray, Francesca (2007) "Gender and technology", *Annual Review of Anthropology* 36, 1: 37-53.
- Bruyn-Hundt, Marga (2003) *The economics of unpaid work*. West Lafayette, IN: Purdue University Press.
- Burns, Tom e Helena Flam (2000) *Sistemas de regras sociais. Teorias e aplicações*. Oeiras: Celta.
- Canel, Annie, Ruth Oldenziel e Karin Zachmann (orgs.) (2000) *Crossing boundaries, building bridges. Comparing the history of women engineers, 1870s-1990s*. London: Harwood Academic Publishers/ Routledge.
- Cardia, Emanuela (2009) "Household technology: was it the engine of liberation?" Montreal: Université de Montreal and CIREQ. Disponível em: http://www.cireq.umontreal.ca/personnel/cardia_household_technology.pdf [11-10-2009].
- Castells, Manuel (1998) *The rise of the network society*, vol. 1. Oxford: Blackwell.
- Chesley, Noelle (2005) "Blurring boundaries? Linking technology use, spillover, individual distress, and family satisfaction", *Journal of Marriage and Family* 67: 1237-1248.
- Clarsen, Georgine (2008) *Eat my dust: early women motorists*. Baltimore, MD: Johns Hopkins University Press.
- Claxton, A., e M. Perry-Jenkins (2008) "No fun anymore: leisure and marital quality across the transition to parenthood", *Journal of Marriage and Family* 70: 28-43.
- Cloïn, Mariëlle, et al. (2011) *Nederland in een dag. Tijdsbesteding in Nederland vergeleken met die in vijftien andere Europese landen*. Den Haag: Sociaal en Cultureel Planbureau.
- Cockburn, Cynthia (1983) *Brothers: male dominance and technical change*. London: Pluto Press.

- Cockburn, Cynthia (1997) "Domestic technologies: Cinderella and the engineers", *Women's Studies International Forum* 20, 3: 361-371.
- Cockburn, Cynthia e Susan Ormrod (1993) *Gender and technology in the making*. London: Sage Publications.
- Cockburn, Cynthia e Ruza Fürst-Dilic (orgs.) (1994) *Bringing technology home: gender and technology in a changing Europe*. Buckingham: Open University Press.
- Coelho, Lina (2010) *Mulheres, família e desigualdade*. Tese de Doutoramento, Coimbra, FEUC.
- Connell, R.W. (1987) *Gender and power: society, the person and sexual politics*. Cambridge: Polity Press.
- Connell, R.W. (1995) *Masculinities*. Cambridge: Polity Press.
- Converse, Philip e John Robinson (1980) *Americans' use of time 1965-1966*. Ann Arbor, MI: Inter-university Consortium for Political and Social Research.
- Cowan, Ruth Schwartz (1976) "The 'industrial revolution' in the home: household technology and social change in the 20th century", *Technology and Culture* 17: 1-23.
- Cowan, Ruth Schwartz (1983) *More work for mother: the ironies of the household technology from the open hearth to the microwave*. New York: Basic Books.
- Craig, Lyn (2006) "Does father care mean fathers share? A comparison of how mothers and fathers in intact families spend time with children", *Gender & Society* 20, 2: 259-281.
- Crompton, Rosemary e Clare Lyonette (2006) "Work-Life 'Balance' in Europe", *Acta Sociologica* 49, 4: 379-393.
- Crompton, Rosemary e Clare Lyonette (2007) "Família, género e articulação entre trabalho e vida privada" in Karin Wall e Ligia Amâncio (orgs.) *Família e género em Portugal e na Europa*, pp. 93-128. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.
- Cunha, Vanessa (2007) *O lugar dos filhos: ideais, práticas e significados*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.
- Cunha, Vanessa (2012) "As decisões reprodutivas na sociedade portuguesa: elementos para uma reflexão sobre o alcance e os limites das políticas públicas na natalidade", Comunicação apresentada na conferência *Nascer em Portugal - Presidência da República*, Cascais, 17 de Fevereiro. Disponível em: http://www.presidencia.pt/archive/doc/Roteiros_do_Futuro_-_20120217_P5.03_-_Vanessa_Cunha.pdf [acedido 3-6-2012].
- Dalla Costa, Mariarosa e Selma James (1972) *The power of women and the subversion of the community*. London: Butler.
- Daly, Kerry J. (1996) *Families and time: keeping pace in a hurried culture*. Thousand Oaks, CA: Sage Publications.
- Damásio, António (2000) *O sentimento de Si*. Lisboa: Europa América.
- Darrah, Charles, James Freeman e J. English-Lueck (2007) *Busier than ever! Why American families can't slow down*. Stanford, CA: Stanford University Press.

- Deane, Phyllis (1965) *The first industrial Revolution*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Denèfle, Sylvette (1992) “Le lave-linge ou le propre du sale”, in A. Gras e C. Moricot (orgs.) *Technologies du quotidien. La plainte du progrès*, pp. 46-56. Paris: Éditions Autrement.
- Denèfle, Sylvette (1995) *Tant qu’il y aura du linge a laver*. Paris: Arléa - Corlet.
- Dholakia, Ruby (2004) “Gender and internet usage” in H. Bidgoli (org.) *The internet Encyclopedia 2*: 12-22. New York: Wiley.
- Dowling, Robyn (2000) “Cultures of mothering and car use in suburban Sydney: a preliminary investigation”, *Geoforum* 31, 3: 345-353.
- Dumazedier, Joffre (1969) *Vers une société du loisir?* Paris: Seuil.
- Durán, Maria Ángeles e Jesús Rogero (2009) *La investigación sobre el uso del tiempo*. Madrid: Centro de Investigaciones Sociológicas.
- Durkheim, Émile (1912) *Les formes élémentaires de la vie religieuse*. Paris: PUF.
- Elias, Norbert (1939) *Über den Prozess der Zivilisation. Soziogenetische und psychogenetische Untersuchungen*. Basel: Verlag Haus zum Falken.
- Elias, Norbert (1997) *Du temps*. Lisboa: Difel.
- Engels, Friedrich (1958) *The condition of the working class in England*. London: Blackwell. [1845]
- Engels, Friedrich (1948) *The origin of the family, private property and the state*. Moscovo: Progress Publishers. [1884]
- Evans, Frances (1985) “Managers and labourers: Women’s attitudes to reproductive technologies” in Wendy Faulkner e Erik Arnold (orgs.) *Smothered by invention: technology in women’s lives*, pp. 109-127. London: Pluto Press.
- Faulkner, Wendy (2000) “The power and the pleasure? A research agenda for ‘making gender stick’ to engineers”, *Science, Technology & Human Values* 25: 87-119.
- Faulkner, Wendy (2001) “The technology question in feminism: a view from feminist technology studies”, *Women’s Studies International Forum* 24, 1: 79-95.
- Ferreira, Virgínia (1981) “Mulheres, família e trabalho doméstico no capitalismo”, *Revista Crítica de Ciências Sociais* 6: 47-86.
- Ferreira, Virgínia (2004) “Entrevistas focalizadas de grupo: Roteiro da sua utilização numa pesquisa sobre o trabalho nos escritórios”, in *Actas dos ateliers do Vº Congresso Português de Sociologia - Sociedades Contemporâneas: Reflexividade e Ação*. http://www.aps.pt/cms/docs_prv/docs/DPR46291f9a72c00_1.pdf [acedido 12-10-2009].
- Fischer, Claude (1985) “Studying technology and social life”, *Urban Affairs Annual Reviews* 28: 284-300.
- Folbre, Nancy (1994) *Who pays for the kids? Gender and the structures of constraint*. New York: Routledge.

- Folbre, Nancy (1995) “‘Holding hands at midnight’: the paradox of caring labor”, *Feminist Economics* 1, 2: 73-92.
- Fraisse, P. (1967) *Psychologie du temps*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Fraser, N. (1992) “Rethinking the Public Sphere: A Contribution to the Critique of Actually Existing Democracy”, *Social Text* 25/26: 56-80.
- Frehill, Lisa M. (2004) “The gendered construction of the engineering profession in the United States, 1893-1920”, *Men and Masculinities* 6, 4: 383-403.
- Friedan, Betty (1963) *The feminine mystique*. New York: Norton & Company.
- Frissen, Valerie (1994) “The domestication of the telephone” in Anne-Jorunn Berg e Margrethe Aune (orgs.), *Domestic technology and everyday life: mutual shaping processes*. Proceedings from COST A4 workshop in Trondheim. Luxemburg: Office for Official Publications of the European Communities.
- Frissen, Valerie (2000) “ICTs in the rush hour of life”, *The Information Society* 16:65 75.
- Geist, Claudia (2010) “Men’s and women’s reports about housework”, in Judith Treas e Sonia Drobic (orgs.) *Dividing the domestic: men, women and household work in cross-national perspective*, pp. 217- 240. Stanford: Stanford University Press.
- Gell, Alfred (2000) “Time and anthropology”, in Patrick Baert (org.) *Time in contemporary intellectual thought*, pp 251-268. Amsterdam: Elsevier.
- Gershuny, Jonathan (2000) *Changing times. Work and leisure in postindustrial society*. Oxford: Oxford University Press.
- Gershuny, Jonathan (2004) “Costs and benefits of time sampling methodologies”, *Social Indicators Research* 67, 1: 247-252.
- Gershuny, Jonathan (2004) “Domestic equipment does not increase domestic work: a response to Bittman, Rice and Wajcman”, *The British Journal of Sociology* 55, 3: 425 431.
- Gershuny, Jonathan (2005) “Busyness as the badge of honor for the new superordinate working class”, *Social Research* 72, 2: 287-314.
- Gershuny, Jonathan, Michael Godwin e Sally Jones (1994) “The domestic labour revolution: a process of lagged adaptation” in M. Anderson *et al.* (orgs.) *The social and political economy of the household*, pp.151-197. Oxford: Oxford University Press.
- Giddens, Anthony (1984) *A constituição da sociedade*. São Paulo: Martins Fonte.
- Giddens, Anthony (1992) *The nation-state and violence*. Cambridge: Polity Press.
- Gleick, James (1999) *Faster. The acceleration of just about everything*. New York: Pantheon Books.
- Goody, Jack (1998) *Food and love. A cultural history of East and West*. New York: Verso.
- Green, Eileen e Alison Adam (2001) *Virtual Gender: Technology, Consumption, and Identity*. London: Routledge.

- Green, N. (2002) "On the move: technology, mobility, and the mediation of social time and space", *The Information Society* 18: 281- 292.
- Groot-Marcus, J.P. (1983) "Technologie, een oplossing voor de huishoudelijke arbeid?", *Vakblad voor Huishoudkunde* 4, 4: 98-105.
- Grossin, William (1974) *Les temps de la vie quotidienne*. La Haye: Mouton.
- Grossin, W. (1996) *Pour une science des temps*. Paris: Octarès.
- Grywacz, Joseph G. e Nadine F. Marks (2010) "Reconceptualizing the work-family interface: an ecological perspective on the correlates of positive and negative spillover between work and family", *Journal of Occup. Health Psychology* 5, 1:111-126. Disp. em: <http://psycnet.apa.org/index.cfm?fa=buy.optionToBuy&id=1999-15533-010> [acedido 8-1-2012].
- Guerra, Isabel (2006) *Pesquisa qualitativa e análise de conteúdo*. Estoril: Principia.
- Guerreiro, Maria das Dores e Helena Carvalho (2007) "O stress na relação trabalho-família: uma análise comparativa" in Karin Wall e Lúcia Amâncio (orgs.) *Família e género em Portugal e na Europa*, pp. 129-179. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.
- Guionnet, Christine e Erik Neveu (2009) *Féminins/Masculins - Sociologie du genre*. Lassay - les Châteaux: Armand Colin.
- Hall, Edward T. (1983) *A dança da vida - a outra dimensão do tempo*. Santa Maria da Feira: Relógio D'Água.
- Hall, Edward T. (1994) *A linguagem silenciosa*. Lisboa: Relógio D'Água.[1959]
- Hall, Neville A.T. (1980) "Slaves' use of their 'free' time in the Danish Virgin Islands in the later eighteenth and early nineteenth century", *Journal of Caribbean History* 13: 21-43.
- Harvey, David (1989) *The condition of postmodernity*. Oxford: Blackwell.
- Hassan, R. (2010) "Social acceleration and the network effect: a defence of social 'science fiction' and network determinism", *The British Journal of Sociology* 61, 2: 356-374.
- Hearn, Jeff e Liisa Husu (2011) "Understanding gender. Some implications for science and technology", *Interdisciplinary Science Reviews*, 36, 2: 103-113.
- Hewlett, Sylvia Ann (1992) *When the bow breaks. The cost of neglecting our children*. New York: Basic Books.
- Hewlett, Sylvia Ann (2002) *Creating a life: professional life and the quest for children*. New York: Talk Miramax Books.
- Hochschild, Arlie Russell (1983) *The managed heart. Commercialization of human feeling*. Berkeley, CA: University of California Press.
- Hochschild, Arlie Russell (2001) *The time bind. When work becomes home and home becomes work*. New York: Holt paperbacks. [1997]
- Hughes, T. (1986) "The seamless web: technology, science, etcetera, etcetera", *Social Studies of Science* 16: 281-292.

- INE (2001) *Inquérito à ocupação do tempo: principais resultados 1999*. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística. Disponível em: http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes&PUBLICACOESpub_boui=138463&PUBLICACOESstema=00&PUBLICACOESmodo=2 [acedido 6-9-2009].
- INE/UMIC (2010) *Inquérito à utilização de tecnologias de informação e comunicação pelas famílias 2010*. Disponível em: <http://www.unic.pt> [acedido 3-11-2010].
- INE (2010) *Inquérito ao Emprego*. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística.
- Jahoda, Marie, Paul Lazarsfeld e Hans Zeisel (2002) *Marienthal: the sociography of an unemployed community*. Piscataway, NJ: Transaction Publishers. [1935]
- Jarvis, Helen (2005) "Moving to London time: household co-ordination and the infrastructure of everyday life", *Time & Society* 14, 1: 133-154.
- Jasanoff, Sheila (org.) (2004) *States of Knowledge: the co-production of science and social order*. London: Routledge.
- Jenkins, Henry (2006) *Convergence culture: where old and new media collide*. New York: New York University Press.
- Jodelet, Denise (org.) (1999) *Les représentations sociales*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Kan, M. e Gershuny, J. (2009) "Calibrating stylised time estimates using UK diary data", *Social Indicators Research* 93, 1: 239-243.
- Kan, Man Yee (2006) "Measuring housework participation: The gap between "Stylised" questionnaire estimates and diary-based estimates", ISER Working Paper 2006-11. Colchester: University of Essex.
- Kan, Man Yee (2008) "Measuring housework participation: the gap between 'stylised' questionnaire estimates and diary-based estimates", *Social Indicators Research* 86, 3: 381-400.
- Kaufmann, Jean-Claude (1992) *La trame conjugale. Analyse du couple par son linge*. Paris: Nathan.
- Kaufmann, Jean-Claude (2005) *Casseroles, amour et crises: ce que cuisiner veut dire*. Paris: Armand Colin.
- Kaufman-Scarborough, Carol (2006) "Time use and the impact of technology: examining workspaces in the home", *Time & Society* 15, 1: 57-80.
- Kennedy, Tracy, Barry Wellman e Kristine Klement (2003) "Gendering the digital divide", *IT & Society* 1, 5: 72-96.
- Klamer, L., H. Leslie, e R. Ling (2000) "ICT and everyday life. The qualitative analysis ICTs and mobility, time stress and social networking", EURESCOM Participants, Heidelberg. Disponível em: http://www.richardling.com/papers/2000_P903_Task_3_Qualitative_report.pdf [acedido 15-9-2009].
- Klepp, Ingunn Grimstad (2003) "Clothes and cleanliness. Why we still spend as much time on laundry", *Etnologia Scandinavica* 33: 61-73.

- Kremer-Sadlik, Tamar e Amy J. Paugh (2007) "Everyday moments: finding 'quality time' In American working families", *Time & Society* 16: 287-308.
- Kristeva, Julia (1981) "Women's time", *Signs* 7, 1: 13-35.
- Laermans, Rudi e Carine Meulders (2006 [1999]) "The domestication of laundering" in Irene Cieraad (org.) *At home. An anthropology of domestic space*, pp 118-129. New York: Syracuse University Press.
- Lallement, Michel (2007) *Conférence autour de le travail. Une sociologie contemporaine à l'Université de São Paulo*. Paris: Gallimard.
- Langhamer, Claire (2000) *Women's leisure in England 1920-60*. Manchester: Manchester University Press.
- Las Heras, Soledad (2011) "Gendered domestic time: a case study of Portugal" (poster) *33rd International Association for Time Use Research Conference*, Oxford. 1-3 August 2011.
- Latour, Bruno (2005) *Reassembling the social: an introduction to actor-network-theory*. Oxford: Oxford University Press.
- Layne, Margaret E. (2009) *Women in engineering: pioneers and trailblazers*. Reston: ASCE Press.
- Leccardi, C. e M. Rampazi (1993) "Past and future in young women's experience of time", *Time & Society* 2, 3: 353-79.
- Lerman, Nina, Ruth Oldenziel e Arwen Mohun (orgs.) (2003) *Gender and Technology. A Reader*. Baltimore, MD: Johns Hopkins University Press.
- Levine, Robert (1997) *A geography of time: the temporal misadventures of a social psychologist, or how every culture keeps time just a little bit differently*. New York: Basic Books.
- Ling, R. e B. Yttri (2005) "Control, emancipation and status: The mobile telephone in the teen's parental and peer group control relationships", in R. Kraut (org.) *Information technology at home*. Oxford: Oxford University Press.
- Ling, Rich (2005) "Flexible coordination in the Nomos: Stress, emotional maintenance and coordination via the mobile telephone in intact families" in A. Kavoori e N. Arceneaux (orgs.) *The cell phone reader: essays in social transformation*, pp. 61-84. New York: Peter Lang.
- Lohan, Maria (2001) "Men, masculinities and "mundane" technologies: The domestic telephone" in E. Green e A. Adam (orgs.) *Virtual gender: technology, consumption, and identity*, pp 189-206. London: Routledge.
- Lohan, Maria e Wendy Faulkner (2004) "Masculinities and technologies. Some introductory remarks", *Men and Masculinities* 6, 4: 319-329.
- Lourenço, Lia e Soledad Las Heras (2010) "Mulheres e homens perante as tarefas e as tecnologias domésticas: práticas e prioridades diferentes", Comunicação apresentada no seminário internacional *O uso do tempo e da tecnologia em casa/ The use of time and technology at home*. Covilhã: Universidade da Beira Interior.

- Lyon, David (1992) *A sociedade da informação*. Oeiras: Celta.
- Lyonette, Clare, Rosemary Crompton e Karin Wall (2007) “Gender, occupational class and work-life conflict, a comparison of Britain and Portugal”, *Community, Work & Family*, 10, 3: 283-308. Disp. em: <http://dx.doi.org/10.1080/13668800701456245> [acedido 9-11-2010].
- Machado, Fernando L. *et al* (2003) “Classes sociais e estudantes universitários: origens, oportunidades e orientações”, *Revista Crítica de Ciências Sociais* 66: 45-80.
- MacKenzie, Douglas e Judy Wajcman (orgs) (1999) *The social shaping of technology*, 2nd edition. Maidenhead/ New York: Open University Press.
- Maher, J.M. (2009) “Accumulating care: Mothers beyond the conflicting temporalities of caring and work”, *Time & Society* 18, 2-3: 231-245.
- Marcuse, Herbert (1955) *Eros e Civilização*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- Marcuse, Herbert (1964) *O homem unidimensional*. London: Routledge.
- Marks, Stephen R. (1977) “Multiple roles and role strain: Some notes on human energy, time and commitment”, *American Sociological Review*, 41: 921-936. Disponível em: <http://www.jstor.org/pss/2094577> [26-9-2011].
- Marshall, Katherine (2009) “The family work week”, *Statistics Canada* April 2009, pp. 5-13.
- Marx, Leo (2010) “Technology. The emergence of a hazardous concept”, *Technology and culture* 51, 3: 561-577.
- Mattingly, Marybeth J., e S. Bianchi (2003) “Gender differences in the quantity and quality of free time: the U.S. experience”, *Social Forces* 81, 3: 999-1030.
- Mauss, Marcel (1950) *Sociologie et anthropologie*. Paris: Presses Universitaires de France.
- McCrossen, Alexis (2005) “Sunday: marker of time, setting for memory”, *Time & Society* 14, 1: 25-38.
- McEwen, Bruce (2006) “Sleep deprivation as a neurobiologic and physiologic stressor: Allostasis and allostatic load”, *Metabolism* 55. Disponível em: <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/16979422> [12-12-2011].
- Méda, Dominique (2008) *Le temps des femmes. Pour un nouveau partage des rôles*. Paris: Flammarion.
- Meintjes, H. (2001) “‘Washing machines make lazy women’: domestic appliances and the negotiation of women's propriety in Soweto”, *Journal of Material Culture* 6, 3: 345-363.
- Mellström, Ulf (2003) *Masculinity, power and technology. A Malaysian ethnography*. London: Ashgate.
- Mellström, Ulf (2004) “Machines and masculine subjectivity: technology as an integral part of men's life experiences”, *Men and Masculinities* 6, 4: 368-382.
- Michelfelder, Diane (2009) “Technological ethics in a different voice”, in Craig Hanks (org.) *Technology and values: essential readings*, pp. 247-257. Hoboken, NJ: Wiley.

- Milkie, M.A., et al. (2004) "The time squeeze: Parental statuses and feelings about time with children", *Journal of Marriage and Family* 66: 739-761.
- Miranda, Veerle (2011) *Cooking, caring and volunteering: unpaid work around the world*. OECD Social, Employment and Migration working papers n° 116. Paris: OECD.
- Molinier, Pascale (2009) "Temps professionnel et temps personnel des travailleuses du care: perméabilité ou clivage? Les aléas de la 'bonne distance'", *Temporalités [en ligne]* 9, URL: <http://temporalites.revues.org/index988.html> [acedido 6-1-2012]
- Morgan, Lewis (1878) *Ancient Society*. New York: Holt.
- Moyal, A. (1992) "The gendered use of the telephone: an Australian case study", *Media, Culture and Society* 14, 1: 51-72. Disponível em: [10.1177/016344392014001004](http://dx.doi.org/10.1177/016344392014001004) [acedido 20-01-2011].
- Mumford, Lewis (1934) *Technics and civilization*. New York: Harcourt Brace.
- Murcott, A. (1982) "On the social significance of the 'cooked dinner' in South Wales", *Social Science Information* 2, 4-5: 677-696.
- Mutari, Ellen e Deborah M. Figart (2001) "Europe at a crossroads: harmonization, liberalization, and the gender of work time," *Social Politics*, 8, 1: 36-64.
- Nanni, Giordano (2006) *The Colonization of Time. Ritual, routine and resistance in the 19th-century Cape Colony and Victoria*. Tese de Doutoramento, The University of Melbourne.
- Nilsson, Martin P. e Frederick J. Fielden (1920) *Primitive time-reckoning; A study in the origins and first development of the art of counting time among the primitive and early culture peoples*. Oxford: University Press Leipzig. Disponível em: http://www.archive.org/stream/primitivetimerec00nilsrich/primitivetimerec00nilsrich_djvu.txt [acedido 03-06-2012].
- Ntaousani, Elia (2006) "'Social temporality' of gender and 'gendered corporealisation of time': two parallel analyses of identity as performative transition", ESREA Conference, University of Thessaly, Volos.
- Oakley, Ann (1976) *Housewife. High value-Low cost*. Harmondsworth: Penguin.
- Oldenziel, Ruth (1999) *Making technology masculine: Men, women and modern machines in America, 1880-1945*. Amsterdam: Amsterdam University Press.
- Ortner, Sherry (1974) "Is female to male as nature is to culture?" in Michelle Rosaldo e Louise Lamphere (orgs.) *Women, culture, and society*, pp. 68-87. Stanford, CA: Stanford University Press.
- Oudshoorn, Nelly (2000) "On feminisms, bodies and technologies», in L. Schiebinger (org.), *Feminism in 20th-century science, technology and medicine*. Chicago, IL, The University of Chicago Press.
- Pais, José Machado (2011) *Lufa-Lufa quotidiana: ensaios sobre a cidade, cultura e vida urbana*. Lisboa: ICS.
- Parr, Joy (1997) "What makes washday less blue? Gender, nation and technology choice in postwar Canada", *Technology and Culture* 38, 1: 153-186.

- Parsons, Talcott (1951) *The social system*. New York: The Free Press.
- Parsons, Talcott (1971) *The System of Modern Societies*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall.
- Perista, Heloisa (1997) “O uso do tempo”, *Indicadores para a Igualdade: uma proposta inadiável*, pp 55-73. Lisboa: CIDM.
- Perista, Heloísa (2002) “Género e trabalho não pago: os tempos das mulheres e os tempos dos homens”, *Análise Social* 37, 163: 447-474.
- Perista, Heloísa (2010) “Mulheres, homens e usos do tempo - quinze anos após a Plataforma de Acção de Pequim, onde estamos, em Portugal?” *Revista de Estudos Demográficos* 47: 47-64.
- Piaget, Jean (1946) *Le développement de la notion du temps chez le enfant*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Pimentel, Luísa (2011) “O sexo dos anjos: os cuidados às pessoas idosas dependentes como uma esfera de acção preferencialmente feminina”, *ex aequo* 23: 23-37.
- Pouwels, Babette (2011) *Work, family and happiness. Essays on interdependencies within families, life events, and time allocation decisions*. Tese de Doutoramento na Faculdade de Direito, Economia e Governância, Universidade de Utrecht.
- Ridgeway, Cecilia (2009) “Framed before we know it: how gender shapes social relations”, *Gender & Society* 23, 2: 145-160.
- Rifkin, Jeremy (1995) *O fim dos empregos. O declínio inevitável dos níveis dos empregos e a redução da força global de trabalho*. São Paulo: Makron.
- Robinson, J. P. e P.E. Converse (1972) “Social change reflected in the use of time” in A. Campbell e P.E. Converse (orgs.) *The human meaning of social change*, pp. 17-86. New York: Russell Sage Foundation.
- Robinson, John e Geoffrey Godbey (2008) *Time for life: the surprising ways Americans use their time*. Pennsylvania Park, PA: Penn State Press.
- Robinson, John e William Michelson (2010) “Sleep as a victim of the ‘time crunch’ - a multinational analysis”, *International Journal of Time Use Research* 7, 1: 61-72. Disponível em: <http://ffb.uni-lueneburg.de/eijtur/pdf/volumes/eIJTUR-7-1.pdf#page=62> [acedido 2-1-2012].
- Rosenzweig, Roy (1983) *Eight hours for what we will. Workers and leisure in an industrial city, 1870-1920*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Roussel, L. (1989) *La Famille Incertaine*. Paris: Odile Jacob.
- Sahlins, Marshall (1972) *Stone age economics*. London: Routledge.
- Santos, Filomena (2006) *Sem cerimónia nem papéis. Um estudo sobre uniões de facto em Portugal*. Tese de Doutoramento em Sociologia, Universidade da Beira Interior.
- São José, José (2012) “Entre a gratificação e a opressão: os significados das trajetórias de cuidar de um familiar idoso”, *Sociologia Número Temático*: 123-150.

- Saxbe, Darby E., Rena Repetti, e A.P. Graesch (2011) "Time spent in housework and leisure: Links with parents' physiological recovery from work", *Journal of Family Psychology*, 25: 271-281. Disponível em: 10.1037/a0023048 [acedido 30-10-2011].
- Scharff, Virginia (1992) *Taking the wheel: women and the coming of the motor age*. Albuquerque, NM: University of New Mexico Press.
- Schatzberg, E. (2006) "Technik comes to America: changing meanings of technology before 1930", *Technology and Culture* 47, 3: 486-512.
- Scheller, Livia (2009) "Le temps des conductrices de bus. Pour un espace de pensée entre activité professionnelle e personnelle", *Temporalités* 9. Disponível em: <http://temporalites.revues.org/1020> [acedido 7-01-2012].
- Schmidt, Luísa e Joaquim Nave (coord.) (2004) *O automóvel: usos e desusos do transporte individual*. Lisboa: ISCTE.
- Schor, Juliet B. (1993) *The overworked American: the unexpected decline of leisure*. New York: Basic Books.
- Schouten, Maria Johanna (2008) "Tempo a ganhar, tempo a perder: diversidade em arranjos temporais", in Emília Araújo et al. (orgs.) *O tempo, as culturas e as instituições*, pp 63-75. Lisboa: Colibri.
- Schouten, Maria Johanna (2012) "Stress e uso do tempo no espaço doméstico", in A. Delerue Matos e M.J. Schouten (orgs.), *Sistemas, Mediações e Comportamentos em Saúde*. Vila Nova de Famalicão: Editora Húmus.
- Schouten, Maria Johanna, et al. (2010) "Time and technology: a gender approach for the Portuguese context", comunicação apresentada no *VIII Congresso Iberoamericano de Ciência, Tecnologia e Género*. Curitiba, Brasil, 5 - 9 Abril. http://files.dirppg.ct.utfpr.edu.br/ppgte/eventos/cictg/conteudo_cd/E12_Time_and_Technology.pdf
- Schouten, Maria Johanna e Emília Araújo (2012) "O tempo livre em família: uma abordagem de género", comunicação apresentada no VII congresso de Sociologia, Porto.
- Schouten, Maria Johanna e Lia Lourenço (2012) "La maternité et la paternité et l'allocation du temps au Portugal", in Yvonne Kniebeher (org.) *La maternité à l'épreuve du genre. Métamorphoses et permanences de la maternité dans l'aire méditerranéenne*, pp. 205-216. Rennes: Presses de l'École des Hautes Etudes en Santé Publique (EHESP).
- Schuurman, A. (1989) *Materiële cultuur en levensstijl. Een onderzoek naar de taal der dingen op het Nederlandse platteland in de 19^e eeuw*. Tese de Doutoramento em História Rural, Universidade de Wageningen.
- Segalen, Martine (1981) *Sociologie de la famille*. Paris: Armand Colin.
- Senior, Jennifer (2010) "All joy and no fun. Why parents hate parenting", *New York Magazine* 4 de Julho de 2010. <http://nymag.com/news/features/67024/> [acedido 11-11-2010].

- Shaw, Susan (1992) "Dereifying family leisure: an examination of women's and men's everyday experiences and perceptions of family time", *Leisure Sciences* 14: 271-286.
- Silberzahn-Jandt, Gudrun (1991) *Waschmaschinen. Zum Wandel von Frauenarbeit im Haushalt*. Marburg: Jonas.
- Silva, Elizabeth B. (1997) "Teorias sobre trabalho e tecnologias domésticas - Implicações no Brasil", *Textos para Discussão* 19: 1-17, DPCT/IG/UNICAMP. Disponível em: 143.106.76.15/site/publicacoes/dpct/Texto-19.doc [acedido 4-2-2010]
- Silverstone, R. (1994) *Television and everyday life*. London: Routledge.
- Simmel, G. (1978) *The philosophy of money*. London: Routledge & Kegan Paul.
- Simões, Maria João (1995) "Mudança tecnológica e mudança social: o caso das tecnologias da informação", PACP (Relatório científico), Covilhã: Universidade da Beira Interior.
- Simões, Maria João (2005) *Política e tecnologia. Tecnologias da informação e da comunicação e participação política em Portugal*. Oeiras: Celta.
- Simões, Maria João (2006) "Contributos para uma Sociologia da Tecnologia", *Configurações* 2: 75-88.
- Simões, Maria João, Soledad Las Heras e Amélia Augusto (2011) "As tecnologias no espaço doméstico: não chega ter, é preciso saber, querer e poder usar", *Configurações* 8: 155-174.
- Simonton, Deborah (1998) *A history of European women's work, 1700 to the present*. London: Routledge.
- Skinner, Christine (2005) "Coordination points: A hidden factor in reconciling work and family life", *Journal of Social Policy* 34, 1: 99-119.
- Sorokin, Pitrim e Robert K. Merton (1937) "Social time: a methodological and functional analysis", *American Journal of Sociology* 42, 5: 615-629.
- Southerton, D. e M. Tomlinson (2005) "'Pressed for time': The differential impacts of a 'time squeeze'", *Sociological Review* 53 : 215- 239.
- Sue, Roger (1995) "Entre travail et temps libre: l'émergence d'un secteur quaternaire", *Cahiers internationaux de sociologie* 99: 401-415.
- Sullerot, Évelyne (1968) *Histoire et sociologie du travail féminin*. Paris: Gonthier.
- Sullivan, Oriel (1997) "Time waits for no (wo)man: an investigation of the gendered experience of domestic time", *Sociology* 31, 2: 221-239.
- Sullivan, Oriel (2000) "'The division of domestic labour: 20 years of change?" *Sociology* 34,3: 437-456.
- Terpstra, M.J. (1994) *Duurzame verzorging als technologische uitdaging*. Wageningen: Landbouwniversiteit.
- Thompson, Edward Palmer (1963) *The making of the English working class*. London: Victor Gollancz.
- Torres, Anália Cardoso *et al* (2000) "Porque não se revoltam as mulheres? Resultados de uma pesquisa nacional sobre a divisão de trabalho entre os sexos". Comunicação

apresentada no IV Congresso da APS - Coimbra. Disponível em http://www.aps.pt/cms/docs_prv/docs/DPR462dfe43b4acc_1.PDF. [acedido 15-10-2007]

Torres, Anália Cardoso *et al.* (2002) *Homens e mulheres entre família e trabalho*. Lisboa: CIES/ISCTE.

Urry, John (2000) *Sociology beyond societies. Mobilities for the twenty-first century*. London: Routledge.

Urry, John (2002) "Mobility and proximity", *Sociology* 36: 255-274.

Uunk, Wilfred, Matthijs Kalmijn e Ruud Muffels (2005) "The impact of young children on women's labor supply. A reassessment of institutional effects in Europe", *Acta Sociológica* 48: 41-62.

Van Dijk, Jan (2000) "Widening information gaps and policies of prevention" in K. Hacke e J. Van Dijk (orgs.) *Digital Democracy*, pp. 166-183. London: Sage.

Van Dijk, Kees (2011) "Soap is the onset of civilization", in Kees van Dijk e Jean Gellman Taylor (orgs.) *Cleanliness and culture*, pp. 1-39. Leiden: KITLV Press.

Van Dorst, Catharina Johanna Maria (2007) *Tobben met de was. Een techniekgeschiedenis van het wassen in Nederland 1890-1968*. Tese de Doutoramento, Universidade Técnica de Eindhoven.

Van Tienoven, Theun Pieter *et al.* (2010) *Unraveling the myths of sleep deprivation*, Comunicação apresentada no XXXII congresso IATUR. Paris.

Vanek, Joann (1974) "Time spent in housework", *Scientific American* 231: 116-120.

Vanek, Joann (1974) *Superwoman Frum talks housework with sociologist Joann Vanek*. Broadcast Date: Nov. 13, 1974 (b). Disponível em: <http://archives.cbc.ca/lifestyle/homemaking/clips/2132/> [acedido 6 -01 - 2010].

Veblen, Thorstein (1906/ 1919) *The place of science in modern civilisation and other essays*. Disponível em: http://fax.libs.uga.edu/HB34xV395/1f/place_of_science_in_modern_civilisation.pdf [acedido 15-2-2012].

Venkatesh, Alladi (1985) "A conceptualization of the household/technology interaction", *Advances in Consumer Research* 12: 189-194.

Vogel, Ursula (1994) "Marriage and the Boundaries of Citizenship", in Bart van Steenbergen (org.) *The condition of citizenship*, pp. 76-89. London: Sage.

Voicu, Malina, Bogdan Voicu e Katarina Strapcova (2009) "Housework and gender. Inequality in European Countries", *European Sociological Review* 25, 3: 365-377.

Voydanoff, Patricia (2002) "Linkages between the work-family interface and work, family and individual outcomes: an integrative model", *Journal of Family Issues* 23: 138-164.

Voydanoff, Patrícia (2005) "Social integration, work-family conflict and facilitation, and job and marital quality", *Journal of Marriage and Family* 67, 3: 666-679.

- Wajcman, Judy (1991) "Patriarchy, technology, and conceptions of skill", *Work and Occupations* 18, 1: 29-45.
- Wajcman, Judy (2000) "Reflections on gender and technology studies: in what state is the art?" *Social Studies of Science* 30, 3: 447-464.
- Wajcman, Judy (2002) "Addressing technological change: the challenge to social theory", *Current Sociology* 50, 3: 347-363.
- Wajcman, Judy (2007) "From women and technology to gendered technoscience", *Information, Communication & Society* 10, 3: 287-298.
- Wajcman, Judy (2008) "Life in the fast lane? Towards a sociology of technology and time", *The British Journal of Sociology* 59, 1: 59-77.
- Wajcman, Judy (2010) "Feminist theories of technology", *Cambridge Journal of Economics* 34, 1: 143-152.
- Wajcman, Judy (2011) "Executive Leadership and Innovation Interview. Professor Judy Wajcman discusses the Sociology of Technology and the Work-Life Balance, 28 June 2011". Gartner Reports. [disponível em: <http://www.gartner.com/id=1733325>].
- Wajcman, Judy *et al.* (2007) The impact of the mobile phone on work/life balance. Preliminary report. Canberra: Australian Mobile Telecommunications Association & Australian National University.
- Wajcman, Judy *et al.* (2008) "Families without borders: mobile phones, connectedness and work-home divisions", *Sociology* 42, 4: 635-652.
- Walby, Sylvia (1997) *Gender Transformations*. London: Routledge.
- Walker, K. (1969) "Homemaking still takes time", *Journal of Home Economics* 61: 621-624.
- Wall, Karin (2005) "Atitudes face aos papéis de género e à divisão familiar do trabalho em Portugal e na Europa" in *Seminário de apresentação dos resultados do ISSP Family and Gender Survey*, pp. 1-26.
- Wall, Karin (coord.), Sofia Aboim, Mafalda Leitão e Sofia Marinho (2012) *OFAP - Relatório 2011*. Lisboa: ICS.
- Warde, Alan, Shu-Li Cheng, Wendy Olsen e Dale Southerton (2007) "Changes in the practice of eating. A comparative analysis of time-use", *Acta Sociologica* 50, 4: 363-385.
- Waring, Marilyn (1990) *If women counted: a new feminist economics*. San Francisco: Harper Collins.
- Weber, Max (1992) *Economia y Sociedad*. Madrid: Economica.
- Weeks, Kathi (2009) " 'Hours for what we will': Work, family, and the movement for shorter hours", *Feminist Studies* 35, spring: 101-127.
- Whitehead, Mark (2008) "Domestic technology myth: gender exhibition spaces and the clear air movement in the UK", *Social and Cultural Geography*, 9, 6: 635-650.
- "A world of bluestockings" (2011) *The Economist - special report Women and Work* November 26th: 8

Zelitzer, Viviana (1985) *Pricing the priceless child*. New York: Basic Books.

Zerubavel, Eviatar (1979) *Patterns of time in hospital life: a sociological perspective*. Chicago: University of Chicago Press.

Zerubavel, Eviatar (1981) *Hidden rhythms*. Berkeley: University of California Press.

Zerubavel, Eviatar (1982) “The standardization of time: A sociohistorical perspective”, *The American Journal of Sociology* 88: 1-23.

Zerubavel, Eviatar (1985) *The seven day circle: the history and meaning of the week*. New York: The Free Press.

Anexos

[Anexo 1: Inquérito por questionário]

Boa Tarde/Bom Dia, o meu nome é _____. Estamos a realizar um estudo sobre o uso do tempo e da tecnologia pelas famílias, financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia. As suas respostas são confidenciais, terão um tratamento estatístico anónimo, e destinam-se única e exclusivamente a servir os propósitos da investigação. A sua colaboração é preciosa.

1. Data realização entrevista. (___/___/___).
2. Código de entrevistador (_ _)
3. Número do questionário. (_ _)

P. Nesta casa reside um casal? Sim/Não. **SE NÃO:** obrigado pela sua colaboração. **Se SIM:** o Sr. ou Sra. é parte desse casal? E quer responder às perguntas? (Ou está em casa alguém que pertence ao casal, que possa responder às questões) **SE NÃO:** obrigado pela sua colaboração.

4. Freguesia de residência _____

COMPOSIÇÃO DO AGREGADO

5. Poderia dar, por favor, algumas informações das pessoas que moram nesta casa (incluem-se as pessoas dependentes que possam estar ao cuidado de instituições durante todo ou parte do dia, os filhos estudantes noutra localidade):

	Parentesco Com Inquirido	Sexo Homem (1) Mulher(2)	Idade Não sabe=88	Grau de escolaridade
Pessoa 1	Inquirido 1			
Pessoa 2	Cônjuge 2			
Pessoa 3				
Pessoa 4				
Pessoa 5				
Pessoa 6				
Pessoa 7				
Pessoa 8				

CÓDIGO DE PARENTESCO COM O INQUIRIDO		CÓDIGOS GRAU ESCOLARIDADE	
1	Inquirido	1	Não sabe ler e/ou escrever
2	Cônjuge/companheiro	2	Sabe ler e escrever sem ter completado qualquer nível de ensino
3	Filho/a	3	Ensino Básico1 (4º classe/ano completo)
4	Pai/Mãe	4	Ensino Básico2 (6º ano completo)
5	Sogro/Sogra	5	Ensino Básico3 (9º ano completo)
6	Neto/a	6	Secundário (frequência)
7	Outro familiar	7	Secundário (12º ano completo)
8	Outro não familiar	8	Superior (frequência)
88	Não sabe/Não Responde	9	Superior (completo)
		88	Não sabe/Não Responde

6. Alguns dos membros que moram no agregado precisam de cuidados regulares de terceiras pessoas (doença crónica, deficiência ou idade elevada)?

Sim/ Não

	(Indicar a pessoa segundo a tabela da P5)
Pessoa nº	
Pessoa nº	
Pessoa nº	

7. Se há crianças no agregado com idades inferiores a 6 anos: com quem ficam durante o dia, nos dias de semana?(Se há varias crianças podem-se marcar várias opções)

Fica em casa com o inquirido	1
Fica em casa com o seu cônjuge ou companheiro	2
Fica com um familiar (avós, tios, etc.) ou com uma pessoa amiga	3
Fica com um empregado remunerado ou com uma ama	4
Fica no infantário	5
Outra situação (qual)	6
NS/NR	88

8. Se há crianças entre os 6 e os 16 anos: com quem ficam quando terminam as aulas, nos dias de semana?(Se há varias crianças podem-se marcar várias opções)

Fica em casa com o inquirido	1
Fica em casa com o cônjuge	2
Fica com um familiar (avós, tios, etc.) ou com uma pessoa amiga	3
Fica em casa com um empregado remunerado	4
Fica sozinho em casa ou com outros irmãos	5
Frequenta ATL ou outras actividades extra-escolares	6
Fica na rua	7
Outra situação (qual)	8
NS/NR	88

9. Se há pessoas **dependentes**: com quem ficam a maior parte do tempo, nos dias de semana?

(Se há mais de um dependente podem-se marcar várias opções)

Fica em casa com o inquirido	1
Fica em casa com o cônjuge	2
Fica com um familiar, vizinho ou pessoa amiga	3
Fica em casa com um empregado remunerado	4
Ficam num lar, centro de dia, residência, etc.	5
Outra situação (qual)	6
NS/NR	88

10. Qual é a sua condição perante o emprego? E a do seu cônjuge?

Condição perante o trabalho		Inquirido	Cônjuge
1	Tem trabalho pago ou exerce uma profissão		
2	Desempregado/a		
3	Estudante		
4	Doméstico/a		
5	Reformado/a		
6	Com incapacidade		
7	Outro(qual)		
88	NS/NR		

11. Que actividade profissional principal exercem ou exerciam?

(Especificar ao máximo, para re-codificar *a posteriori*):

Inquirido	
Cônjuge	
88. NS/NR	

Só para os que têm trabalho/emprego remunerado, SEJA O INQUIRIDO OU O CÔNJUGE.

(se não trabalham NEM UM NEM OUTRO passar à P18 Tempo)

12. Qual é a sua situação profissional?

Situação na profissão		Inquirido	Cônjuge
1	Trabalhador por conta de outrem		
2	Trabalhador por conta própria (isolado)		
3	Trabalhador por conta própria como empregador (até 9 empregados)		

4	Trabalhador por conta própria como empregador (com 10 ou mais empregados)		
5	Outra (qual)		
88	NS/NR		

13. Quantas horas trabalham em média por SEMANA?

Inquirido	
Cônjuge	
88. NS/NR	

14. Que tipo de horário de trabalho pratica de forma mais frequente? E o seu cônjuge?

		Inquirido	Cônjuge
1	Tempo completo		
2	Tempo parcial		
3	Jornada contínua (sem pausa para a hora do almoço)		
88	NS/NR		

15. Trabalha em regime de turnos rotativos? E o seu cônjuge?

		Inquirido	Cônjuge
1	Sim		
2	Não		
88	NS/NR		

16. Habitualmente tem horário noturno? E o seu cônjuge? (A metade das horas de trabalho entre as 20h e as 7hOU sai do trabalho depois da meia-noite)

		Inquirido	Cônjuge
1	Não		
2	Sim, mais de metade dos dias da semana		
3	Sim, ocasionalmente (pelo menos uma vez por mês)		
88	NS/NR		

17. Trabalha ao fim-de-semana? E o seu cônjuge?

		Inquirido	Cônjuge
1	Não		
2	Só trabalha ao fim-de-semana e/ou feriados		
3	Sim, trabalha aos Sábados (mais de 2 ao mês)		
4	Sim, trabalha aos Domingos(mais de 2 ao mês)		
88	NS/NR		

TEMPO

18. Quanto tempo **por semana** costuma dedicar o/a senhor/a às seguintes actividades? Com que frequência as realiza e quem costuma participar na execução dessas tarefas?

LER OPÇÕES

	Frequência com que costuma fazer cada uma das tarefas? 1= Todos os dias 2= Várias vezes por semana 3= Uma vez por semana, num dia de semana 4= Só ao fim-de-semana 5= Uma vez por mês 6= Nunca 88= NS/NR	TEMPO SEMANAL (EM MÉDIA) Horas (--) Minutos (--)	Quem costuma participar na execução de essa tarefa? (PODE-SE MARCAR VÁRIAS) 1= Inquirido 2= Cônjuge 3= Empregado/a 4= Filhos 5= Outros 88= NS/NR
Trabalho doméstico			
Preparação das refeições (almoço, jantar)			
Lavar a loiça (Lavar e arrumar)			
Lavar a roupa (Lavar, estender e recolher)			
Passar a roupa			
Limpeza da casa (aspirar, varrer, limpar o pó, etc.)			
Manutenção e reparação da casa e dos equipamentos (Ex: o carro, pintar, etc.)			
Serviços administrativos (facturas, banco, impostos, etc.)			
Fazer as compras habituais (alimentação, produtos limpeza)			

SÓ PARA OS QUE TÊM FILHOS OU PESSOAS DEPENDENTES.

19. Quanto tempo por semana costuma dedicar o/a senhor/a, aproximadamente, às seguintes actividades? Com que frequência as realiza e quem costuma participar na execução dessas tarefas?

LER OPÇÕES

Cuidados à família	Frequência com que costuma fazer cada uma das tarefas? 1= Todos os dias 2= Várias vezes por semana 3= Uma vez por semana, num dia de semana 4= Só ao fim-de-semana 5= Uma vez por mês 6= Nunca 88= NS/NR	TEMPO SEMANAL (EM MÉDIA) Horas (--) Minutos (--)	Quem costuma participar na execução de essa tarefa? (PODE-SE MARCAR VÁRIAS) 1= Inquirido 2= Cônjuge 3= Empregado/a 4= Filhos 5= Outros 88= NS/NR
Alimentação dos filhos (dar a comida, etc.)			
Higiene dos filhos (dar banho, etc.)			
Brincar, conversar com os filhos.			
Acompanhar a vida escolar (trabalhos de casa, reuniões, etc.)			
Cuidado das pessoas dependentes			

20. Quanto tempo costuma dedicar, por semana, às seguintes actividades?

	TEMPO SEMANAL (EM MÉDIA) Horas (--) Minutos (--)
Cuidados pessoais	
Dormir ou descansar	
Higiene pessoal (banho, vestir, maquilhagem)	
Tempo destinado às refeições	

21. Com que frequência realiza as seguintes actividades?

	Frequência com que costuma fazer cada uma das actividades? 1= Todos os dias 2= Várias vezes por semana 3= Uma vez por semana, num dia de semana 4= Só ao fim-de-semana 5=Uma vez por mês 6= Nunca 88= NS/NR
Lazer	
Ver a televisão	
Leitura de jornais/revistas	
Ouvir música	
Leitura de livros	
Ver um DVD ou vídeo	
Descansar, não fazer nada	

22. A família tem empregada/o doméstica/o? Quantas horas por semana?

Empregada/o doméstica/o	Número de horas por semana
Sim = 1 → → →	
Não = 2	

23. A família costuma receber ajuda na realização do trabalho doméstico por parte de alguém que não viva consigo REGULARMENTE? (Ajuda NÃO REMUNERADA NEM INSTITUCIONALIZADA por exemplo os avós para o cuidado dos filhos, cozinhar, etc)

1	SIM	
2	NÃO (PASSAR À P25)	
88	NS/NR	

24. Quem é essa pessoa e com que frequência ajuda? (A que com mais frequência ajuda)

(Indicar só uma pessoa)

Ajuda em tarefas (cuidar criança, limpezas, elaboração de refeições, arranjos e manutenção da casa)	1= Todos os dias 2= Vários dias por semana 3= Várias vezes por mês 4= Várias vezes por ano
Mãe	
Pai	
Sogra	
Sogro	
Outro parente (homem)	
Outro parente (mulher)	

Vizinhos ou amigos	
Vizinhas ou amigas	
Outros (qual)	

25. Qual é a situação de **partilha de tarefas domésticas** com o seu cônjuge (compras, limpezas, cozinhar, etc.):

LER OPÇÕES

(Indicar só uma opção)

O inquirido faz todas as tarefas	1
O inquirido faz a maioria das tarefas	2
Partilha mais ou menos ao 50%	3
O cônjuge faz a maioria das tarefas	4
O cônjuge faz todas as tarefas	5

26. Pensa que **durante a semana**, na sua **vida particular** (excluindo as horas passadas no emprego), não tem tempo para fazer tudo o que queria?

LER OPÇÕES

Sim, todos os dias	1
Sim, com frequência	2
Sim, algumas vezes	3
Sim, mas raramente	4
Nunca	5

27. Pensa que ao fim-de-semana (ou nos dias feriados/de folga), na sua vida particular, não tem tempo para fazer tudo o que desejava?

LER OPÇÕES

Sim, com frequência	1
Sim, algumas vezes	2
Sim, mas raramente	3
Nunca	4

TECNOLOGIA. Gostaria de lhe fazer algumas perguntas sobre os equipamentos tecnológicos que tem em casa e o uso que fazem deles.

28. Dos equipamentos tecnológicos (aparelhos, electrodomésticos, meios de transporte, etc.) que tem na sua casa, diga qual mencionaria para cada uma das seguintes hipóteses:

Resposta única

	(88. NS/NR)
Qual é, na sua opinião, o mais essencial? (não poderia passar sem ele)	
Qual poupa mais tempo?	
De qual precisa menos? (dispensava)	
Qual é o mais útil no trabalho doméstico?	
Além do que tem, qual outro equipamento gostaria de ter?	

29. Da seguinte listagem, que equipamentos tem na sua casa? Em que quantidade? (número). Quem os utiliza sempre ou quase sempre, e qual acha que é o seu grau de dificuldade para cada aparelho?

EVITAR a opção 7=todos e 88= NS/NR

Aparelho	Possui: Sim (1) Não (2) NS/NR (88)	Nº	Quem o utiliza mais? (INDICAR SÓ UMA OPÇÃO) 1= Inquirido 2=Cônjuge 3= Filhos 4= Empregada/o 5= Outros membros do agregado. 6= Cada um o seu 7= Todos 88= NS/NR	Qual é para si o grau de dificuldade? 1= Muito fácil 2= Fácil 3= Com alguma dificuldade 4= Muito difícil
Telefone rede fixa				
Telemóvel				
Computador				
Internet				
Aparelho de TV				
Leitor CD ou aparelhagem				
Consola de jogos				
Leitor DVD ou vídeo				
Aspirador				
Máquina de lavar roupa				
Máquina de lavar loiça				
Micro-ondas				
Mota				
Carro				

Falando do microondas:

30. Se NÃO tem microondas: qual é a razão?

NÃO LER OPÇÕES

(Indicar só uma opção)

Não é necessário no meu dia-a-dia	1
É difícil de utilizar	2
Tem um custo elevado	3
Não é saudável	4
Não gosto, não quero ter	5
Outras (qual)	6
NS/NR	88

SE NÃO TEM MICROONDAS PASSAR À P32

PARA SÓ OS QUE TÊM MICROONDAS

31. Qual é, na sua opinião, a principal vantagem/mais-valia do microondas?

NÃO LER OPÇÕES

(Indicar só uma opção)

É rápido	1
É fácil de limpar	2
É barato	3
É fácil de usar	4
Tem várias funções	5
Reduz a quantidade de loiça a lavar	6
Outras (qual)	7
NS/NR	88

Falando do telemóvel:

32. Se NÃO tem telemóvel: qual é a razão?

NÃO LER OPÇÕES

(Indicar só uma opção)

Não é necessário no meu dia-a-dia	1
É difícil de utilizar	2
Custo elevado	3
Não é saudável	4
Não gosto, não quero ter	5
Outras (qual)	6
NS/NR	88

Se não tem telemóvel passar à P35.

Só para os que têm telemóvel

33. No seu dia-a-dia, qual é o uso principal que dá ao telemóvel?

LER OPÇÕES

(Indicar só duas opções)

Falar com os familiares e amigos (combinar actividades de lazer, desabafar, etc.)	1
Falar com o cônjuge (compras, recolher filhos, recados etc.)	2
Falar/contactar com os filhos	3
Estar contactável	4
Tratar assuntos do trabalho	5
Outros (qual)	6
NS/NR	88

34. Nas seguintes situações, diga-me se costuma atender o telemóvel:

LER OPÇÕES

(Só para os que trabalham)

	1= Sempre 2= Muitas vezes 3= Raramente 4= Nunca 88= NS/NR
Se estiver em casa e recebe uma chamada do trabalho	
Se estiver no trabalho e recebe uma chamada do cônjuge ou filhos	

Falando do computador e a ligação à internet:

35. Se **NÃO** tem ligação à internet no seu computador: qual é a razão?

Não é necessário no meu dia-a-dia	1
É difícil de utilizar	2
Tem um custo elevado	3
Não gosto, não quero ter	4
Tenho ligação noutra local	5
Outras (qual)	6
NS/NR	88

SE NÃO TEM COMPUTADOR COM LIGAÇÃO À INTERNET PASSAR À P38

Só para os que têm computador COM LIGAÇÃO à internet.

36. Qual é a razão pela qual tem computador com ligação à internet?

NÃO LER OPÇÕES

(Indicar só uma opção)

É necessário para a actividade profissional dos cônjuges	1
Estabelecer/manter contactos pessoais (e-mail, facebook, telefonar pela internet)	2
É necessário para os filhos	3
Para tratar assuntos da gestão da casa (banco, IRS)	4
Permite-me distrair e entreter-me	5
Para obter informação	6
Outras (qual)	7
NS/NR	88

37. Diariamente, quem usa o computador/internet em CASA e quanto tempo?

LER OPÇÕES

	Usa=1 Não usa=2 NS/NR=88	1= Menos de 15 minutos diários. 2= De 15 a 60 minutos diários. 3= De uma a duas horas diárias. 4= Mais de duas horas diárias.
Inquirido		
Cônjuge		

TRANSPORTE

38. Habitualmente, que meio de transporte utiliza para deslocar-se?

LER OPÇÕES

(Indicar só uma opção)

Vai a pé	1
Vai de bicicleta ou moto	2
Vai de transporte público	3
Vai de carro, como condutor	4
Vai de carro, como passageiro	5
Outros (qual)	6

39. Que costuma fazer durante os trajetos diários e com que frequência?

LER OPÇÕES

(Em relação ao meio de transporte mais utilizado)

	1= Sempre 2= Muitas vezes 3= Raramente 4= Nunca 88= NS/NR
Ouvir notícias	
Ouvir música	
Fazer telefonemas	
Conversar com os acompanhantes (filhos, cônjuge, outros passageiros, etc.)	
Pensar/ planificar tarefas da casa e família (menus, limpezas, compras)	
Pensar/planificar assuntos do trabalho remunerado	
Descansar, não fazer nada	
Ler	
Jogar (telemóvel/palavras cruzadas, etc.)	
Outros (qual)	

40. Que tipo de trajetos faz regularmente nos dias de semanae ao fim-de-semana?

LER OPÇÕES	(EM MÉDIA) HORAS (--) MINUTOS (--)	Meio de transporte: 1= A pé 2= Bicicleta/mota 3= Transporte público 4= Carro (condutor) 5= Carro (passageiro) 6= Outros	Razão pela que usa esse meio de transporte? 1= Mais rápido 2= Mais barato 3= Não há alternativa 4= Mais confortável/menos cansativo 5= Permite mais flexibilidade/independência 6= Outras
DURANTE A SEMANA			
Ir e voltar do trabalho			
Ir e voltar do trabalho deixando E recolhendo filhos no infantário, ama, familiares, escola, ATL, etc.			
Ir e voltar do trabalho deixando OU recolhendo os filhos infantário, ama, familiares, escola, ATL, etc.			
Levar E trazer os filhos infantário, ama, familiares, escola, ATL, etc.			
Levar OU trazer os filhos infantário, ama, familiares, escola, ATL, etc.			
Fazer compras ou recados diários			
Visitar amigos ou familiares			
Realizar actividades de lazer			
AO FIM-DE-SEMANA			
Visitar amigos/familiares			
Fazer compras			
Ir a casa de fim-de-semana			
Actividades de lazer			
Levar os filhos a actividades (catequese, desporto, etc.)			

ESTILO DE VIDA

41. Da seguinte listagem de actividades de lazer e culturais, qual ou quais é que pratica e quantas vezes por mês?

LER OPÇÕES

ACTIVIDADES	Faz a actividade? SIM=1 →→→ Não=2	Quantas vezes por MÊS?
Praticar desporto		
Cantar num coro, tocar numa banda, dança amadora, participar num rancho folclórico, etc.		
Ir comer fora com familiares ou amigos/as		
Ir ao café com amigos/as ou familiares		
Ir a museus e exposições		
Ir ao cinema/teatro/concertos		
Visitar ou ser visitado por amigos/familiares		
Ir passear ao centro comercial		

PARA FINALIZAR

42. Qual o escalão em que se situa no Rendimento Líquido Médio Mensal do Agregado?

(incluindo rendimentos do trabalho, rendas, pensões, subsídios)

MOSTRAR CARTÃO

Menos de 250 Euros	1
250 A 499 Euros	2
500 A 749 Euros	3
750 A 999 Euros	4
1.000 A 1.249 Euros	5
1.250 A 1.499 Euros	6
1.500 A 1.999 Euros	7
2.000 A 2.999 Euros	8
Mais de 2.999 Euros	9
NS/NR	88

OBRIGADÍSSIMO PELA SUA COLABORAÇÃO.

Anexo 2: O inquérito - A definição da amostra

Delimitação do universo:

Universo de referência:

- População residente nos distritos de Braga e Castelo Branco,
- Casados (de facto e de direito)
- A residir com o cônjuge.

Unidade de observação:

Agregado doméstico e indivíduos.

Tamanho da amostra:

400 Entrevistas na totalidade, 200 em cada distrito.

Esta distribuição não é proporcional aos tamanhos das respectivas populações, mas dá alguma garantia de comparabilidade entre os entrevistados no que toca às dimensões que nos interessam.

Para algumas análises estatísticas precisamos de um número mínimo de casos (regras de polegar).

Tipo de amostragem:

Amostra por conveniência estabelecendo quotas segundo algumas variáveis que têm forte relação com os objetivos da investigação:

- Habitat
- Sexo
- Idade
- Qualificações escolares.

Para determinar as quotas:

Utilização dos dados do INE procedentes do Censo de 2001 ao nível geográfico de concelho/município para a população residente (qualificações e principal meio de vida). Para as famílias dispomos da idade do representante da família e tipologia da família clássica segundo os núcleos.

Estabelecimento das quotas:

* Sexo:

50 % H - 50 % M .

* Idade:

70% (NO MÍNIMO) para os que têm menos de 54 anos. (possível presença de filhos/ outros dependentes) tendo cada categoria (até 35 anos; 35-44 anos; 45-54 anos) pelo menos 15%.

Para a categoria de 55-64 anos, e para aquela de mais de 65 anos, o número de casos não deve ser inferior a 10%.

Serão entrevistadas apenas pessoas que vivem em casal, tendo como consequência uma fraca presença dos mais novos e dos mais velhos. Por isso, não é necessário colocar limites de idade. Os (poucos) mais idosos e os mais novos encontrados podem ser interessantes, por exemplo quanto ao uso das tecnologias.

* Nível de qualificações:

7 categorias, sendo que na categoria de “ensino superior” ficam 5% na amostra, que é mais do que no universo (3% Braga e 3,1 %, Castelo Branco).

* Habitat:

50% APU, 25% AMU, e 25% APR, em ambos os distritos.

(partindo da tipologia de áreas Urbanas do INE (áreas Predominantemente Urbanas APU, Áreas Medianamente Urbanas AMU, e Áreas predominantemente Rurais APR).

Nota:

- a. O tipo de habitat parece relevante a nível da posse de equipamentos tecnológicos (lazer, apoio ao trabalho doméstico, utilização de internet, etc.), assim como no relativo às deslocações (tempo médio para o trabalho/ os serviços, meio de transporte utilizado, etc.). Mas também é preciso ter em conta que a população idosa, com baixos rendimentos e nível educativo é maioritária nas Áreas Predominantemente Rurais, portanto encontramos nas APR uma população mais homogénea.
- b. Nesta proposta das quotas, salienta-se mais as APU, por ter um peso populacional importante e população mais diversa.

Anexo 3: Guião Grupos de Foco

I. TECNOLOGIA | GÉNERO | TEMPO

Com o desenvolvimento das tecnologias, cada vez temos mais máquinas e aparelhos nas nossas casas (eletrodomésticos, meios de transporte, novas tecnologias). Há pessoas que dizem que essas tecnologias nos ajudam no nosso dia-a-dia, e outras que pensam que nos complicam a vida. O que acham?

- Pouparam tempo? A quem poupa mais tempo o carro, as novas tecnologias, os vários eletrodomésticos?
- Pouparam esforço? A quem?
- Que tecnologias se usam mais em casa?
- Consideram que existem tecnologias mais “masculinas” e tecnologias mais “femininas”? Justificar e se sim, exemplifiquem.

Acha que estas tecnologias têm tido efeitos na partilha dos trabalhos domésticos no seio do casal? Acham que estas tecnologias podem contribuir para a conciliação entre o trabalho e a vida familiar?

- Dizem que os homens dão-se melhor com as máquinas do que as mulheres. O que acha?
- Tratando-se de máquinas sentiu-se mais atraído a participar nas tarefas domésticas ou acha que com o recurso a elas não necessita de tanto de ajudar?

II. LIDAS DA CASA

Falando na vida de casa, existem várias definições sobre o que é o trabalho doméstico. Na vossa opinião, que actividades estão incluídas na lide doméstica?

- Importância dada à realização do trabalho doméstico, quais as mais importantes para o funcionamento da casa.
- Consomem muito tempo?
- Valorização do trabalho doméstico (satisfação, grau de exigência, etc.).

Estatisticamente sabemos que as mulheres despendem em média mais tempo nas lides domésticas. Na vossa opinião a que se deve esta situação? Acham que é uma situação normal ou que deve mudar?

- Qualidades das mulheres e homens (inatas/naturais, socialização, necessidade, etc.). Consideram que existem tarefas tipicamente femininas e tipicamente masculinas, como resultado dessas diferenças?
- Como foi decidida a distribuição das tarefas domésticas (conflitual, implícita, discutida, negociada, etc.)? Planejaram uma divisão de tarefas antes de viver juntos (casar)? Qual é o vosso estilo?

III. ARTICULAÇÃO VIDA PROFISSIONAL/FAMILIAR

Hoje em dia é comum que os dois membros de um casal trabalhem, na vossa opinião que soluções/estratégias são usadas para poder conciliar o trabalho, a família e a vida de casa?

- Organização prática do dia-a-dia (estratégias): usar o mesmo meio de transporte, comprar um segundo carro, contratar uma empregada, fazer uma planificação rigorosa do que há para fazer para otimizar o tempo e as deslocações, procurar emprego perto de casa ou da escola dos filhos, etc.
- Num casal, se alguém tivesse de abdicar ou faltar ao trabalho por questões familiares (filhos doentes, reuniões de pais), qual dos dois seria, como seria feita a escolha e porquê?
- Acham que o facto de ter filhos influencia as possibilidades/formas de conciliação entre o trabalho e a vida de casa? Um(a) homem/mulher com filhos tem mesmo uma vida muito diferente de um(a) homem/mulher sem filhos?

IV. TEMPO OCUPADO (COM RESPONSABILIDADES)

Diz-se que na nossa sociedade estamos sujeitos a várias pressões e que as responsabilidades são cada vez maiores, concordam com esta afirmação?

- Na vossa opinião, que actividades consomem mais tempo fora do âmbito profissional?
- Valorização: trabalho remunerado, responsabilidades familiares/filhos, organização da casa, transporte.

- Se tivessem opção, preferiam dedicar o seu tempo a trabalhar mais e obter mais rendimentos, ou reduzir o horário de trabalho, ganhar menos mas ter mais tempo para a família e para as atividades de lazer?
- Qual é o momento da semana que gostam mais e o que gostam menos? Porquê?

V. TEMPO LIVRE

Muitas pessoas dizem que não têm tempo para elas próprias, o que acham?

- Como definem o tempo livre? (tempo para si próprio, para a família, lazer, consumo, etc.)
- Acham importante ter tempo livre?
- Estratégias para poupar tempo ou ter tempo livre.
- O que faria se tivesse mais tempo livre?
- Como acham que poderiam ter mais tempo livre?
- Num casal, na vossa opinião, quem costuma ter mais tempo livre?
- Que mudariam na vossa vida no dia-a-dia, se tivessem possibilidades?

SÓ PARA OS DESEMPREGADOS

Desde que ficaram desempregados acham que têm mais tempo? E que fazem com esse tempo?

Anexo 4: Entrevistas - Guião

1. TEMPO

Conte-me como se passa um dia de semana, desde o acordar até se deitar no seu casal.

E no **SÁBADO** ? E no **DOMINGO**?

Como se sente no final de um dia de semana? Porquê?

E no final de um dia ao fim-de-semana? [**SÁBADO E DOMINGO**]

Qual o momento do dia no que está mais atarefado, sente mais pressão do tempo?

Qual o momento da semana no que está mais atarefado?

Tem tempo para fazer tudo o que tem para fazer?

1.1. Conciliação dos diferentes tempos

Como faz para conciliar entre a vida profissional com a familiar?

Acha que esta conciliação é mais fácil para si do que para o seu cônjuge?
Porquê?

Acha que o facto de ter ou não filhos influencia o seu tempo? E o do seu cônjuge? Porquê?

Que estruturas ou ajudas existem para facilitar estas responsabilidades?
[**TRABALHO, VIDA FAMILIAR, VIDA PESSOAL - exemplos: flexibilidade de horários, arrendamento jovem, abono familiar, lares, creches, medidas de responsabilidade social no local de trabalho, atl, engomadoria, serviço de apoio domiciliário, etc.)**

[SÓ PARA OS QUE TÊM FILHOS OU OUTROS DEPENDENTES]

Que mudou na sua vida com a chegada dos filhos? Que influência tiveram nas tarefas domésticas, na conciliação com o trabalho, nos horários familiares?

Como faz para tratar dos filhos/dependentes?

- Onde estão os filhos/os idosos a maior parte do tempo?
- Quem trata do transporte dos filhos? Quanto tempo despense nos trajetos com os filhos?
- Quando os seus filhos estão doentes **[OU OUTROS DEPENDENTES]**, como faz para cuidar deles, e levá-los ao médico, se for o caso? Quem faz isso?

[VERIFICAR SE HÁ ALGUM OUTRO FAMILIAR ENVOLVIDO NESTA ACTIVIDADE]

- Depois da escola/infantário/instituição com quem ficam? E ao fim-de-semana?
- Frequentam atividades extra-escolares? Porquê?

[NO CASO DE TER FILHOS/DEPENDENTES QUE FREQUENTAM ALGUMA INSTITUIÇÃO OU SERVIÇO]

- Quanto dinheiro despense nesse serviço? **[INSTITUIÇÕES QUE FREQUENTAM OS FILHOS/OUTROS - AJUDAS/APOIOS FORMAIS E INFORMAIS]**
- Porque decidiu optar por esta solução?
- Está satisfeito com esses serviços? **[NO CASO NEGATIVO]** Porquê?
- Acha que são suficientes as ajudas e estruturas que existem?
- Na sua opinião, quais seriam necessárias?

Costuma trazer trabalho para casa ou trabalhar a partir de casa?

[SE SIM] Quanto tempo despense nesse trabalho?

Porque leva trabalho para casa/trabalha a partir de casa? **[OPÇÃO OU EXIGÊNCIA]**

Quais são as vantagens e as desvantagens de trabalhar em casa? **[CONCILIAÇÃO VIDA FAMILIAR]**

[PARA QUEM TRABALHA A PARTIR DE CASA] Trabalhando em casa, como organiza o seu tempo? Como mantém o contato com o(s)seu(s) empregador/clientes?

Quais são as tecnologias que usa para poder realizar o seu trabalho? Qual a importância destas tecnologias para o trabalho que fazem?

1.2. Trabalho doméstico.

O que é para si o trabalho doméstico? **[NA SUA OPINIÃO, QUE TAREFAS ESTÃO INCLUÍDAS NO TRABALHO DOMÉSTICO: TRATAR DOS FILHOS? OUTROS DEPENDENTES? ADMINISTRAÇÃO DA CASA? TRATAR DO JARDIM/QUINTAL? BRICOLAGE?]**

Que importância dá as tarefas domésticas, gosta de fazer? Porquê?

Há alguma tarefa doméstica que ache mais importante do que as outras? Porquê?

No seu caso, como é feita a distribuição do trabalho doméstico? Qual o papel dos filhos nas tarefas? **[REFERIR OS VÁRIOS ELEMENTOS DO AGREGADO DOMÉSTICO]**

Como foi decidida a distribuição dessas tarefas?

Foi sempre assim, desde que está a viver com o seu cônjuge?

Mudou alguma coisa, nesta distribuição, com o nascimento dos filhos? **[OU OUTROS EVENTOS ESPECIAIS COMO MUDANÇA DE CASA, DESEMPREGO, ETC.]**

No seu caso, acha que a distribuição de tarefas em sua casa é justa? Porquê?

[SE NÃO ACHA JUSTA] Já tentou mudar essa distribuição? O que impede mudar essa situação?

Tem algum tipo de ajuda paga ou não paga na realização das tarefas domésticas?

Recorre a serviços externos como lavandaria, ir buscar comida para levar, et cetera? Com que frequência? Tem utilizado alguma nos últimos 15 dias?

Presta alguma ajuda **não remunerada** a outras pessoas ou familiares **que não vivem consigo** nas lides da casa ou nouro tipo de tarefas quotidianas?

Há algumas tarefas domésticas que considere ser da vossa inteira responsabilidade? Porquê?

[QUEM DECIDE O QUE SE VAI COMER; QUEM FAZ A LISTA DAS COMPRAS; QUEM DECIDE QUANDO PÔR ROUPA A LAVAR]

Na realização/execução das tarefas domésticas, acha que existem diferenças na forma de fazê-las entre homens e mulheres?

Considera que existe tarefas tipicamente femininas e outras tipicamente masculinas? Porquê?

1.3. Tempo livre

Para si, o que é tempo livre?

Que tempo livre tem?

O que faz nesse tempo livre? **[ACTIVIDADES DE LAZER, IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA E DOS AMIGOS]**

Acha importante ter tempo livre?

Consegue ter um tempo só para si?

O que faria se tivesse mais tempo livre?

Se tivesse opção entre as seguintes escolhas, qual preferia:

- Dedicar o seu tempo a trabalhar mais e ganhar mais;

OU

- Reduzir o horário de trabalho, ganhar menos mas ter mais tempo para Si, a família e para as atividades de lazer.

Qual é a sua maior preocupação no seu dia-a-dia?

Quais as pressões que costuma ter no dia-a-dia? **[trabalho, saúde, futuro dos filhos, família, etc.]**

O que mudava no seu dia-a-dia se pudesse?

2. TECNOLOGIA

Acha que as tecnologias que usa no dia-a-dia (electrodomésticos, transportes ou novas tecnologias) são uma ajuda ou pelo contrário, acha que elas complicam a vida?

Refira-me algumas dessas tecnologias que usa e como/para quê as usa?
[ESPECIFICAMENTE: COMPUTADOR/INTERNET, MÁQUINA DE LAVAR LOIÇA OU ROUPA, MICROONDAS, TELEVISÃO POR CABO, CARRO]

Há algumas tecnologias em particular que ajudam a poupar tempo no dia-a-dia? Quais e porquê?

Em sua casa que tecnologias são mais utilizadas por si e quais são mais utilizadas pelo seu cônjuge?

- Qual a tecnologia que melhor domina, ou seja, aquela de que aproveita todas as funcionalidades?
- Qual a tecnologia que domina menos, ou seja, aquela de que não sabe tirar proveito da maioria das suas funcionalidades?

Considera que existem tecnologias mais “masculinas” e tecnologias mais “femininas”? Porquê?

Considera que estas tecnologias tiveram efeitos na partilha dos trabalhos domésticos na sua casa?

- Isto é, quando há uma máquina ou um eletrodoméstico para fazer determinada tarefa, acha que o seu marido participa mais?
[MULHER]
- Isto é, quando há uma máquina ou um eletrodoméstico para fazer determinada tarefa, sente-se mais atraído em fazer essa tarefa? **[HOMEM]**

Qual foi a última tecnologia que o/a Senhor/Senhora e o seu cônjuge compraram para a sua família? Como se decidiu essa compra?

Anexo 5: Questionário socio-demográfico: Entrevistas

1. Data: _____

2. Sexo:

Feminino	
Masculino	

3. Idade: _____

4. Grau de escolaridade: _____

5. Número de filhos: _____

Se sim, idade dos filhos: _____

6. Condição perante o emprego:

Tem trabalho pago ou exerce uma profissão	
Desempregado/a	
Estudante	
Doméstico/a	
Reformado/a	
Com incapacidade	

[SE TEM TRABALHO/EMPREGO]

7. Profissão e descrição das funções:

8. Horário de trabalho:

[SE NÃO TEM TRABALHO/EMPREGO]

9. Já exerceu alguma profissão? Se sim, qual?

10. Há quanto tempo está inactivo/a (sem trabalho)?

11. Tipo de habitação e número de divisões [apartamento, casa, etc.]

12. Tem jardim, campo ou quintal? [se sim, especificar]

13. Tem escritório em casa?

14. Em que divisão se encontra o(s) computador(es)? Porquê?

15. Em que divisões da casa tem televisão?

Anexo 6: Quadros complementares

Quadro 1- Instalações existentes nos alojamentos familiares portugueses (%)

	Água canalizada	Duche / Banho	Instalações sanitárias	Electricidade	Cozinha	Esgoto
1970	47,4	32,3	58,1	63,8	94,1	60,3
1981	71,5	57,4	78	89,5	96,8	67,1
1991	86,8	81,8	88,5	97,7	97,3	83,6
2001	97,9	93,7	94,2	99,5	98,9	98,3
2011	Pro 99,4	Pro 98,1	x	x	X	Pro 99,6

Fonte: INE Recenseamentos Gerais da Habitação

X: valor indisponível

Pro: valor provisório

Quadro 2 - Principais equipamentos domésticos por agregados privados portugueses (%)

Equipamentos/ Ano	1987	1995	2000	2005
Fogão	97	99,3	99,4	99,8
Micro-ondas	X	11,6	33,3	70,2
Frigorífico	86	94,5	97,1	99
Arca congeladora	27	53,9	53,5	63,1
Aspirador	X	58,5	67,3	79,9
Máquina de lavar roupa	44	72,8	86,1	92,1
Máquina de lavar loiça	6	12,8	17,1	34,7
Telefone fixo	33	72	75,5	68,7
Telefone móvel	X	X	X	83
Televisão	83	95,6	97,9	98,9
TV cabo/satélite	X	7,6	29,6	42,1
Leitor de CD	X	18,2	38,4	53,4
Vídeo	X	40,7	49,7	X
Leitor de DVD	X	X	X	49,2
Computador	3	10,1	21,9	43,9

Fonte: INE Inquérito aos Orçamentos Familiares (até 2000); Inquérito às Despesas das Famílias (2005/2006); INE, Inquérito às Condições de Conforto (1987).

X valor indisponível

Quadro 3 - Grau de dificuldade no uso das TIC e audiovisuais segundo o sexo e grupo de idade (%)

Grupo de idade	Grau dificuldade	S	Tel,Fixo	Telemóv	Comput,	Internet	TV	CD/Aparelhag,	Consola	DVD/Vídeo
≤ 40 ANOS	Muito Fácil	H	77	63	45	48	75	75	57	64
		M	69	66	31	34	79	64	20	53
	Fácil	H	23	35	33	37	25	23	32	33
		M	31	29	33	40	20	32	32	37
	Alguma Dificuldade	H	0	1,3	18	11	0	0	5	3
		M	0	4,1	24	12	0	1,7	12	4
	Muito Difícil	H	0	0	4	3,1	0	1,6	5	0
		M	0	1,4	12	14	0	1,7	35	6
41-59 ANOS	Muito Fácil	H	67	45	22	20	75	51	24	52
		M	63	34	23	24	71	46	18	31
	Fácil	H	31	43	23	36	24	44	30	30
		M	33	41	19	23	26	38	18	42
	Alguma Dificuldade	H	1,7	10	29	19	1	1,3	21	8
		M	1,3	20	27	20	1	8	9	12
	Muito Difícil	H	0	1,2	25	25	0	4	24	9
		M	0	4,3	32	33	1	8	54	15
≥ 60 ANOS	Muito Fácil	H	34	12	0	9	55	31	0	33
		M	53	20	15	8	70	36	--	36
	Fácil	H	52	59	23	9	40	42	0	53
		M	44	40	8	15	27	25	0	23
	Alguma Dificuldade	H	7,9	20	29	36	2	10	25	13
		M	2,3	24	8	15	2	25	0	14
	Muito Difícil	H	5,3	8,8	47	45	2	16	75	0
		M	0	15,6	70	61	0	14	50	27
Percentagens sobre cada grupo etário e sexo										

Fonte: Inquérito por questionário em Braga e Castelo Branco (Projeto Tempo e Tecnologia)

Quadro 4 - Grau de dificuldade no uso de equipamentos domésticos e de transporte segundo o sexo e grupo de idade (%)

Grupo de idade	Grau dificuldade	S	Aspirador	Máq. roupa	Máq. Lavar loiça	Micro-ondas	Mota	Carro
≤ 40 ANOS	Muito Fácil	H	67	44	58	64	59	77
		M	77	79	77	77	7	60
	Fácil	H	27	35	27	33	41	21
		M	23	21	23	22	20	17
	Alguma Dificuldade	H	1.3	12	6	3	0	0
		M	0	0	0	0	7	8
	Muito Difícil	H	4	8	8	0	0	1.3
		M	0	0	0	0	67	15
41-59 ANOS	Muito Fácil	H	53	29	45	55	89	63
		M	70	72	76	69	29	41
	Fácil	H	38	40	33	35	11	27
		M	25	27	23	31	6	26
	Alguma Dificuldade	H	6	11	10	4	0	2
		M	3	1	0	0	6	3
	Muito Difícil	H	2	19	10	5	0	6
		M	1	0	0	0	59	29
≥ 60 ANOS	Muito Fácil	H	37	18	14	40	67	65
		M	55	54	61	63	0	20
	Fácil	H	47	40	52	44	33	31
		M	35	42	33	34	0	15
	Alguma Dificuldade	H	9	21	14	6	0	0
		M	7	4	6	2	0	15
	Muito Difícil	H	6	21	19	10	0	3.4
		M	2.4	0	0	0	100	50
Percentagens sobre cada grupo etário e sexo								

Fonte: Inquérito por questionário em Braga e Castelo Branco (Projeto Tempo e Tecnologia)

Quadro 5 - Uso de internet a partir de casa, segundo o sexo e a idade, apenas em famílias com filhos a morar no agregado

Idade do inquirido			Sexo inquirido		Total
			Homem	Mulher	
≤ 40	Sim	N % Sexo inquirido	35 81,4	22 53,7	57 67,9
	Não	N % Sexo inquirido	8 18,6	19 46,3	27 32,1
	Total	N % Sexo inquirido	43 100,0	41 100,0	84 100,0
de 41 a 59 anos	Sim	N % Sexo inquirido	28 45,9	23 36,5	51 41,1
	Não	N % Sexo inquirido	33 54,1	40 63,5	73 58,9
	Total	N % Sexo inquirido	61 100,0	63 100,0	124 100,0
≥ 60	Sim	N % Sexo inquirido	0 0	1 14,3	1 8,3
	Não	N % Sexo inquirido	5 100,0	6 85,7	11 91,7
	Total	N % Sexo inquirido	5 100,0	7 100,0	12 100,0
Total	Sim	N % Sexo inquirido	63 57,8	46 41,4	109 49,5
	Não	N % Sexo inquirido	46 42,2	65 58,6	111 50,5
	Total	N % Sexo inquirido	109 100,0	111 100,0	220 100,0

Fonte: Inquérito por questionário em Braga e Castelo Branco (Projeto Tempo e Tecnologia)